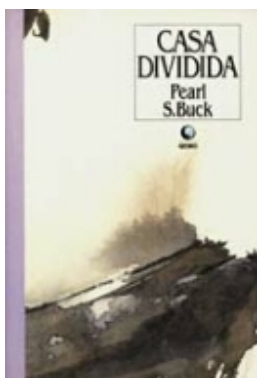


TÍTULO: Casa dividida



AUTOR: BUCK, Pearl S.

GÉNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura norte-americana– Século XX – Ficção

EDITORA: Livros do Brasil

Lisboa, 19**

COLECÇÃO: Dois Mundos, nº 18

DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves

Agosto de 2003

Esta obra faz parte de uma trilogia constituída por:

1. *Terra Bendita*
2. *Os filhos de Wang Lung*
3. *Casa Dividida*

Nota do digitalizador

Título do original norte-americano:

A HOUSE DIVIDED

CAPA DE BERNARDO MARQUES

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

Venda interdita nos Estados Unidos do Brasil

Edição portuguesa feita por acordo com a

EDITORA OLOBO S. A. PORTO ALEGRE BRASIL

COLECÇÃO DOIS MUNDOS

PEARL S. BUCK

CASA DIVIDIDA

Tradução de

ANTÓNIO ACAUÃ

REVISTA PARA PORTUGAL

EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

Rua dos Caetanos, 22



CAPÍTULO I

Foi assim que Wang Yuan, filho de Wang o Tigre, pela primeira vez na sua vida entrou na casa de barro do seu avô, Wang Lung. Wang Yuan tinha dezanove anos quando voltou do Sul para discutir com o pai. Numa noite de Inverno, quando a neve trazida pela nortada batia intermitentemente nas gelosias, o Tigre, sentado sozinho no seu salão, contemplava os carvões ardentes do braseiro, como tanto gostava, imaginando sempre que seu filho voltaria um dia homem feito, pronto a guiar os exércitos do pai rumo às vitórias que o Tigre planeava, mas que não conseguira, porque a velhice tomara antes conta dele. Nessa noite Wang Yuan, o filho do Tigre, regressou a casa, quando ninguém o esperava.

Apresentou-se ante o pai, e o Tigre viu que o filho envergava um uniforme novo para ele. Era o uniforme dos revolucionários, inimigos de todos os senhores da guerra, tais como o Tigre. Quando o velho percebeu a inteira significação daquela farda, levantou-se a muito custo, saindo do seu cismar, fitou o filho e procurou às apalpadelas a espada fina e aguda que conservava sempre consigo, e esteve prestes a matar o filho, tal como lhe era permitido matar qualquer inimigo. Mas, pela primeira vez na vida, o filho do Tigre exibiu a cólera que tinha em si, mas que nunca se atrevera a mostrar diante do pai. Abriu de um repelão o seu casaco azul, desnudando o peito liso e moreno, e exclamou em voz alta e juvenil: «Eu sabia que o senhor havia de querer matar-me... é o seu velho e único recurso. Mate-me, então!»

Mas, ao pronunciar estas palavras, o jovem sabia que o pai era incapaz de matá-lo. Viu o braço erguido descer devagar e a espada pender mansamente, e encarando com firmeza o pai, o filho notou que os lábios lhe tremiam como se fosse chorar, e que o velho levantava a mão tateante para os segurar.

5

Nesse momento, em que pai e filho assim se achavam face a face, o velho homem de confiança desbeijado, que servia o Tigre desde a mocidade, entrou, como de costume, com vinho quente para acalmar o chefe antes de ele adormecer. E não viu o jovem. Viu apenas o seu velho chefe, e quando percebeu aquele rosto abatido e aquele fraco e instável assomo de cólera que de súbito se desvaneceu, soltou uma exclamação e avançou, rapidamente, servindo o vinho. Wang o Tigre esqueceu então o filho, largou a espada, e com as trémulas mãos procurou pegar na tigela, levando-a aos lábios e bebendo repetidas vezes, enquanto o homem de confiança vertia mais e mais vinho do jarro de estanho que segurava. Várias vezes o Tigre murmurou: «Mais vinho... mais vinho...», e esqueceu-se de chorar. O jovem observava-os. Observava os dois homens idosos,

um ávido e infantil em buscar no vinho quente alívio para a sua mágoa e o outro curvado a servir vinho, com a ternura a vincar o horrendo rosto fendido. Não passavam de dois velhos, cujos espíritos, mesmo naquele momento, estavam dominados pela ideia do vinho e do conforto que ele dava.

O jovem sentiu-se menosprezado. O seu coração, que pulsara fortemente, com calor, esfriou-se-lhe no peito, e o aperto que tinha na garganta debulhou-se repentinamente em pranto. Mas não deixou que as lágrimas jorrassem. Não, um pouco da dureza que aprendera naquela escola de guerra era-lhe agora útil. Abaixou-se, ergueu o cinto que deixara cair, e, sem uma palavra, caminhando de corpo erecto, afastou-se para um quarto onde, quando criança, se acostumara a estudar com o seu jovem preceptor, que mais tarde fora seu capitão na escola de guerra. Na escuridão do quarto achou, tacteando, a cadeira junto à escrivaninha; sentou-se e relaxou o corpo, já que o seu coração estava angustiado. Ocorria-lhe, agora, que não devia ter-se deixado tomar de medo pelo pai... não, nem tão-pouco ter-se deixado tomar de amor por ele, e, devido ao velho, abandonado os seus camaradas e a sua causa. Por diversas vezes, Wang Yuan pensou no pai como acabara de vê-lo, como ele se achava naquele mesmo instante, no salão em que bebia vinho. Vislumbrou o pai através de um novo prisma, e mal pôde crer que aquele era o seu pai, o Tigre. Porque Yuan sempre temera o pai, se bem que o amasse, embora com relutância e sempre com uma íntima revolta. Temia as súbitas fúrias do Tigre, o seu vociferar, e a maneira brusca com que brandia a delgada e reluzente espada que constantemente mantinha perto, ao alcance da mão. Quando era um rapazinho solitário, Yuan acordava muitas vezes no meio da noite, suando por ter sonhado que irritara o pai por qualquer motivo, ainda que não precisasse de ter assim tanto medo, já que o Tigre era incapaz de se zangar deveras com o filho por muito tempo. Mas o rapaz

6

via-o frequentemente encolerizado ou aparentemente encolerizado com outros, porque o Tigre usava a cólera como arma para dominar os seus homens; e nas trevas da noite o rapazinho tremia debaixo das cobertas, ao lembrar os olhos esbugalhados e penetrantes do pai, a maneira que ele tinha de puxar os bigodes negros e rudes, quando se enraivecia. Tornara-se um dito chistoso entre os soldados, um gracejo usado com certo receio, a sentença:

«É melhor não puxar as barbas do Tigre!»

Porém, apesar de toda a sua irascibilidade, o Tigre somente amava o filho, e Yuan sabia-o. Sabia-o e temia-o, porque esse amor era também semelhante a uma fúria, de tão ardoroso e irritadiço, chegando a ser um fardo para o *rapaz*. Porque não havia mulheres nos pátios do Tigre para lhe refrigerar o ardor do coração. Outros

senhores da guerra, quando repousavam dos combates e envelheciam, arranjavam mulheres para os divertir, mas Wang o Tigre não arranjava nenhuma. Nem mesmo as suas esposas, e uma delas, filha de um médico, tendo já na infância herdado prata, que o pai lhe dera, fora, havia anos, para uma cidade costeira, onde morava com a sua filha, único rebento que dera ao Tigre, para lhe proporcionar instrução numa escola de tipo estrangeiro. Para Yuan, portanto, o pai fora tanto uma afeição como um terror, e esse mito de afeição e terror era um par de mãos que secretamente o agarravam.

Vivia aprisionado, muitas vezes o seu espírito via-se tolhido pelos grilhões desse medo do pai, da consciência que tinha de ser alvo do único amor do pai, e de um amor concentrado.

Assim o pai o mantivera preso, embora o Tigre não se apercebesse, naquela crudelíssima hora, como Yuan não conhecera outra, quando, na escola de guerra do Sul, os seus camaradas, de pé em frente do seu capitão, juraram defender aquela nova grande causa, apoderar-se da sede do governo do país, derrubar o homem pusilânime que ali estava instalado, e empreender uma guerra pela boa gente do povo que se achava à cruel mercê dos senhores' da guerra e dos inimigos vindos do estrangeiro, e assim novamente engrandecer a Nação. Naquela hora, quando jovem após jovem empenhou a vida sob juramento, Wang Yuan pôs-se de lado, coibido pelo medo e pelo amor ao pai, que era um dos senhores da guerra contra os quais aqueles rapazes se declaravam. O seu coração estava com os camaradas. Achava-se-lhe presente no espírito uma vintena de lembranças dos sofrimentos do povo. Lembrava-se da expressão dos lavradores quando viam o seu rico grão pisado pelos cavalos dos homens de seu pai. Lembrava-se da cara desolada, exprimindo ódio e medo, de um ancião de uma aldeia, quando o Tigre ordenou, embora cortesmente, um tributo de alimento ou prata para os seus homens. Lembrava-se de cadáveres que jaziam no solo e que não tinham sentido para o seu pai e para os homens de seu pai. Lembrava-se de enchentes e

7

fomes, e de uma vez em que cavalgava com o pai por um aterro, havendo água por todos os lados, e estando o aterro apinhado de mulheres e homens famintos, de modo que os soldados tiveram de ser implacáveis, senão aquela gente cairia sobre o Tigre e o seu precioso filho. Sim, Yuan lembrava-se dessas e de muitas outras coisas, lembrava-se também de como se havia melindrado ao vê-las e como se odiara a si próprio por ser filho de um senhor da guerra. Mesmo entre os camaradas se odiara a si próprio, quando, devido ao pai, se apartara intimamente da causa que teria gostado de servir.

Sozinho na escuridão do seu quarto de infância, Yuan evocava esse sacrifício que fizera pelo pai, e neste momento

parecia-lhe que fora tudo em pura perda. Desejava agora não o ter feito, já que o seu pai era incapaz de o compreender e não lhe dava valor. Por causa do velho, Yuan abandonara a sua própria geração e a camaradagem dos companheiros; mas que importava isso ao Tigre? Yuan sentia-se malgrado e incompreendido»em toda a sua vida, e rapidamente recordava todas as pequenas feridas que o pai lhe abrira, como ele forçara o filho a sair para ver os soldados nos seus exercícios guerreiros quando o rapazinho estava lendo um livro de que gostava e não tinha vontade de o largar, e como seu pai derrubara a tiro os homens que vieram exigir alimento. Evocando muitas dessas coisas odiosas, Yuan murmurava de dentes cerrados: «Ele nunca me teve amor em toda a sua vida! Pensa que me estima e que me considera o único ente querido que tem, e no entanto nem uma só vez me perguntou o que eu realmente desejava fazer, ou, se chegou a perguntar, foi para mo recusar quando o que eu dizia não era o desejo dele, de maneira que eu sempre tive de tomar cuidado em dizer o que ele queria. Não tive liberdade!»

Yuan pôs-se a pensar depois nos camaradas, imaginando como eles deviam desprezá-lo, e que não participaria agora com eles na obra de engrandecimento do país; e resmungou revoltado: «Eu nunca quis ir para essa escola de guerra, mas ele forçou-me com o dilema de ir para essa ou para nenhuma!»

Tanto cresceram a mágoa e a solidão, em Yuan, que ele engoliu em seco e pestanejou rapidamente, no escuro, murmurando de si para si, raivosamente, como uma criança magoada: «Apesar de tudo o que o meu pai sabe, compreende ou deseja, eu podia igualmente ter-me tornado um revolucionário! Eu podia igualmente ter seguido o meu capitão, porque agora não tenho ninguém... absolutamente ninguém...»

Assim pensava Yuan, sentindo-se a mais solitária das almas e tristíssimo; e ninguém se aproximava dele. Durante as horas restantes da noite nem sequer um criado se acercou para ver como ele estava. Nenhum daqueles homens ignorava que Wang o Tigre,

8

chefe de todos eles, estava zangado com o filho, porque enquanto os dois tinham discutido havia olhos e ouvidos nas gelosias, e ninguém agora se atrevia a voltar contra si aquela zanga, consolando o filho. Era a primeira vez que não davam atenção a Yuan, e isso ainda aumentava mais a solidão em que ele se via.

Continuou sentado, sem tentar de modo algum acender a vela nem chamar qualquer criado. Cruzou os braços em cima da escrivaninha, deitou sobre eles a cabeça, e deixou que a onda de melancolia o varresse como quisesse. Mas por fim adormeceu, porque era jovem e estava cansado.

Quando acordou, raiava a aurora. Ergueu rapidamente a

cabeça e olhou em torno; lembrou-se então de que discutira com o pai, sentindo ainda em si toda a tristeza desse facto. Levantou-se, dirigiu-se à porta exterior que dava para o pátio e alongou o olhar. O pátio estava vazio e quieto, e pardacento no dilúculo.

O vento amainara e a neve caída durante a noite derreteria-se.

Junto ao portão achava-se um vigia a dormir, encolhido num canto da parede, para se proteger do frio, tendo ao lado, atirados sobre os ladrilhos, o bambu oco e a vara com que nele batia para afugentar os ladrões. Olhando para o rosto do homem adormecido,

Yuan considerou com melancolia como era horrível no seu abandono, as mandíbulas frouxas, pendentes, abertas, a mostrar os dentes arruinados; todavia o homem era, no fundo, um ente bem bondoso, a quem, na infância, anos atrás, Yuan recorrera muitas vezes para conseguir doces e brinquedos, nas feiras de rua e lugares semelhantes. Mas agora o homem parecia-lhe apenas velho e horrendo, alguém que não se preocupava com o sofrimento do seu jovem amo. Sim, dizia Yuan consigo, a sua vida ali fora toda ela vazia; e, bruscamente, encheu-se de uma impetuosa revolta. Não era uma revolta nova. Era a irrupção da guerra secreta que ele agora sentia que sempre existira entre ele e o pai, uma guerra que ele mal sabia como se desenvolvera.

Nos seus verdes anos de infância, o preceptor ocidental instruíra-o, adestrara-o, pregara-lhe com afinco as ideias da revolução, da reforma da Nação, até que o seu coração infantil se inflamara com o sentido daquelas palavras grandiloquentes, arrojadas e formosas. Entretanto, sentia esse fogo morrer sempre que o preceptor, baixando a voz, dizia com imenso ardor: «E deves usar o exército que um dia há-de ser teu; deves empregá-lo para o bem do país, porque é necessário que não haja mais desses senhores da guerra».

Assim, às escondidas de Wang o Tigre, esse mercenário ardilosamente insuflava contra ele o filho. E o menino encarava inerte o olhar chamejante do seu jovem instrutor, dava ouvidos à sua voz ardente, comovido no seu íntimo, embora refreado por palavras

9

que não podia pronunciar, palavras que no entanto assumiam forma clara no seu coração: «Mas se o meu pai é um senhor da guerra!» Assim, durante a infância, fora intimamente dilacerado, sem que ninguém o percebesse. Isso tornou-o grave e calado, pondo-lhe no espírito preocupações pesadas demais para a sua idade, porque, embora amasse o pai, não podia orgulhar-se dele.

No palor da alvorada, pois, Yuan sentia-se extenuado além das suas energias, com todos esses anos de luta dentro de si próprio. Estava propenso a livrar-se dessa luta, a fugir de toda a guerra que lhe chegasse ao conhecimento, das «causas» de qualquer

espécie. Mas para onde ir? Estivera tão guardado, tão confinado dentro daquelas paredes pelo amor que o pai lhe dedicava, que não possuía amigos e não tinha para onde se voltar.

Lembrou-se então do mais tranquilo lugar que vira em pleno decorrer das guerras e das conversas de guerra, no meio das quais se achara desde a meninice. Era a velha casinha de barro em "que outrora vivera o seu avô, Wang Lung, chamado o Lavrador até tornar-se rico, fundar a sua casa e removê-la do campo, passando depois a ser chamado Wang o Rico. Mas a casa de barro ainda continuava nos arredores de um vilarejo, cercada de sossegados campos por três lados. Perto dela, recordava Yuan, erguiam-se as sepulturas de seus antepassados, sobre uma elevação do terreno, a sepultura de Wang Lung e de outras pessoas da sua família. E Yuan sabia, por ter uma ou duas vezes passado ali em criança, quando seu pai ia visitar os dois irmãos mais velhos, Wang o Proprietário e Wang o Comerciante; Yuan sabia quem morava no centro populoso mais próximo da casa de barro. Ora, pensava Yuan, seria uma vida pacata naquela velha casinha e ali podia estar sozinho, porque nela havia apenas os idosos arrendatários que seu pai permitia que ali vivessem desde que uma certa mulher de semblante sereno e grave, de quem Yuan se lembrava, tinha ido para um mosteiro. Vira-a de uma vez com duas estranhas criaturas, uma louca de cabelos grisalhos que veio a morrer, e um corcunda, filho terceiro do seu tio mais velho, que se tornara sacerdote. Lembrava-se de que, quando via aquela mulher sisuda, julgava-a quase uma monja, porque ela virava o rosto para não encarar nenhum homem, e usava vestes pardas traspassadas no peito; apenas não tinha ainda a cabeça rapada. Mas o rosto dela era muito semelhante ao de uma monja, pálido como o palor do luar, com a pele delicada e firmemente esticada por sobre os pequenos ossos, e aparentemente jovem, a menos que, aproximando-nos, víssemos as suas rugas finas como fios de cabelo.

Mas, agora, ela achava-se ausente. A casa estava vazia, não falando dos dois velhos arrendatários, e ele podia ir para lá.

10

Yuan voltou ao quarto, desejoso de partir, agora que sabia para onde se encaminhar. Mas primeiro teve de despir o uniforme de soldado, que odiava, e abrindo uma mala de pele de porco, procurou umas roupas que costumava usar; achou um manto de pele de carneiro, sapatos de pano e roupas brancas interiores, e vestiu-as à pressa e alegremente. A seguir foi, em silêncio, buscar o seu cavalo, atravessando furtivamente o pátio, passou por uma sentinela adormecida com a cabeça sobre a espingarda, à guisa de travesseiro, saiu, deixando o portão meio aberto, e saltou para cima do cavalo.

Depois de ter cavalgado uns instantes, Yuan saiu das ruas centrais, entrou em ruelas e becos, e daí ganhou o campo; viu o Sol erguendo-se sob uma auréola de luz, por trás das longínquas colinas, e de repente surgir de todo, na nobreza da sua púrpura e do seu esplendor, no meio da atmosfera fria daquela manhã de fim de Inverno. Tão belo era o espectáculo que, antes que Yuan se desse conta, um pouco do seu pesar tinha desaparecido, não tardando a sentir fome. Deteve-se então numa estalagem à beira da estrada, de cuja porta acanhada, aberta na parede de barro, se escapava um fumo tépido e apetitoso, e comprou uma papa quente de arroz, peixe salgado, pão de trigo besuntado com gergelim e um bule de chá. Depois de ter comido tudo, bebido o chá, enxaguado a boca e pago ao estalajadeiro bocejante, que nesse meio tempo se penteava e lavava o rosto, Yuan montou de novo no cavalo. Agora o Sol estava alto e claro, resplandecendo sobre os trigais gelados e sobre as casas da aldeia, que tinham os telhados de palha cobertos de geada.

Sendo afinal de contas jovem, nessa manhã Yuan percebeu repentinamente que vida alguma, mesmo a sua, podia ser totalmente má. Reanimou-se e recordou, enquanto ia lançando o olhar sobre a terra, que sempre afirmava que gostaria de viver onde houvesse árvores e campos, onde pudesse ver e ouvir água correndo próximo, e pensou: «Talvez seja isso agora o que posso fazer. Posso fazer o que me agrada, já que ninguém se importa». E enquanto tinha essa nova pequena esperança erguida em si, antes que o percebesse, as palavras estavam-se-lhe agitando no espírito e afeiçoando versos, de modo que esqueceu as suas atribulações. É que Yuan, nesses anos da sua juventude, descobrira em si uma veia para compor versos, delicados versinhos que escrevia a pincel nas costas de leques e nas paredes caiadas de quartos que habitara algures. O seu preceptor sempre rira desses versos, porque Wang Yuan escrevia a respeito de coisas suaves, tais como folhas a cair sobre linfas outonais, salgueiros recém-reverdecidos à beira de um remanso, flores de pessegueiro róseas no meio das alvas

11

névoas primaveris, ou a respeito dos escuros e fecundos sulcos abertos na terra recém-lavrada pelo arado, e outras coisas da mesma delicadeza. Nunca escrevia sobre a guerra ou a glória, como devia fazer o filho de um senhor da guerra, e quando os camaradas insistiram para que ele escrevesse uma canção revolucionária até que ele a escreveu, a canção ficou aquém do desejo deles, porque antes falava na morte que na vitória, e Yuan ficara pesaroso com o desgosto dos colegas. Murmurou: «As rimas saíram assim» e não quis fazer nova tentativa, porque tinha em si uma reserva de obstinação e era no íntimo muito voluntarioso, apesar de toda a sua quietude exterior e aparente docilidade; depois disso, passou a guardar os seus versos para si.

Ora, pela primeira vez na vida, Yuan estava sozinho sem depender das ordens de ninguém, e isso era maravilhoso para ele, tanto mais que se achava ali, cavalgando a sós através daquela terra que gostava de contemplar. Antes que tivesse consciência disso, a agudeza da sua melancolia foi abrandada. A mocidade assomou nele fazendo-o sentir o corpo revigorado e forte, o ar agradável nas suas narinas, muito frio e limpo, e sem demora esqueceu tudo, excepto a delícia de uns versos que lhe brotavam da mente. Não os apressou. Relanceou o olhar em torno para as colinas nuas, que, claras e nítidas, penetravam o firmamento, azul e imaculado, e esperou que os versos se plasmassem tão claros como elas, tão perfeitos como um morro que distintamente se projecta contra um céu sem nuvens.

Passou-se assim esse dia doce e solitário, acalmando-o ao passar, de modo que o fez esquecer amor e medo, camaradas e guerras. Quando a noite caiu, encontrou-o numa estalagem rústica, em que o estalajadeiro era um velho solitário e a sua sossegada segunda esposa não era muito jovem, de modo que não julgava insípida a vida que levava com o idoso marido. Yuan foi o único hóspede dessa noite, e o casal atendeu-o bem, servindo-lhe a mulher pãezinhos recheados com um cheiroso picadinho de carne de porco. Quando Yuan acabou de comer, e de sorver o chá, dirigiu-se, com o corpo dominado por salutar cansaço, à cama estendida para ele, e embora antes de dormir a lembrança do pai e da discussão viesse pungi-lo, mesmo assim pôde esquecer isso, também. É que, antes do Sol se pôr nesse dia, os versos saíram-lhe claros como o sonhara, plasmados de acordo com o seu desejo, quatro linhas perfeitas, cada palavra um cristal. E dormiu, por isso, reconfortado.

Após três dias de tal liberdade, cada qual melhor que o anterior, e todos banhados pelo Sol do Inverno, que reverberava como vidro em pó sobre os morros e vales, Yuan chegou, restabelecido e um tanto esperançoso, ao vilarejo dos seus antepassados.

12

Pela manhã já avançada, entrou na ruazinha e viu as casas de barro com tecto de colmo, talvez umas vinte ao todo, e olhou em derredor curiosamente. Achavam-se na rua os lavradores, suas mulheres e seus filhos, de pé no umbral das portas ou acorados na soleira, comendo pão e papa como refeição matinal. Yuan julgou-os todos boa gente, todos seus amigos, e sentiu-se afeiçoado a eles. Vezes sem conto ouvira o seu capitão clamar pela causa do povo, e ali estava o povo.

Mas aquelas pessoas olhavam para Yuan com a maior desconfiança, grande admiração e temor, porque a verdade é que, embora Yuan detestasse as guerras e os métodos de guerra, sem o saber ainda possuía a aparência de um soldado. Como quer que fosse o seu coração, o corpo de Yuan fora desenvolvido em altura e fortaleza pelo pai, e o rapaz apumava-se no cavalo, como um general, e não na posição frouxa e desleixada de um lavrador. Por isso aquela gente fitava Yuan com desconfiança, ignorando o que ele era, sempre receosa dos estranhos e dos seus

costumes. As muitas crianças do lugarejo, agarrando nas mãos os pedaços de pão, correram atrás dele para ver aonde se dirigia, e quando ele chegou à casa de barro que conhecia, elas ali ficaram num círculo, encarando-o fixamente, roendo as côdeas de pão, empurrando-se, aqui e ali, umas às outras e fungando enquanto estavam naquela contemplação. Quando se cansaram de olhar, correram de volta, uma por uma, a contar aos mais velhos que o jovem alto e moreno se apeara do seu cavalo diante da casa de Wang, que atara o cavalo a um salgueiro e que entrara na casa, mas que ao entrar se abaixara, porque de tão alto a porta da casa era baixa demais para ele. E Yuan ouviu as vozes agudas "das crianças a gritar essas coisas na rua, mas não deu importância a tal conversa infantil. Os mais velhos, porém, desconfiaram ainda mais dele após terem escutado os filhos, e nenhum se aproximou' da casa de barro de Wang, com medo de que adviesse algum mal daquele jovem alto e sombrio que era um estranho para eles. Assim entrou Yuan como um estranho naquela casa dos seus avoengos que haviam vivido no campo. Dirigiu-se à divisão central e ali ficou a olhar em torno. Os dois velhos arrendatários ouviram-lhe o ruído da entrada e vieram da cozinha; ao vê-lo não o reconheceram, e também se atemorizaram. Vendo-os amedrontados, Yuan teve um leve sorriso e disse: Não precisam de ter medo de mim. Sou filho de Wang o General, chamado o Tigre, que é filho terceiro do meu avô Wang Lung, que noutros tempos morou aqui.

Disse isto para tranquilizar o velho casal mostrando-lhes o direito que tinha de estar ali, mas eles não se tranquilizaram. Entreolharam-se muito aflitos, e o pão que tinham na boca pronto para engolir entrou-lhes na garganta seco e rijo como pedra.

13

A velha apoiou-se então à mesa e o velho, conservando as mandíbulas paralisadas, inclinou a cabeça desgrenhada e disse, trémulo e tentando engolir o seu pão seco: Honrado senhor, que podemos fazer para o servir e que deseja o senhor de nós?

Yuan sentou-se então num banco, tornou a sorrir com parcimónia, meneou a cabeça e respondeu francamente lembrando-se de quanto ouvira gabar aquela gente, não precisando portanto de temê-la: Não quero nada, a não ser refugiar-me aqui por uns tempos, nesta casa dos meus antepassados... talvez eu possa mesmo viver aqui... não sei. Só sei que sempre senti a mais estranha atracção pelos campos, pelas árvores e pelos riachos, ainda que em todo o caso não conheça nada desta vida rural. Mas justamente acontece agora que sou forçado a esconder-me por algum tempo, e vou esconder-me aqui.

Disse isto ainda para os tranquilizar, e eles ainda desta vez não se tranquilizaram. Tornaram a entreolhar-se e o velho largou também o seu pedaço de pão, dizendo em seguida com ardor, mostrando ansiedade no rosto rugoso, enquanto os poucos fios brancos da sua barba lhe tremiam no queixo: Senhor, este lugar é péssimo para se esconder. A sua família e o seu nome são tão conhecidos aqui nas imediações... e, senhor, perdoe-me por eu

não passar de um homem rude e grosseiro que não sabe nem mesmo falar diante de alguém como o senhor... mas o seu honrado pai não é benquista, por ser um senhor da guerra, e os seus tios também não são benquistos. O ancião fez uma pausa, olhou em torno e em seguida cochichou mesmo na orelha de Yuan: Senhor, a gente aqui da terra tomou-se de tamanho ódio pelo seu tio mais velho, que ele e a esposa amedrontaram-se e foram morar com os filhos numa cidade costeira, onde soldados estrangeiros mantêm a ordem, e quando o seu segundo tio vem recolher as rendas, vem com um bando de soldados contratados na cidade! Os tempos são maus, e os homens do campo estão tão fartos de suportar o seu quinhão de guerras e impostos que se sentem desesperados. Já pagamos impostos com dez anos de adiantamento, senhor. Este não é um lugar bom para se esconder, jovem general.

Por sua vez, a velha torceu e enrolou as mãos rachadas e calosas no seu avental de pano remendado de algodão azul, falando também, com a sua voz aflautada: Claro que não é um lugar bom para se esconder, senhor!

Assim estava o casal inseguro, ansioso, e esperançado em que o rapaz não ficasse.

Mas Yuan não lhes deu crédito. Sentia-se tão contente por estar livre, tão satisfeito com tudo o que via, tão alegre com o dia luminoso e brilhante que, apesar de tudo, ficaria, e sorrindo de prazer exclamou resolutamente: Não faz mal, ficarei! Não se inco-

14

Modem. Deixem-me só comer o que comem, e morarei aqui uns tempos, pelo menos.

E permaneceu no quarto rústico a olhar em redor para o arado e a grade encostados à parede, para as enfiadas de pimenta encarnada ali penduradas, para a carne seca de uma ou duas galinhas e para as résteas de cebolas, e agradou-se de tudo aquilo, que era tão novo para ele.

De súbito sentiu fome, parecendo-lhe apetitoso o pão entressachado de alho que o velho casal estivera a comer, e disse: Estou com fome. Dê-me alguma coisa de comer, mãezinha.

Ao que a velha respondeu: Mas, senhor, não tenho nenhuma comida adequada para um homem de alta classe como é! Devo primeiro matar uma das nossas quatro galinhas... Só tenho este magro pão, que nem mesmo é feito de farinha de trigo!

Eu gosto... gosto! replicou Yuan no auge do entusiasmo.

Gosto de tudo aqui.

Foi assim que, afinal, embora ainda desconfiada, ela lhe trouxe uma fatia de pão fresco enrolada em volta de um talo de alho de modo a formar um bastão, mas não se deu por satisfeita enquanto não achou uma posta de peixe que tinha salgado no Outono e guardado, trazendo-lhe como um pitéu. Ele comeu tudo e tudo lhe pareceu bom, melhor do que qualquer outra coisa que já

comera, porque comeu em liberdade.

Após essa refeição sentiu-se subitamente cansado, ainda que até então não se tivesse apercebido disso, e levantando-se perguntou: Onde há uma cama? Gostaria de dormir um pouco.

Respondeu o ancião: Existe um quarto aqui de que habitualmente não nos servimos; um quarto outrora ocupado pelo seu avô, e depois dele pela que foi sua terceira esposa, uma senhora que todos amávamos, tão boa e santa que por fim se fez monja.

Há nesse quarto uma cama em que o senhor pode repousar.

Empurrou uma porta de madeira ao lado, e Yuan viu um quartinho escuro que tinha por janela apenas um pequeno buraco quadrado, sobre o qual estava colado papel branco, um quarto vazio, quieto. Entrou, fechou a porta, e pela primeira vez na sua vida prisioneira sentiu-se verdadeiramente a sós para dormir, e a solidão deu-lhe prazer.

Enquanto ficou parado no meio daquele quarto sombrio, de paredes de barro, por um momento teve a repentina e estranha sensação de que ali ainda continuava a pulsar uma vida antiga e robusta. Olhou em torno, admirado. Era o quarto mais simples que jamais vira; um leito com cortinado de cânhamo, uma mesa sem pintura e um banco, um chão de terra batida e gasta, onde muitos pés tinham cavado buracos perto da cama e da porta. Não havia ali ninguém a não ser ele mesmo, e no entanto sentiu a proximidade de um espírito, um espírito vigoroso em que estava
15

presente a terra e que ele não compreendeu... Foi um instante; desapareceu imediatamente. O jovem deixou bruscamente de sentir essa outra vida, tornando a ficar sozinho. Sorriu, e tão docemente fatigado estava que teve de dormir, porque os olhos se lhe fechavam espontaneamente. Dirigiu-se para o comprido e largo leito rústico, afastou as cortinas, meteu-se nele e puxou sobre si uma velha cobertura floreada de azul que encontrou enrolada contra a parede interna. No mesmo instante pegou no sono, e assim descansou na profunda quietude da vetusta casa.

Quando, enfim, Yuan acordou, era noite. Sentou-se na cama, no meio da escuridão, afastou rapidamente as cortinas e mergulhou o olhar no quarto. Até o quadrado de luz mortiça na parede desaparecera, e havia em toda a parte, agora, somente trevas e suave silêncio. Recostou-se de novo, repousando como nunca repousara na vida, porque acordara sozinho. Era-lhe agradável não ver sequer um criado ali perto, à espera do seu despertar. Nessa hora não pensaria em coisa alguma, só naquele silêncio Bom que reinava em tudo. Não se ouvia um único ruído, nenhum grunhido de qualquer vigia bronco que se voltasse no sono, nenhum patear de cavalo sobre um pátio ladrilhado, nenhum silvo de espada repentinamente desembainhada. Nada; só

o mais doce dos silêncios.

De repente, todavia, sobreveio um som. Do seio do silêncio Yuan ouviu partir um som, o som de gente movendo-se no quarto do centro, som de cochichos. Virou-se no leito e através das cortinas olhou para a tosca porta desengonçada. Esta abriu-se devagar, pouco a princípio e em seguida mais. Yuan enxergou o clarão da luz de uma vela, e no clarão uma cabeça. Essa cabeça não demorou a recuar, e uma outra assomou, e por baixo dela mais cabeças. Yuan moveu-se no leito fazendo-o ranger, e logo a porta se fechou, suave e rapidamente, puxada por uma mão, de modo que o quarto tornou a ficar escuro.

Mas Yuan não conseguiu recobrar o sono. Permaneceu acordado, apreensivo, indagando se seu pai já lhe teria adivinhado o refúgio e mandado alguém buscá-lo. Ao pensar nisso, jurou que não se levantaria. Por outro lado, entretanto, não podia ficar impassível, tão entregue estava à sua impaciente dúvida. Veio-lhe de chofre à ideia o seu cavalo, que deixara atado a um salgueiro no terreiro, não tendo ordenado ao velho que cuidasse dele ou lhe desse de comer, de modo que o animal podia ainda lá estar esperando; levantou-se, então, porque era, para tais coisas, mais sensível do que a maioria dos homens. O quarto estava agora frio, e Yuan embrulhou-se bem na sua pele de carneiro, procurou os sapatos, calçou-os, encaminhou-se para a porta ao longo da parede, abriu-a e entrou no quarto contíguo.

Ali, naquela sala central iluminada, divisou cerca de uma

16

vintena de lavradores, uns jovens e outros velhos, os quais ao verem-no se ergueram, primeiro uns e depois os demais, todos olhando-o fixamente, e quando ele os encarou atônito, não viu nenhum rosto conhecido, a não ser o do velho arrendatário. Imediatamente, avançou um lavrador de boa aparência, vestido de azul, o mais idoso deles todos, com os cabelos brancos formando uma trança que lhe caía pelas costas, ainda moda nos campos, e, inclinando-se, disse a Yuan: Vimos apresentar-lhe saudações, nós os mais velhos desta aldeia.

. Yuan curvou-se levemente e convidou todos a sentarem-se, sentando-se ele também, no lugar mais elevado junto à mesa nua, que fora deixada vazia para ele. Esperou, e por fim o ancião perguntou: Quando chega o seu honrado pai?

Yuan respondeu simplesmente: Ele não vem. Estou aqui para viver uns tempos sozinho.

Isto ouvindo, os homens entreolharam-se com olhar mortiço, e o ancião tornando a tossir disse, e era visível que falava por todos eles: Senhor, somos nesta aldeia gente pobre, e já fomos muito espoliados. Senhor, desde que seu tio mais velho reside nessa cidade estrangeira da costa, gasta mais dinheiro do que nunca,

e têm-nos sido exigido arrendamentos muito maiores do que aqueles que podemos pagar. Existe o imposto que pagamos ao senhor da guerra, e o tributo que pagamos aos bandos de salteadores, para os manter a distância, e quase que não nos sobra nada para subsistir. Todavia, diga-nos qual é o seu preço, que pagar-lhe-emos seja como for, de modo que possa ir para qualquer outra parte e assim nos poupar mais tristeza aqui.

Yuan olhou em torno, espantado, e disse, também com aspereza: É estranho que eu não possa estar em casa do meu avô, sem ouvir um discurso desses! Não quero dinheiro dos senhores.

E passado um momento, olhando para os semblantes honestos e desconfiados deles, tornou a falar: Talvez o melhor seja contar-lhes a verdade e confiar nos senhores. Vai haver uma revolução no Sul, e ela dirige-se contra os senhores da guerra do Norte, e eu, filho do meu pai, não podia pegar em armas contra ele, não, nem mesmo com os meus camaradas. Por isso escapei, andando dia e noite, e com a minha escolta de guardas voltei para casa, e o meu pai enfureceu-se quando viu a minha farda, e por isso zangámo-nos. Pensei assim em vir refugiar-me aqui algum tempo; receio que o meu capitão esteja tão enfurecido comigo que venha à minha procura para me matar às escondidas, e por isso vim para cá.

Yuan deteve-se, examinou aquelas graves fisionomias, e voltou a falar com grande ardor, porque agora estava ansioso por persuadi-los, e um pouco irritado com as suspeitas deles: Mas não vim só para me refugiar. Vim também porque tenho

2 - c. D.

17
o maior amor à quietude da terra. O meu pai talhou-me para senhor da guerra, mas eu odeio sangue, odeio matar, odeio o fedor das espingardas e todo o barulho de exércitos. Uma vez, quando era miúdo, vim a esta casa com o meu pai e vi aqui uma senhora e "duas estranhas criaturas, e mesmo nessa altura tive inveja delas, de modo que, enquanto vivi entre os meus companheiros na escola de guerra, pensei neste lugar, e em como um dia poderia vir para cá. E invejo também os senhores, que têm as suas casas aqui neste lugarejo.

Os homens tornaram-se a entreolhar-se, sem compreender ou acreditar que alguém pudesse invejar a vida que eles levavam, que bem amarga era. Aconteceu simplesmente que se encheram de mais dúvidas ainda acerca daquele jovem que ali estava a falar na sua maneira franca, ardente e voluntariosa, dizendo que gostava de uma casa de barro. Eles sabiam bem como vivia o rapaz, em que conforto, porque não ignoravam como viviam os primos dele, e os seus tios, um principescamente numa cidade distante, e Wang o Comerciante, agora senhor das terras deles, que enriquecera monstruosamente e em segredo, graças à usura. Todos eles os detestavam a ambos, ao mesmo

tempo que também lhes invejavam a riqueza, e encaravam com ódio nascente e medo esse jovem, dizendo no seu íntimo que ele mentia, porque não podiam crer que houvesse no Mundo inteiro um homem capaz de escolher uma casa de barro quando podia ter um casarão.

Levantaram-se, pois, e Yuan também se levantou, sem saber se era preciso ou não assim fazer, já que estava acostumado a levantar-se apenas para os seus poucos superiores, desconhecendo como classificar aqueles homens simples, vestidos com casacos remendados e roupas de algodão desmazeladas e desbotadas.

Mas como, de qualquer modo, desejava agradar-lhes, levantou-se, e eles, inclinando-se e dizendo por cortesia uma palavra ou duas em resposta, foram-se embora, com as suas dúvidas bastante claras nos rostos simples.

Ficaram somente o velho arrendatário e a sua esposa, que se puseram a olhar ansiosamente para Yuan, começando o velho, por fim, a rogar, dizendo: Senhor, diga-nos de verdade porque está aqui, para que possamos saber de antemão os males que estão por vir. Diga-nos a guerra que o seu pai está a planejar, para que assim o mande espionar. Ajude-nos a nós, coitados, que estamos à mercê dos deuses, dos senhores da guerra, dos ricos, dos governadores, de todos esses malvados poderosos!

Yuan respondeu, compreendendo então o temor deles:

Não sou espião nem coisa que se pareça! Meu pai não me mandou... Conteí tudo, e conteí a verdade!

Mas nem o velho casal acreditou nele. O homem suspirou,
18

deu meia-volta e saiu, e a mulher ficou num compassivo silêncio:

Yuan não sabia o que fazer e esteve a ponto de se irritar com eles, até que, lembrando-se do cavalo, indagou: E o meu cavalo?...

Esqueci-me... .

Levei o animal para a cozinha, senhor, respondeu o velho.

Dei-lhe de comer, um pouco de erva e ervilhas secas, e levei-lhe água do tanque. E quando Yuan agradeceu, ele disse: Não há de quê... o senhor não é neto do meu velho patrão? E nisto caiu subitamente de joelhos diante de Yuan e lamentou-se em altos brados: Senhor, noutros tempos o seu avô foi um dos nossos, trabalhava na terra... um homem simples como nós.

Morou aqui neste vilarejo, como nós. Mas o destino dele foi melhor do que o nosso, porque nós continuámos a viver sempre pobres e em dificuldades... Senhor, em homenagem a ele, que outrora foi como nós, diga-nos de verdade porque veio aqui!

Yuan fez então o velho erguer-se, em todo caso não com muita gentileza, porque começava a ficar cansado de toda aquela desconfiança, estando acostumado a que dessem crédito às suas palavras, sendo, como era, filho de um homem importante, e bradou: Já disse toda a verdade, e não vou repetir o que disse! Espere, para ver se lhe advirá algum mal da minha parte! E para a mulher disse: Traga-me de comer, boa mulher, porque estou com fome!

Serviram-no então em silêncio, e ele comeu. Mas a comida não lhe pareceu tão boa nessa noite como a primeira que saboreara, sentindo-se logo farto, e por fim levantou-se sem dizer mais nada e voltou a deitar-se na cama para dormir. Durante algum tempo não pôde conciliar o sono, por causa da cólera que sentia contra aqueles homens simples. «Estúpidos !» exclamou consigo. «Se são honestos, nem por isso deixam de ser estúpidos... vivem na ignorância neste lugarzinho... segregado...» E veio-lhe, a dúvida se afinal de contas seriam dignos de que se lutasse por eles, julgando-se um sábio comparado com eles, e confortado pela ideia de que sua sabedoria era maior, tornou a adormecer profundamente na escuridão e no silêncio.

Seis dias permaneceu Yuan na casa de barro, antes que o pai o encontrasse, e esses seis dias foram os mais doces da sua vida inteira. Ninguém voltou a perguntar-lhe coisa alguma, e como os dois velhos o serviram calados, ele esqueceu as suspeitas que nutria a seu respeito e não cogitou nem do passado nem do futuro, mas apenas de cada dia. Não entrou em nenhuma cidade e nem uma vez sequer foi ver o seu tio à casa grande. Deitava-se todas as noites ao escurecer, para dormir, e todas as manhãs se levantava cedo à viva luz do sol hibernal, e já mesmo antes da refeição lançava pela porta o olhar através dos campos, agora

19

coloridos com o verde desmaiado do trigo de Inverno. A terra estendia-se diante dele, imensa, plana e lisa, e nessa planura distinguia pintas azuis que eram homens e mulheres trabalhando, a preparar a terra para a próxima vinda da Primavera, ou alguns que iam e vinham pelos caminhos, rumo a uma cidade ou aldeia. E todas as manhãs pensava em versos, tendo presentes todas as belezas dos morros distantes, talhados em arenito e projectando-se num céu azul sem nuvens. Pela primeira vez notou a beleza do seu país, da sua terra.

Durante toda a meninice Yuan ouvira o seu preceptor empregar essas duas palavras «minha terra», dizendo às vezes «nossa terra» ou então para Yuan, ardorosamente, «tua terra». Mas Yuan não se sentira estimulado ao escutá-las. A verdade é que tinha levado uma vida mesquinha e acanhada naqueles pátios, com seu pai. Não fora muitas vezes nem mesmo ao acampamento onde os soldados faziam burburinho, comiam e dormiam, e até quando o Tigre saía a guerrear, Wang Yuan continuava cercado pela sua guarda especial de homens tranquilos de meia idade, que tinham ordem de manter silêncio junto do seu jovem chefe, não lhe contando histórias frívolas e impudicas. Assim, havia sempre soldados perto de Yuan, formando uma barreira entre ele e o que ele podia ter visto.

Agora, todos os dias, ele olhava para onde queria, e nada havia entre ele e tudo o que podia divisar em redor. Podia olhar a direito para o ponto em que o céu encontrava a terra, podia

ver as aldeolas arborizadas espalhadas aqui e ali pelos campos, e longe, para as bandas do Poente, o muro na cidade, preto e recortado contra o céu de porcelana. Assim, espraçando cada dia o olhar, tão longe e livremente quanto queria, e caminhando pelas terras ou andando a cavalo, ocorreu-lhe o pensamento de que sabia agora o que significavam as palavras «minha terra». Aquele solo, aqueles campos, aquele céu, mesmo aqueles formosos morros embaciados e áridos, aquilo tudo era a sua terra. Aconteceu então uma coisa estranha: Yuan até deixou de cavalgar, porque lhe parecia que o cavalo o separava da terra. A princípio andou montado porque sempre assim andara, sendo isso para ele o mesmo que servir-se dos pés. Mas onde quer que fosse, os lavradores punham-se a contemplá-lo e diziam entre si, sempre que o desconheciam: «Pela certa, esse cavalo é um cavalo de soldado; nunca levou uma carga honesta» e dentro de dois ou três dias ouvia espalhar-se os murmúrios a seu respeito, dizendo o povo: «É aquele filho de Wang o Tigre, montado no seu enorme cavalo e a pavonear-se em cima dele como costuma fazer a família dele. Que veio fazer aqui? Deve estar olhando a terra, examinando as colheitas para o pai, e planeando lançar algum novo imposto sobre nós, por motivo de guerra». Chegou a suceder que, sempre

20

que Yuan andava a cavalo por perto, eles encaravam-no com acrimônia, em seguida viravam-se e cuspiam no chão. A princípio essas cuspidelas de desprezo irritaram e surpreenderam Yuan, porque nunca tinha sido assim tratado, ele que jamais temera ninguém, salvo o pai, e que fora acostumado a ver os criados correrem às suas ordens. Mas passado algum tempo deu-se conta do que aquilo significava, como aquele povo vivia oprimido, pois assim aprendera na escola de guerra, e então tornou ao seu bom humor, deixando que eles cuspissem para desabafar. .

Acabou mesmo por deixar o cavalo atado ao salgueiro e por andar a pé, e embora de começo lhe fosse um pouco difícil servir-se das suas próprias pernas, um ou dois dias depois já não lhe custava. Pôs de lado os seus habituais sapatos de couro e calçou as sandálias de palha que os lavradores usavam, gostando de sentir debaixo dos pés a terra sólida dos caminhos e das veredas, terra ressequida por meses de sol de Inverno. Gostava de passar por um homem e sustentar-lhe o olhar fixo, como se fosse um estranho qualquer e não filho de um senhor da guerra amaldiçoado e temido.

Nesses poucos dias, Yuan aprendeu a amar a sua terra como nunca. E vivendo tão livre e solitário, os seus versos surgiam ordenados, luminosos, prontos a serem escritos. Mal tinha mesmo de procurar com esforço qualquer palavra; bastava-lhe registrar por escrito o que sentia em si. Não havia livro nem papel na casa de barro, mas -somente um velho pincel que seu avô comprara outrora, talvez para pôr o seu sinal nalguma escritura de compra

de terras. Mesmo assim, a pena ainda servia, e com ele e um pedaço quebrado de um bloco de tinta seca que achou, Yuan pincelava os seus versos nas paredes caiadas da sala central, enquanto o velho arrendatário ficava a olhar, pasmando, ainda meio temeroso, diante daquelas palavras mágicas que desconhecia. E agora Yuan escrevia versos diferentes, não só a respeito de salgueiros roçando águas remansosas, ou de nuvens balouçantes, chuvas de prata e de pétalas desfolhadas. Os novos versos manavam de uma fonte mais profunda dentro dele e não eram escritos tão monotonamente, porque ele falava agora da sua terra e do seu novo amor por ela. Onde antes os seus versos eram formas lindas e vazias, como que graciosas bolhas na superfície do seu espírito, agora não tinham a mesma formosura, mas estavam imbuídos de um certo sentido que ele ainda lutava para compreender inteiramente, brotavam com ritmo mais impetuoso e com rica musicalidade.

Assim passaram os dias, vivendo Yuan acompanhado apenas dos seus grandes e túrgidos pensamentos. Qual seria o seu futuro, ele não sabia. Nenhuma forma nítida de qualquer coisa lhe veio

21

à mente para esclarecer o seu futuro. Contentava-se por enquanto em respirar a luminosa beleza agreste daquela terra do Norte, resplandecente sob um sol radioso em que a própria luz parecia azul, descia como era de um céu de anil. Escutou as conversas e os risos do povo nas ruas da aldeiazinha; misturou-se com os frequentadores das estalagens, prestando ouvidos, raras vezes falando, como alguém que ouve uma língua que mal entende, mas de um som doce para o ouvido e o coração; descansou na paz onde não havia conversas de guerra, mas apenas de assuntos que se tagarelavam na aldeia, um filho nascido, uma terra vendida ou comprada e seu respectivo preço, um rapaz ou rapariga que estava para casar, qual a sementeira a ser feita, e coisas assim, vulgares e interessantes.

O prazer que tinha com tudo isso aumentava dia a dia, e quando se tornava grande demais, uns versos modelavam-se-lhe no espírito, e ele escrevia, e assim se aliviava por algum tempo, embora sucedesse uma coisa tão estranha que o fazia admirar-se de si mesmo; era que, não obstante estar cheio de prazer nesses dias, os seus versos saíam-lhe não alegres, *mas* repassados de profunda melancolia, como se houvesse nele algum oculto poço de tristeza. E ele não sabia qual a causa disso.

Todavia, como era possível continuar a viver assim o único filho varão do Tigre? Por toda a parte os camponeses diziam: «Existe um estranho jovem alto e moreno que anda para lá e para cá como um tonto. Dizem que é o filho de Wang o Tigre, e sobrinho de Wang o Comerciante. Mas como pode um descendente de homens tão importantes vaguear assim sozinho? Mora naquela velha casa de barro de Wang Lung, e, pela certa, não tem o juízo todo».

Esse rumor chegou a alcançar os ouvidos de Wang o Comerciante na cidade, o qual o ouviu de um velho escrevente do seu escritório,

comentando desabridamente: É claro que não se trata do filho do meu irmão, porque não tenho ouvido nada dele. Não é provável que meu irmão deixasse livre dessa maneira o seu precioso e único filho! Mandarei um criado ver amanhã quem está morando na casa do arrendatário do meu pai. Não dei a ninguém, por meu irmão, licença para morar lá. E estava receoso, no íntimo, de que o intruso fosse algum espião arrogante e ladrão.

Mas não chegou a fazer o que pretendia, porque aqueles boatos alcançaram também o acampamento do Tigre. Nesse dia, Wang Yuan levantou-se como habitualmente e, justamente quando estava na soleira da porta, comendo pão e sorvendo chá, estendendo o olhar pela terra e sonhando, viu ao longe uma cadeirinha carregada aos ombros de homens, e em seguida outra, e em torno

22

delas caminhava uma escolta de soldados, que reconheceu pela farda serem soldados de seu pai. Entrou para dentro da casa, subitamente impossibilitado de continuar a comer e beber, depôs o alimento em cima da mesa, e pensou consigo amargamente:

«Acho que é meu pai... que havemos de dizer um ao outro?»

E teria gostado de fugir correndo pelos campos, como uma criança, não fosse saber que esse encontro devia dar-se mais cedo ou mais tarde, e que não era possível correr eternamente. Por isso ficou à espera, muito perturbado e reprimindo à força o seu velho medo infantil, sem conseguir comer enquanto esperava.

Quando, porém, as cadeirinhas se aproximaram e foram largadas no chão, saíram delas não seu pai ou qualquer outro homem, mas duas mulheres: uma era sua mãe, e a outra a criada desta.

Ora, Yuan tinha de facto motivo para se admirar, porque via a mãe raras vezes e nunca até então a vira deixar a casa, de modo que saiu, vagarosamente, para apresentar os seus cumprimentos, indagando consigo o que significava aquilo. Ela veio ao encontro dele, apoiada no braço da criada; uma mulher de cabelos brancos convenientemente vestida de preto, sem dente algum, de maneira que as suas faces eram chupadas. Conservavam-se entretanto ainda bem coradas, e se a expressão do seu semblante era simplória e mesmo um tanto parva, por outro lado era bondosa. Quando enxergou o filho, disse com modos francos de camponesa, porque na mocidade fora uma aldeã: Filho, teu pai mandou-me dizer que está doente e às portas da morte. Ele diz que podes fazer o que quiseres, contanto que pelo menos vás vê-lo imediatamente antes que ele morra. Ele disse que eu te dissesse que não está zangado; portanto, trata de ir. - Disse

isto alto e para todos ouvirem, pois na realidade naquele momento já os aldeãos se agrupavam para ver e ouvir novidades. Mas Yuan não notou nenhum deles, tão confuso ficara com o que ouvira. Tinha-se fortalecido durante todos esses dias, de forma a não sair daquela casa contra a sua vontade, mas como se negar a ver o pai, se ele estava deveras à morte? Seria isso, todavia, verdade? Lembrou-se então da agitação das mãos do pai quando ele as

estendera avidamente para buscar o conforto do vinho, e receou que fosse verdade, não devendo um filho recusar nada ao pai. Ora, a criada, vendo a hesitação dele, julgou de seu dever ajudar a patroa, e exclamou também em voz alta, olhando em torno para os aldeãos, a fim de deixar nítida a sua própria importância: Ah, meu jovem general, é verdade! Nós e todos os médicos estamos quase loucos! O velho general chega ao fim da vida, e se o quer ver vivo, deve apressar-se a ir. Juro que ele não tem muito tempo de vida... se ele tiver, então que eu morra! Todos os aldeãos prestaram ansiosa atenção e entreolharam-se significati-

23

vãmente, ao saber que o Tigre estava tão perto da morte. Mas Yuan ainda desconfiava das duas mulheres, tanto mais que percebia nelas uma ânsia dissimulada de o forçarem a voltar para casa. Quando a criada viu que a dúvida dele continuava, atirou-se ao chão diante do rapaz e bateu com a cabeça no terreiro duro, berrando em altas e fingidas lamentações: Olhe a sua mãe, jovem general... olhe mesmo para mim, uma escrava... veja como lhe suplicamos...

Feito isso uma ou duas vezes, levantou-se, limpou o pó do casaco cinzento de algodão e lançou um olhar sobranceiro para os aldeãos agrupados e boquiabertos. O seu dever agora estava cumprido; afastou-se pois para um lado, serva orgulhosa de uma alta e orgulhosa família, e portanto superior àquela gentilha. Yuan, porém, não lhe deu atenção. Voltou-se para a mãe, consciente de que devia cumprir o seu dever, por mais que o odiasse, convidou-a a entrar e a sentar-se, e ela assim fez, enquanto o agrupamento de gente a seguia, e parava no limiar da porta para espreitar e escutar. Mas ela não se importou com eles, estando acostumada a essa gente vulgar que abre sempre a boca ao ver as pessoas de maior categoria.

Passeou os olhos pela sala central, curiosa, e disse: É a primeira vez que ponho os pés nesta casa. Ouvi na infância grandes histórias dela; como Wang Lung se tornou rico, comprou uma rapariga de casa de chá e como ela o dominou algum tempo. Sim, as histórias interessantes de como ela se apresentava, e do que comia e vestia, corriam de boca em boca em toda esta região, embora nessa ocasião já fosse uma coisa do passado, porque ele era velho quando eu não passava de uma criança. Lembro-me agora de que se dizia que Wang Lung chegara a vender um lote de terra para comprar um anel de rubis para ela. Mas, mais tarde, ele tornou a comprar a terra. Só vi essa mulher uma vez, no dia do meu casamento, e... minha mãe!... como ficou gorda e horrível antes de morrer, afinal! Eh...

Riu desdentadamente e olhou em torno com amabilidade, e Yuan, vendo quão plácida e honestamente ela falava, animou-se a perguntar-lhe abertamente, para saber a verdade: Mãe, meu pai está de facto doente?

Isso fê-la recordar o motivo da sua vinda; respondeu, pois, silvando por entre as gengivas desdentadas, como era forçoso que fizesse ao falar: Ele está doente, meu filho. Não sei que doença é,

mas está sentado lá, porque não quer ir para a cama, e bebe constantemente e não há meio de comer, até que fica amarelo que nem melão. Juro que nunca vi amarelidão assim. E ninguém se atreve a chegar perto dele para dizer uma só palavra, porque vocifera e pragueja ainda mais do que era costume. Ele não pode viver se não comer, fica certo.

24

Sim, sim, é verdade... ele não pode viver se não comer repetiu a criada. Estava ao lado da cadeirinha da patroa e sacudiu a cabeça; sentia um prazer amargo nas suas palavras, e em seguida as duas mulheres suspiraram juntas, ao mesmo tempo que com ar grave observavam disfarçadamente Yuan. Este meditou uns instantes, e depois disse com grande impaciência, porque estava cômico de que devia ir, se era verdade que o pai se achava bastante doente, embora ainda duvidasse disso e pensasse consigo que o pai tinha razão quando dizia que todas as mulheres são estúpidas:Então irei. Descanse aqui um dia ou dois, minha mãe, antes de voltar, porque deve estar fatigada.

Providenciou para o conforto dela, certificando-se de que estava instalada no tranquilo quarto que lhe parecia agora dele tanto que o deixou com tristeza; e quando ela acabou de comer, ele afastou de si a lembrança daqueles agradáveis e lindos dias, e montando mais uma vez a cavalo, tomou o rumo do Norte e da casa do pai, novamente admirado com aquelas duas mulheres, porque elas se mostravam excessivamente alegres com a ida dele, mais alegres do que deviam estar se o chefe da casa estivesse doente.

Atrás dele iam uns vinte soldados do pai. Certa ocasião, ouvindo-os dar gargalhadas por causa de um grosseiro chiste, coisa que já não era capaz de suportar, voltou-se para eles colérico, detestando aquele barulho familiar que faziam nas suas costas.

Quando, porém, os interpelou ferozmente porque seguiam nos calcanhares dele, responderam com firmeza:Senhor, o homem de confiança de seu pai ordenou-nos que o seguíssimos, para que nenhum inimigo aproveitasse esta oportunidade e o prendesse como refém ou mesmo o matasse. Existem muitos salteadores por toda a região, e o senhor é um filho único muito amado.

Yuan nada respondeu. Solto um lamento e com decisão volveu o rosto para o Norte. Que loucura o fizera pensar em liberdade? Era o único filho homem de seu pai, desgraçadamente era o único filho homem de seu pai.

Entre os aldeões e camponeses que o viam passar, não havia um que não rejubilasse por vê-lo ir-se embora, porque não o compreendiam ou não acreditavam nele; Yuan percebeu esse grande contentamento motivado pela partida dele, e essa visão empanou com uma mancha escura o prazer daqueles dias de liberdade.

Assim Yuan, contra sua vontade, demandava a casa do pai, com escolta à sua retaguarda. Aqueles homens não o deixaram o dia inteiro, e ele não tardou a perceber que o guardavam não tanto dos salteadores como dele mesmo, temerosos de que lhes fugisse para um lugar qualquer. Uma dúzia de vezes esteve para

25

gritar: «Não precisam de ter medo... não fugirei de meu próprio pai... Vou vê-lo por espontânea vontade!»

Mas nada disse. Olhou-os calado e desdenhoso e não lhes falou, continuando a cavalgar o mais depressa que podia, fazendo-se altaneiro no seu cavalo veloz, o qual com tanta facilidade tomava a dianteira dos cavalicoques dos soldados, que estes eram obrigados a incitar continuamente os pobres animais. Por mais que avançasse, contudo, sabia ser um prisioneiro. nenhuns versos lhe ocorriam agora; mal enxergava a terra querida.

À noitinha do segundo dia dessa viagem forçada, alcançou o umbral da casa do pai. Saltou do cavalo, e de súbito cansado até da alma, entrou devagar em direcção ao quarto onde o pai habitualmente dormia, não dando atenção aos olhares furtivos dos soldados e dos criados, e não respondendo aos cumprimentos.

Mas o pai não estava na cama, embora já fosse noite, e um guarda sonolento disse, depois de interpelado por Yuan: O general está na sala.

Yuan sentiu-se então um tanto irritado, pensando que afinal o seu pai não se achava assim tão doente, não passando tudo de um ardil para o atrair até ali. Alimentou a sua irritação diante do embuste de modo a despir-se do medo pelo pai, e, lembrando-se dos agradáveis dias de solidão que passara no campo, pôde manter viva a sua zanga contra o Tigre. Todavia, ao entrar na sala e avistar o velho, Yuan esqueceu um pouco o seu rancor, porque os seus olhos viam que ali não havia embuste. O general estava sentado na sua velha cadeira, com a pele de tigre pendente no espaldar entalhado, e diante dele achava-se o braseiro cheio de carvões ardentes. Estava enrolado na sua felpuda veste de pele de carneiro, e tinha na cabeça a sua barretina de pelica; parecia, no entanto, tão frio como a morte. A sua tez estava macilenta como couro velho, os olhos cintilavam, negros e encovados, e a barba crescida estava grisalha e hirsuta. Ergueu o olhar quando o filho entrou, tornou a baixá-lo para as brasas, e não fez qualquer saudação.

Yuan então avançou e inclinou-se diante do pai, dizendo: Disseram-me que o senhor estava doente, meu pai, e por isso vim. Mas Wang o Tigre resmungou: Não estou doente. É conversa de mulheres. E não olhava para o filho.

Yuan perguntou, então: Não me mandou chamar porque o senhor estava doente? E Wang o Tigre tornou a resmungar: Não te mandei chamar. Perguntaram-me onde te achavas, e eu respondi: «Deixem-no ele ficar onde está». Mantinha o olhar fixo nas brasas, enquanto estendia as mãos por cima do calor que irradiava do braseiro.

Ora, tais palavras eram de molde a irritar qualquer pessoa e principalmente um jovem, numa época em que os pais não são

26

respeitados, e Yuan podia facilmente, revestindo-se de maior dureza, ter-se ido embora de novo, para fazer o que lhe agradasse na sua nova voluntariedade, não fosse ver as duas mãos estendidas do pai, pálidas e secas como são as mãos dos velhos, trémulas e a procurar um calor qualquer; não foi capaz, assim, de pronunciar uma única palavra rancorosa. Ocorria-lhe agora, como era fatal que ocorresse a qualquer filho de coração bondoso, que, na solidão, o pai voltara a ser uma criança, e que como tal devia ser tratado, não com rancor mas com ternura, por mais impertinentemente que falasse. Essa fraqueza do pai tocou as raízes da irritação de Yuan, a ponto de o fazer sentir insólitas lágrimas nos olhos; se tivesse coragem para tanto, teria movido a mão a fim de tocar o pai, num gesto meigo, mas uma estranha e instintiva vergonha o impediu. Limitou-se, pois, a sentar-se de lado numa cadeira próxima e a contemplar o pai, esperando em silêncio e com paciência as próximas palavras dele.

Mas sentia a liberdade do momento. Tinha consciência de que o temor pelo pai se fora para sempre. Nunca mais teria medo dos berros daquele homem decrépito, dos seus olhares tenebrosos, do franzir das suas sobrancelhas pretas, de todos os estratagemas, enfim, que o Tigre empregava para se fazer temido. Porque Yuan percebia a verdade, isto é, que seu pai lançava mão desses estratagemas apenas como armas; embora não se apercebesse disso, servira-se deles como um escudo, ou então como uma espada brandida por alguém que jamais teve a intenção de a cravar num corpo. Esses embustes tinham dissimulado o coração do Tigre, coração que nunca fora suficientemente duro, nem suficientemente cruel, nem suficientemente prazenteiro para fazer dele um senhor da guerra verdadeiramente grande. Nesse momento em que via tudo com lucidez, Yuan fitou o pai e começou a amá-lo sem temor. Wang o Tigre, porém, nada sabendo dessa mudança no filho, continuava pensativo, calado e parecendo esquecido de que o filho ali estava. Permaneceu longo tempo sem se mover, e Yuan, por fim, vendo como a cor do pai era doentia e como as suas carnes tinham minguado naqueles últimos dias, a ponto de os ossos lhe saltarem como rochas da face, disse delicadamente: E não seria melhor que fosse para a cama, meu pai?

Quando tornou a ouvir a voz do filho, Wang o Tigre ergueu vagarosamente o olhar, como o faz um homem doente, e cravando nele os olhos encovados, por um momento, disse roucamente e muito devagar, palavra por palavra: Por tua causa deixei uma vez de matar cento e setenta e três homens que mereciam morrer! Levantou a mão direita como se a fosse manter contra a boca, conforme um costume que tinha, mas a mão tombou pelo seu próprio peso, e deixando-a cair tornou a falar ao filho, fitando-o ainda: É a verdade. Se não os matei, foi por tua causa.

27

Fico satisfeito com isso, meu paidisse Yuan, movido, não

tanto pela sobrevivência dos homens, embora se alegrasse por saber que eles estavam vivos, quanto pelo anseio infantil de lhe agradar que notava no pai. Odeio ver matar homens, meu pai. Sim, sei disso; sempre foste melindroso, retorquiu Wang o Tigre com displicência; e recaiu na silenciosa contemplação das brasas.

Mais uma vez Yuan pensou em como convencer o pai a ir para a cama, pois não podia suportar o aspecto doentio que lhe via na face e na boca seca e lânguida. Levantou-se, dirigiu-se ao lugar onde o velho homem de confiança desbechado estava agachado, cabeceando junto à porta, e cochichou: Será capaz de convencer meu pai a ir para a cama?

O homem acordou sobressaltado, vacilando sobre os pés, e respondeu numa voz rouquenha: E já não tentei isso, meu generalzinho? Não consigo convencê-lo a ir para a cama nem mesmo de noite. Se se deita, torna a levantar-se daí a uma hora e volta a sentar-se naquela cadeira; não posso fazer mais do que ficar aqui, e já sinto tanto sono que estou quase morto. E ele teima em ficar sentado aí, sempre acordado.

Yuan dirigiu-se então ao pai e procurou persuadi-lo carinhosamente: Pai, eu também estou cansado. Vamos os dois deitar-nos e dormir, porque estou exausto. Eu deitar-me-ei perto do senhor, e assim pode chamar-me, sabendo que estou a seu lado.

O Tigre moveu-se um pouco como se fosse erguer-se, mas em seguida voltou a recostar-se, meneou a cabeça, e sem se levantar disse: Não, não terminei o que tenho a dizer. Há qualquer coisa mais... não posso pensar em tudo de uma vez... contei na minha mão direita duas coisas que tinha a dizer. Senta-te aí e espera que eu me lembre.

O Tigre falava agora com a sua antiga veemência, e Yuan, ao ir sentar-se, sentiu voltar-lhe o hábito de infância. Todavia, estava por outra parte livre do medo, de modo que o seu coração exclamou contra o seu dever: «Que é ele senão um velho cabeçudo e enfadonho? E aqui tenho de me sentar à espera do mau humor dele!» A sua obstinação lampejava-lhe nos olhos, e estava prestes a falar, quando o homem de confiança reparou nele, e apressando-se a demovê-lo veio dizer-lhe: Deixe ele fazer o que quiser, generalzinho, já que está doente, e ature o que ele diz, como é da nossa obrigação. Assim, contra sua vontade, temendo que contrariar o pai naquele momento fosse fazê-lo piorar, a ele que nunca conhecera oposição, foi sentar-se de lado numa cadeira, esperando impacientemente; até que o Tigre disse de chofre: Tornei a lembrar-me. A primeira coisa é que devo esconder-te em qualquer sítio, porque recordo o que me disseste ao chegar a casa ontem. Tenho de te ocultar dos meus inimigos.

28

Yuan não pôde deixar de obtemperar: Mas, pai, não foi ontem...

O Tigre dardejou então um dos seus antigos olhares furibundos contra o filho, bateu as palmas das mãos secas uma na

outra, e bradou: Sei o que estou dizendo! Como te atreves a dizer que não foi ontem que voltaste para casa? Voltaste para casa ontem!

Novamente o velho homem de confiança se interpôs entre o Tigre e o filho, rogando: Vá lá que seja... foi ontem, foi num dia qualquer que passou! E Yuan ficou taciturno, baixando a cabeça por ter de calar a boca. Agora, por estranho que parecesse, a primeira compaixão que sentira pelo pai desaparecera como suave e fugidia brisa que lhe passasse por sobre o coração, e aquele olhar colérico do pai despertou nele um sentimento mais profundo do que a piedade. Os seus ressentimentos assomaram e disse consigo próprio que não tornaria a amedrontar-se, mas, para que não fosse invadido pelo temor, era preciso mostrar vontade firme. Na sua inveterada teimosia, o pai esperou ainda mais tempo antes de se resolver a falar de novo, procedendo assim por não gostar que o filho interrompesse o que ele dizia; e deste modo esperou mais tempo do que teria esperado se a situação fosse outra. Mas a verdade é que o Tigre tinha algo para dizer que não lhe agradava dizer, e por isso demorava-se. Entretanto, o rancor de Yuan contra o pai ganhou mais força do que nunca. Vieram-lhe à mente todas as ocasiões em que fora reduzido ao silêncio por aquele homem, todas as horas despendidas com as armas que odiava, vieram-lhe à mente os dias de liberdade de que mais uma vez fora privado, e de repente sentiu que não podia mais suportar o Tigre. Não; a sua própria carne sentia repulsa” por aquele velho, passou de súbito a detestar o pai, porque ele não se lavara nem barbeara, porque deixara cair vinho e comida na roupa, lambuzando-a.

Não havia nada no seu pai que ele apreciasse, pelo menos naquele momento.

Não suspeitando dessa violenta repugnância no coração do filho, o Tigre acabou, enfim, por dizer o que tinha a dizer, que foi isto: Mas és o meu único e inestimável filho varão. Que esperança tenho, a não ser o teu corpo? A tua mãe disse, ao menos uma vez, uma coisa sábia. Veio dizer-me: «Se ele não se casar, de onde nos virão netos?» Respondi-lhe então: «Vai procurar uma donzela de bom carácter; não importa a que classe pertença, contanto que seja robusta e rápida no procriar, porque as mulheres são todas a mesma coisa, não havendo uma melhor do que outra. Vem com ela e vamos casar o nosso filho; depois, então, ele pode ir esconder-se em qualquer país estrangeiro até esta guerra acabar. E nós teremos o filho dele».

Isso foi dito pelo Tigre cuidadosamente, cada palavra como a

29

pensara antes, reunindo as suas cansadas energias mentais, a fim de cumprir esse dever para com o filho antes de o deixar ir. Não fazia mais do que qualquer bom pai devia fazer, e que qualquer filho tem de aceitar a esposa assim escolhida, por respeito a seus

pais, tem de desposá-la e dar-lhe filhos, ficando então livre para ir amar a qualquer outra parte que quisesse. Mas Yuan não era um filho assim. Estava eivado do veneno dos novos tempos e cheio de secretas e voluntariosas liberdades que ele próprio não conhecia, e estava possuído, também, pelo ódio que o pai votava às mulheres; e com tudo isso, e com tudo o mais que sentia ao lado do seu ódio e da sua resolução, a cólera explodia agora dentro dele. Sim, a sua cólera nesse momento era como uma corrente represada, e a vida inteira confluía agora para o seu ponto crítico.

A princípio, foi-lhe impossível crer que o pai na verdade dissesse aquelas palavras, porque toda a vida estivera habituado a ouvir o Tigre falar somente das mulheres como tolas, ou senão como tolas, então como criaturas traiçoeiras em quem nunca se pode confiar. Mas as palavras tinham sido pronunciadas, e como há pouco o Tigre achava-se de olhos postos nas brasas. Agora Yuan percebia de repente porquê sua mãe e a criada se tinham mostrado tão ansiosas por que ele voltasse a casa, e tão contentes quando ele se prontificou a voltar, porque tais mulheres não se preocupam com coisa alguma além de alianças e casamentos.

Sim, mas ele não havia de ceder diante delas! Levantou-se de um pulo, esquecendo-se de que já havia temido e amado o pai, e explodiu: Já esperava isso... sim, quando os meus camaradas me contaram como tinham sido forçados a casar... e muitos deles deixado as suas casas justamente por esse motivo... Eu acostumei-me a duvidar da minha boa fortuna... mas o senhor é como todos os outros, como toda essa velharia que nos quer conservar amarrados eternamente... amarrados por meio dos nossos corpos... forçando-nos a viver com as mulheres que os senhores escolhem... forçando-nos a procriar... Pois bem, eu não me deixarei amarrar!... Não deixarei que o meu corpo seja utilizado desse modo como meio para amarrar a minha vida à sua... Odeio o senhor... sempre o odiei... sei que o odeio...

Tão impetuosamente jorrou o ódio de Yuan, que começou a soluçar loucamente. O homem de confiança, aterrorizado ante tal fúria, correu a segurá-lo pela cintura, e querendo falar não pôde, porque o seu lábio fendido estava todo torto. Yuan baixou o olhar e viu aquele homem a seu lado. Ergueu a mão e com o punho cerrado bateu naquele rosto velho e horrendo, fazendo o homem cair no chão.

Cambaleando, o Tigre levantou-se, mas não para se dirigir ao filho. Não; contemplara Yuan espantado, como se não pudesse compreender o significado daquelas palavras, e nos seus olhos

30

havia a fixidez do assombro. Vendo o seu velho servidor tombar, foi erguê-lo.

Yuan voltou-se e fugiu. Não parando nenhuma vez para ver o que se passava, correu através dos pátios, divisou o seu cavalo atado a uma árvore, transpôs o grande portão externo passando pelos soldados curiosos que ali se achavam, montou de um pulo no cavalo e saiu daquele lugar, bradando no seu

íntimo que saía dali para todo o sempre.

Ora, Yuan abalara da casa do pai com tão selvagem ira que, ou esta perdia a sua veemência, ou ele morreria. E de facto a ira abrandou. Yuan pôs-se a pensar o que havia de fazer, ele, um jovem solitário que rompera com os companheiros *e com* o pai. O próprio dia ajudou-o a acalmar-se, porque o sol hibernal, que parecia interminável nos dias que Yuan passou na casa de barro, durava agora menos. O dia tornara-se cinzento, o vento soprava do Leste, frio e cortante, e a terra pela qual o cavalo de Yuan caminhava devagar (porque o animal estava cansado de dias e dias de jornada), também se acinzentava, e Yuan sentiu-se engolfado nesse cinzento e acalmou. Os próprios moradores da terra revestiam-se desse mesmo cinzento, pois eram tão semelhantes à terra em que viviam e trabalhavam, que a sua aparência mudava de acordo com ela, e as suas palavras e movimentos se aquietavam. Onde ao sol, os seus rostos eram vivos e amiúde alegres, agora, debaixo do céu plúmbeo, os seus olhos mostravam-se baços e os seus lábios não sorriam, as roupas eram sombrias e os corpos morosos. A vívida coloração das planuras e dos morros, o azul das vestimentas, o vermelho do casaco de uma criança, o carmesim das calças compridas de uma rapariga, todas essas cores a que vulgarmente o Sol dava vida e definia nos seus matizes, estavam agora indistintas. E Yuan, cavalgando por essa região . pardacenta, indagava consigo como pudera amá-la tanto, antes, podia ter regressado ao seu antigo capitão e à causa, não fosse lembrar-se dos aldeãos e de como não se tinham afeiçoado a ele; os camponeses por quem passou nesse dia pareciam tão taciturnos que ele exclamou consigo amargamente: «Devo desperdiçar a minha vida por eles?» Sim, nesse dia até a terra lhe parecia não sorrir. E como se isso não bastasse, o cavalo começou a coxear, e quando o jovem se apeou perto de uma cidadezinha por onde passou, verificou que o animal estava contundido pelas pedras, estropiado e incapaz.

Ora, quando Yuan parou e se curvou para examinar os cascos do cavalo, ouviu um ruído trovejante, e, levantando os olhos, viu passar por ele impetuosamente um comboio, fumegando com abundância e doido de pressa. Todavia, não passou tão depressa que Yuan não visse os muitos passageiros que iam

31

dentro, pois estava bastante perto, ajoelhado junto do cavalo. Estavam todos tão abrigados e seguros e iam desse modo com tal rapidez que Yuan sentiu inveja deles; e vendo o seu cavalo tão lerdo e agora inútil, disse de si para si, afigurando-se ser esse um pensamento subtil e inteligente: «Vou vender este animal na cidade, tomar aquele comboio e partir para longe... para tão longe quanto puder...»

Nessa noite, pernoitou numa hospedaria, uma hospedaria por sinal bem suja, no interior da pequena cidade; Yuan não conseguiu dormir, tanta bicharada se arrastou em cima dele, e enquanto estava acordado planeou o que havia de fazer. Tinha consigo algum dinheiro, porque o seu pai fazia-o sempre cingir uma bolsa para o caso de se achar necessitado, uma vez ou outra, e tinha o cavalo para vender. Durante muito tempo, porém, ficou sem saber para onde devia ir e o que devia fazer.

Ora, Yuan não era um rapaz vulgar e sem tino. Conhecia velhos livros do seu povo, e conhecia os novos livros do Ocidente, porque assim o fizera aprender o seu preceptor. com esse preceptor, igualmente, aprendera a falar muito bem uma língua estrangeira, de modo que não estava desamparado e sem instrução como poderia estar. Assim, enquanto revolvía o corpo nas duas tábuas da cama daquela hospedaria, perguntava a si próprio o que devia fazer com a prata que possuía e com os seus conhecimentos.

Passava-lhe e tornava a passar-lhe pela mente se não seria preferível voltar para o seu capitão. Podia apresentar-se e dizer:

«Estou arrependido, aceite-me de novo». Bastaria que contasse ter abandonado o pai e derrubado com um murro o homem de confiança, uma vez que entre aquele grupo de revolucionários valia como um passaporte desprezar os pais, e era sempre uma prova de lealdade, tanto que alguns jovens, de ambos os sexos, chegavam a matar os pais para mostrarem a sua lealdade.

Mas Yuan, mesmo sabendo que seria bem acolhido, não queria de modo algum voltar ao seio daquela causa.

A lembrança do dia cinzento ainda lhe causava melancolia, e pensando no povo rasteiro coberto de pó, sentiu que não o amava. Murmurou consigo: «Nunca, em toda a minha vida, tive um prazer sequer. Não tive as pequenas alegrias que outros jovens têm. A minha vida esteve sempre cheia dos deveres para com meu pai e depois dominada por essa causa que não consegui abraçar». E de repente pensou que gostaria de uma vida que ainda não tivesse experimentado, uma vida mais alegre, uma vida povoada de risos. Afigurou-se a Yuan, de súbito, que durante toda a vida permanecera sem alegrias e sem companheiros para folgar, e no entanto era forçoso que houvesse prazer algures, assim como trabalho a realizar.

Ao pensar em divertimento, a sua memória remontou aos

32

verdes anos, e invocou aquela irmã mais nova que conhecera outrora, e como ela ria e sapateava de um lado para o outro, com os seus pèzinhos, e como costumava rir quando estava com ela. Pois bem, porque não procurá-la de novo? Era sua irmã, tinham o mesmo sangue. Ele fora tão jungido à vida do pai durante todos aqueles longos anos que se esquecera de que tinha outros a quem também pertencia.

Num dado momento, viu todos mentalmente: tinha uma porção de parentes. Podia dirigir-se a seu tio, Wang o Comerciante. Por instantes pensou que seria agradável achar-se novamente naquela casa, e veio-lhe à memória um rosto alegre e bem disposto, o da sua tia, e assim ficou a lembrar-se dela e dos primos. Mas em seguida voltou-lhe a pertinácia; não, não iria para tão perto do pai, porque o seu tio avisaria o pai pela certa, e era arriscado... Tomaria o comboio e ganharia distância. A irmã estava longe, muito longe, na cidade do litoral. Gostaria de passar uns tempos naquela cidade, ver a sua irmã, contemplar risonhos panoramas, e ver as coisas estrangeiras de que ouvira falar e que nunca vira.

O coração acelerou-se-lhe. Antes de raiar o dia, levantou-se de um pulo, gritou para o criado da hospedaria lhe ir buscar água quente para se lavar, tirou as roupas e sacudiu-as bem para fazer cair delas a bicharada, e quando o homem chegou amaldiçoou-o por aquela imundície, não cabendo em si de ânsia por partir.

Quando o criado viu a impaciência de Yuan, reconheceu nele o filho de um ricoço, porque os pobres não se atrevem tão facilmente a praguejar, e tornou-se obsequioso e pressuroso, de modo que, pela madrugada, Yuan já tinha comido e partido, levando o seu cavalo alazão para vender. E de facto vendeu o pobre animal por muito pouco, num açougue. Yuan teve um momento de dor, isso é verdade, angustiando-se um pouco ao pensar que o seu cavalo seria transformado em alimento para os homens, mas endureceu-se em seguida, fazendo frente a essa pieguice. Deixara de ter necessidade de cavalos. Já não era filho de um general. Era ele mesmo, Wang Yuan, um jovem, dono da liberdade de ir para onde quisesse e de fazer o que lhe agradasse. E nesse mesmo dia embarcou no comboio que o conduziu à grande cidade do litoral.

Era uma sorte para Yuan ter ele lido algumas vezes para o pai as cartas que a esposa instruída do Tigre lhe mandava daquela cidade costeira para onde fora residir. Ao envelhecer, o Tigre tornara-se mais preguiçoso para a leitura, de modo que, embora quando jovem soubesse ler muito bem, na velhice esquecera-se de muitas letras e não lia com facilidade. Duas vezes por

3-c. D.

33

ano chegavam cartas daquela senhora para o seu senhor, escritas numa caligrafia esmeradíssima que não era fácil ler; assim, Yuan lia as cartas para o pai e explicava-as. Lembrando-se agora disso, conseguiu recordar o lugar onde ela dizia morar, da zona e da rua, naquela grande cidade. Assim, quando, ao cabo de um dia e de uma noite, Yuan desembarcou do comboio, tendo atravessado um rio no caminho, e margeado um lago ou dois, e transposto muitas montanhas, e varado nuito boas terras plantadas, onde o trigo da Primavera germinava, sabia que rumo devia tomar. Não era muito perto de onde estava, e por isso alugou um jinriquixá para o transportar; passou assim pelas ruas iluminadas da cidade,

sozinho e correndo risco, e ia lançando o olhar em torno, tão livremente como qualquer lavrador, já que ninguém o conhecia. Nunca estivera numa cidade como aquela. As casas elevavam-se tanto dos lados das ruas, que, não obstante todas as luzes resplandecentes, não foi capaz de lhes divisar os cimos, que se situavam sabe Deus onde, na escuridão do céu. Mas junto das altas casas por onde Yuan passava, havia bastante claridade, e as pessoas caminhavam como à luz do dia. Vislumbrava ali a população do Mundo, porque era gente de todas as raças, espécies e cores; viu homens escuros da índia e as respectivas mulheres, enroladas em tecido dourado e em pura musselina branca, e com túnicas escarlates para lhes realçar a beleza. Viu as formas de movimentos rápidos das mulheres brancas e dos seus homens, todos sempre vestidos da mesma maneira, todos de nariz comprido, de tal modo que Yuan, contemplando os homens, indagou a si mesmo como é que aquelas mulheres distinguiam os seus maridos dos outros homens, tão iguais pareciam eles, afora alguns que eram barrigudos, ou não tinham cabelo no crânio, ou sofriam de outro defeito qualquer de beleza.

Contudo, a maioria das pessoas era da sua própria raça, e Yuan chegou a ver nas ruas toda a espécie de camponeses da sua região. Havia os ricos, que paravam em grandes máquinas à porta de qualquer casa de diversões e abriam caminho com guinchos barulhentos de buzina, e o puxador do jinriquixá de Yuan tinha de afastar-se para o lado e esperar que eles passassem, tal como deviam ter passado os reis nos velhos tempos. Onde quer que se encontrassem os ricos, ali estavam os pobres, junto deles os mendigos, os doentes e os aleijados, que aproveitavam quanto podiam as suas desgraças para ganhar um pouco de dinheiro, as era um ganho árduo, a prata saía das bolsas dos ricos em pequeníssimas e escassas moedas, porque habitualmente os ricos seguiam adiante, de nariz erguido e com olhos de quem não vê. Na sua avidez de alegria, Yuan soube sentir um ódio momentâneo por aqueles ricos sobranceiros, pensando que eles deviam dar um pouco aos mendigos.

34

Através de toda essa multidão agitada, Yuan passou bastante obscuro no seu humilde veículo, até que o homem estacou arquejante em frente de certo portão numa longa parede, semelhante a uma dúzia de outros portões de ambos os lados. Era aquele o lugar que Yuan procurava, e por isso desceu, tirou as moedas que prometera ao homem e deu-lhas. Ora, Yuan vira', indignado quão pouca atenção tinham prestado aquelas senhoras e homens ricos às súplicas dos mendigos, e como tinham repellido as esquálidas mãos estendidas diante deles. Todavia, quando o homem que o puxara exclamou humildemente, trémulo e suado da corrida: «Senhor, dê mais um pouco por bondade do seu coração» pois reparara na túnica de seda de Yuan e na sua bem nutrida aparência, de modo algum pareceu a mesma coisa a Yuan. Não se sentia rico, e é coisa sabida que esses homens que

puxam jinriquixás nunca se dão por satisfeitos. Redarguiu, portanto, vigorosamente: Não é esse o preço que combinámos?

E o homem respondeu, suspirando: Oh, sim, é o preço combinado... mas eu esperava do seu bondoso coração...

Yuan, porém, esqueceu o homem. Voltou-se para o portão e tocou uma sineta que ali viu. Então, vendo-se esquecido, o homem tornou a suspirar, limpou o rosto afogueado com um pano sujo que tinha em torno do pescoço, e seguiu rua abaixo, tiritando sob o cortante vento nocturno que lhe transformava em gelo o suor que lhe cobria a pele.

Quando o criado chegou para abrir o portão olhou para Yuan como para um estranho, e por momentos esteve prestes a negar-lhe a entrada, porque na cidade havia muitos estranhos bem vestidos que tocavam aos portões dizendo "que eram amigos e parentes dos que habitavam a casa, e quando eram convidados a entrar, sacavam de armas de fogo estrangeiras, roubavam, matavam, faziam o que queriam, e às vezes os seus companheiros acorriam a ajudá-los, agarravam numa criança ou num homem, e levavam-no para o conservarem como refém. Por isso o criado tornou a aferrolhar o portão, e embora Yuan declarasse o seu nome, teve de esperar ali uns instantes. Daí a pouco o portão abriu-se outra vez; Yuan viu então uma senhora, uma senhora de rosto tranquilo e grave, de corpo nutrido e cabelos brancos, com uma túnica de cetim cor de ameixa. Yuan olhou para ela enquanto ela olhava para ele, e viu-lhe um rosto bondoso, um rosto rechonchudo e pálido, não muito enrugado, mas de modo algum bonito, já que a boca era excessivamente larga, e o nariz grosso e volumoso entre os olhos. Entretanto, esses olhos eram bondosos, compreensivos, de maneira que Yuan se encorajou, e sorrindo com certa timidez, disse: Tenho de lhe pedir desculpas por chegar desta maneira, senhora, mas eu sou Wang Yuan,

35

filho do Tigre, e abandonei o meu pai. Só lhe peço uma coisa, por me achar sozinho: é que possa entrar para ver a senhora e a minha irmã.

A senhora estivera a observar atentamente o rapaz, enquanto ele falava, e disse meigamente: Não pude dar crédito ao criado quando ele me disse que eras tu. Faz tanto tempo que te vi, que não te conheceria se não te parecesses tanto com teu pai. Sim, ninguém pode deixar de ver que és filho do Tigre. Entra, e põe-te à vontade como em tua casa.

E posto que o criado se mostrasse ainda suspicaz, a senhora insistiu para Yuan entrar, tão calma e delicada que não parecia nada surpreendida, ou na verdade como se coisa alguma na terra pudesse surpreendê-la. Conduziu-o a uma saleta, e em seguida ordenou ao criado que aprontasse um quarto com uma cama, perguntando a Yuan se ele tinha comido; abriu uma porta que dava para uma sala de visitas e pediu-lhe que se sentasse, ali e estivesse à vontade, enquanto ela ia tratar de algumas coisas para o conforto dele, no quarto que o criado lhe preparava. Fez tudo isso com tanta leveza e tão acolhedoramente que Yuan

ficou encantado e reconfortado, sentindo-se enfim uma visita bem-vinda, o que lhe foi docemente consolador, aborrecido como estava com o que acontecera entre o seu pai e ele.

Ali, na sala de visitas, sentou-se numa poltrona, à espera, admirado, porque era uma sala como nunca vira, mas, conforme o seu costume, não mostrando admiração ou excitação no seu rosto sério. Permaneceu quieto, enrolado na sua longa túnica de seda escura, voltando um pouco os olhos pela sala, não tanto, contudo, que se alguém aparecesse ficasse surpreendido, uma vez que ele por natureza detestava parecer estranho ou não estar à vontade em qualquer lugar novo. Era uma sala pequena, quadrada e muito limpa, tão limpa que não havia sujidade nem mesmo num tapete de lã floreada que se achava estendido no chão. No centro do tapete, erguia-se uma mesa, e sobre esta havia um pano de veludo encarnado, no meio do qual estava um vaso com flores cor-de-rosa, de papel, muito reais, com a diferença de que as folhas eram prateadas e não verdes. Havia seis cadeiras como a que ele ocupava, de assento fofo e cobertas de cetim róseo. Nas janelas, pendiam tiras brancas de fino tecido, e na parede estava suspenso um quadro envidraçado, de tipo estrangeiro. Esse quadro mostrava altas montanhas intensamente azuis, um lago também azul, e sobre as montanhas casas estrangeiras como jamais havia visto. Era uma paisagem brilhante e muito agradável aos olhos. De repente soou uma campainha algures, e Yuan voltou a cabeça para a porta. Ouviu passos rápidos e em seguida a voz alta e risonha de uma jovem. Prestou atenção. Consequia-se perceber que falava com alguém, embora ele não escutasse voz

36

alguma em resposta; muitas palavras que ela empregava mal conseguiu compreendê-las, por serem formas tiradas de uma língua estrangeira.

Ah! É você?... Não, não estou ocupada... Oh, hoje estou cansada, dancei até tão tarde a noite passada... Você está a arrelhar-me... Ela é muito mais bonita do que eu... Você ri de mim... Dança muito melhor do que eu... mesmo os homens brancos querem dançar com ela... Sim, é verdade que eu dancei com o jovem americano... Ah, como ela sabe dançar!... Não lhe conto o que ele disse!... Não, não, não!... Então vou com você esta noite... às dez! Tenho de jantar primeiro...

Ouviu o lindo gorjeio de uma risada e de súbito a porta abriu-se: viu então uma rapariga, levantou-se para cumprimentar e baixou os olhos polidamente, evitando olhar directamente para ela. Mas ela adiantou-se célere e graciosa como uma andorinha voejante, de mãos estendidas. És o meu irmão Yuan! exclamou alegremente, com a sua voz suave, uma voz sonora que parecia flutuar no ar. A minha mãe disse-me que chegaste inesperadamente... Pegou-lhe nas mãos e ri. Como estás antiquado, vestido com essa comprida túnica! Aperta a mão assim... toda a gente agora aperta as mãos!

Ele sentiu a mãozinha lisa dela apertar a sua, e acanhado demais para suportar isso, retirou a sua própria mão, contemplando

a jovem. Ela tornou a rir, sentou-se no braço de uma cadeira, e ergueu o rosto para ele, o mais lindo dos rostos miúdos, triangular como o de um gatinho, com os cabelos ondulados colados às faces rechonchudas. Mas os olhos dela *é* que» o atraíram, uns olhos muito negros e brilhantíssimos, de onde jorrava luz e riso, e mais abaixo a boquinha vermelha, de lábios pronunciados e rubros, e não obstante pequenos e delicados.

Senta-tedisse ela, como uma pequena rainha imperiosa.

Ele sentou-se cuidadosamente na borda de uma cadeira, não perto dela, e ela novamente riu.

Sou Ai-lancontinuou, com a sua voz clara e vibrante.

Lembras-te de mim? Eu lembro-me muito bem de ti. Mas

em todo caso, estás melhor do que antes... eras um miúdo feio...

de rosto muito comprido. Só tens que arranjar novas roupas...

todos os meus primos usam roupas estrangeiras... ficarias tão

elegante com elas... assim alto como és! Sabes dançar? Eu adoro

a dança. Conheces os nossos primos? A esposa do meu primo

mais velho dança que nem uma fada! Só queria que visses o meu

velho tio! Ele bem gostaria de dançar, mas está velho demais

e incrivelmente gordo, e a minha tia não permite. Tens de vê-lo

quando ela ralha com ele por olhar para as raparigas bonitas!

E mais uma vez desatou o seu riso ligeiro e buliçoso.

Yuan lançou-lhe um olhar furtivo. Ela era a mais delgada

37

das criaturas que ele jamais vira, pequena de corpo como uma

criança, o vestido de seda verde estava intimamente colado a

esse corpo, como o cálice a um botão de flor, o colar apertado

em redor do esbelto pescoço, e nas orelhas pequenos brinços de

pérolas e ouro. Ele afastou o olhar e tossiu um pouco, por trás da mão.

Vim apresentar os meus respeitos à tua mãe e a ti

disse.

Então, ela, zombando da seriedade dele, esboçou um sorriso

que lhe enrugou os olhos, e levantando-se dirigiu-se para a porta,

com andar tão rápido que se assemelhava a um corisco.

Vou procurá-la, mano, disse ela, dando à voz um tom

de solenidade para fingir a dele. Voltou a rir, e nos olhos negros

de gatinha fulgurou um olhar impertinente.

A sala ficou sossegadíssima com a ausência dela, como se um

vento agitado tivesse de repente cessado de soprar ali. Yuan

estava pasmado, incapaz de compreender aquela jovem. Não se

assemelhava a nenhuma das que conhecera em toda a sua vida

de soldado. Deu tratos à memória para se lembrar dela ao tempo em

que ambos eram pequenos, antes que o seu o fizesse abandonar

o pátio da mãe. Lembrou-se dessa mesma ligeireza, dessa mesma

tagarelice, desse cintilar dos grandes olhos negros. Lembrou-se,

também, como a princípio os dias lhe tinham parecido insípidos

sem ela, e quão sem vida os pátios do pai. Lembrando-se disso,

mesmo agora aquela sala lhe pareceu extremamente quieta e

vazia, e desejou que ela voltasse, ávido por tornar a vê-la, porque

precisava de mais riso como o dela. De súbito considerou de novo

como a sua existência inteira fora pobre de risos, sempre ocupada com um ou outro dever; nunca tivera brinquedos e distrações, que qualquer criança pobre tem na rua, assim como qualquer grupo de trabalhadores que param um momento para descansar ao sol do meio-dia e comer juntos a sua merenda. O coração bateu-lhe um tanto descompassadamente. Que lhe prometia aquela cidade, que alegria das que todos os jovens devem apreciar, que nova vida esperançosa?

Quando, por conseguinte, ouviu de novo o ruído da porta, olhou ansiosamente na direcção dela, mas desta vez quem apareceu não foi Ai-lan. Foi a senhora, que entrou tranquilamente, como quem preparou a casa, enchendo-a de bem-estar e conforto para todos. Atrás dela vinha o criado, trazendo numa bandeja algumas tigelas de comida quente. E a senhora disse: Ponha a comida aí. Agora, Yuan, debes comer um pouco mais se queres agradar-me, porque sei que a comida nos comboios não é como esta. Come, meu filho... porque és meu filho, Yuan, já que não tive outro; estou contente por me teres procurado, e quero que me contes tudo e como chegaste aqui.

38

Quando Yuan escutou a simpática senhora falar-lhe bondosamente e quando lhe viu a expressão honesta no rosto, quando lhe ouviu a voz confortadora e viu o olhar convidativo que os meigos olhinhos fizeram quando colocou uma cadeira para ele ao lado da mesa, sentiu lágrimas absurdas assomarem-lhe aos olhos. Nunca, pensou ardorosamente, nunca em parte alguma lhe haviam feito um acolhimento tão generoso... não, ninguém era assim tão carinhoso para ele. Repentinamente, o aconchego daquela casa, a alegria das cores da sala, o riso evocado de Ai-lan, o conforto daquela senhora, tudo tomou vulto e o envolveu. Comeu vorazmente, porque se sentia faminto e a comida estava temperada convenientemente, e não faltava gordura ou molho como nas comidas compradas, e Yuan, esquecido de que já comera avidamente pratos campónios, achava agora estes os melhores e mais nutritivos que jamais tinha comido, e comeu até se fartar. Não tardou a ficar satisfeito, porque os pratos eram gordurosos e sumamente temperados, não podendo pois comer mais, apesar de toda a insistência da senhora.

Esta, que se achava à espera enquanto ele comia, vendo-o terminar convidou-o a sentar-se de novo na poltrona, e assim refeito, alimentado e bafejado de afecto, Yuan contou tudo à senhora, até coisas que ele mal sabia. Agora, enfrentava o olhar da senhora, um olhar fixo, intenso, de expectativa, e tendo de repente posto de lado o seu acanhamento, começou a falar e contou-lhe tudo o que quis: como odiava a guerra e como queria viver no campo, não uma vida de ignorante como os camponeses, mas como um agricultor instruído, bastante instruído para ensinar aos campónios processos melhores. Contou como, por causa do pai, fugira às escondidas do seu capitão, e em seguida, com certa compreensão nova de si, que lhe davam aqueles olhos graves pousados nele, disse, perturbado: Pensei ter fugido por não

querer ir contra meu pai, mas agora, ao contar-lhe isto, senhora, vejo que em parte me afastei por odiar a mortandade que os meus camaradas devem algum dia fazer, mesmo ao serviço da sua boa causa. Sou incapaz de matar... bem sei que não sou valente. A verdade é que não sou capaz de odiar intensamente para chegar a tirar a vida de um homem. Sempre me dou conta de que ele também sente.

Olhou humildemente para a senhora, envergonhado por exhibir a sua fraqueza. Mas ela respondeu tranquilamente: Nem todos são capazes de matar, sem dúvida, de contrário todos nós estaríamos mortos, meu filho. E depois de um momento disse, ainda mais bondosamente: Alegra-me que sejas incapaz de matar, Yuan. É melhor salvar vidas do que tirá-las; assim penso, ainda que não sirva a nenhum deus budista.

Mas foi somente quando ele lhe contou, com pausas e um

39

tanto envergonhado, como o Tigre pretendia casá-lo a todo custo com uma rapariga qualquer, foi somente então que a senhora se comoveu de veras. Até aí escutara-o com bondade e compreensão, murmurando algumas palavras de apoio de vez em quando, nas pausas que ele fazia. Mas foi diferente quando ele curvou a cabeça e disse: Sei que ele tem o direito de fazer isso... conheço a lei e os costumes... mas não pude suportar. Não posso... não posso... o meu corpo deve ser meu, deve ser livre... E em seguida, sofrendo com a lembrança do ódio contra o pai e sentindo necessidade de confessar isso fosse como fosse, acrescentou, pois queria contar tudo: Quase chego a compreender como os filhos matam os pais nesses dias... não que eu fosse realmente capaz de fazer isso, mas compreendo o que sentem aqueles que têm mãos mais dispostas do que as minhas.

Encarou a senhora para ver se isso não era duro demais para os ouvidos dela; mas não era. com novo entusiasmo, e com mais convicção do que anteriormente pusera no falar, ela disse: Tens razão, Yuan. Sim, sempre digo aos pais da mocidade de hoje, aos pais e mães dos amigos e amigas de Ai-lan, e mesmo a teu tio e à senhora dele, que incessantemente se queixam desta geração, sempre digo que, neste ponto pelo menos, os jovens têm razão. Oh, sei perfeitamente como vocês estão no vosso direito. Nunca forcei Ai-lan a um casamento... e ajudar-te-ei, se preciso for, contra o teu pai, no que toca a este assunto, porque quanto a isto estou certa de que vocês têm na verdade razão.

Disse-o tristemente, mas com certa recôndita paixão extraída da sua própria existência, e Yuan admirou-se de lhe ver mudarem e chisparem os pequeninos olhos serenos, ao mesmo tempo que todo o plácido semblante dela se agitava. Mas era muito jovem para pensar mais nos outros do que em si, e o conforto das palavras dela juntava-se ao conforto daquela tranquila casa. Disse, pois, atendendo ao seu desejo: Se eu pudesse ficar aqui uns tempos, até decidir o que devo fazer...

E podes, redarguiu ela com calor. Podes ficar aqui quanto tempo precisares. Sempre quis ter um filho homem, e aí

estás tu.

A verdade é que a senhora tomou-se subitamente de afeição por aquele rapaz alto e moreno; gostou da expressão amplamente honesta do semblante dele, gostou da maneira calma com que ele se movia, e embora não pudesse ser julgado bonito segundo o critério habitual, tendo as maçãs do rosto salientes demais e a boca muito grande, por outro lado era mais alto do que a maioria dos jovens, e ela agradou-se de certo acanhamento e timidez de que ele se revestia ao falar, como se, mesmo forte de vontade, não estivesse muito seguro do seu talento. Todavia, essa delicadeza mostrava-se apenas no conteúdo das suas palavras, porque a voz

40

dele era profunda e bem desenvolvida, uma voz de homem.

E Yuan, vendo como ela simpatizava com ele, ficou ainda mais sensibilizado com isso, pois fazia daquela casa um lar para ele. Após terem conversado mais um pouco, ela conduziu-o a um pequeno quarto que lhe destinara. Chegava-se a esse quarto subindo uma escada, logo seguida de outra menor, de caracol; ficava logo abaixo do telhado, e estava limpo e com todas as coisas de que o rapaz precisava. Quando ela se foi e ele ficou sozinho, o jovem foi olhar pela janela, e lá estavam as ruas iluminadas, toda a cidade luzindo e rebrilhando, e na profunda escuridão ele parecia contemplar um novo céu.

Começava de facto para Yuan uma nova vida, uma vida cheia como jamais sonhara para si. Logo que se levantou, de manhã, se lavou e se vestiu, desceu as escadas e foi encontrar a senhora à espera dele, com a mesma expressão alegre, para o pôr novamente à vontade. Levou Yuan para onde estava servida numa mesa a refeição matinal, e imediatamente começou a expor-lhe os planos que tinha em relação a ele, mas sempre com o máximo cuidado, de modo a não dizer nada que o contrariasse. Primeiro, disse ela, ele devia comprar algumas roupas, já que se achava somente com as que tinha no corpo, e depois mandá-lo-ia para uma escola de rapazes naquela cidade. Declarou: Não há grande pressa, meu filho, para que te ponhas a trabalhar. É preferível, nestes dias, que tenhas uma boa dose dos novos conhecimentos, de Contrário muito pouco terás ganho. Permite que te trate como meu filho. Deixa que faça contigo o que projectei fazer com Ai-lan, se ela tivesse querido. Irás para essa escola até descobrires com clareza nos livros qual o lugar que te compete, e quando tiveres feito isso, então poderás trabalhar, ou, quem sabe, ir por algum tempo para um país estrangeiro. Hoje em dia os rapazes e as raparigas almejam por ir ao estrangeiro, e eu afirmo que isso é uma coisa boa. Sim, embora o teu tio exclame que é um desperdício e que todos eles voltam cheios de si, das suas aptidões e habilidades, e que não se podem aturar, eu continuo a dizer que é bom eles irem aprender o que puderem e depois voltarem para dar os seus conhecimentos ao seu país. Eu só desejava que Ai-lan...Aqui a senhora deteve-se e ficou triste por algum tempo, como se tivesse esquecido o que estava dizendo por causa de alguma atribulação íntima. Mas em seguida tornou a abrir

a fisionomia e disse com resolução: Infelizmente, não devo procurar plasmar a vida de Ai-lan... Se ela não quiser, então está acabado... mas tu, meu filho, não me impeças de te plasmar a ti! Só digo que se quisesses... se quiseres... bem, poderei então cogitar num meio para realizar isso.

Ora, Yuan ficou tão atarantado com toda essa novidade,

41

que mal pôde abrangê-la em toda a sua extensão, gaguejando radiante de alegria: Esteja certa de que não tenho outra coisa a fazer senão agradecer-lhe, senhora, e farei com o máximo contentamento o que diz... Sentou-se, e com a fome revigorada por nova mocidade e com toda a satisfação de um coração repousado num lugar que seria o seu lar, tomou uma refeição reforçada; e a senhora agradeceu-se, riu e disse: Juro que estou contente por teres vindo, Yuan, quanto mais não fosse para te ver comer, porque Ai-lan tem tanto medo de criar uma carnezinha em cima dos ossos, que mal se atreve a comer um bocado, não mais do que come um gatinho, e não há meio de se levantar da cama de manhã, receosa de não resistir à comida ao vê-la. Cuida mais da beleza que de qualquer coisa, esta minha filha. Mas eu gosto de ver os jovens comerem!

Assim dizendo, tomou os seus pauzinhos, escolheu para Yuan os melhores pedaços do peixe e da galinha com os respectivos condimentos, e sentiu muito maior prazer com a fome sadia do jovem do que com o que ela própria comeu.

Assim começou a nova vida de Yuan. Em primeiro lugar a senhora foi às grandes lojas de tecidos de seda e lã importados do estrangeiro, e depois chamou à sua casa alfaiates, os quais mediram e cortaram os tecidos e fizeram para Yuan roupas de acordo com a moda da cidade. E a senhora fê-los apressarem-se, porque Yuan ainda vestia o seu velho traje, muito folgado e em estilo camponês, e ela não quis deixá-lo ir ver o tio e os primos com tal roupa; pois quando eles souberam que Yuan chegara, tendo Ai-lan certamente ido contar que ele ali se achava, convidaram-no para uma festa de boas-vindas. Mas a senhora manteve-os à distância um dia, até que o melhor fato estivesse pronto, um fato de cetim azul pavão, floreado da mesma cor, com uma curta jaqueta de mangas, de cetim preto. E Yuan ficou contente por ela ter procedido assim, porque, quando vestiu a nova roupa, chamou um barbeiro da cidade para lhe cortar o cabelo e escanhoar os ténues pêlos do rosto, calçou os novos sapatos de couro que a senhora lhe comprara, envergou a jaquetinha de seda preta e pôs na cabeça um chapéu estrangeiro de feltro, como usavam todos os jovens, não pôde deixar de reconhecer, ao contemplar-se num espelho colocado na parede do seu quarto, que parecia um rapaz elegantíssimo, como todos os da cidade, e era muito natural que se alegrasse com isso.

Todavia, essa verificação fê-lo corar; desceu muito acanhado à sala em que a senhora esperava por ele e onde se achava também Ai-lan, a qual ao vê-lo bateu palmas e exclamou: Ah, agora estás um moço lindíssimo, Yuan! E riu tão irritantemente que Yuan

sentiu o sangue subir-lhe impetuoso ao pescoço e ao rosto, afogando-o, a ponto de fazer Ai-lan rir de novo. Mas a senhora

42

repreendeu-a suavemente e pôs-se a rodear Yuan para ver se tudo estava bem, como estava, ficando mais uma vez satisfeita, porque o corpo dele era robusto e direito, e a sua esplêndida apresentação recompensava abundantemente as canseiras dela.

Dois dias depois, foi celebrada a festa, e Yuan compareceu com sua irmã e com a senhora, a quem já chamava mãe e a palavra de certo modo vinha-lhe aos lábios com mais facilidade do que quando se tratava da sua verdadeira mãe e da casa do tio.

Foram num veículo que não era puxado por cavalos, mas sim impulsionado por um mecanismo escondido nas suas próprias entranhas e dirigido por um criado; Yuan nunca se sentara numa coisa daquelas, mas gostou muito, porque aquilo deslizava rapidamente como se fosse sobre gelo.

Enquanto andavam e antes de alcançarem a casa do tio, Yuan ficou sabendo muita coisa a respeito deste, das tias e dos primos, pois Ai-lan falou sobre eles, contando isto e mais aquilo, rindo enquanto contava, com olhares astutos e trejeitos da sua boquinha vermelha e redonda, quando completava cada frase.

Ouvindo-a falar, Wang Yuan reconhecia de facto os retratos fiéis dos seus parentes, e apesar da correcção que devia manter, riu, tão mordaz e maliciosa era ela. Viu o tio quando ela o descreveu assim: Uma verdadeira montanha, Yuan, com tamanha pança à frente que garanto que precisava de outra perna para a sustentar, e com a cara mais baixa que os ombros, e careca como um sacerdote! Mas está longe de ser um sacerdote, Yuan; só se revolta contra a gordura, porque não pode dançar como os filhos... e mesmo assim ainda imagina abraçar uma rapariga e tê-la junto de si... Diante desse pensamento, a jovem estourou a rir, e a mãe disse-lhe com brandura, mas também com rugas de riso nos olhos: Ai-lan, toma cuidado com as tuas palavras, minha filha. Ele é teu tio.

Sim, e por isso digo o que me agrada, respondeu ela descaradamente. E a minha tia, Yuan, a primeira senhora dele, odeia isto aqui e suspira por voltar para o interior. Mas em todo o caso tem medo de o deixar, porque pode agarrá-lo qualquer rapariga por causa do dinheiro que ele tem, e sendo moderna não querará ser concubina mas sim legítima esposa, pondo assim de lado a minha tia. Pelo menos neste ponto, as duas mulheres dele estão de acordo: não querem deixá-lo arranjar uma terceira... uma espécie de liga de mulheres nestes dias, Yuan... E os meus três primos... Bem, o mais velho é casado, como sabes, e a mulher dele é quem canta de galo lá em casa, manda nele furiosamente, de modo que o meu pobre primo tem que ir em busca do prazer às escondidas. Mas ela é tão esperta que lhe fareja um novo perfume, descobre-lhe manchas de pó de arroz no casaco, ou vasculha-lhe os bolsos, à procura de uma carta; e ele é a cópia

43

do pai. O nosso segundo primo, Cheng... esse é poeta, um belo

poeta, escreve poesias para as revistas e histórias a respeito de mortes por amor, e é uma espécie de rebelde, um rebelde gentil, bonito e sorridente, sempre com amores novos. Mas o nosso terceiro primo é que é de facto o rebelde, Yuan. É um revolucionário... sei que é!

Ouvindo isto, a mãe exclamou, ardorosa: Ai-lan, toma cuidado com o que dizes! Não te esqueças de que ele é nosso parente, e essa palavra é perigosa, aqui na cidade, nos tempos que correm.

Foi ele próprio quem me disse, replicou Ai-lan, baixando, porém, a voz, e lançando um olhar rápido às costas do homem que guiava o veículo.

Tudo isto disse ela, e muito mais, de modo que, quando Yuan entrou na casa do tio, conhecia todos através do falatório da irmã. Era uma casa diferente, na verdade, da casa grande que Wang Lung comprara e deixara aos filhos, naquela antiga cidade provinciana do Norte: velha e ampla, as suas salas eram grandes e sombrias, ou então pequenas e escuras em torno dos pátios, e não tinha andar superior, mas as salas estendiam-se uma ao lado da outra, e o espaço era abundante, e o telhado era feito de vetustas vigas, e as janelas tinham esteiras de uma espécie de cortiça, vindas do Sul.

Mas essa nova casa na cidade, de feitio estrangeiro, erguia-se numa rua com outras semelhantes, que se espremiavam contra ela. Eram casas estrangeiras, altas, compridas, estreitas, sem um único pátio ou jardim, e as salas eram contíguas, acanhadas, e fortemente iluminadas através de muitas janelas envidraçadas e sem esteiras. A luz do Sol penetrava nos quartos, firme e reluzente, fazendo brilhar as cores e os matizes nas paredes e nas cadeiras e mesas cobertas de cetim floreado, e as sedas lustrosas das roupas das mulheres o rubro dos seus lábios pintados, de modo que, quando Yuan entrou no salão onde estavam todos os seus parentes, deparou ali com um resplendor que era excessivo para ser belo. O tio levantou-se, com as mãos a segurar o imenso ventre que se erguia dos joelhos, ventre de onde as roupas de brocado pendiam como cortinas, e respirando com dificuldade saudou as visitas: Bem-vindos sejam, minha cunhada, e filho do meu irmão, e Ai-lan! Ora viva, este Yuan é um rapagão alto e taciturno, como o pai... não, como o pai não, garanto... um pouco mais tranquilo que um tigre, talvez...

Riu vibrante e, a arquejar, tornou a sentar-se com esforço, e ergueu-se a mulher: Yuan, olhando de soslaio, viu que era uma senhora elegante, de rosto envelhecido, simples e adequadamente vestida com saia e casaco de cetim preto, as mãos cruzadas e metidas nas mangas, e os pèzinhos cingidos sustentando-a com insegurança. Cumprimentou-os e disse: Faço votos por que estejam bem,

44

minha concunhada e meu sobrinho. Ai-lan, estás magra... muito magra. Estas raparigas hoje em dia fazem dieta de fome e usam os seus vestidinhos tão ajustados que são tão atrevidos como as roupas dos homens. Por favor, sente-se, cunhada...

Perto dela estava uma mulher que Yuan não conhecia, uma

mulher de rosto reles e rosado, com a pele a rebrilhar, lavada com sabão, e os cabelos puxados sobre a testa à moda do campo, e os olhos extremamente brilhantes, mas não muito vivos. Ninguém pensou em dizer o nome dessa mulher, e Yuan não sabia se era uma criada; até que a senhora que era agora sua mãe lhe fez um bondoso cumprimento, pelo qual Yuan percebeu que se tratava da concubina do tio. Fez então um leve movimento de cabeça, e a mulher corou e inclinou-se como fazem as mulheres do interior, com as mãos cruzadas dentro das mangas, mas não disse nada. Feitas todas as saudações, os primos chamaram Yuan para vir tomar chá à parte com eles numa outra sala, e ele e Ai-lan foram, contentes por se livrarem dos mais velhos. E Yuan ficou silencioso a ouvir o tagarelar daqueles que se conheciam bem uns aos outros e para quem apenas ele era estranho, embora fosse primo. Examinou atentamente, um por um, o seu primo mais velho que já não era jovem, nem tão-pouco esbelto, pois o ventre crescia-lhe do mesmo modo que o do pai. Tinha um ar um tanto exótico, na sua fatiota estrangeira, de lã escura, mas o seu rosto pálido ainda era formoso, as suas mãos delicadas e lisas, e o seu olhar inquieto e errante fixava-se precisamente na jovem prima, de maneira que a linda esposa de voz aguda chamou; O com certo escárnio, que introduziu manhosamente numa outra coisa que dizia. E havia Cheng, o poeta, seu segundo primo, de cabelos lisos, que lhe caíam compridos em torno do rosto, de dedos longos, pálidos e delicados, com uma expressão estudada de sorridente meditação. Só o jovem terceiro primo não era de maneiras afáveis. Era um rapazinho de mais ou menos dezasseis anos, trajando um uniforme vulgar de escola, pardo e abotoado até ao pescoço; o rosto de traços grosseiros e cheio de espinhas não era bonito, e as mãos eram angulosas e frouxas, sobressaindo muito das mangas. Limitava-se a estar calado enquanto os outros tagarelavam, comendo famêlicamente amendoins de um prato próximo, e todavia com tal expressão de melancolia juvenil no semblante que dir-se-ia que ele os comia inteiramente contra sua vontade. Pela sala, entre os pés de todos, corriam crianças, filhos menores, um petiz de dez e outro de oito anos, duas meninas, um pimpolho de dois anos, amarrado por uma faixa de pano que uma criada segurava, e um bebé de colo, mamando no seio de uma ama de leite. Todas estas crianças eram filhas da concubina do tio de Yuan e dos primos mais velhos deste, mas Yuan era esquivo a crianças e não tomou contacto com elas.

45

A princípio, a conversa foi entre os outros, e Yuan guardou silêncio, pois enquanto o convidavam a servir-se à vontade dos variados doces que estavam perto, em pratos colocados sobre mesinhas, e enquanto a esposa do seu primo mais velho chamava uma criada para servir o chá, aparentemente esqueceram-no, não dando atenção às cortesias em que ele fora educado. Ocupou-se, portanto, a quebrar algumas nozes sem fazer muito barulho, a sorver o chá e a escutar, dando de vez em quando,

timidamente, pedaços de noz a uma criança que os engolia vorazmente e sem nenhuma palavra de agradecimento.

Mas a conversa entre os primos não tardou a amainar.

O mais velho deles, verdade seja dita, perguntou a Yuan uma ou duas coisas como, por exemplo, para que escola iria, e quando ouviu em resposta que era possível que Yuan fosse para o estrangeiro, disse, sentindo inveja: Eu bem gostaria de ter ido, mas o meu pai nunca quis gastar dinheiro comigo. Em seguida, bocejou, meteu o dedo no nariz, ficou absorto, e por fim segurou pelos joelhos o mais novo dos seus irmãos crescidos, dando-lhe a comer doces, e arremedando-o durante algum tempo, rindo ao vê-lo zangar-se, e rindo ainda mais quando o rapazinho lhe assestou socos furiosos. Ai-lan estava a conversar em voz baixa com a esposa do primo, e a esposa do primo falava num tom raivoso mas em surdina; Yuan, em todo o caso, conseguiu ouvi-la e perceber que a conversa se referia à sogra e às exigências que ela fazia de coisas que uma mulher moderna não admite de outra.

com esta casa cheia de criadas ela chama-me para lhe servir a chávena de chá, Ai-lan... e repreende-me se há um consumo maior de arroz este mês do que no mês passado! Juro que não posso suportar mais isto. São poucas as mulheres que hoje em dia moram na mesma casa com os pais dos maridos, e eu não morarei mais!

E ouviu ainda muito mais dessa conversa de mulheres.

Mas de todos, aquele para quem Yuan olhou com maior curiosidade

foi o seu segundo primo, Cheng, a quem Ai-lan chamava poeta; tal curiosidade devia-se em parte ao facto de Yuan também gostar de versos, e em parte por apreciar a elegância do jovem, de uma esbelta graciosidade, que se tornava mais viva e mais ressaltava por envergar um traje estrangeiro, escuro e simples.

O rapaz era bonito, e como Yuan apreciava muito a beleza, mal podia desviar os olhos do rosto oval e alourado de Cheng, semelhante a um damasco como o de uma rapariga, um rosto suave, sonhador e de olhar sombrio; havia um quê de sentimental naquele primo, um certo ar de compreensão íntima, que atraíu o coração de Yuan e fez nascer nele o desejo de falar com Cheng.

Mas nem Cheng nem Meng diziam nada, e Cheng em breve

46

pôs-se a ler um livro, e, quando as nozes se acabaram, Meng foi-se embora.

Naquela sala apinhada de gente, não era fácil falar. As crianças choravam por qualquer coisinha, as portas rangiam ao constante vaivém dos criados que entravam com chá e acepipes, e além disso havia os cochichos da esposa do primo mais velho, e as risadas de Ai-lan e, ainda, o seu interesse zombeteiro pelas histórias que escutava.

Assim se passou uma longa tarde. Houve um lauto jantar, no qual o tio e o primo mais velho comeram incrivelmente, queixando-se ambos quando algum prato se revelava abaixo das suas expectativas, comparando a qualidade culinária dos pratos de carne e dos doces, fazendo sonoros elogios quando um prato era bom, e chamando o cozinheiro para lhes vir escutar os julgamentos.

O cozinheiro veio, com o avental preto de porcaria devido às suas actividades, e ouviu ansiosamente, com o rosto oleoso todo sorrisos, se era elogiado, e fazendo promessas de cabeça baixa, se era censurado.

Quanto à esposa do tio de Yuan, estava ocupada, por motivos particulares, a investigar se tal prato era de carne ou cozido com toucinho, ou se levava algum ovo, porque, agora na velhice, fizera o voto budista de não comer carne, e tinha o seu próprio cozinheiro, que lhe preparava refeições vegetarianas, imitando engenhosamente toda a espécie de pratos de carne, de modo que um manjar que se poderia jurar ser ovos de pomba não continha na verdade nem um só ovo de pomba, e um outro que acontecia parecer um peixe com olhos e escamas, era uma imitação habilidosa, a ponto de se acreditar ser mesmo um peixe, até que, ao cortá-lo se via que não havia nem carne nem espinhas. A senhora mantinha a concubina do marido ocupada em cuidar de tudo isso, e fazia-o ostensivamente, dizendo: Senhora, isto devia ser uma tarefa para a esposa do meu filho, mas nestes tempos modernos as esposas dos filhos não são o que eram. Não tenho nora, praticamente, não tenho nora.

E a esposa do filho mantinha-se erecta muito bonita mas imperturbável, fingindo não ouvir nada de toda essa conversa.

A concubina, porém, sendo de génio afável e sempre amiga da concórdia, respondeu amavelmente: Não faz mal, senhora. Gosto de estar ocupada.

Ocupava-se, de facto, com uma porção de pequenas coisas e conservava a paz apesar de tudo: uma mulher corada, lhana, sadia e sempre risonha, cuja maior felicidade consistia em dispor de algum tempo para fazer bordados nos seus sapatos ou nos sapatos dos filhos. Constantemente tinha a seu lado retalhos de cetim, moldes de papel delicadamente recortados, com flores, pássaros e folhas, e tinha sempre à mão, penduradas ao pescoço, 47

muitas sedas coloridas, e em torno do dedo médio estava sempre o seu dedal de latão; e isto é tanto verdade que, muitas vezes, de noite, se esquecia e dormia com ele, ou então fartava-se de procurá-lo, admirada, e acabava por achá-lo no dedo, e desatava na mais alta, alegre e infantil das gargalhadas, rindo de si mesma, até que todos os que a ouviam se punham também a rir.

No meio das conversas e do barulho dessa família, no meio de todo o choraminger das crianças e do tumulto da comezaina, a senhora instruída manteve a sua serena dignidade, respondendo a quem lhe falava, comendo delicadamente e sem dar demasiada atenção ao que comia, e mostrando-se cortês até com uma criança. O seu olhar grave e meigo chegou mesmo, por sua própria seriedade

contemplativa, a refrear a língua por demais desenvolta e os olhos excessivamente cintilantes de Ai-lan, que não deixavam escapar nenhum motivo de riso, e em toda aquela roda, como quer que fosse, a sua presença impunha-se, benevolente, tornando todos mais bondosos e corteses. Notando isso, Yuan tomou-se ainda de mais respeito por ela, sentindo-se orgulhoso por lhe chamar mãe. Por curto espaço de tempo, Yuan viveu livre de cuidados, como jamais sonhara que uma vida pudesse ser. Confiava tudo à senhora e obedecia-lhe como se fosse seu filho, mas obedecia-lhe pronta e prazenteiramente, porque ela nunca lhe dava uma ordem: pelo contrário, perguntava-lhe sempre se um certo projecto que concebera estava de acordo com o que ele mais gostaria de fazer, e estabelecia-o tão bondosamente que Yuan julgava que ele próprio teria escolhido aquilo se tivesse pensado primeiro que ela no assunto. Um dia ela disse-lhe, quando se achavam sozinhos à mesa da refeição matinal, a que Ai-lan nunca comparecia:

Meu filho, é uma falta de generosidade deixar o teu pai na ignorância do lugar em que estás. Se te agradar, eu própria escreverei uma carta dizendo que te achas são e seguro comigo, e que estás salvo dos inimigos dele, já que aqui, nesta cidade do litoral, estamos sob o governo de estrangeiros, que não deixam chegar as guerras aqui. Pedirei que ele te dispense desse casamento e que te dê a liberdade de escolher um dia por ti mesmo, como fazem os jovens actualmente, e avisá-lo-ei de que vais para uma escola de aqui, que estás passando bem, e que cuidarei de ti, porque és meu filho.

Yuan nunca estivera à vontade junto do pai. Agora, quando, durante o dia, andava de um lado para o outro, pelas ruas, a ver coisas, quando se misturava com a estranha gente da cidade ou quando, naquela casa limpa e tranquila, se entretinha com os livros que comprara para ir à nova escola, podia cogitar de ter as suas vontades, podia bradar que tinha direito a viver aquela vida livre, e o pai não o podia forçar a regressar. Mas durante a noite, ou quando acordava de madrugada, por ainda não estar

48

acostumado ao ruído que subia das ruas de manhã cedo, então a liberdade afigurava-se-lhe uma coisa impossível, e algo do seu antigo medo infantil voltava a oprimi-lo, fazendo-o monologar:

«Duvido que possa continuar aqui. Que será de mim se ele me vier buscar com os seus soldados para me levar outra vez?»

Nessas ocasiões, Yuan esquecia as muitas bondades e o muito amor do pai, esquecia a sua velhice e doença, só recordando como ele tantas vezes se encolerizava e estava sempre inclinado a impor a sua própria vontade; e Yuan sentia novamente assomarem-lhe aos olhos as velhas e tristes lágrimas fatigadas da infância. Já muitas vezes tinha matutado na maneira de escrever ao pai uma carta de desculpas, ou então de se esconder de novo se ele viesse.

Assim, pois, quando a senhora disse aquilo, pareceu-lhe o meio mais fácil e seguro, exclamando com gratidão: É a melhor coisa que pode fazer para me ajudar, mãe. E depois de ter

pensado um pouco, enquanto comia, com o coração aliviado, ousou ser um tanto voluntarioso e acrescentou: Quando escrever, porém, escreva com bastante clareza, porque os olhos dele já não são como eram, e diga sem sombra de dúvida que eu não voltarei para ser casado por ele. Nunca mais voltarei, nem mesmo para o ver, se correr o risco dessa escravidão.

A senhora sorriu calmamente desse ardor, e disse com mansidão: Sim, direi isso, mas mais cortesmente e parecia tão tranquila e segura, que Yuan perdeu os últimos temores e confiou nela como confiaria se fosse carne da sua carne. Passou a não sentir medo, mas sim segurança na sua vida ali, e voltou-se ardentemente para as muitas obrigações dessa vida.

Até então, a existência de Yuan fora simplicíssima. Nos pátios do pai sempre fizera as poucas coisas que eram as únicas que podia fazer, e na escola de guerra, o único outro lugar que ele conhecia, encontrara em quase tudo a mesma simplicidade dos livros e do estudo da arte da guerra, e da palestra e amizade dos rapazes que conheceu nas curtas horas de recreio que tinham (porque lá não lhes era permitido vaguearem a seu bel-prazer entre o povo, recebendo, sim, um preparo severo para a sua causa e para a próxima guerra ao serviço dela).

Mas nessa grande cidade barulhenta e apressada viu a sua vida como um livro cujas páginas devia ler imediatamente, de modo que viveu uma porção de diferentes espécies de vida, e estava tão ávido, tão cúpido e tão inflamado, que foi incapaz de dispensar qualquer uma delas.

Ali bem junto dele, naquela casa, estava a vida alegre por que suspirara. Yuan, que nunca rira com outras crianças, nem se divertira, nem descurara os seus deveres, encontrava agora uma nova infância tardia com a sua irmã Ai-lan. Os dois podiam

4-c. D.

49

discutir sem raiva, podiam distrair-se com qualquer jogo da sua invenção, e provocavam o riso mutuamente, até que Yuan se esquecia de tudo, menos de rir. A princípio, acanhava-se perto dela, e em vez de rir, sorria apenas, sentindo o coração embaraçado de modo que não era capaz de expandir-se livremente. Aprendera durante tanto tempo que devia ser moderado e sério, que devia mover-se com dignidade e lentidão, mantendo o semblante imperturbável e sisudo e respondendo, depois de reflectir maduramente, que não sabia o que fazer com aquela rapariga provocante que zombava dele, que lhe arremedava o ar grave com o seu pequenino rosto luminoso, e que o tornava tão semelhante ao rosto comprido dele, que a senhora não podia deixar de sorrir, e o próprio Yuan via-se obrigado a rir, embora a princípio não soubesse bem se gostava ou não de ser assim caçoado, já que anteriormente nunca ninguém o fizera. Mas Ai-lan não o deixava ficar sério. Não; não descansava enquanto não o fazia revidar-lhe as graças, e era suficientemente equitativa para o aclamar quando ele por sua vez dizia um bom gracejo.

Um dia disse: Mãe, este nosso velho sábio está a tornar-se

outra vez jovem, posso garantir! Vamos fazer dele um rapazinho, de novo. Sei o que devemos fazer... devemos comprar-lhe roupas estrangeiras, e eu vou ensiná-lo a dançar; há-de ir dançar comigo algumas vezes!

Mas isso já era demais para o recente júbilo de Yuan. Sabia que muitas vezes Ai-lan saía para se atirar a esse prazer chamado dança, e de vez em quando via gente a dançar ao passar por alguma casa alegremente iluminada; tal passatempo, todavia, fazia-o sempre desviar os olhos, parecendo-lhe muito atrevimento que um homem agarrasse uma mulher, apertando-a contra si, uma mulher que não era sua esposa, e mesmo que ela fosse sua esposa parecia-lhe uma coisa que não devia ser feita assim publicamente.

Mas quando Ai-lan reparou nessa súbita casmurrice dele, tornou-se teimosa e persistiu na sua ideia; e quando ele disse, timidamente, à guisa de desculpa: Nunca seria capaz de fazer tal coisa. As minhas pernas são muito compridas. Ela respondeu: As pernas de alguns estrangeiros são mais compridas do que as tuas, e entretanto eles fazem isso. Uma noite, dancei com um homem branco na casa de Luísa Ling, e juro que o meu cabelo dava pelo botão do colete dele, e nem por isso ele deixou de dançar como uma árvore alta ao vento. Não, inventa outra desculpa, Yuan!

E como o jovem fosse tímido demais para declarar a verdadeira razão, ela riu, e sacudindo o dedinho indicador diante do rosto dele, disse: Sei o que é... pensas que todas as raparigas se vão apaixonar por ti, e tu tens medo do amor!

A senhora então interveio com um sorriso: Ai-lan... Ai-lan...

50

não sejas tão atrevida, minha filha, e Yuan riu, um tanto desajeitado, deixando passar aquele momento.

(Mas Ai-lan não deixava passar as oportunidades e todos os dias afirmava ao jovem: Não me hás-de escapar, Yuan... Ainda te hei-de ensinar a dançar! Muitos dos seus dias eram tão cheios de horas de divertimento que ao chegar a correr da escola atirava os livros para um canto e mudava de roupa, vestindo-se de cores mais alegres; tornava a sair para ir ver uma peça de teatro ou uma película no cinema, onde tudo era tão parecido com a vida, que as pessoas se moviam e falavam; e mesmo nos dias em que via Yuan apenas por um momento, espicaçava-o, dizendo que ia começar qualquer dia e que ele se adaptasse com coragem à ideia de dançar.

O que podia chegar a acontecer devido a Ai-lan, Yuan era incapaz de dizer, porque ainda temia as lindas garotas tagarelas; que andavam com Ai-lan, e às quais, embora ela as apresentasse a ele pelos nomes e lhes dissesse: Este é o meu irmão Yuan ele ainda não as conhecia, tanto elas se pareciam umas com as outras e tão bonitas eram. Tinha também medo de algo que era mais profundo nele do que a impressão dessas lindas raparigas, uma certa força secreta que temia fosse incitada vivamente pelas

mãozinhas displicentes delas.

Mas um dia sucedeu uma coisa que veio ajudar Ai-lan na sua malícia. Foi uma noite em que Yuan saiu do quarto para jantar e encontrou a senhora a quem chamava mãe, esperando sozinha por ele à mesa, na sala silenciosíssima porque Ai-lan não se achava ali. Isso não surpreendeu Yuan, já que frequentemente os dois comiam sozinhos, enquanto Ai-lan se ausentava para qualquer diversão com as amigas. E nessa noite, logo que ele tomou o seu lugar à mesa, a senhora disse, com a sua atitude tranquila: Yuan, há muito tempo que tenho vontade de pedir uma coisa, mas, sabendo como tens andado ocupado e ansioso por devorar todos os teus livros, levantando-te cedo e precisando de dormir o mais possível, não a pedi. Mas a verdade é que já esgotei a minha capacidade num certo assunto. Preciso de auxílio, e como te considero um filho de verdade, posso pedir-te o que não posso pedir a mais ninguém.

Yuan experimentou uma grande surpresa, porque aquela senhora era sempre tão segura e tranquila, tão sólida na sua alegria e no seu juízo, que ninguém podia pensar que ela precisasse de um auxílio qualquer de alguém. Ergueu para ela o olhar ; que tinha posto na tigela que segurava, e disse admirado: Fique certa, mãe, que estou pronto a fazer seja o que for, porque a senhora tem sido mais do que minha mãe desde que eu cheguei aqui.

Não há bondade que eu não tenha recebido da senhora.

, Diante da plena benevolência da voz e da expressão dele,

51

um pouco da seriedade dela cedeu. Os seus lábios firmes tremeram, e ela disse: Trata-se da tua irmã. Dei a minha vida a esta filha.

Primeiro, sofri por não ser um menino. A tua mãe e eu concebemos quase ao mesmo tempo, e em seguida o teu pai foi para a guerra, e quando ele voltou nós duas tínhamos dado à luz. Nem sabes, Yuan, quanto desejei que fosses meu. O teu pai nunca... nunca olhava para mim. Sempre senti que ele tinha certa capacidade de sentimentos... um coração estranho e misterioso, mas ninguém, que eu saiba, foi jamais alvo desse sentimento, a não ser tu. Não sei por que razão ele odeia tanto as mulheres. Mas eu sabia que ele desejava muito um filho varão, e todos os meses que ele se ausentava eu costumava dizer comigo que, se desse à luz o filho que ele queria... Não sou tola, Yuan, como a maioria das mulheres... o meu pai transmitiu-me todos os seus conhecimentos.

Sempre pensei que, se o teu pai tivesse ao menos olhado para o que eu realmente sou, se tivesse visto como é o meu coração, poderia ter achado conforto em mim pela pouca instrução que recebi. Mas não, para ele não passei nunca de uma mulher capaz de lhe dar um filho... e não tive um menino, mas sim Ai-lan.

Quando ele regressou da guerra vitorioso, olhou para ti, Yuan, que estavas nos braços da tua mãe aldeã. Eu tinha vestido Ai-lan tão garridamente como um menino, de vermelho e prateado;

era a mais linda das crianças. Mas ele nunca lhe dirigiu o olhar. Por várias vezes, mandei-a a ele sob qualquer pretexto, ou eu mesma a levei, porque ela era tão esperta e adiantada para a sua idade, que eu achei que ele devia ver como ela era. Mas ele tem o mais estranho dos acanhamentos para com todas as criaturas do sexo feminino. Só tinha olhos para ver que ela era uma menina. Por fim, Yuan, na minha solidão, resolvi abandonar os pátios dele... não abertamente, mas com a desculpa de dar instrução à minha filha, e certa de que deixaria Ai-lan ter tudo o que um filho varão costuma ter, e que empregaria o melhor das minhas forças contra essa escravidão de nascer mulher. E ele foi generoso, Yuan... mandou-me dinheiro... não deixou que nos faltasse nada; só não se preocupava em saber se eu estava morta ou viva, eu e também a minha filha... Se eu te ajudo, não é por causa dele, mas por tua própria causa, meu filho.

Ao dizer isso, ela lançou-lhe um profundo olhar, que Yuan compreendeu, ficando confuso por vislumbrar assim o que se passava na vida e nos pensamentos daquela senhora, sentindo-se tímido e mudo diante de tal conhecimento, por causa da ascendência de idade que ela tinha sobre ele. Em seguida ela continuou:

Foi assim que dediquei a minha vida a Ai-lan. E ela foi uma criança alegre e adorável. Punha-me a pensar que talvez um dia ela fosse grande, uma grande pintora ou poetisa, ou ainda, melhor que tudo, uma médica, como o meu pai, porque hoje em dia há

52

mulheres doutoras, ou pelo menos uma dirigente neste novo dia que desponta para as mulheres da nossa terra. Parecia-me que esta criança que eu dera à luz devia ser grande, devia ser tudo aquilo que eu própria almejava, instruída e sábia em todas as coisas. Nunca tive a instrução estrangeira que suspirava por ter. Quando Ai-lan põe de lado os livros escolares, eu leio-os, e lamento ver quanta coisa existe neles que eu nunca saberei... Mas cheguei à conclusão de que ela nunca será grande coisa. O seu único dom está no riso, nos seus gracejos, no seu lindo rosto e na sua maneira cativante de conquistar corações. Nunca trabalhará com afincos em coisa alguma. Não ama entranhadamente nada, a não ser o prazer... bondosa é, mas sem ser capaz de aprofundar a bondade.

É bondosa porque a vida lhe é mais agradável quando ela é bondosa do que quando o não é. Oh! Conheço a capacidade da minha filha, Yuan... conheço o material que tive de plasmar. Não estou iludida. Os meus sonhos foram-se. Tudo o que eu peço, agora, é que ela faça um bom casamento. Porque ela tem de se casar, Yuan. Ela é dessas que devem estar sob os cuidados de um homem. Foi educada com tal liberdade e é tão voluntariosa que não se casará com ninguém escolhido por mim, e eu vivo numa aflição constante, com medo de que ela se perca com algum rapazola ou com algum tolo- muito velho para ela. Existe mesmo certa maldade nela que a fez, por um momento, olhar duas vezes

para um homem branco e julgar uma honra ser vista na companhia dele. Mas agora não receio isso. Ela tomou outro rumo. Receio antes um homem com quem está constantemente. Nem sempre posso acompanhá-la, e não confio nesses primos nem na esposa do mais velho. Yuan, faça-me este favor, acompanha-a de vez em quando, à noite, e vê se ela não corre perigo.

Nesse instante, em que a sua mãe falava "tão -longamente, Ai-lan entrou vestida para ir à sua diversão. Trajava um vestido comprido e justo, de vivo cor-de-rosa, ornado de prata, e calçava sapatos prateados, estrangeiros e de salto alto; o vestido era decotado, de acordo com a última moda, deixando-lhe à mostra o pescoço delgado, suave, liso e viçoso como o de uma criança, e as mangas por sua vez não iam abaixo dos ombros, deixando nus os braços e as mãos, que, na sua esbelta beleza, não exibiam os ossos, mas, pelo contrário, estavam cobertos com a mais branda e delicada carne. Nos pulsos, delgados como os de uma criança, mas redondos como os de uma mulher, usava braceletes entalhados de prata e jade, e o cabelo encaracolava-se em torno do adorável rosto pintado, um cabelo lustroso e negro como azeviche. Sobre os ombros, mas não atado, trazia um manto da mais alva e macia das peles, que tirou ao entrar, olhando sorridente, primeiro para Yuan e em seguida para a mãe, sabendo muito bem como estava elegante e inocentemente orgulhosa de toda a sua beleza.

53

Ambos a fitaram sem poderem desviar os olhos dela, e percebendo isso, Ai-lan soltou um risinho sonoro e encantado de puro triunfo. Frustrado assim o olhar fixo da mãe, esta disse calmamente: com quem saís esta noite, minha filha?

com um amigo de Cheng respondeu ela jovialmente.

Um escritor, mãe... famoso pelas histórias que escreve... Wu

Li-yang!

Era um nome que Yuan já ouvira algumas vezes... um homem na verdade célebre por escrever à maneira ocidental contos muito livres e arrojados, cheios de diálogos de amor entre jovens, e que muito frequentemente acabavam com mortes. Yuan não sentia a mínima curiosidade de conhecê-lo, embora lesse às escondidas os contos dele, apesar de sentir vergonha de os ler.

Bem podias uma ou outra vez levar Yuan, disse a mãe suavemente. Já tenho dito que ele estuda demasiado. Deve de vez em quando ir a alguma diversãozinha com a irmã e os primos.

Isso mesmo, Yuan, desde há muito tempo estou pronto a levar-te exclamou Ai-lan, sorrindo profusamente e fitando-o com os seus grandes olhos negros. Mas tens de comprar as roupas de que precisas. Mãe, faça com que ele compre calças e sapatos estrangeiros... dançará melhor com as pernas livres dessas vestes. Oh, como gosto de ver um homem com roupas estrangeiras!...

Vamos comprar tudo para ele amanhã. Bem sabes que não és feio, Yuan. com roupas estrangeiras ficarias tão elegante como outro qualquer. E ensinar-te-ei a dançar, Yuan. Começarei amanhã!

Yuan corou e sacudiu a cabeça, mas não com a sua primitiva decisão, pois tinha presente o que a senhora estivera a dizer-lhe, não podendo deixar de reconhecer que ela fora bondosa para com ele; ali estava agora um meio de lhe retribuir. Ai-lan acrescentou, então: Que vais fazer se não sabes dançar? Não podes ficar sozinho numa mesa... todos nós dançamos, nós, os mais novos! Não resta dúvida de que essa é a moda, Yuandisse a mãe, suspirando um pouco. Uma moda muito estranha e duvidosa, bem sei, que adoptámos do Ocidente, uma moda que detesto e que não posso considerar feliz e sábia, mas em todo caso vigente.

Mãe, a senhora é o espírito mais excêntrico e fora de moda que há, mas mesmo assim adoro-a, disse Ai-lan, rindo.

Mas antes que Yuan pudesse falar, a porta abriu-se dando passagem a Cheng, que vinha vestido com o preto e o branco de um vestuário estrangeiro, e com ele entrou outro homem; Yuan verificou tratar-se do narrador de histórias, e junto deles achava-se uma bonita rapariga, trajada exactamente como Ai-lan, diferindo apenas na cor, que era verde e ouro. Mas todas as raparigas pareciam iguais a Yuan, todas bonitas, todas débeis como crianças, todas pintadas, todas com vozes tilintantes e com

54

pequenas e constantes exclamações de alegria ou lástima. Não reparou na jovem, portanto, mas encarou o famoso rapaz, e viu um homem alto e insinuante, de cara grande, lisa, pálida e muito bonita, de boca estreita e vermelha, estreitos e negros olhos e sobranceiras finas, pretas e rectas. Mas o homem chamava a atenção sobretudo por causa das mãos, que se moviam incessantemente mesmo quando não falava; eram mãos grandes, mas de conformação feminina, com os dedos afinados nas pontas e grossos e macios na base, e a carnação lisa, azeitonada, oleosa e fragrante. Mãos voluptuosas, porque, quando Yuan apertou uma na sua, ao cumprimentar, pareceu-lhe que ela se derretia e escorria càlidamente pelos seus dedos, de modo que Yuan concebeu um ódio repentino por aquele contacto.

Mas Ai-lan e o rapaz trocavam olhares íntimos e intensos, os olhos dele diziam-lhe atrevidamente o que ele pensava da beleza dela; e, vendo isso, a mãe mostrou no semblante a sua preocupação.

Em seguida foram-se os quatro, como uma aragem perfumada, e na sossegada sala de novo Yuan ficou sozinho com a mãe, que o olhou de frente.

Estás vendo, Yuan, o que te peço?disse tranquilamente.

Esse homem já é casado. Sei disso. Pedi que Cheng me informasse; a princípio ele não quis, mas por fim esclareceu-me, dizendo

que não é considerado agora desonra um homem conversar com outras mulheres, se a sua é antiquada e foi escolhida pelos pais. Mas eu quisera que isso não se desse com a minha filha, Yuan!

Eu vouldisse Yuan, conseguindo agora esquecer o que lhe parecera errado, porque ia fazer aquilo por causa da senhora sua mãe.

Veio a suceder, assim que Yuan comprou roupas estrangeiras.

Ai-lan e a sua mãe foram com ele a uma loja estrangeira, na qual um alfaiate lhe tomou as medidas e lhe examinou o talhe; foi escolhido fino tecido preto para um traje, e outro forte, castanho escuro, para um fato destinado a usar de dia. Compraram-se sapatos de couro, chapéu e luvas, e todas essas coisinhas usadas pelos homens estrangeiros, e entretanto Ai-lan tagarelava e ria, agitando as lindas mãos para puxar isto ou empurrar aquilo, e punha a cabeça de lado e encarava Yuan, para ver o que o fazia mais bonito, até que Yuan, um tanto acanhado e envergonhado, também começou a rir, mostrando-se alegre como jamais o fora na vida inteira. O próprio caixeiro riu com a conversa de Ai-lan e olhou dissimuladamente para ela, tão verdadeiramente livre e bonita era a jovem. Só a mãe suspirava enquanto ela ria, porque aquela rapariga não se preocupava com o que dizia ou fazia, cuidando apenas de fazer os outros rir e procurando, sem o saber, descobrir

55

o que expressavam os olhos alheios; e se a achavam bonita, o que sempre acontecia, tornava-se então ainda mais divertida.

Deste modo Yuan se trajou, e a verdade é que, acostumando-se imediatamente a uma certa sensação de nudez nas pernas (estava habituado às suas roupas balouçantes), ficou gostando imensamente da indumentária estrangeira. Permitia-lhe caminhar livremente, e gostou dos muitos bolsos, onde podia guardar pequenas coisas de que precisava todo o dia. Verdade era, também, que lhe foi agradável, no primeiro dia em que envergou novo fato, ver Ai-lan bater com as mãos e ouvi-la exclamar: Yuan, estás maravilhoso! Mãe, olhe para ele! Não lhe assenta bem? Essa gravata encarnada... eu sabia que ia ficar um encanto, a contrastar com a pele morena dele, e de facto fica... Yuan, sentirei orgulho em ti! Olhe, a propósito... Sr.a Ching, este é o meu irmão Yuan. Desejo que sejam amigos. Sr.a Li, o meu irmão!

E a jovem fingiu, assim, apresentá-lo a uma fila de bonitas raparigas e Yuan, não sabendo como reagir contra o seu acanhamento, pôs-se a sorrir penosamente, as faces rubras como a gravata nova. Em tudo isso, porém, havia qualquer coisa de doce, e quando Ai-lan abriu uma máquina de música que tinha e fez a música espalhar-se pela sala, e quando o agarrou e lhe pôs o braço em torno dela e lhe tomou a mão e delicadamente o obrigou a mover-se, ele deixou-a agir, meio confuso, achando aquilo todavia bastante agradável. Verificou haver em si um ritmo natural, de modo que não tardou muito que os seus pés se mexessem espontaneamente segundo o compasso que a música indicava, e Ai-lan ficou encantada diante da facilidade com que ele aprendia a mover-se de acordo com a música.

Assim Yuan deu início a esse novo prazer; pois julgava que era um prazer. Às vezes, sentia-se envergonhado de o desejar excitadamente no sangue, e quando tal desejo surgia, tinha de se refrear, porque tinha vontade de apertar mais a jovem com quem dançava, fosse ela quem fosse, e de se entregar, ele e ela, ao desejo. Não era na verdade uma coisa fácil para Yuan que até então jamais tocara sequer na mão de uma rapariga, nem falara com rapariga alguma, além de sua irmã e de sua primaandar para lá e para cá em salas iluminadas e quentes, ao estranho e destorcido ritmo de músicas estrangeiras, e tendo mesmo nos braços uma jovem. A princípio, na primeira noite, fora de tal modo invadido ' pelo medo de que os seus pés o traíssem e de que errasse os passos, que não pudera pensar noutra coisa senão como movê-los adequadamente.

Mas em breve os seus pés mexiam-se macia e naturalmente como qualquer outro par de pés, guiados pela música, de modo que Yuan já não precisava de pensar neles. Entre a gente de todas as

56

raças e nações que se reunia nas casas de diversão daquela cidade, Yuan não passava de mais uma peça de engrenagem, perdido entre aqueles estranhos que não o conheciam. Estava sozinho e sentia-se sozinho com uma rapariga encostada ao seu corpo e com a mão dela na dele. Não viu, nesses primeiros dias, uma rapariga melhor que qualquer outra; todas eram bonitas, todas eram amigas de Ai-lan, todas eram bem dispostas e portavam-se com ele como com qualquer outro, e tudo o que Yuan queria era uma rapariga para segurar e para inflamar o coração com um fogo brando, doce, abafado, ao qual ele não ousava ceder.

Se mais tarde se envergonhava, quando era refrigerado pela luz do dia e pela sobriedade das salas de aula, não precisava contudo de dizer a si próprio que aquilo era perigoso e que devia evitá-lo, já que tinha um dever para com a senhora e podia afirmar que estava a ajudá-la.

E a verdade é que tinha o máximo cuidado em vigiar a irmã; no fim da diversão de cada noite esperava que Ai-lan se aprontasse para regressar a casa, e nunca pedia a outra rapariga que fosse com ele, senão tinha de levá-la a casa e abandonar Ai-lan. Era extremamente cuidadoso, principalmente porque tinha necessidade de justificar a si próprio as horas que gastava assim e mostrava-se mais zeloso ainda porque Wu se encontrava com Ai-lan frequentes vezes. Só uma coisa era capaz de forçar Yuan a esquecer a doce tontura que se insinuava nele às vezes, quando a cadência da música se agitava desmedidamente e a jovem que segurava se achegava muito para junto dele: era ver Ai-lan afastar-se para outra sala com aquele indivíduo chamado Wu ou procurar um alpendre para tomar o fresco. Nessas ocasiões, não conseguia sossegar enquanto a dança não terminava e ia logo à procura de Ai-lan, ficando perto dela.

Mas, é claro, Ai-lan nem sempre tolerava isso. Amiúde agastava-se com ele, e às vezes exclamava raivosa: Gostaria muito, que não andasses tão junto de mim, Yuan! Já é tempo de andares

sozinho, e de arranjares umas raparigas para ti. Não precisas mais de mim. Danças tão bem como qualquer outro. Faço votos para que me deixes livre!

Yuan não dava resposta. Não queria confessar o que a senhora lhe dissera, e Ai-lan, por seu lado, não insistia terminantemente na sua atitude, nem mesmo quando encolerizada. Era como se ela temesse dizer uma coisa que não queria que fosse divulgada; mas quando não se achava enraivecida, era capaz de esquecer as zangas e de ser para ele a mesma alegre companheira de diversão, como sempre.

Por fim, tornou-se ladina e deixou mesmo de se enfurecer com ele. Ria e permitia que ele a seguisse quando quisesse, como se desejasse mantê-lo amigo dela. Onde quer que Ai-lan fosse,

57

lá estava o narrador de histórias. Ele aparentava saber que a mãe da jovem não gostava dele, porque agora nunca ia à casa dela. Mas noutras casas, quer franqueadas ao público quer de amigos, achava-se sempre junto de Ai-lan, como se soubesse onde Ai-lan ia. Yuan começou a observar Ai-lan, quando ela dançava com aquele homem, e viu que nessas ocasiões o pequeno rosto dela se mostrava sério. Essa gravidade era tão estranha nela que Yuan não poucas vezes se afligiu, e uma ou duas esteve prestes a informar a senhora disso. Em todo o caso, não havia nada de positivo a comunicar, porque Ai-lan dançava com muitos homens. Uma noite, ao voltarem juntos, Yuan perguntou à irmã por que razão ela se mostrava tão séria com aquele homem, e rindo enquanto falava, ela respondeu levianamente: Talvez eu não goste de dançar com ele! E crispou a boca, avançando para Yuan os lábios pintados de vermelho, a fim de zombar dele.

Mas então, porque danças? indagou Yuan, sem rebuços, e ela começou a soltar gargalhadas e mais gargalhadas, com certa malícia oculta nos olhos, replicando por fim: Não posso ser grosseira, Yuan! Deste modo, ele tirou isso do espírito, embora nutrindo algumas suspeitas e continuando o caso a empanar-lhe o prazer.

Uma outra coisa lhe estragou também a alegria, uma coisinha vulgar, mas que estava presente. Cada vez que Yuan saía dos salões nocturnos, aquecidos e brilhantes, onde havia flores, comestíveis e vinho desperdiçados, em quantidade maior do que a necessária, parecia entrar naquele outro mundo que desejava esquecer. É que, nas trevas da noite ou na penumbra da madrugada, os mendigos e os miseráveis desesperados acotovelvavam-se junto às portas, alguns para tentar receber esmolas e dormir, mas outros para entrar furtivamente, como cães vadios, nas casas de diversão, depois de os frequentadores se retirarem, rastejando debaixo das mesas para arrebatam os restos de comida para ali atirados. Isso não durava mais do que um breve momento, porque

os criados vociferavam, davam-lhes pontapés, arrastavam-nos pelas pernas e aferrolhavam as portas para lhes impedir a entrada. Ai-lan e as suas companhias nunca viam essas lastimáveis criaturas ou, se as viam, não lhes prestavam atenção, estando tão acostumadas a elas como a animais desgarrados, e saíam rindo, chamando-se umas às outras dos seus veículos, e assim alegremente iam para casa e para a cama.

Yuan, porém, via. Mesmo contra a sua vontade, via aqueles pobres, e chegou a acontecer até que, no meio do prazer da noite, no meio da dança e da música, lembrava-se horrorizado do instante em que teria de sair para a rua cinzenta e ver os vultos adúladores e os rostos vorazes dos mendigos. Às vezes, um desses pobres estendia a mão, desesperado com a surdez daquela gente

58

rica e alegre, e a mão permanecia agarrada ao vestido de cetim de uma senhora, pegada a ele.

Então uma voz autoritária de homem bradava: Tira a mão daí! Como ousas pousar a tua mão imunda no vestido de cetim da minha senhora para o sujar? E um polícia dos que por ali se achavam avançava impetuoso e golpeava as sujas garras, para as afastar.

Yuan encolhia-se, curvava a cabeça, e apressava o passo, > porque a sua índole levava-o a sentir como na sua própria carne os golpes do cacete, e era a sua própria mão faminta que recuava e pendia quebrada. Nessa época da sua vida, Yuan apreciava o prazer, sentindo repugnância em ver os pobres, e todavia o seu estofo interior era tal que os via a todos, mesmo quando não desejava vê-los.

Mas agora não havia somente essas noitadas na existência de Yuan. Havia os vigorosos dias de trabalho na escola, entre os companheiros, onde veio a conhecer melhor os seus primos Cheng e Meng, aos quais Ai-lan chamava o Poeta e o Rebelde. Na escola ambos se mostravam como eram, e nas aulas ou nos recreios, ao jogar com uma grande bola, todos eles, os três jovens primos, se esqueciam de si próprios. Sentavam-se atentos nas classes correctamente alinhadas, ou saltavam e gritavam com os colegas, rindo a bandeiras despregadas de alguma jogada mal feita, e Yuan veio a conhecer os primos melhor do que o conseguiria em casa. Em casa, juntos dos mais velhos, os jovens nunca se revelam como são, e assim acontecia com os dois irmãos; Cheng mantinha-se sempre calado e amável para todos, reservado quanto aos seus poemas, e Meng sempre rabugento e propenso a dar pancadas nas mesinhas atravancadas de bugigangas e- chávenas de chá, de modo que sua mãe deblaterava constantemente contra ele: Juro que na minha casa nunca um filho meu foi tão parecido com um filhote de búfalo. Não sabes caminhar com calma

em silêncio, como Cheng ? Contudo, quando Cheng voltava tão tarde das suas diversões, que na manhã seguinte não conseguia levantar-se a tempo para ir à escola, ela gritava: Eu bem digo que sou a mãe mais atribulada deste Mundo; todos os meus filhos são indignos. Porque não ficas decentemente em casa à noite, como Meng? Não o vejo escapar-se de noite, vestido como um diabo estrangeiro, para ir não sei a que mau lugar. É o teu irmão mais velho que te guia no mau caminho, como o pai dele fez com o próprio filho. No fundo a culpa é do teu pai, e eu sempre disse que era.

; Ora, a verdade é que Cheng nunca ia às mesmas casas de | diversão que o seu irmão mais velho, porque Cheng gostava de ! um prazer mais apurado, e Yuan via-o constantemente nas casas 59

de diversão a que Ai-lan comparecia. Por vezes, ia com Yuan e Ai-lan, mas as mais das vezes ia com alguma rapariga a quem de momento amava, e os dois dançavam juntos a noite inteira, silenciosos e com sumo prazer.

Assim os irmãos seguiam os seus caminhos próprios, cada qual absorto numa existência secreta, naquela cidade multitudinária. Mas, embora Cheng e Meng fossem almas tão diversas que facilmente poderiam desavir-se e mais facilmente ainda com o irmão mais velho do que com qualquer outro, porque era muito mais idoso do que eles, posto que havia outros dois irmãos no meio, um dos tais que se enforcara na juventude, por causa do Tigre mesmo assim não tinham desavenças, em parte porque Cheng era um rapaz deveras cavalheiresco e bem humorado que não via em nada razões para brigas, deixando Meng fazer o que bem lhe aprouvesse, mas também porque um conhecia os segredos do outro. Se Meng sabia que Cheng frequentava certos lugares, Cheng sabia que Meng era um revolucionário dissimulado e que tinha também os seus lugares de encontro às escondidas, se bem que por uma causa diferente, em todo o caso por uma causa mais perigosa. Assim, ambos guardavam silêncio um a respeito do outro, e nenhum se defendia diante da mãe à custa do irmão. Mas cada qual, com o decorrer do tempo, veio a conhecer Yuan e a gostar dele, tanto mais que Yuan não contava ao outro o que um deles lhe contava quando estavam a sós.

A escola começou a ser o grande passatempo dos dias de Yuan, porque apreciava verdadeiramente a instrução. Comprou uma porção de livros modernos e levava-os numa pilha debaixo do braço; comprou alguns lápis, e por fim comprou orgulhosamente uma caneta estrangeira, semelhante às que todos os outros estudantes tinham, metendo-a no bolsinho do casaco; pós de lado para sempre o seu velho pincel, a não ser quando escrevia ao pai, uma vez por mês.

Todos os livros eram mágicos para Yuan. Avidamente lhes voltava as páginas limpas e desconhecidas, ansioso por gravar na mente cada palavra, desejoso de aprender e aprender por puro amor ao conhecimento. Levantava-se de madrugada, quando era capaz de acordar cedo, e punha-se a ler os livros, decorando o que não compreendia; guardou assim páginas inteiras na memória. Depois de tomar a refeição matinal sozinho, porque nem Ai-lan' nem sua mãe se levantavam cedo como ele nos dias de aula saía pressuroso, caminhando pelas ruas tranquilas e quase desertas, e era sempre o primeiro a chegar à sala de aulas. E se algum professor chegava também um pouco cedo, Yuan aproveitava a ocasião para aprender, vencendo o seu acanhamento e fazendo quantas perguntas podia. Se às vezes um professor faltava, Yuan

não ficava contente, como os outros estudantes, com essa hora de folga. Não; considerava o facto como uma perda que não podia suportar de bom grado, e passava a hora estudando o que o professor teria ensinado.

Essa aprendizagem era, pois, o mais doce passatempo para Yuan. Não se cansava de aprender a história de todos os países do Mundo, obras estrangeiras e versos, de estudar os corpos dos animais; acima de tudo, gostava de estudar a conformação interior das folhas, das sementes e das raízes das plantas, gostava de saber como a chuva e o Sol fazem a terra arável, quando plantar um certo vegetal produtivo, e como lhe seleccionar as sementes, para aumentar a colheita. Yuan aprendia tudo isso e muito mais. Chegava a cobiçar para o estudo o tempo que gastava a comer e a dormir, mas o seu corpanzil de rapaz estava sempre faminto, sempre necessitado de alimento e repouso. A senhora sua mãe observava-o; mesmo quando não dizia nada, estava a observá-lo, embora ele mal se apercesse disso, e tomava providências para que certos pratos do gosto dele lhe fossem servidos sempre.

Frequentemente, também, Yuan via os primos, tornando-se eles cada dia que passava uma parte da vida de Yuan, pois Cheng estava na mesma aula que ele, e muitas vezes as suas poesias e composições eram lidas em voz alta e elogiadas. Nessas ocasiões, Yuan fitava-o com humilde inveja, desejando que os seus próprios versos tivessem idêntica suavidade de rimas, ainda que Cheng baixasse os olhos modestissimamente, fingindo nada significar para ele ser elogiado. E chegaria a merecer fé, não fosse surgir amiúde naquela linda boca um sorrisinho de orgulho que o -traía sem que ele se apercesse. Quanto a Yuan, 'escrevia agora pouquíssimos poemas, porque vivia excessivamente mergulhado em meditações, e quando escrevia as palavras vinham-lhe atabalhoadamente, de modo que era incapaz de agrupá-las como era necessário. Parecia-lhe que os seus pensamentos eram desmedidamente grandes para ele, informes, nada fáceis de ser apreendidos e reduzidos a palavras. Mesmo quando ele as polia, burilava e tornava a escrevê-las muitas vezes, o velho professor erudito dizia: Isto excita-me a curiosidade, é bastante bonito, mas não percebo exactamente o que queres dizer.

Assim ponderou um dia que Yuan escreveu um poema sobre a semente; Yuan não soube dizer qual a significação exacta, e gaguejou: Eu quis dizer... eu acho que quis dizer que na semente, na mais ínfima partícula da semente, quando é lançada ao solo, existe um instante, um lugar talvez, em que a semente deixa de ser matéria e se transforma numa espécie de espírito, numa energia, numa espécie de vida, um momento entre o espiritual e o material, e se pudessemos apreender esse instante de trans-

mudação, quando a semente começa a germinar, perceber a mudança...

Ah, sim! fez o professor, conservando as suas dúvidas.

Um homem afável e idoso que mantinha os óculos baixos sobre o nariz e que por cima deles olhava agora para Yuan. Ensinava há tantos anos que sabia muito bem o que queria e o que estava certo; baixou os versos de Yuan, ajeitou os óculos e disse um pouco pensativo, enquanto pegava na composição seguinte: Receio que isso não esteja muito claro no seu espírito... Agora, temos aqui um trabalho melhor, chamado «Passeio num Dia de Verão»... muito delicado... Vou lê-lo. Era o poema de Cheng, composto para esse dia.

Yuan manteve silêncio e guardou os seus pensamentos para si próprio, prestando atenção. Invejava em Cheng os belos e lesto pensamentos e as rimas puras; não era, contudo, uma inveja amarga, mas uma inveja cheia de humilde admiração, mesmo quando apreciava secretamente a linda aparência do primo, muito mais evidentemente bela do que a sua.

Todavia, Yuan ignorava a verdadeira natureza de Cheng, porque, apesar de toda a sua aparente franqueza risonha e cortês, ninguém conhecia bem Cheng. Ele podia pronunciar fosse onde fosse as mais gentis palavras de elogio e amabilidade, mas ainda que falasse com frequência e facilidade, o que dizia jamais lhe traduzia o pensamento íntimo. Por vezes chegava e dizia a Yuan: Vamos hoje ver uma fita, depois da escola... há uma ótima fita estrangeira no Teatro Grande Mundo. No entanto, depois de caminharem juntos, estarem sentados três horas a fio e virem de volta, embora Yuan tivesse gostado de estar com o primo, quando pensava nisso conseguia lembrar-se de que Cheng tivesse dito alguma coisa. Lembrava-se apenas de que no cinema escuro vira o rosto sorridente de Cheng e os seus olhos cintilantes, estranhamente ovais. Só uma vez Cheng falou de Meng e da causa que este abraçava: Não sou do grupo deles... nunca hei-de ser um revolucionário.

Prezo imensamente a minha vida, e só amo a beleza.

Só me deixo mover pela beleza. Não tenho vontade alguma de morrer por uma causa. Um dia, atravessarei os mares, e se lá for mais bonito do que aqui, pode ser que nunca mais volte... quem sabe? Não estou disposto a sofrer pelo povo. A plebe é suja e fede a alho. Que morra! Quem sentirá falta dela ?

Disse isto com a mais tranquila satisfação enquanto estavam sentados no teatro engalanado, a correr os olhos pelas mulheres e homens bem vestidos, todos comendo bolinhos e nozes, e fumando cigarros estrangeiros; e podia ter sido a voz de todos eles sobre o assunto. Não obstante estimar muito o primo, Yuan não pôde deixar de sentir um arrepio ante a calma fria daquelas palavras: «Que morra!» É que Yuan ainda odiava a morte, e embora nessa

época da sua vida não estivesse próximo dos pobres, mesmo assim não desejava que eles morressem.

Mas as palavras pronunciadas por Cheng nesse dia incitaram Yuan, noutra ocasião, a indagar mais coisas concernentes a Meng. Yuan e Meng tinham conversado poucas vezes, mas pertenciam à mesma equipa no jogo da bola, e Yuan apreciava o ímpeto das arremetidas e pulos de Meng, que possuía o corpo mais ágil e rijo deles todos. Na sua maior parte os jovens eram pálidos e de músculos relaxados, e vestiam roupas em excesso que despiam com dificuldade, de modo que só lhes restava correr como as crianças, e não seguravam a bola com firmeza, atirando-a em linha torta quais raparigas ou dando-lhe fracos pontapés que a faziam rolar um pouco pelo chão e logo parar. Meng, porém, atirava-se à bola como se ela fosse um inimigo e assestava-lhe o pé calçado com um duro sapato de couro, de modo que ela elevava-se no ar, e ao cair pulava alto, tornando a elevar-se, e todo o corpo dele trepidava no jogo; Yuan gostava tanto disso como da beleza de Cheng.

Um dia indagou de Cheng: Como sabes que Meng é um revolucionário? E Cheng respondeu: Porque me disse. Ele conta-me sempre um pouco do que faz, e acho que sou o único a quem ele fala. Às vezes sinto receio por ele, também. Não me atrevo a contar ao meu pai ou à minha mãe, nem mesmo ao meu irmão mais velho, o que ele faz, porque sei que eles o acusariam, e ele é tão fegoso e rancoroso por natureza que sairia de casa para sempre. Actualmente ele confia em mim e conta-me muita coisa, de modo que eu sei das actividades dele, embora saiba que há segredos que ele não revela, porque fez um severo juramento de patriotismo. Sei que cortou o braço para sangrar e que com esse sangue redigiu o seu juramento.

E existem muitos desses revolucionários entre os nossos colegas? perguntou Yuan, um tanto perturbado; julgara que ali estaria a salvo, e agora parecia não se achar em segurança, pois aquilo era o mesmo que na escola de guerra faziam os seus camaradas a quem não quisera juntar-se.

Muitos respondeu Cheng. E existem também raparigas entre eles.

Yuan ficou de facto pasmado. Havia raparigas entre os estudantes daquela escola, sendo isso um costume naquela moderna e avançada cidade do litoral; a lei permitia que em muitas escolas masculinas ingressassem também jovens do sexo feminino, e embora ainda não fossem muitas as jovens que ousavam instruir-se, mesmo assim havia uma vintena ou duas nessa escola, e Yuan vira-as aqui e acolá pelas salas de aula, mas não lhes prestara atenção, nem as considerara parte da sua vida ali, já que em geral não eram bonitas e estavam sempre curvadas sobre os livros.

Mas a partir desse dia, em que se afligiu com o que Cheng dissera, passou a encará-las com mais curiosidade, e agora, cada vez que cruzava com uma jovem, trazendo ela os livros debaixo

do braço e os olhos postos no chão, indagava consigo próprio se uma criatura tão recatada podia tomar parte na conspiração. Notou especialmente uma, que era a única do seu tipo na aula de que ele e Cheng faziam parte. Era elegante, ossuda como um passarinho faminto, de rosto delicado e doentio, as maçãs salientes, e os lábios finos e pálidos debaixo do nariz recto. Na aula nunca falava, e ninguém sabia quais eram as suas ideias, porque ela não escrevia nem bem nem mal, e não exigia explicações do professor. Mas escutava cada palavra que ele dizia, e apenas nos seus olhos tristonhos e amendoados o seu interesse parecia às vezes cintilar.

Yuan fitava-a curiosamente, até que um dia a jovem percebeu-lhe o olhar fixo e voltou-se para trás; desde então, quando Yuan a olhava, via-a sempre a observá-lo com os seus olhos firmes e misteriosos, e por isso deixou de a encarar. Mas reparando que era arredia de todos, Yuan pediu informações a Cheng, que lhe respondeu rindo:Essa? É do grupo deles! É amiga do Meng... ela e Meng estão sempre a conversar em segredo e a tramar... repara que rosto imperturbável ela tem! As criaturas frias dão os revolucionários mais decididos. Meng é muito excitável.

Hoje mostra-se ardente, e amanhã desesperado. Mas essa rapariga é sempre fria como gelo, dura como gelo, invariavelmente gelo. Detesto raparigas assim, frias e imutáveis. Mas ela esfria Meng quando ele está excitado e faz uma revelação precoce dos planos, e quando ele desespera, a imperturbabilidade dela torna a reanimá-lo. É de uma província do interior onde já há revolução.

Que é que eles planeiam?interrogou Yuan curiosamente, baixando a voz.

Oh! quando o exército chegar eles planeiam recebê-lo Condignamente, replicou Cheng, encolhendo os ombros e afastando-se com aparente indolência de alguém que os podia ouvir.

Na sua maioria, trabalham entre os miseráveis daqui que só ganham uns poucos vinténs por dia, e explicam aos puxadores de jinriquixás como eles são espezinhados, como a polícia estrangeira os oprime cruelmente, e coisas assim, de modo que, se chegar o dia do triunfo, o populacho estará pronto para se levantar e se apoderar do que quiser. Mas espera, Yuan... eles tratarão de ver se nos podem conquistar. Meng virá ver-te qualquer dia destes. O outro dia ele só me perguntou o que é que eras, se serias um revolucionário do coração.

Um dia, afinal, Yuan percebeu que Meng o procurava; o rapaz pousou a mão em Yuan, e segurando-o pelas roupas, disse-

-lhe com o seu habitual mau humor:Somos primos e ainda parecemos estranhos; poucas vezes nos encontramos a sós. Vem comigo à casa de chá da porta da escola, vamos comer juntos. Ora, não ficava bem a Yuan recusar, porque findara a última hora de aula do dia, estando todos livres; e por isso acompanhou Meng. Estiveram algum tempo sentados, sem falar, e afinal

parecia que Meng não tinha nada que estivesse interessado em dizer, porque se limitava a contemplar a rua e a observar os transeuntes, e quando falou foi para dizer um gracejo picante a respeito de uma coisa que viam. Disse ele: Olha aquele ricaço gorducho naquele automóvel! Repara como ele come e como se refastela! É um extorsionário... um usurário, um banqueiro ou dono de uma fábrica. Conheço esses tipos só pelo aspecto! Mal ele sabe que está sentado sobre um vulcão!

Yuan, sabendo o que o primo queria dizer, ficou calado, embora na verdade pensasse consigo que o pai de Meng era ainda mais gordo do que aquele homem.

Depois, Meng disse: Olha aquele homem mourejando no seu jinriquixá... está quase morto de fome... olha, violou algum regulamentozinho. É recém-chegado do campo e ignora que não deve atravessar a rua quando o polícia coloca a mão assim. Olha lá, o que é que eu te disse! Vê como o polícia o esborda... vê como ele detém o jinriquixá e lhe toma as almofadas! Agora, o pobre homem perde o veículo e os ganhos do dia. E, apesar de tudo, hoje à noite é obrigado a pagar o mesmo de sempre no lugar em que aluga o jinriquixá!

E Meng, ao ver aquele espectáculo e observar que o homem do jinriquixá se afastava, curvado de desespero, agitou-se; olhando para ele, Yuan viu com surpresa que aquele estranho rapaz estava chorando de raiva e lutando desajeitadamente contra as lágrimas. Quando Meng reparou que Yuan o fitava com simpatia, disse, meio engasgado: Vamos para um sítio onde se possa conversar.

Juro que não posso suportar isto calado. Palavra que sou capaz de matar um estúpido desses, por suportar com tanta paciência a sua opressão.

E Yuan, para o acalmar, levou-o ao seu próprio quarto, fechou a porta, e deixou que o rapaz desabafasse conversando.

Essa conversa com Meng sacudiu profundamente em Yuan uma espécie de consciência, da qual não desejava lembrar-se.

Yuan gostava imensamente do bem-estar daqueles dias, da alegria e do movimento, do descanso dos deveres, de só fazer o que lhe agradava fazer. Aquelas duas mulheres em casa, sua mãe e sua irmã, não lhe poupavam elogios e carinhos, e ele vivia acalentado por essa amizade. Chegava a esquecer que havia outros que não eram acalentados nem nutridos. Era tão feliz, que não

5-c. D.

65

pensava em nenhuma coisa triste, e se às vezes na penumbra das madrugadas se lembrava de que o pai ainda podia fazer valer a sua autoridade sobre ele, afastava esse pensamento, porque confiava nos recursos que a senhora tinha para o proteger. Ora, esses pobres de quem Meng por força falava fizeram recair sobre

Yuan uma velha sombra, e ele queria esquivar-se a sombras. Entretanto, através dessa conversa, Yuan aprendeu a ver o seu país como nunca ainda o vira. Durante aqueles dias na casa de barro, encarara-o como uma extensão de terras amenas. Vira o lindo corpo do seu país. Mesmo então, não sentira profundamente o povo. Mas ali, nas ruas da cidade, Meng ensinou-o a ver a alma do país. Através de cada observação raivosa que o rapaz mais novo fazia de cada pequeníssima desconsideração feita a qualquer homem humilde ou operário, Yuan aprendeu também a observar. Já que onde quer que haja ricos há também miseráveis, Yuan, indo e vindo pelas ruas, divisou muitos mais deles, porque a maioria era constituída de pobres, paupérrimas crianças mortas de fome, cegas e imundas de doenças, ignorando o que fosse lavar-se, e nas ruas mais claras e brilhantes, ostentando em ambos os lados grandes lojas com toda a espécie de mercadorias, e no alto bandeiras drapejantes de seda e músicos contratados para tocar nos terraços, atraindo multidões de compradores, mesmo nessas ruas os mais asquerosos mendigos lamentavam-se e gemiam, na maioria de faces pálidas e esqueléticas, e dúzias de prostitutas saíam, mesmo antes da noite, a exercer o seu miserável ofício. Viu tudo isso e essas impressões acabaram por ser nele muito mais profundas do que em Meng, porque Meng era um desses que se juncem ao serviço de uma causa, desses que se curvam a tudo para servir a sua causa. Sempre que via um homem faminto, ou os pobres apinhados no lugar em que eram atirados fora os ovos podres de um entreposto que embarcava ovos para terras estrangeiras, e comprando tigeladas deles por um vintém e bebendo aquilo, ou quando via ricos e vagabundos e mulheres pintadas vestidas de seda, rindo e divertindo-se enquanto os pobres suplicavam uma esmola, então a sua cólera explodia, e para tudo tinha este brado de remédio:Essas coisas não melhorarão enquanto a nossa causa não for vitoriosa. Temos que fazer uma revolução! Temos que derrubar todos os ricos, temos que expulsar esses estrangeiros que nos oprimem, temos que elevar os pobres, e só a revolução pode fazer isso. Yuan, quando verás essa luz e aderirás à nossa causa? Nós precisamos de ti... a nossa terra precisa de todos nós!

E Meng voltava os seus olhos inflamados e raivosos para Yuan, como que a cravá-los nele até que ele cedesse.

Mas Yuan não queria prometer, porque temia aquele movimento.

Era o mesmo movimento, afinal de contas, do qual escapara.

66

E Yuan não tinha confiança alguma em que um movimento assim sanasse aqueles males, nem era capaz de odiar um rico com o afinho e o ardor de Meng. A própria corpulência de um rico, o anel no dedo, o forro de peles do casaco, os brincos nas

orelhas de sua mulher, a pintura e o pó no rosto dela, tudo isso fazia Meng apegar-se ainda mais entranhadamente à causa revolucionária.

Mas, mesmo contra vontade, Yuan não podia deixar de ver um traço bondoso, se o havia, no rosto de um rico, ou de notar um assomo de piedade nos olhos de uma mulher pintada que dava uma moeda a um mendigo, ainda que usasse um casaco de cetim; e gostava de risos, quer fossem de ricos quer de pobres; gostava de todos os que riam, mesmo sabendo que eram maus. A verdade é que Meng tinha de amar ou odiar os homens, por serem brancos ou pretos, mas Yuan era absolutamente incapaz de dizer: «Este homem é rico e mau, e aquele é pobre e bom, e, assim, estava inutilizado para qualquer acção sectária, por maior que fosse a causa a ser defendida.

Não era capaz, sequer, de odiar como Meng os estrangeiros que se misturavam com a multidão da cidade. Tendo enorme comércio com todas as partes do Mundo, a cidade estava cheia de estrangeiros das mais diversas cores e línguas, podendo ser vistos em qualquer rua, alguns polidos, mas outros escandalosos, malvados e amiúde bêbados, havendo entre eles muitos pobres e ricos. Se Meng odiava a uns ricos mais do que a outros, era aos ricos estrangeiros; nenhuma crueldade o exasperava tanto como ver um marujo estrangeiro embriagado dar um pontapé num puxador de jinriquixá, ou uma mulher branca comprar qualquer coisa a um vendedor e rebaixar-se a pagar menos do que o preço pedido, ou qualquer dessas cenas vulgares que podem ser presenciadas em qualquer cidade do litoral, em que os homens de muitas nações se encontram e confundem.

Meng era cioso até do espaço em que viviam esses estrangeiros.

Se passava por um, não cedia um palmo de terreno diante dele. O seu rosto comprido e carrancudo de rapaz tornava-se ainda mais sombrio, e erguia os ombros; e se empurrava o estrangeiro, mesmo que fosse uma mulher, do seu caminho, então tanto melhor, e resmungava cheio de ódio: Que é que eles têm a ver com a nossa terra! Vêm roubar-nos e esbulhar-nos. com a sua religião roubam-nos a alma e o espírito, e com o seu comércio roubam-nos os bens e o dinheiro.

Um dia em que Yuan e Meng voltavam juntos da escola para casa, passaram na rua por um homem espigado, cuja pele era branca, de nariz saliente como os homens brancos, mas com olhos e cabelos muito negros, em nada semelhante aos dos brancos.

Meng lançou então ao homem um olhar furibundo e disse a Yuan: Se há uma coisa que acima de todas eu odeio nesta

67

cidade, são esses homens que não são carne nem peixe, mas que têm mistura de sangues, sendo indignos de confiança e cindidos no coração! Não posso compreender como alguém da nossa raça é capaz de se desprezar assim, seja homem ou mulher, a ponto de misturar o seu sangue com sangue estrangeiro. Mataria todos como traidores, mataria homens como esse que passou.

Yuan, porém, lembrou-se forçosamente do agradável aspecto

do homem, da paciência estampada no seu semblante, apesar da palidez, e disse: Ele parecia bastante bondoso. Não posso conceber que ele seja mau, só porque a sua pele é clara e o seu sangue mestiço. Ele não pode ser responsável pelo que os pais fizeram. Mas Meng exclamou: Devias odiá-lo, Yuan! Não sabes o que os homens brancos têm feito ao nosso país, e como nos vexam, como se fôssemos prisioneiros com os seus tratados injustos e cruéis? Não podemos sequer ter leis nossas... porque, se um branco mata um dos nossos compatriotas, não chega a ser punido... não comparecerá ante os nossos tribunais...

Enquanto Meng assim deblaterava, Yuan ouvia, sorrindo como quem se desculpa, porque era muito condescendente diante dos arroubos de outrem, e talvez sentindo que na verdade devia ter ódio por causa dos interesses nacionais, mas sendo incapaz disso.

Yuan ainda não podia, portanto, aderir à causa de Meng.

Quando Meng o solicitava, ele nada dizia, sorria com o seu modo acanhado, e, não sendo *capaz* de afirmar que não queria, apresentava porém a razão de que estava muito ocupado, de que não dispunha de tempo nem mesmo para uma tal causa; por fim, Meng deixou-o em sossego, cessou mesmo de conversar com ele, e ao encontrarem-se fazia apenas uma ou duas grosseiras inclinações de cabeça. Em dias feriados ou de festas patrióticas, quando todos deviam sair a público empunhando bandeiras e entoando canções, Yuan também ia, como todos, para que não lhe chamassem traidor, mas não comparecia a reuniões secretas e não conspirava. Às vezes tinha notícias dos que conspiravam que um deles fora encontrado com uma bomba escondida no quarto para ser lançada contra um grande homem, e que certa vez um grupo de conspiradores espancou um professor, odiado por causa da sua amizade com estrangeiros; mas quando tomava conhecimento dessas coisas, Yuan voltava-se mais firmemente para os seus livros, não querendo tomar interesse por nenhuma outra coisa.

A verdade é que, por essa altura, Yuan vivia cheio de um ardente desejo de conhecer o que era, no fundo, cada uma das coisas. Antes que chegasse a ter uma ideia perfeitamente clara a respeito da pobreza e da riqueza, ou antes que pudesse compreender o sentido da causa abraçada por Meng, outras coisas

68

preocuparam-lhe o espírito. Havia tudo o que aprendia na escola, as muitas coisas que aprendia e fazia, as curiosas lições a que assistia, a magia da ciência exposta diante dele num laboratório. Mesmo detestando a química por causa dos cheiros fétidos que lhe ofendiam a delicadeza do nariz, ficava encantado com o colorido dos preparados por ele feitos, e admirava-se do modo como dois fluídos, quietos e inactivos, ao serem misturados ferviam de repente, formando uma nova vida, uma nova cor e um novo odor, dando

assim origem a um terceiro, diferente. Nesses dias, a sua mente povoava-se de toda a espécie de pensamentos e ideias, provocados por aquela grande cidade onde o Mundo inteiro estava representado, e não havia tempo nem de dia nem de noite para ver o que cada qual significava. Não podia entregar-se a um único conhecimento, porque andava às voltas com muitos; no íntimo, invejava às vezes intensamente os primos e a irmã, porque Cheng vivia dos seus sonhos e amores, Meng vivia da sua causa, e Ai-lan da sua beleza e do seu prazer, e a Yuan tal vida afigurava-se-lhe cómoda, visto a dele se repartir por tão diversas coisas.

Os próprios pobres da cidade eram tão desagradáveis na sua pobreza, que Yuan não podia sentir-se completamente apiedado deles. Tinha compaixão, desejava que todos tivessem alimento e roupa, e quase sempre, quando tinha uma pequena moeda e um mendigo lhe deitava as unhas ao braço, dava-lha. Receava, porém, que não a desse por piedade, mas em parte para comprar a sua liberdade àquela mão imunda que o agarrava e àquela voz que se lamentava junto ao ouvido dele: Seja bondoso, jovem senhor... tenha compaixão, senhor, porque senão morrerei de fome, eu e os meus filhos! Naquela cidade só havia um espectáculo mais horroroso do que um mendigo: eram os filhos dos mendigos. Yuan não podia suportar os gemidos” que soltavam as miseráveis crianças, com os pequenos rostos deformados pela lastimável expressão da mendicância; pior do que tudo eram as criancinhas de colo, estioladas e seminuas, metidas nos peitos descarnados e desnudos das mulheres. Sim, Yuan afastava-se deles todos, com arrepios. Atirava-lhes uns cobres, desviava os olhos e estugava o passo. E pensava: «Eu podia aderir à causa de Meng se esses pobres não fossem tão horríveis!»

Aconteceu todavia uma coisa que o livrou de uma completa indiferença por essa gente do seu próprio povo: o renascimento do seu velho amor pela terra, pelos campos e pelas árvores. Durante o Inverno, na cidade, esse amor retraiu-se e Yuan chegou a esquecê-lo.

Mas agora, com a chegada da Primavera, sentiu uma inquietação envolvê-lo. Os dias tornaram-se quentes, nos jardimzinhos urbanos as árvores começaram a deitar folhas e a florescer, e nas ruas apareceram vendedores trazendo, em cestas pendentes das pontas das suas varas, ramos entrelaçados de ameixeiras

69

floridas, ou grandes ramalhetes redondos de violetas e lírios da Primavera. Yuan tornou-se desassossegado com as suaves aragens primaveris, e essas aragens fizeram-no evocar o lugarejo em que se erguia a casa de barro, despertando-lhe um desejo veemente de pôr os pés na terra, em vez de pisar o pavimento da cidade. Inscreveu-se, pois, para o novo período lectivo da Primavera, num curso da escola em que os professores ensinavam o cultivo da terra, e a Yuan, entre outros, coube um pequeno lote de terra nos arredores da cidade, para pôr em prática o que tinham aprendido nos livros, e nesse lote de terra fazia parte da tarefa de Yuan semear, mondar, e fazer coisas desse jaez.

Acontecia que o lote de Yuan ficava no fim de todos os outros,

e próximo da quinta de um lavrador. A primeira vez que Yuan saiu para ver o seu terreno, foi sozinho, e deu com o lavrador que estava a olhar, com o rosto aberto num sorriso que lhe arreganhava os dentes, e que bradou: Que fazem vocês, estudantes, aqui? Pensei que os estudantes só aprendessem nos livros! Yuan respondeu então: Hoje em dia nós também aprendemos nos livros a semear e a ceifar, e aprendemos a maneira de preparar a terra para a sementeira; e é isso o que vou fazer hoje. Então, o lavrador riu com gosto e disse com requintado escárnio: Nunca ouvi falar de tal aprendizagem! Homessa, um lavrador ensina o filho, e o filho ensina o seu filho... a gente tem só que olhar para o vizinho e fazer o que o vizinho faz! E se o vizinho está errado? perguntou Yuan, sorrindo. Então olha-se para outro vizinho melhor, replicou o lavrador, rindo de novo; pôs-se a mondar na sua quinta e a resmungar, e parou para coçar a cabeça, sacudiu-se, riu de novo, e exclamou: Não, nunca na vida ouvi falar em tal coisa! bom, estou contente por não ter mandado nenhum filho meu para a escola, desperdiçando o meu dinheiro para que ele aprendesse a cultivar a terra! Vou ensinar aos meus filhos mais do que eles seriam capazes de aprender, isso garanto! Ora, nunca na sua vida inteira, Yuan segurara uma enxada nas mãos, e quando ergueu o grosseiro instrumento de enorme cabo, achou-o tão pesado que não pôde manejá-lo. Por mais alto que o levantasse, não era capaz de fazê-lo baixar de modo a fender o solo compacto, porque caía sempre enviesado, e suou horrivelmente sem conseguir afinal o resultado pretendido; e embora o dia fosse frio para a Primavera e de vento cortante, o suor pingava de Yuan como se fosse Verão. Sentindo-se por fim desesperado, olhou disfarçadamente para o lavrador, a fim de ver como ele fazia, porque o homem erguia e descia a enxada com firmeza e a cada golpe abria uma cova na terra, embora Yuan tivesse esperança de que o lavrador não o visse a observá-lo, já que era de facto um pouco orgulhoso.

70

Mas Yuan percebeu imediatamente que o lavrador estava a vê-lo, que estivera a vê-lo desde o início e ria consigo ao notar o modo tosco como Yuan agitava desajeitadamente a enxada. Ao perceber o olhar de Yuan, deu uma gargalhada, e caminhando a passos largos sobre os torrões, dirigiu-se ao rapaz, dizendo: Não me diga que está observando o que um lavrador vizinho faz, quando você aprendeu tudo nos livros! Tornou a rir e acrescentou: O seu livro não lhe ensinou sequer a maneira de empunhar a enxada?

Yuan lutou então um pouco com uma irritaçãozinha, porque, para surpresa sua, verificou não lhe ser fácil ouvir a gargalhada daquele homem inferior, e tinha a triste convicção de que na verdade era realmente incapaz de mondar aquele lote; como podia, pois, pretender lançar sementes à terra? Mas a razão afinal venceu a vergonha; largou a enxada, arreganhou também os dentes, aturou o riso do lavrador, enxugou o rosto gotejante

de suor, e disse mansamente: Tem razão, vizinho. Isto não está nos livros. Tomarei o senhor por meu mestre, se me quiser deixar aprender consigo.

Estas simples palavras agradaram ao lavrador e este gostou de Yuan, e parou de rir. Na verdade estava, intimamente, orgulhoso por ele, um humilde lavrador, ter algo para ensinar àquele jovem, um jovem das escolas, como se podia ver, de palavras e atitudes educadas. Por isso, com ares de importância e com certa pomposidade, o lavrador encarou o jovem e disse seriamente: Primeiro, olhe para você e para mim, e pergunte qual dos dois está desembaraçado para manejar a enxada sem suar assim.

Yuan fez a comparação e viu que o lavrador era um homem forte e tostado, desnudado até à cintura, as pernas nuas até aos joelhos, sandálias nos pés, o rosto queimado e avermelhado pelo Sol e pelo vento, todo ele refulgindo bondade e liberdade. Yuan sorriu e sem dizer uma palavra tirou o casaco de fora e o de dentro, arregaçou as mangas até aos cotovelos, e deu-se por pronto.

O lavrador, que observara tudo, exclamou de súbito: Que pele de mulher você tem! Olhe para o meu braço! E pondo o braço ao lado do de Yuan, esticou a mão. Abra a mão!... Olhe quanta bolha! Mas você segura a enxada tão molemente que ela seria capaz de levantar bolhas até na minha mão.

Levantou então a enxada do chão e mostrou a Yuan como segurá-la com as duas mãos: uma bem agarrada ao cabo para o firmar com segurança, e a outra mais afastada, para lhe guiar os movimentos. Yuan não se envergonhou de aprender, e experimentou diversas vezes até que por fim a lâmina de ferro começou a cair rija e segura, escavando de cada vez um pouco de terra; o lavrador então elogiou-o, e Yuan sentiu-se tão contente como se o professor lhe tivesse elogiado um poema, embora admirando-se

71

do sentir esse contentamento, visto o lavrador não passar de um homem vulgar.

Dia após dia, Yuan ia trabalhar no seu lote de terra, e preferia ir quando nenhum dos seus companheiros lá se encontrava, porque, quando eles apareciam, o lavrador não se aproximava, indo trabalhar numa das suas courelas distantes. Se, porém, Yuan estava sozinho, vinha conversar e mostrar a Yuan como lançar as sementes, como desbastar os rebentos quando eles brotavam da terra, como vigiar os vermes e insectos vorazes, sempre prontos a devorar todas as plantas nascentes.

E Yuan, por sua vez, também ensinava, porque quando as plantas eram atacadas por doenças, ele punha-se a ler e enfronhava-se nos antídotos capazes de exterminar as pragas, e utilizava-os. A primeira vez que se serviu deles, o lavrador riu e comentou: Lembre-se como afinal de contas me observou, e como os seus livros não previram nem mostraram a que profundidade enterrar os feijões e em que época fazer a monda!

Mas quando viu os vermes encolherem-se e morrerem nas

plantas leguminosas sob a acção do produto químico, então tornou-se sério e admirado e disse com voz mais baixa: Seria incapaz de acreditar nisso. Quer dizer que essas pragas não são uma coisa querida pelos deuses, mas uma coisa que o homem pode suprimir? Afinal, alguma coisa existe nos livros... sim, bastante até, posso dizer, porque de nada vale plantar e semear, se os bichos devoram as plantas.

Depois pediu um pouco do produto para usar na sua plantação, e Yuan deu-o com prazer, e com tal dádiva tornaram-se ambos mais ou menos amigos; o lote de Yuan tornou-se o mais próspero de todos, e o rapaz agradeceu ao lavrador, e o lavrador agradeceu a Yuan que as suas leguminosas medrassem e não fossem comidas como as plantações dos seus vizinhos.

Foi bom para Yuan ter esse amigo e esse trato de terra onde trabalhar. Muitas vezes, na Primavera, ao curvar-se sobre a terra, foi invadido por um contentamento que jamais experimentara. Aprendeu a trocar as suas roupas por uma veste rústica como a usada pelo camponês, e também a trocar os seus sapatos por sandálias, e o lavrador deu-lhe plena liberdade na sua casa, porque não tinha filha solteira, e a sua esposa era agora velha e feia; e Yuan guardava ali a sua roupa de trabalho. Assim, cada dia que vinha, transformava-se num camponês, e sentiu que o seu amor à terra era maior do que julgava. Era um prazer observar as sementes germinarem, havendo também nisso poesia, uma coisa que ele não chegava a exprimir, embora o tentasse e fizesse um poema sobre esse tema. Adorava trabalhar na terra, e quando o seu trabalho estava feito, ia trabalhar na terra do lavrador, e de vez em quando, a convite deste, tomava uma refeição no

72

terreiro, onde, ao tornarem-se os dias mais quentes, a esposa do camponês estendia a mesa. Tornou-se rijo e moreno, a ponto de Ai-lan lhe dizer, certo dia: Yuan, como é possível que dia a dia

fiques mais escuro? Estás queimado como um lavrador!

Yuan mostrou os dentes num sorriso e respondeu: Então achas que sou um lavrador, Ai-lan? Mas nunca me acreditas quando eu te digo isso!

Frequentemente, ao achar-se a sós com os seus livros ou no meio de uma diversão, longe portanto do seu lote de terra, acontecia vir-lhe à mente, enquanto lia ou se divertia, uma nova sementeira que podia fazerou ficava a matutar se um certo vegetal que plantara estaria porventura apto a ser colhido antes

da chegada do Verão, ou afligia-se ao lembrar-se da ponta amarelada de uma planta, que começara a murchar.

Yuan pensava, às vezes: «Se todos os pobres fossem como esse camponês, eu estaria disposto a abraçar a causa de Meng, fazendo-a minha».

; Foi bom que Yuan sentisse esse sólido e secreto contentamento com aquele pequeno lote de terra a ele emprestado. Era

secreto, porquanto nem que pudesse teria contado a ninguém o motivo por que gostava de trabalhar no solo, e nessa época da ; sua juventude vivia mesmo um pouco envergonhado desse gosto, visto estar em voga entre os rapazes da cidade rir dos homens do campo e classificá-los de estúpidos, «grandes nabos», e coisas parecidas. E Yuan dava importância ao que os companheiros diziam. Nem mesmo a Cheng, pois, foi capaz de falar naquilo, ainda que com Cheng pudesse falar de muitas coisas, tais como da beleza que ambos viam numa cor ou forma repentina, em , qualquer parte; e ainda menos a Ai-lan podia contar o estranho, intenso e profundo prazer que sentia naquele lote de terra. Teria - falado, se houvesse necessidade, àquela a quem chamava mãe, pois embora não falassem muito de coisas íntimas, nas horas de refeição em que ambos ficavam sozinhos em casa, a senhora conversava sempre, no seu modo grave, sobre as coisas que ela gostava de fazer.

Porque essa senhora era dada discretamente a boas obras, e não se entregava ao jogo, ou aos festejos, ou aos espetáculos de corridas de cavalos e cães, como faziam muitas senhoras nessa cidade. Essas coisas não constituíam prazer para -| ela, embora, quando Ai-lan queria, ela fosse com a filha ver tudo isso, solitária e elegante, como se cumprisse um dever e não como se tratasse de algo que se faz pelo seu próprio valor. O seu verdadeiro prazer consistia numa certa obra de benemerência a que se dedicava às crianças recém-nascidas, do sexo feminino, que eram enjeitadas pelos pobres. Ao achar tais

73
crianças, recolhia-as numa casa que mantinha e na qual havia duas mulheres contratadas para fazerem de mães, e ela própria ia lá diariamente, para ensinar as crianças e cuidar das que estavam doentes ou enfezadas; tinha aproximadamente vinte dessas enjeitadinhas. Às vezes falava dessa boa obra a Yuan, contando que projectava ensinar a tais meninas um meio de vida bom e honesto, casando-as com os homens honestos que conseguisse encontrar, lavradores, comerciantes ou tecelões, ou qualquer homem afinal que quisesse uma rapariga boa e trabalhadora. Certa vez, Yuan foi com ela a essa casa, e ficou surpreendido ao ver a mudança que se processou na grave senhora. Era um lugar pobre e simples, porque ela não possuía muito dinheiro para despender ali, já que nem mesmo aquilo poderia levá-la a privar Ai-lan de qualquer prazer; mas mal transpusera o portão, as crianças caíram sobre ela, gritando que ali estava a mãe delas, e puxaram-lhe o vestido e as mãos com rompantes de afeição, até que ela riu e olhou acanhada para Yuan, que a contemplava admirado, porque até então nunca a vira rir assim.

Ai-lan sabe disto?perguntou ele.

A senhora retomou de chofre o seu ar grave, sacudiu a cabeça e disse apenas: Ai-lan está ocupada agora com a vida dela. Em seguida conduziu Yuan por todos os cantos da casa; desde o pátio até à cozinha tudo era limpo, embora pobre,

dizendo ela: Não quero muito dinheiro para estas meninas, porque elas hão-de ser esposas de trabalhadores. E acrescentou logo: Se eu descobrir uma, uma apenas, entre elas, capaz de ser o que eu sonhei para Ai-lan... hei-de levá-la então para casa e eu mesma cuidarei dela. Acho que há uma... não sei ainda...

Chamou por alguém, e dirigiu-se a ela uma criança que saiu de uma outra sala, uma criança de mais idade que as restantes, uma criança de certa gravidade no aspecto, embora não tivesse mais que doze ou treze anos. A menina aproximou-se com confiança, pôs a mãozinha na mão da senhora, olhou para ela e disse numa voz clara: Aqui estou, minha mãe.

Esta criança, disse a senhora com extremo ardor, olhando para o rosto erguido da menina, tem qualquer força invulgar no espírito que ainda não sei bem o que é. Eu mesma a achei; quando recém-nascida foi deixada nesta porta, e recolhi-a. É tão viva para as letras, tão segura no que aprende, tão digna de confiança, que se continua assim levá-la-ei para viver comigo em casa um ano ou dois... Bem, Mei-ling, podes ir.

A menina dirigiu-lhe um sorriso, um sorriso fugaz e luminoso, e lançou a Yuan um olhar profundo, e embora ela fosse ainda uma simples criança, Yuan não esqueceu esse olhar límpido e interrogador, se bem que, rigorosamente falando, não se dirigisse a ele mais do que a qualquer outro. Em seguida ela afastou-se.

74

A essa senhora, pois, Yuan podia ter falado, mas no fundo não havia necessidade disso. Ele só sabia que gostava das horas passadas na terra. Ligavam-no a qualquer raiz que ele tinha, de modo que não se achava, como muitos outros, desenraizado e flutuante à superfície da vida daquela cidade.

Muitas e muitas vezes, quando sentia desassossegos ou dúvidas,

Yuan ia para o seu lote de terra e ali, suando ao Sol ou molhando-se à chuva, trabalhava em silêncio ou falava tranquilamente de coisas vulgares com o granjeiro seu vizinho. Ainda que esse trabalho e essa conversa não parecessem ter grande importância no momento em que se processavam, quando, todavia, chegava a noite, Yuan podia voltar para casa desembaraçado e livre de qualquer impaciência interior. Podia ler os seus livros e meditar sobre eles em plena felicidade, ou podia sair com Ai-lan e os seus amigos e ir gastar as horas no barulho e na luz, dançando, sem ser perturbado, tendo em si a quietude aprendida da terra.

E ele bem precisava dessa quietude que a terra lhe dava, da firmeza e das raízes que lhe proporcionava. É que nessa Primavera a sua vida deu uma guinada que ele não julgara possível.

] Numa coisa, Yuan estava muito atrás de Cheng, e muito atrás de Ai-lan e mesmo atrás de Meng. Os três viviam numa atmosfera mais quente do que a dele. Naquela grande cidade tinham gasto a mocidade, e toda a agitação dela lhes fermentava no sangue. Havia ali centenas e centenas de coisas que agitavam a juventude, mas as mais cruas de todas eram quadros de amor e beleza pintados nas paredes, as casas de diversão onde se achavam retratados os amores de estranhos homens e mulheres em terras

estrangeiras, os salões de dança onde por um pouco de prata se podia comprar uma mulher por uma noite.

Um pouco acima estavam os contos, histórias e poemas de amor que se achavam à venda em qualquer loja. Nos velhos tempos, todos esses impressos eram tidos na conta de maus, e reconhecidos como, o que de facto eram, uma tocha que ateava o fogo aos jovens e às raparigas, e ninguém se atrevia a lê-los abertamente. Mas actualmente a astúcia das nações estrangeiras insinuara-se portas a dentro, e a pretexto de arte e de talento e de coisas assim com lindos nomes, por toda a parte os jovens liam esses escritos e estudavam-nos; entretanto, apesar de toda a beleza desses nomes, a tocha continuava acesa e como sempre o fogo era atiçado.

Os rapazes tornaram-se atrevidos, bem como as raparigas, e foram abandonados velhos pudores. As mãos passaram a tocar-se, sem isso ser considerado um mal como costumava ser, e um rapaz podia pessoalmente pedir a uma rapariga que se compromettesse a casar com ele, e o pai dela não intentava processo contra o pai dele num tribunal de justiça como antigamente teria feito e como

75

ainda faria numa cidade do interior, em que os maus costumes dos estrangeiros fossem desconhecidos. E quando ambos abertamente combinavam casamento, iam e vinham com toda a liberdade como se fossem selvagens, e se às vezes, como era forçoso acontecer, o sangue corria excessivamente quente e com pressão mais alta, e sem demora a carne roçava a carne, então nenhum dos dois era morto por motivos de honra, como teria acontecido no tempo em que os seus pais eram jovens. Não; apenas se apressava e antecipava o dia do casamento, de modo que a criança nascia de pais legitimamente casados, e o jovem casal sentia-se tão despreocupado como se ambos fossem honrados, e os pais, se eram miseráveis, mal podiam entreolhar-se no mal-estar da sua intimidade, tendo de suportar aquilo quanto possível, pois assim eram os tempos modernos. Mais de um pai, porém, amaldiçoava os tempos modernos por causa do filho, e mais de uma mãe por causa da filha. Não obstante, eram assim os novos tempos, e ninguém podia fazê-los voltar atrás. »

De acordo com esses tempos viviam Cheng, e o seu irmão Meng, e Ai-lan, os quais eram parte da época e não conheciam outra. Mas com Yuan não se dava o mesmo. O Tigre educara-o em todas as velhas tradições, acrescentando a elas o seu próprio ódio às mulheres. E Yuan nunca sonhara com mulheres, sequer. Ou se inadvertidamente elas lhe vinham aos sonhos quando dormia, acordava afogueado de vergonha, saltava da cama e mergulhava furiosamente nos livros, ou então caminhava pelas ruas algum tempo, ou fazia coisas desse jaez para conservar a sua mente pura de todo o mal. Não ignorava que um dia teria de se casar, como todos os homens, e decentemente criar os seus filhos, mas não devia pensar nisso enquanto tinha tanto a aprender. Agora só tinha o desejo veemente de saber. Informara claramente o pai e ainda não

tinha mudado.

Mas na Primavera desse ano foi perseguido e atormentado por sonhos nocturnos. Era uma coisa curiosa em extremo, porque de dia nunca deixava o seu pensamento recair sobre o amor ou às mulheres. Ao adormecer, entretanto, a cabeça enchia-se-lhe de tal luxúria, que acordava suando de vergonha, e só se libertava quando caminhava a passos largos para o seu lote de terra e nele trabalhava desesperadamente; e nas noites dos dias em que podia trabalhar muitíssimo tempo, nessas noites é que sonhava menos e dormia mais profundamente. Por isso voltava a trabalhar ali com maior ardor ainda.

Ora, ainda que o não soubesse, Yuan estava interiormente em tanta ebulição como qualquer jovem, mais quente ainda do que Cheng, o qual expandia o seu coração numa centena de bonitos sentimentalismos, e mais quente, também, do que Meng que tinha a sua causa para se inflamar por ela. E Yuan viera dos pátios frios

76

da sua infância para essa cidade escaldante. Ele, que jamais tocara sequer a mão de uma jovem, ainda não podia enlaçar o corpo elegante de uma jovem e apertar na sua a mão dela sem se censurar, e sentir-lhe a respiração na sua face e conduzi-la ao som da música sem aquele doce mal-estar de que gostava e que temia. E embora procedesse com correcção, a ponto de Ai-lan caçoar dele sem piedade, e mal tocasse na mão que segurava, e nunca encostasse | o corpo da rapariga contra o seu, como muitos homens sentiam desejo de fazer e faziam sem ser censurados, as risotas de Ai-lan todavia acabaram por bolir com os pensamentos dele de uma forma a que estes por si não se teriam atrevido, e que ele desejava ter evitado.

Ela dizia às vezes, crispando os bonitos lábios: Yuan, estás tão fora de moda! Como podes dançar bem se te manténs separado do teu par? Olha, assim é que se agarra uma jovem!

E ali, na sala onde todos se reuniam, nas raras noites em que ela ficava em casa com a mãe, punha a tocar a música dentro da caixa, ela mesma se introduzia nos braços de Yuan e deixava o seu - corpo adaptar-se a todas as linhas do corpo do rapaz, com os pés movendo-se ajustados aos pés dele. E não deixava de fazer troça dele com as outras raparigas perto, dizendo, a rir, se alguma delas se achava presente: Se quiseres dançar com o meu irmão Yuan deves obrigá-lo a que te segure bem. O que ele gostaria de fazer era encostar-te de pé a uma parede e pôr-se a dançar sozinho!

Ou então dizia: Yuan, tu és bonito, todos sabemos, mas não tão terrivelmente bonito que precisas de ter medo» de todas as raparigas! Sem dúvida, algumas de nós temos já os nossos amores decididos!

E com tais chacotas diante das amigas, levava todas à hilari, dade, de modo que as descaradas tornavam-se mais descaradas e apertavam-se contra ele desavergonhadamente, e embora ele

quisesse pôr um travão ao descaramento delas, receava a jovialidade mordaz de uma próxima zombaria de Ai-lan, e assim supor«

tava aquilo conforme podia. Até raparigas tímidas se tornavam risonhas ao dançar com ele e mais atrevidas do que se mostravam com homens ousados, acrescentando outras coisas, como olhos virados para cima, sorrisos, pressão mais ardente de mãos, contacto de coxa com coxa, e todos esses ardis que as mulheres conhecem por natureza.

Por fim, Yuan ficou tão perturbado com os seus sonhos e com toda a liberdade das raparigas que ele conheceu através de Ai-lan, que teria deixado de sair com ela se não fosse a mãe dizer-lhe com frequência: Yuan, sinto-me aliviada sabendo que estás com Ai-lan; mesmo que ela leve outro homem quando sai à noite, fico mais descansada sabendo que está acompanhada por ti também.

77

E Ai-lan ficava satisfeita de que Yuan fosse com ela, porque se orgulhava de exibi-lo, pois ele era um rapaz alto, de boa aparência, e ela conhecia raparigas para quem era um favor que ela o trouxesse consigo. Assim, pois, contra a sua própria vontade, Yuan estava repleto de matéria inflamável pronta a arder; mas ele não lhe chegou a tocha.

O fogo, no entanto, foi ateado, e de um modo que ele não podia prever; que ninguém, de facto, podia prever.

Foi assim. Um dia, Yuan demorou-se na aula a copiar um poema estrangeiro que o professor expusera na parede como exercício para os alunos, e ficou até todos os colegas se terem ido embora; pelo menos assim pensava ele. Acontecia que essa era a aula em que ele e Cheng se sentavam juntos, e também aquela pálida jovem que era revolucionária. Ora, quando Yuan acabou de escrever, fechou o livro, guardou a caneta no bolso e fez um movimento para se erguer, ouviu que o chamavam pelo nome e lhe diziam: Sr. Wang, já que está aqui, poderá explicar-me o sentido dessas linhas aí escritas? O senhor é mais inteligente do que eu. Fico-lhe grata se me explicar.

Isto foi dito numa voz muito agradável, uma voz de jovem, mas não de timbre afectado como o da voz de Ai-lan ou das suas amigas. Era de tom um tanto profundo para uma jovem, um tom cheio e vibrante, de modo que uma palavra qualquer pronunciada por tal voz parecia conter mais sentido do que a sua mera significação.

Yuan ergueu os olhos rapidamente, com grande surpresa, e viu ali, a seu lado, aquela jovem revolucionária, com o rosto ainda mais pálido do que lhe parecia na lembrança; mas, agora que ela estava junto dele, o rapaz viu que aqueles olhos rasgados e escuros não eram de modo algum frios, mas cheios de calor e sentimento, desmentindo a estudada frieza do rosto, brilhando ardentemente

na palidez dele. Ela fitou-o com firmeza, calmamente veio para o seu lado, e esperou pela resposta, tão serena como se falasse num dia qualquer a um homem qualquer.

Embora gaguejando ao falar, ele respondeu: Ah, porque não, sem dúvida... simplesmente não tenho a certeza. Penso que significa... um poema estrangeiro é sempre difícil... é uma ode... uma espécie de... e assim continuou a gaguejar, dizendo fosse como fosse qualquer coisa, e mostrando-se impressionado, quer pelo semblante, quer pelas palavras, com o firme e profundo olhar dela. Em seguida, ela levantou-se, agradeceu-lhe, e tornou a falar com as mais singelas palavras, embora pusesse nelas, de algum modo, grande dose de gratidão, muito mais, pensava Yuan, do que mereceria qualquer serviço. Saíram naturalmente juntos ao deixar a sala, e juntos atravessaram as salas que estavam silenciosas, porque a tarde já ia avançada e todos os estudantes

78

estavam loucos por se ir embora; encaminharam-se assim para o portão, e a jovem parecia contente por estar silenciosa, até que Yuan lhe perguntou uma coisa ou duas, por cortesia.

Perguntou: Qual é o seu honrado nome? e fez a pergunta à moda antiga e cortês em que fora educado. Mas ela respondeu laconicamente, com palavras breves e aparentemente bruscas, e sem retribuir a cortesia; a voz dela, porém, dava expressivo sentido a tudo o que dizia.

Alcançaram por fim o portão, e Yuan fez uma profunda reverência. A jovem, porém, limitou-se a inclinar rapidamente a cabeça, seguindo o seu caminho; e Yuan reparou, enquanto ela caminhava segura e lesta entre a multidão, que era um pouco mais alta do que o vulgar nas mulheres, ficando a acompanhá-la com o olhar até perdê-la de vista. Saltou então, impressionado, para um jinriquixá e voltou para casa, indagando consigo próprio o que na verdade seria ela, e admirado de que os seus olhos e a sua voz dissessem coisas diferentes do que diziam as suas palavras e o seu rosto.

Desse insignificante começo cresceu uma amizade. Ora, Yuan nunca tivera uma rapariga por amiga, nem realmente tinha muitos amigos, porque não possuía, como outros, um grupinho aparte em que ocupasse um lugar natural. Os seus primos tinham os seus amigos, Cheng entre os jovens como ele, que se supunham poetas, escritores e os jovens pintores de uma época moderna, e sequazes fiéis de guias tais como o já referido Wu, para quem Yuan olhava enviesado quando o via dançar com Ai-lan. E Meng tinha o seu grupo secreto de revolucionários. Yuan, porém, não pertencia a nenhum, e embora conversasse com uma vintena de rapazes, quando os encontrava, e conhecesse esta e aquela amiga de Ai-lan por trocar algumas palavras com elas,

não tinha um amigo íntimo. E, antes mesmo que se desse conta disso, essa jovem tornou-se amiga dele.

E isto aconteceu assim. A princípio era sempre ela quem provocava a amizade, vindo, como qualquer rapariga mais astuta o fazia, pedir-lhe uma explicação ou um conselho sobre um assunto qualquer; e ele foi iludido, como todos os homens o são facilmente, mesmo com um artil tão simples como esse, porque afinal de contas era um homem e muito novo, sendo-lhe agradável aconselhar uma jovem; chegou a ajudá-la a escrever as suas redacções.

Por fim, sucedeu que, sob um pretexto qualquer, passaram a encontrar-se diariamente, conquanto não publicamente. Se alguém tivesse perguntado a Yuan o que sentia ele por aquela jovem, teria respondido que sentia apenas amizade, e nada mais. Ela era, na verdade, uma jovem muito diferente de qualquer outra das que ele julgava bonitas, embora chegasse a ser um pouco bonita, porque não havia ainda na sua vida uma rapariga

79
a quem desse realmente um pensamento, e se meditava nalguma era para ver uma bonita e graciosa como Ai-lan, com lindas mãozinhas, doces olhos, maneiras elegantes, e todas essas qualidades que via nas amigas de Ai-lan. Contudo, não amara nenhuma delas; dizia apenas no seu íntimo que, se chegasse a atnar uma jovem, esta seria bela como uma rosa, ou como um botão de flor de ameixeira, ou como uma coisa assim, delicada e poética. Por vezes, escrevera a essas raparigas, em segredo, versos sempre inacabados, uma linha ou duas, porque o seu sentimento era fugidio e vago, não havendo uma única jovem que a seus olhos se salientasse entre as outras de modo que o levasse a escrever-lhe especialmente. O seu amor era, por assim dizer, difuso como a luz baça que precede o nascer do Sol.

Certamente, jamais pensara em amar uma jovem como aquela, austera e séria, sempre vestida de trajos escuros e lisos, de tom azul ou cinzento, que usava sapatos de couro, e constantemente curvada sobre os livros e dedicada à sua causa. E tão-pouco a amava agora.

Mas ela amava-o. Ele nunca chegou a saber o momento exacto em que percebeu isso. Contudo, percebeu. Um dia, encontraram-se numa rua distante para caminharem ao longo da tranquila margem de um canal. Era à noitinha, e estavam prestes a regressar para casa, quando de súbito ele sentiu que ela o olhava; encarou-a e viu que o olhar dela estava mudado, mostrando-se penetrante e ardente, e em seguida a voz da jovem, uma voz agradável que nunca parecia fazer parte dela, soou, dizendo: Yuan, existe uma coisa que mais do que qualquer outra, eu desejava ver.

E quando ele gaguejou umas palavras para saber o que era, com o coração a pulsar de súbito impulsivamente, embora não lhe passasse pela cabeça amá-la, ela acrescentou: Queria ver-te na nossa causa, no nosso movimento. Yuan, és um verdadeiro

irmão... quero chamar-te, a ti também, camarada. Precisamos de ti... precisamos do teu talento, da tua energia. Vales duas vezes mais que Meng.

De chofre, Yuan julgou descobrir a razão por que ela travara amizade com ele; pensou raivosamente que ela e Meng tinham planeado aquilo, e a afeição que nele surgiu deteve-se.

Mas a voz dela soou de novo, suave e profundamente, no crepúsculo: Yuan, existe outra razão.

Desta vez Yuan não se atreveu a perguntar qual era. Sentiu uma fraqueza que o invadia e quase o sufocava, um estremecimento percorreu-lhe o corpo, e voltando-se disse num murmúrio:

Tenho de voltar para casa... prometi a Ai-lan...

E assim, sem mais palavras, ambos se encaminharam de regresso ao lar. Mas, ao partir, fizeram o que nunca tinham

80

feito, mal se dando conta disso e certamente sem ter o propósito de o fazer. Deram-se as mãos; com esse contacto processou-se uma mudança em Yuan, e ele percebeu que já não eram apenas amigos, conquanto não soubesse o que eram.

No decurso dessa noite, quando esteve com Ai-lan, quando falou com uma rapariga e dançou com uma outrafitou-as como nunca as fitara, intrigado, pensando como era possível que as raparigas do Mundo fossem tão diferentes umas das outras; e quando se recolheu ao leito, demorou-se longo tempo a meditar nisso, sendo essa a primeira vez que de facto pensava numa jovem. Pôs-se a pensar longamente nessa rapariga, nos olhos dela, que certa vez julgara frios como ônix opaco, na palidez do seu rosto. Mas agora tinha-os visto brilhar com ardente e espontânea beleza, quando lhe tinha falado. Recordou então como a voz dela era sempre doce, e como a riqueza do seu timbre parecia não se coadunar com a sua serenidade e aparente frieza. Todavia, era a voz dela. Assim considerando, desejou ter tido coragem para lhe perguntar qual era aquela outra razão. Gostaria de ter ouvido a voz dela dizer-lhe essa razão, que ele adivinhava.

Contudo, não a amava. Sabia que a não amava.

Lembrou-se, por fim, daquele contacto da mão dela na dele, os centros de ambas as mãos comprimidos um de encontro ao outro; assim, palma contra palma, tinham permanecido um instante nas trevas da rua sem iluminação, tão imóveis que um jinriquixá teve de se desviar para passar por eles, e só o viram quando o homem lhes lançou uma praga, e mesmo assim não se importaram. Estava muito escuro para que ele lhe visse os olhos, e ela não dissesse nada, nem ele tão-pouco. Pensavam apenas naquele estreito contacto. E quando ele se deu conta, o fogo estava aceso. Alguma coisa entrou em combustão dentro dele, causando-lhe não pequena confusão, porque ele, apesar de tudo, sabia que não amava a jovem.

Ora, se fosse Cheng quem tivesse tocado na mão daquela rapariga, ele teria, se quisesse, sorrido e esquecido o episódio, porquanto tocara ardentemente em muitas mãos de raparigas, em muitos momentos; ou, se preferisse, teria renovado o contacto

e tornado a renovar, sempre que lhe apetecesse certificar-se de que a jovem o amava, ou, pelo menos, até se fartar, escrevendo então uma história ou duas, ou compondo uns versos, esquecendo-a assim com mais facilidade. Meng também não teria pensado muito tempo no caso. Porque, no movimento em que militava, havia raparigas de sobra, e tanto estas como os rapazes eram de propósito livres e sem peias no seu convívio, chamando-se, entre si, camaradas, e Meng ouvia muitos dizerem, e também dizia, que homens e mulheres eram sempre iguais e livres de se amarem mutuamente como bem entendessem.

6-c. D.

81

Não obstante toda essa licença, não era muita a liberdade verdadeira, porque esses rapazes e essas raparigas, como acontecia com Meng, deixavam-se empolgar por outra causa que não a sensualidade, e essa causa purificava-os. E o mais purificado de todos era Meng, porque se enchera de tal asco pela luxúria ao presenciar os calores do seu pai e os olhares errantes do seu irmão mais velho, que desprezava todo e qualquer vão passatempo com mulheres, julgando que elas prejudicavam o corpo e o espírito, os quais deviam ser dados à causa. Até então Meng jamais tocara numa rapariga. Falava tanto como qualquer outro em amor livre e nos direitos do amor fora do regime matrimonial, mas não fazia nada disso.

Yuan, porém, não tinha uma causa que o empolgasse e fizesse esquecer a agitação da carne. Não tinha também a segurança das maneiras afáveis e negligentes de Cheng ao tratar com as jovens, e assim, quando aquela rapariga lhe tocou na mão como ainda ninguém o fizera, ele não podia esquecer a impressão. Outra coisa digna de reparo: lembrava-se de que a mão dela era quente e húmida na palma. Não julgara que a mão dela pudesse ser quente. Se tivesse pensado nisso antes, teria dito, considerando o rosto pálido, os lábios frios e apagados que se moviam tão pouco quando ela falava, que as mãos dela deviam forçosamente ser frescas e secas, e os dedos frouxos. Mas isso não era verdade. A mão dela segurara a dele com calor, pressão e firmeza. A mão, a voz e os olhos, tudo falava do coração ardente que ela possuía. E quando Yuan começou a meditar nos segredos desse coração, nos sentimentos dessa jovem que era tão calma e senhora de si, mas no entanto acanhada (pelo menos assim a julgava através do seu próprio acanhamento), passou a agitar-se no leito e a sentir desejos de tocar e tornar a tocar na mão dela. No entanto, ao acordar na fresca manhã da Primavera depois de enfim ter mergulhado no sono, teve consciência de que não a amava. No frescor da manhã, era capaz de pensar, de lembrar-se do calor da mão dela, e de dizer que mesmo assim não a amava. E nesse dia, na escola, com grande timidez, evitou

olhar para ela, não se demorando em parte alguma, e logo após o meio-dia saiu rumo à sua terra e nela se pôs a labutar febrilmente, pensando: «Esta sensação da terra nas minhas mãos é melhor que o contacto da mão de qualquer rapariga». E lembrou-se como, na noite anterior, estivera a revolver pensamentos, deitado na cama, e sentiu-se envergonhado, e contente por seu pai não saber disso.

Não tardou que o lavrador se aproximasse, elogiando a habilidade com que Yuan extirpava as ervas daninhas em torno dos nabos; riu e disse: Lembra-se daquele primeiro dia em que começou a mondar? Se fosse hoje, teria arrancado todos os nabos

82

juntamente com as ervas! Riu a bom rir, e em seguida disse, para consolar Yuan: Mas ainda há-de ser um lavrador. Isso vê-se pela musculatura do seu braço e pelo tamanho das suas costas. Esses outros estudantes... esse pequeno punhado de plantas raquíticas como eu nunca vi... com óculos, e bracinhos pendentes, e dentes de ouro, e com os caniços das pernas metidos em calças estrangeiras... se eu tivesse o corpo que eles têm, juro que me enrolava em mantos e me escondia. Tornou a rir e bradou: Venha fumar um pouco e descansar à minha porta!

E assim fez Yuan, escutando a sorrir a constante e sonora cavaqueira do lavrador, as suas zombarias dos homens da cidade, e especialmente as palavras de ódio que o homem dirigia contra os jovens e os revolucionários, contradizendo tudo o que Yuan dizia suave e bondosamente em defesa deles; vociferava: Qual é o bem que eles podem trazer-me, afinal? Tenho o meu pedaço de terra, a minha casa, a minha vaca. Não quero mais terra do que tenho, e tenho o suficiente para comer. Se os governantes não me lançassem impostos tão opressivos, estaria contente, mas os homens como eu foram sempre assim tributados. Porque haviam eles de me vir falar em fazer bem, a mim ou aos meus? Quem já ouviu dizer que se recebesse algum bem de estranhos? Quem pode ser bom para um homem, além daqueles que são do seu próprio sangue? Não, o que eu sei é que alguma coisa eles querem para si próprios... talvez a minha vaca, ou então o meu pedaço de terra.

Lançou em seguida algumas pragas, vituperando as mães que davam à luz tais filhos, divertiu-se à custa de todos aqueles que não eram como ele, e elogiou Yuan por trabalhar tão bem na terra; terminou rindo, Yuan também riu, e ficaram amigos. Dessa vida robusta e da pureza da terra, Yuan voltou para casa e meteu-se na cama, e não quis sair essa noite nem para uma distração, porque não queria saber de raparigas nem ter contacto com raparigas, mas apenas fazer o seu trabalho e estudar os seus livros; nessa noite, pois, dormiu. Desse modo a terra o corou por algum tempo.

As chamuscas, todavia, estavam, já acesas nele. Mais um dia ou dois e o seu estado de espírito novamente mudou; tornou-se

inquieto, e um dia virou a cabeça disfarçadamente para ver se a jovem estava na aula. Estava, e através das cabeças dos outros os seus olhos encontraram-se, e os olhos dela prenderam-se aos dele, embora ele se voltasse rapidamente. Mas ele não a pôde esquecer. Mais um dia ou dois, e disse, ao transpor a porta, se bem que não o tivesse premeditado: Podemos passear juntos de novo, hoje? E ela fez que sim com a cabeça, com os olhos profundos postos no chão.

Nesse dia ela não lhe tocou na mão e pareceu a Yuan que

83

caminhava mais distanciada dele do que era costume, e estava mais silenciosa, e a conversa surgiu com mais dificuldade que nas outras vezes. Yuan experimentou sentimentos contraditórios que o surpreenderam a si mesmo. Teria jurado estar contente por não lhe ter tocado e não a querer muito perto. No entanto, depois de terem caminhado uns instantes, desejou que ela o tivesse tocado. Nem mesmo ao despedir-se ele estendeu a mão; no entanto, espreitava e desejava ver a mão dela avançar, de modo a poder apertá-la. Mas tal não aconteceu, e ele regressou a casa com certa sensação de ter sido enganado, e contudo raivoso por sentir isso; e, envergonhado, jurou que não passearia mais com nenhuma rapariga e que como homem atirar-se-ia ao trabalho que tinha. E nesse dia deixou atónito um certo professor velho e bonacheirão escrevendo amargamente que os homens deviam viver sozinhos, esforçar-se por adquirir conhecimentos e manter-se afastados das mulheres; e nessa noite disse de si para si uma centena de vezes que estava satisfeito por não amar aquela jovem. A partir de então, durante algum tempo, marchou todos os dias, obstinadamente, para o seu terreno e não se permitiu lembrar-se de que tinha desejo de um contacto.

Uns três dias depois, Yuan recebeu uma carta escrita numa letra miúda e recta que ele não conhecia. Não costumava receber muitas cartas, apenas algumas, de vez em quando, de um companheiro mais afeiçoado da escola de guerra. E aquela não era a letra apressada desse amigo. Abriu a carta e deu com uma página da rapariga a quem não amava; uma única página, curta, com estas palavras claras: «Fiz alguma coisa que o deixasse zangado comigo? Sou uma revolucionária, uma mulher moderna. Não tenho necessidade de me esconder, como as outras mulheres. Amo-o. Não poderá você amar-me também? Não exijo casamento nem me importo com isso. O casamento é uma escravidão obsoleta. Mas se por ventura precisar do meu amor, poderá tê-lo quando quiser». Logo abaixo, muito pequeninos e ocultos, estavam entrelaçados apertadamente os sinais do nome dela.

Assim foi feita a primeira oferta de amor a Yuan. Foi forçado a pensar no amor, solitário no seu quarto, com essa carta na mão, e teve de considerar tudo o que esse amor podia significar. Ali

estava uma jovem à sua disposição, se ele a quisesse. Por várias vezes o seu sangue gritou-lhe que podia apossar-se dela. Nessas curtas horas perdeu a sua infância e a juventude, e a virilidade assomou nele em impetuosas pulsações, ardendo-lhe no sangue. Agora, o seu corpo não era já um corpo juvenil...

Em poucos dias, a agitação que fermentava dentro dele amadureceu, transformando-o num homem adulto nos seus desejos.

Mesmo assim, não deu resposta à jovem, e na escola evitava vê-la.

Por duas vezes, em diferentes noites, sentou-se para lhe escrever,
84

e por duas vezes debaixo da sua caneta surgiram estas palavras:

«Não a amo». Todavia, não as escreveu, porque o seu corpo curioso fez pressão sobre ele para que o deixasse saber o que desejava. Assim, nessa escura confusão do seu sangue e da sua alma, não escreveu resposta alguma e ficou à espera de si mesmo. Mas foi assaltado pela insónia e fez-se colérico e impaciente como nunca o fora, de modo que a senhora sua mãe o encarou ansiosa, sentindo Yuan a interrogação dela. Nada disse, entretanto; como podia dizer que estava raivoso por não poder conquistar uma jovem que não amava, e que estava raivoso por não poder amá-la querendo o que ela lhe oferecia? Deixou, assim, que a luta se desencadeasse nele, e tornou-se tão taciturno como o pai, quando se ia empenhar numa guerra.

Ora, nessa vida confusa de Yuan, em que ele se apegava um pouco a tudo e inteiramente a nada, o velho Tigre forçou uma decisão, sem saber que o fazia. Durante muitos meses que tinham decorrido desde que a senhora pela primeira vez lhe escrevera, o Tigre nada respondera. Mantinha-se na sua distante residência, silencioso, irado contra o filho, e dele não vinha nenhuma palavra. A senhora escreveu de novo, e tornou a escrever, sem dizer a Yuan o que estava fazendo, e quando Yuan perguntava às vezes por que não recebia resposta do pai, ela respondia com doçura: Deixa estar. Enquanto ele permanecer calado, não podemos receber más notícias. E de facto Yuan dispôs-se de bom grado a deixar correr as coisas, e dia a dia o seu espírito mais mergulhava a fundo na sua existência, a ponto de por fim quase «squecer que tinha algo a temer da parte do pai, ou que tinha fugido à sua autoridade, tanto o absorvia a sua vida actual.

Aconteceu, então, que num dos últimos dias da Primavera o Tigre novamente mobilizou o seu poder sobre o filho. Saiu do seu silêncio e escreveu uma carta, não à senhora, mas ao seu próprio filho. E tão-pouco mandou um escrevente escrever-lhe a carta. Não; com o seu próprio pincel, que durante muito tempo não usara, o Tigre lançou ao papel algumas palavras para o filho, e embora as letras estivessem desenhadas rígida e toscamente, a sua significação era bem clara. Diziam: «Não mudei a minha

vontade. Volta para te casar. O dia marcado é o trigésimo desta Lua».

Yuan encontrou essa carta esperando por ele no seu quarto, uma noite, quando regressava de um divertimento. Entrou lânguido e excitado de prazer, porque, enquanto se sacudira ao som das músicas, quase chegara a resolver, naquela noite, aceitar o amor que a jovem lhe tinha oferecido. Entrou, pois, com a excitação dessa ideia de que no dia seguinte talvez ou no outro, iria com ela onde ela quisesse, para aquilo a que se mostrava disposta

85

ou pelo menos brincou com o pensamento de que talvez o fizesse. O seu olhar caiu então sobre a mesa; ali estava a carta, e ele viu muito bem o sobrescrito e reconheceu qual o seu autor. Segurou na carta, rasgou o rijo e antiquado papel do sobrescrito, puxou o papel de dentro, e deu com as palavras do pai, tão claras como se ouvisse o brado do Tigre. Sim, aquelas palavras foram para Yuan como um brado. Depois de as ler, o quarto pareceu-lhe repentinamente silencioso, como se nele tivesse havido pouco antes um barulho estrondoso. Dobrou o papel, reintroduziu-o no envelope, e sentou-se desalentado no meio do silêncio. Que havia de fazer ? Como contestar a essa ordem que o pai lhe dava? O trigésimo? Era daí a menos de vinte dias. Nesse momento o velho medo da infância invadiu-o. O desespero instalou-se-lhe no coração. A final de contas, como poderia ele resistir ao pai ? Resistira ele, já alguma vez, ao pai ? Sempre, como quer que fosse, o pai no fim levava a melhor, por meio do medo ou da afeição, ou de uma força semelhante. Não era possível o jovem fugir ao velho. Dèbilmente ocorreu a Yuan que talvez fosse melhor regressar e submeter-se ao pai naquele assunto. Podia voltar, casar com a rapariga, ficar uma noite ou duas, cumprir o seu dever, e partir para nunca mais voltar. De acordo com qualquer lei, ele poderia depois fazer o que quisesse, e não seria tido na conta de uma transgressão. Podia casar com quem quisesse depois de ter obedecido ao pai. com a cabeça assim revolvida por pensamentos, deitou-se enfim para dormir, e no entanto não pôde conciliar o sono. Todo o quente fluxo de prazer o tinha abandonado inteiramente. Quando pensou em emprestar o seu corpo ao pai, à mulher escolhida que agora esperava, ficou tão frio como se emprestasse um animal reprodutor. com esse desalento no espírito levantou-se cedo, sem ter dormido, foi à procura da senhora, fê-la levantar batendo à porta, e quando ela veio abrir estendeu-lhe a carta silenciosamente e esperou enquanto ela a lia. Diante daquelas palavras a expressão da senhora mudou. Disse serenamente: Estás exausto. Vai tomar a tua refeição. Esforça-te por comer um pouco, filho, porque o alimento dar-te-á forças, embora eu saiba que estás pensando

agora que não conseguirás engolir. Mas come. Eu volto já.

Yuan cumpriu, obediente, o que ela disse. Pôs-se à mesa, e quando a criada trouxe a papa quente de arroz, os condimentos, e os pães estrangeiros que a senhora gostava de comer, fez um esforço. Sem demora o alimento quente transmitiu-lhe o seu calor, fazendo-o sentir-se mais animado e menos desesperançado do que durante a noite; quando a senhora chegou, fitou-a e disse:

Estou quase disposto a dizer que não vou.

A senhora sentou-se, pegou num pãozinho, comeu-o vagarosamente enquanto se conservava pensativa, e depois disse: Se te

86

julgas capaz de dizer isso, Yuan, eu apoiar-te-ei. Não quero fazer pressão sobre ti, forçar a tua decisão, porque se trata da tua própria vida e do teu próprio pai. Se sentes que o teu dever para com ele é mais forte do que o dever para contigo mesmo, então volta para ele. Não te censurarei. Mas se não voltares, então continua aqui, que ajudar-te-ei como puder em cada passo. Não tenho medo.

Ao ouvir estas palavras, Yuan sentiu que a coragem lhe voltava, uma coragem firme e altiva, quase suficiente para o tornar arrojado contra o pai. Foi preciso, todavia, o destemor de Ai-lan para ganhar uma coragem consumada. Quando ele voltou para casa ao meio-dia, encontrou Ai-lan, que estava brincando na sala de visitas com um cãozinho que lhe fora oferecido pelo tal Wu, um cãozinho felpudo e de focinho preto, que ela adorava.

Quando Yuan entrou, ela ergueu o olhar e exclamou: Yuan, a minha mãe contou-me hoje uma coisa e mandou-me falar contigo, porque eu também sou jovem, e ela acha que é perfeitamente justo que tu saibas o que uma rapariga pensa hoje em dia.

Ora, Yuan, serias um parvo se desses atenção a esse velho! Que importa que ele seja nosso pai? Que havemos de fazer! Ora, Yuan, nem eu nem nenhuma das minhas amigas pensaríamos numa loucura dessas, ir casar com uma pessoa que a gente nunca viu! Dize que não vais... que pode ele fazer? Não pode vir buscar-te aqui com os exércitos dele. Nesta cidade estás seguro...

não és uma criança... a tua vida pertence-te... um dia casarás perfeitamente de acordo com o teu gosto. És bom demais para uma esposa ignorante que não sabe escrever o nome... e que é capaz de ter os pés ligados! E não te esqueças de que, actualmente, nós, as mulheres modernas, recusamo-nos a ser concubinas. Não, isso não seremos. Se te casas com essa mulher escolhida pelo teu pai, estás casado com ela. Ela é a tua esposa. Eu não suportaria ser uma segunda esposa. Se eu escolho um homem já casado então ele tem de repudiar a sua primeira esposa para não viver mais com ela; eu tenho de ser a única. Jurei a mim mesma que há-de ser assim. Yuan, nós estamos unidas, nós as mulheres modernas,

e juramos que preferimos não nos casar a fazê-lo para ser concubinas. É melhor, portanto, que desobedeças a teu pai agora, porque depois não será fácil.

Estas palavras de Ai-lan fizeram o que Yuan não podia fazer por si próprio. Ouvindo a voz dela, agora tão séria apesar do seu suave ardor, e pensando nas muitas raparigas como ela daquela cidade, concluiu, dominado pela magia da sua esplendorosa e enérgica beleza: «Não há dúvida, eu não pertença à época do meu pai. Não há dúvida que hoje ele não tem esses direitos sobre mim. Não há dúvida... não há dúvida...»

E sob o influxo dessa nova força foi direito ao quarto e escreveu

87

rapidamente, enquanto se sentia com coragem: «Não regressarei para uma tal coisa, meu pai. Tenho o direito de viver nesta época, que é uma nova época». Pôs-se então a meditar uns instantes, e achando que estas palavras eram talvez muito atrevidas, julgou que poderia abrandá-las acrescentando outras mais moderadas; por isso, continuou: «Além disso, estou no fim do período lectivo, sendo uma ocasião inconveniente para eu voltar, porque perderei os exames, e com eles os meus estudos de muitas Luas. Desobrigue-me, portanto, meu pai, ainda que seja verdade que eu não quero casar». Assim, embora Yuan escrevesse no começo e no fim da carta as convenientes cortesias e acrescentasse estas últimas palavras de moderação, nem por isso deixou de dizer claramente o que queria. E não confiou a carta a um criado. Selou-a e ele próprio desceu à rua ensolarada da cidade, introduzindo a carta no marco de correio.

Feito isto, sentiu-se mais forte e à vontade. Não relembrou o que havia escrito, e ao voltar para casa ia alegre; entre todos aqueles homens e mulheres modernos que caminhavam de um lado para outro, nas ruas, sentiu-se ainda mais forte e seguro. Não havia dúvida de que, nesta época, o que o pai exigia dele era um absurdo. Se ele o contasse àquelas pessoas que coalhavam as ruas, todas ririam desses costumes antigos e mortos, e chamar-lhe-iam idiota por sentir medo. Misturando-se com a multidão Yuan sentiu-se de repente seguríssimo. Aquele era o seu mundo... aquele novo mundo... aquele mundo de homens e mulheres livres, livres de viverem todos à sua maneira. Sentiu que se desembaraçava de um véu escuro, e de súbito deliberou que não iria já para casa estudar. Iria divertir-se um pouco. AH, ao lado dele, na rua, via-se a brilhante iluminação de uma casa de diversões, e, em letras de muitas línguas, um cartaz dizia: «Apresentamos Hoje a Maior Película do Ano: *O Caminho do Amor*». Yuan voltou-se e juntou-se às muitas pessoas que entravam pela porta completamente aberta. Mas o Tigre não era assim fácil de ser contrariado. Em menos de sete dias, tinha escrito a sua réplica, e desta vez em três cartas, uma para Yuan, outra para a senhora, e a terceira para o seu irmão mais velho. Mas todas diziam a mesma coisa de diferentes maneiras, embora não tivesse sido ele a escrevê-las, de modo que a linguagem era mais polida. Todavia, a própria polidez parecia

tornar as palavras mais frias e rancorosas. Diziam: que o seu filho Yuan contrairia núpcias no trigésimo dia daquela mesma Lua, porque o geomante afirmara que era esse o dia azado para o casamento. Como o seu jovem filho não podia estar de volta nesse dia, já que os exames da escola estavam marcados para essa data, os pais tinham decidido que o rapaz casasse por procuração; e assim, seria representado por um primo, que era o filho mais

velho de Wang o Comerciante, o qual podia responder em nome dele. Mas Yuan ficaria legitimamente casado nesse dia, tão legitimamente como se lá estivesse em pessoa..

Essas foram as palavras que Yuan leu na sua carta. Assim impunha o Tigre a sua vontade, e Yuan percebeu que o pai, para se mostrar tão cruel, fora por certo impelido pela cólera, e sentindo essa cólera, de novo teve medo.

E de facto era um fortíssimo golpe para Yuan. É que, de acordo com a antiga lei, o Tigre não fazia mais do que aquilo a que tinha direito a fazer, não fazia mais do que muitos pais sempre tinham feito. Yuan sabia disso muito bem, e no dia em que recebeu a carta de um criado ao entrar em casa, ficando sozinho no pequeno saguão a lê-la, sentiu que a coragem o abandonava.

Que havia de fazer, ele, um jovem isolado, contra o poder concentrado de todos aqueles velhos séculos? Voltou-se devagar e entrou na sala. O cãozinho de Ai-lan estava ali e veio roçar-se por ele, prazenteiro, e como Yuan não lhe desse atenção, soltou um ou dois pequenos latidos. Nem mesmo assim Yuan lhe prestou atenção, conquanto geralmente risse diante daquele leãozinho feroz. Sentou-se, afundou a cabeça entre as mãos, e deixou o cão continuar a latir.

Os latidos, porém, chamaram a senhora, que veio ver o que havia de anormal, se entrara algum estranho, e quando viu Yuan, percebeu muito bem qual era a anormalidade. Disse em tom carinhoso, porque já tinha recebido a sua carta: Não debes entregar-te, filho. Isto é mais do que importante para ti, agora. Convidarei a virem aqui o teu tio, a tua tia e o teu primo mais velho, e num conselho de família resolveremos o que se deve fazer. O teu pai não é o único membro desta família, nem sequer o mais velho. Se o teu tio souber ser forte, talvez possamos modificar a vontade do teu pai por meio de persuasão.

Mas Yuan não pôde deixar de exclamar, quando pensou naquele gorducho amigo do prazer que era o tio: E quando é que o meu tio foi forte! Não, os únicos homens fortes deste país, posso jurar, são os que possuem exércitos e espingardas... curvam-se todos à sua vontade; sei disso melhor que ninguém! Vi o meu pai impor a sua vontade com ameaças de morte, centenas de vezes... centenas e centenas de vezes. Todos têm medo porque ele possui espadas e espingardas... e agora vejo que ele tem razão... quem manda afinal é quem tem a força...

E Yuan começou a soluçar, sentindo-se desamparado. Toda a sua determinação e força de vontade de nada lhe valiam agora.

Mas dentro em pouco cedeu às instâncias da senhora e às suas palavras de consolo; nessa mesma noite, ela realizou uma espécie de banquete, convidando a família inteira, e todos vieram;

terminado o banquete, enquanto todos aguardavam, na expectativa, o que iam ouvir, a senhora expôs o assunto.

Ora, Cheng, Meng e Ai-lan também estavam presentes, embora lhes tivessem dado lugares inferiores, já que eram jovens, pois a senhora cuidara de designar o lugar a cada um, como ensinava o antigo costume, uma vez que estava ali reunida uma família para deliberar. Mas os jovens guardavam silêncio e esperavam, como deviam. A própria Ai-lan estava calada, conquanto os seus olhos cintilassem, mostrando que, no íntimo, escarnecia de toda aquela gravidade, capaz de, em seguida, gracejar de tudo aquilo; e Cheng permanecia como se interiormente pensasse em coisas mais agradáveis. Meng, porém, era o mais silencioso e quieto de todos. O seu rosto estava impassível, rubro e irado, e só pensava naquilo que ali acontecia, sofrendo por não poder falar...

Competia a Wang, o Primogénito, falar em primeiro lugar, mas era visível que não o desejava, e, fitando-o, Yuan perdeu qualquer débil esperança que pudesse ainda alimentar de que aquele homem diria algo para o ajudar. É que Wang, o Primogénito, tinha medo de duas pessoas. Tinha medo do Tigre, seu irmão mais novo. Recordava como ele era habitualmente um homem feroz e recordava que o seu próprio segundo filho levava uma vida boa a folgada numa grande cidade do interior, dirigindo-a quase como um governador em nome do Tigre, e esse filho estava quase sempre disposto a mandar prata ao pai em qualquer ocasião, quando Wang o Primogénito tinha necessidade; e quando é que ele não tinha tal necessidade, nesta cidade estrangeira onde havia mil modos de gastar o dinheiro? Por isso, Wang o Primogénito não tinha vontade de irritar o Tigre. Além desse, temia a sua própria esposa, mãe dos seus filhos, e ela comunicara-lhe claramente o que ele devia dizer. Antes de saírem de casa, ela chamou-o ao quarto e disse-lhe: Não deves tomar o partido do filho. Em primeiro lugar nós, os mais velhos, devemos permanecer unidos, e em segundo lugar pode ser que tenhamos necessidade do auxílio do teu irmão no futuro, se esse boato de outra revolução se chegar a realizar. Ainda temos terras no Norte para cuidar, e não podemos esquecer as nossas dívidas. Além disso, a lei está do lado do pai, e o rapaz deve obedecer.

Pronunciou estas palavras tão categoricamente, que o idoso marido suava agora ao encontrar os olhos que ela mantinha fixos nele; enxugou a cabeça rapada antes de falar, bebeu um pouco de chá, tossiu, cuspiu uma ou duas vezes, fez tudo o que pôde para demorar o que teria de sobrevir, mas todos estavam à espera, de maneira que, vagarosamente e arfando ao falar (actualmente estava sempre rouco, devido à pressão interna que a gordura

exercia sobre ele), disse:Meu irmão enviou-me uma carta

90

dizendo que Yuan deve casar-se. E fui informado de que Yuan não deseja casar-se. E fui informado... fui informado...

Neste ponto perdeu-se, encontrou os olhos da mulher, desviou o olhar, tornou a suar, tornou a enxugar a cabeça, e nesse momento Yuan odiou-o de todo o coração. A um homem como aquele, pensou apaixonadamente, estava entregue o destino da sua vida! Mas, subitamente, sentiu a sua atenção desviada, volveu o olhar, e viu os olhos de Meng que o fitavam numa grande interrogação escarninha: «Não te disse que não há esperança, para nós, nos velhos ?»

Mas o ancião viu-se forçado a continuar, por causa do olhar fixo e frio de sua esposa, e disse à pressa:Mas eu acho... eu acho... que é melhor os filhos obedecerem... os Sagrados Éditos dizem... e afinal de contas...Aqui o velho sorriu de repente, como se pensasse nalguma coisa especial que tinha a dizer:Afinal, Yuan, meu filho, uma mulher é na verdade muito parecida com outra, e depois de tudo terminado não te importará muito, será só um dia ou dois, e eu escreverei uma carta ao director da tua escola, pedindo que te dispense dos exames, e, se te mostrares contente, o teu pai ficará melhor, porque é um homem extremamente irascível, e afinal pode vir uma ocasião em que precisemos...

Aqui o seu olhar novamente se voltou para a esposa, e ela ordenou com tal ferocidade silenciosa que ele se calasse que Wang o Primogénito concluiu de chofre, muito chochamente:É o que eu acho, e voltou-se para o seu filho mais velho, dizendo com grande alívio:Fala, filho, que é a tua vez.

Falou então o filho mais velho, e falou com muito tino, mas pondo-se de ambos os lados, porque não queria ofender ninguém. Todavia, disse bondosamente:Compreendo o desejo que tem Yuan de ser livre. Fui assim na minha juventude, e lembro-me que no meu tempo fiz um escarcéu enorme por causa do meu casamento, para ter quem eu queria. Sorriu lèpidamente; falava com arrojo maior do que aquele que teria se a sua severa e linda esposa ali estivesse; mas ela não estava, porque se achava em vésperas de dar à luz, irritadíssima por ter outra criança depois das quatro nascidas, jurando dia e noite que aprenderia os métodos estrangeiros para não mais conceber. Assim, não estando ela ali, ele olhou para o pai, riu um pouco e disse:A verdade é que muitas vezes indago a mim próprio porque teria então feito tal barulho, já que é a pura verdade o que meu pai diz, que as mulheres são iguais, todos os casamentos são iguais, e o fim é igual e vem forçosamente. Pouco importa casar frio logo no começo, porque afinal o amor acaba sempre por esfriar, não se conservando da mesma maneira que a razão.

E foi tudo. Ninguém mais falou. Nem a senhora instruída, pois de que servia falar, diante daqueles dois homens?

91

Guardou as suas palavras para quando estivesse a sós com Yuan. E nenhum dos jovens falou, pois também para eles era inútil falar. Logo que puderam, esses jovens passaram sorrateiramente um a um para outra sala, e ali conversaram com Yuan, cada qual à sua maneira. Cheng julgava tudo aquilo digno de riso, e foi isso o que confessou a Yuan. Riu, alisou o cabelo com as suas lindas mãos pálidas, e disse: Se eu estivesse no teu lugar, nem sequer dava resposta a essas admoestações, Yuan. Sinto por ti, e estou satisfeito por saber que os meus pais não me tratariam assim, pois, por mais que digam mal dos novos costumes, acostumaram-se a viver nesta cidade, e certamente não nos forçariam a nada, visto todo o poder deles se gastar em conversas. Não dês atenção a isso... vive a tua própria vida. Não dês mostras de cólera, mas faz o que te agradar. Não precisas de voltar para junto de teu pai.

E Ai-lan exclamou com veemência: Cheng tem razão, Yuan! Não deves tornar a pensar nisso. Hás-de viver sempre aqui connosco; todos nós pertencemos ao mundo moderno, e podes esquecer tudo o mais. Existem aqui coisas suficientes para nos manter felizes e entretidos durante toda a vida. Juro que nunca hei-de querer ir para outra parte!

Meng guardou silêncio até a conversa acabar. E então, com voz baixa e terrivelmente séria, disse: Todos vocês falam como crianças. De acordo com a lei, Yuan casará no dia que o pai dele marcou. De acordo com a lei desta nação, ele não tornará a ser livre. *Ele não é livre...* não importa que diga que o é, ou pense que é, ou que se divirta... não é livre!... Yuan, vais aderir agora à Revolução? Percebes agora porque temos de lutar? Yuan olhou para Meng, deparou com os dois olhos ardentes e selvagens dele, percebeu-lhe o desespero da alma. Esperou um momento, e então, com a força do seu próprio desespero, respondeu serenamente: Sim!

Deste modo, o Tigre fez do filho um inimigo.

Yuan disse então de si para si que era capaz de se lançar de corpo e alma na causa da revolução, para salvar o seu país. Anteriormente, quando lhe bradavam: «Devemos salvar o nosso país», embora o seu coração estivesse sempre disposto, por lhe parecer uma coisa que devia ser feita, sentia-se tolhido, porque nunca pudera ver com inteira clareza como seria salvo o país, ou salvo de quê, ou mesmo o que significava a palavra país. Já nos seus verdes anos, quando na casa do pai o seu preceptor lhe ensinara a mesma coisa, ele sentia esse impulso para salvar, e no entanto também esse desnorteamento, de modo que, desejava fazer qualquer coisa, e, ao mesmo tempo, não sabia o que havia de fazer.

Na escola de guerra ouvira falar dos muitos males causados ao país pelos inimigos estrangeiros, mas, por outro lado, o seu pai

92

era também um inimigo; deste modo era ainda impossível ver as

coisas com clareza.

Na escola em que estava agora passava-se o mesmo. Ouvia frequentemente a conversa de Meng sobre o assunto, que o país devia ser salvo, porque Meng não falava noutra coisa, a não ser na sua causa, e mal dava atenção aos livros nos últimos tempos, tão ocupado andava com as suas reuniões secretas; ele e os seus companheiros estavam sempre a preparar protestos contra as autoridades da escola ou da cidade, organizavam passeios, desfilavam pelas ruas empunhando bandeiras e gritando contra os inimigos estrangeiros, contra perniciosos tratados, contra as leis da cidade e da escola, e contra qualquer coisa que não estivesse de acordo com os desejos deles. Obrigavam muitos a desfilar com eles, mesmo que esses fossem às vezes contra sua vontade, pois Meng sabia forçar os companheiros com uma carranca tão sombria como a de qualquer senhor da guerra, e sabia vociferar e trovejar para um colega relutante: Você não é patriota! Vive como um lambe-botas dos estrangeiros... dança e diverte-se enquanto o nosso país é destruído pelos inimigos!

Meng chegara a deblaterar assim com o próprio Yuan, num dia em que este argumentou dizendo que estava ocupado e não tinha tempo para 'tais desfiles. Cheng podia rir e zombar um pouco, na sua maneira afável, se Meng se aproximava dele com as suas falas violentas, porque Meng era o seu irmão mais novo, antes de ser dirigente de jovens revolucionários; mas Yuan era apenas primo e tinha de se esquivar como melhor podia do colérico rapaz. E durante esse tempo o melhor esconderijo para ele tinha sido o seu lote de terra, porque Meng e os seus camaradas não tinham tempo para cultivar a terra num trabalho perseverante, lento e estúpido, e Yuan via-se ali a salvo deles.

Mas agora Yuan sabia o que significava salvar o seu país., Agora via porque o Tigre era um inimigo. Porque, agora, salvar o seu país significava salvar-se a si próprio, e via como o pai era seu inimigo, e ninguém o podia salvar se ele próprio não se salvasse.

Lançou-se no movimento. Não havia precisão de provar a sua sinceridade, já que era primo de Meng, e Meng garantia por ele. E podia garantir-lhe a fidelidade, porque conhecia os motivos da revolta de Yuan, sabendo que a única garantia de zelo por uma causa está sempre numa profunda raiva pessoal, como aquela que Yuan agora sentia. Yuan era capaz de odiar os velhos porque os velhos eram agora seus inimigos particulares. Era capaz de lutar para fazer livre o seu país, porque só assim podia tornar-se livre. Nessa mesma noite, pois, compareceu com Meng a uma reunião secreta efectuada numa certa sala de uma velha casa na extremidade de uma rua tortuosa.

93

Essa rua era conhecida como sendo de prostitutas para homens pobres e por ali passavam muitos homens mal vestidos e muitos jovens trabalhadores transitavam por ali sem que ninguém neles reparasse, porque se sabia o que era o lugar. Por essa rua abaixo, pois, Meng conduziu Yuan. Não prestou atenção aos

gritos e ruídos do local. Conhecia-o bem e nem mesmo via as mulheres que saíam das portas em busca de negócio. Se alguma o puxava pela manga durante muito tempo, ele sacudia-lhe a mão como se se tratasse de algum insecto inconveniente que o importunasse.

Certa ocasião, no entanto, quando uma delas se agarrou por demais a Yuan, Meng gritou: Larga! Já temos um lugar certo... Continuou a caminhar a passos largos, e ao lado dele seguia Yuan contente por se ver solto, porque a mulher era de aspecto grosseiro e bestial e nada jovem, de modo que era de ser temida na sua maliciosa ternura.

Entraram então numa casa onde uma mulher os recebeu, e tomando a dianteira Meng subiu uma escada e entrou numa sala, onde se encontravam uns cinquenta e tantos jovens de ambos os sexos à espera. Quando viram que o seu chefe vinha seguido por Yuan, a conversa em voz baixa cessou e houve um instante de desconfiado silêncio. Meng, porém, disse: Não precisam de ter medo de nada. Este é um primo meu. Já contei a vocês como tinha esperança de que ele aderisse ao nosso movimento, porque muito nos pode ajudar. O pai dele tem até um exército que um dia poderá ser de grande utilidade para nós. Mas ele não se decidia. Nunca percebeu bem o sentido do nosso movimento, até que hoje se convenceu de que é verdade o que lhe disse, que o próprio pai é seu inimigo... como todos os nossos pais são nossos inimigos. Agora, está disposto... tem ódio suficiente para estar disposto.

Yuan, escutando estas palavras em silêncio, olhava em torno para todas aquelas fogosas fisionomias. Não havia ali um semblante que de algum modo não fosse fegoso, embora pálidos por vezes ou até mesmo feios, e os olhos de todos pareciam iguais.

Ante as palavras ditas por Meng, e ante aqueles olhos, o seu coração parou um momento... Odiaria verdadeiramente o pai? De repente, sentiu dificuldade em odiar o pai. Hesitou, tartamudeando no seu espírito ante aquela palavra ódio... odiava o que seu pai fazia... era certo que odiava, e muito, o que o pai fazia. Exactamente nesse momento, em que ele titubeava, alguém se levantou de um canto na sombra, e aproximando-se dele, estendeu-lhe a mão. Conheceu a mão, e, voltando-se, olhou para um rosto conhecido. Era aquela jovem, que, com a sua estranha voz agradável, disse: Eu sabia que um dia te juntarias a nós. Sabia que alguma coisa devia acontecer que te faria vir a nós.

Ante essa visão e esse contacto, e ouvindo a voz dela, Yuan sentiu-se tão bem acolhido e reconfortado, que se lembrou de novo

94

do que o pai recentemente fizera. Sim, se seu pai era capaz de fazer uma coisa tão odiosa como obrigá-lo a desposar uma mulher que nunca vira, então ele odiava o pai. Segurou a mão da jovem na sua. Era um doce e desabrido prazer sentir que ela o amava. E só porque ela se achava ali e lhe apertava a mão, Yuan sentiu-se de súbito um deles. Volveu rapidamente o olhar pela sala. Oh! Como todos eram livres ali, livres de convenções e ao mesmo tempo jovens! Meng continuava a falar. Ninguém estranhava que eles

os dois, um rapaz e uma rapariga, estivessem ali de mãos apertadas, porque todos ali eram livres. E Meng concluiu dizendo: Fico como fiador dele. Se nos trair, eu também morrerei. Afianço-o eu. Quando Meng acabou de falar, a jovem conduziu Yuan uns passos à frente, segurando-lhe ainda a mão, e disse: Também eu fico por ele!

Assim o ligou a ela e aos seus companheiros. Sem uma palavra de protesto, Yuan prestou então o seu compromisso. Na presença de todos e diante do silêncio de todos, Meng fez, com um canivete, brotar um pouco de sangue de Yuan, dando-lhe um talho no dedo. Molhou um pincel no sangue, e Yuan assinou com ele o seu nome no compromisso já escrito. Todos então se ergueram, deram-no por admitido, prestaram juntos o compromisso, e entregaram um certo distintivo, para Yuan guardar como prova de fraternidade.

Assim se tornou Yuan, afinal, filiado na sua causa.

Yuan descobriu muitas coisas de que não tinha conhecimento.

Verificou que aquela associação se ramificava em dezenas e dezenas de outras, por toda a parte, e que essa rede se espalhava por muitíssimas províncias do país e em muitas cidades, especialmente no Sul; o centro de todo o movimento residia na grande cidade sulista onde ficava a escola de guerra. Desse centro, eram expedidas ordens por mensagens secretas. Meng sabia como receber e ler tais mensagens, e tinha os seus ajudantes que convocavam todo o grupo para reuniões, nas quais Meng expunha o que se devia fazer, como devia ser combinada uma greve ou como devia ser redigida uma declaração, e ao mesmo tempo que fazia isso, em dezenas de outras cidades repetia-se a mesma coisa, porque havia muitos jovens organizados secretamente pelo país inteiro.

Cada reunião desses grupos era um passo em frente na execução de um grande plano para o futuro, plano que na verdade já não era assim tão novo para Yuan, porque durante toda a vida ouvira falar de algo muito semelhante. Na sua infância, escutava o pai dizer habitualmente: «Hei-de me apoderar da sede do governo e construir uma grande nação. Formarei uma nova dinastia» porque o Tigre nutria esses mesmos sonhos na juventude. Então, o preceptor de Yuan dissera-lhe em segredo: «Um dia havemos

95

de nos apoderar da sede do governo e forjar uma nova nação».

Na escola de guerra tornou a ouvir isso, e agora mais uma vez o ouvia. Todavia, para muitos era um brado novo. Para os filhos dos mercadores, para os filhos dos professores, para os filhos da gente tranquila e vulgar do povo, para esses filhos que se viam mergulhados na estupidez da vida ordinária, era o mais poderoso brado que jamais soara. Falar em construir uma nação, em ver o país erguer-se para uma nova grandeza, em empreender guerras decisivas contra povos estrangeiros, levava todos os jovens

das classes baixas a ter grandes sonhos e considerar-se cada qual um governador, ou estadista ou general.

Mas Yuan não era um noviço a ouvir tal pregão, e amiúde não lhe era possível gritar tão alto como os outros, cansando-os por vezes com excessivas perguntas, tais como: De que modo havemos de fazer isto ? Como podemos salvar o país, se não frequentamos as aulas e gastamos o nosso tempo só em desfiles?

Mas, após algum tempo aprendeu a guardar silêncio, porque os outros não toleravam essas conversas, que eram mal recebidas por Meng e pela jovem, se ele não agia como os outros; em particular,

Meng disse-lhe: Não tens o direito de discutir as ordens que nos vêm de cima. Devemos obedecer, porque só assim todos podemos estar preparados para o grande dia que há-de vir. Não posso permitir que discutas dessa maneira, porque os outros não têm permissão para o fazer, e irão dizer que eu favoreço o meu primo.

De modo que Yuan teve de reprimir a pergunta que justamente nesse instante se elevava no seu espírito, e que consistia em indagar onde estava a liberdade, se ele era forçado a curvar-se ao que não entendia. Pensou consigo que, sem dúvida, mais tarde teriam liberdade e que não havia outro meio de andar para diante, porque a verdade é que com o seu pai não tinha liberdade, e agora lançara-se à sorte com esses companheiros.

Portanto, cumpriu o seu dever tal como lhe era designado.

Aprontava bandeiras para os dias de desfile, redigia petições que eram dirigidas aos professores para este ou aquele fim, porque a sua caligrafia era clara e melhor que a da maioria, e permanecia ausente da aula nos dias de greve, quando os mestres não concediam o que fora pedido, embora ele estudasse em segredo o que não podia deixar de aprender; e ia às casas de certos operários, dando-lhes folhas de papel onde estavam escritos, para eles, dizeres que mostravam como eram explorados no seu trabalho, como lhes davam salários miseráveis, como os seus patrões enriqueciam à custa deles, e todas essas coisas que eles já sabiam.

Tais homens e mulheres não sabiam ler, e Yuan lia para eles ouvirem; ouviam-no prazenteiramente, entreolhando-se, espantados, ao saberem que eram mais oprimidos do que haviam pensado, e

96

um ou outro exclamava: Sim, trabalhamos todo o dia e de noite, e os nossos filhos passam fome... Não há esperança à vista para gente como nós. O que acontece hoje será o mesmo amanhã e sempre, porque cada dia comemos o que ganhamos, e entreolhavam-se ferozmente, desesperados por verificarem quão cruelmente os exploravam.

E ao olhá-los e ouvi-los, Yuan não podia deixar de se entristecer, pois não havia dúvida de que eles eram cruelmente explorados, e os seus filhos não eram nutridos, e morriam à míngua, trabalhavam em teares e em máquinas estrangeiras muitas horas por dia, e frequentemente ali morriam, e ninguém se importava. Nem mesmo os pais se preocupavam excessivamente, dada a facilidade com que se fazem e dão à luz filhos, os quais existem

sempre em casa dos pobres em quantidade maior do que a desejada. Não obstante toda a sua compaixão, a verdade é que Yuan sentia-se contente quando se podia ir embora, porque havia sempre mau cheiro em torno desses pobres, e as narinas de Yuan ficavam enjoadas. Mesmo depois de chegar a casa e de se lavar e estar longe deles, parecia-lhe sentir o mau cheiro à sua volta. No seu quarto sossegado, sozinho com os seus livros, erguia a cabeça e sentia aquele cheiro. Embora mudasse de casaco, o cheiro continuava.

Ainda que fosse a alguma casa de diversão, sentia o cheiro. Sobrepondo-se ao perfume da mulher que tinha nos braços, ao dançar, sobrepondo-se ao aroma dos alimentos limpos e bem cozidos, aquele fedor dos pobres chegava até ele. Penetrava em tudo, e ele detestava-o. Havia em Yuan aquele velho acanhamento que ainda o impedia de se dar inteiramente fosse ao que fosse, porque em tudo havia sempre algo que o chocava como um banho frio para os sentidos, e embora "se envergonhasse de ser tão mesquinho, sabia que era um pouco frio relativamente ao movimento revolucionário, por causa da repugnância que a sua carne sentia por aquele mau cheiro.

Havia outro incômodo, também, nessa associação em que ele agora estava, coisa que muitas vezes obscurecia a causa e punha uma nuvem entre ele e os outros. Era a jovem. Desde que Yuan entrara para o movimento, parecia que aquela jovem dava como certo que ele lhe pertencia, e não o deixava. Havia entre aqueles jovens outros pares, que viviam descaradamente juntos, o que era considerado como coisa que podia ser feita, e em nenhuma conversa se fazia alusão ao que acontecia entre os outros. Chamavam-se camaradas, e a união entre um rapaz e uma rapariga perdurava somente enquanto ambos a desejassem. Aquela jovem nutria pois a esperança de que Yuan vivesse com ela.

Mas aí estava uma coisa curiosa. Se Yuan não tivesse entrado no movimento, e tivesse continuado a viver a sua antiga vida de lindos sonhos, vendo poucas vezes a rapariga, e só a vendo na 7-c. D.

97

escola, e passeando com ela só de vez em quando, então o desembaraço dela, a sua voz agradável, os seus olhos francos e a mão que transmitia o calor do seu coração tê-lo-iam por fim seduzido, devido à sua estranha natureza, tão diferente das outras jovens que ele conhecia e via com mais frequência, e que eram as amigas de Ai-lan. É que Yuan era acanhadíssimo com as raparigas, tão acanhado, que a desenvoltura amorosa de uma delas podia cativá-lo.

Mas agora ele via essa jovem todos os dias e em toda a parte. Ela considerava-o como propriedade sua, esperava-o após cada aula, e saía ao lado dele, de modo que, vendo isso, muitos dos seus colegas troçavam de Yuan e diziam-lhe: Ela espera-te... ela espera-te... não podes escapar...e essa caçoada maliciosa estava-lhe sempre nos ouvidos.

A princípio, Yuan fingiu não lhe dar atenção, e quando tinha de ouvi-la, sorria desajeitadamente, mas depois sentiu vergonha

e passou a demorar-se à saída ou a sair de modo inesperado. No entanto, não foi capaz de a enfrentar corajosamente e de lhe dizer: «Estou cansado dessa tua espera permanente». Não, não tinha outro remédio senão aparentar cumprimentá-la, e quando ia às reuniões secretas, lá estava ela, e sempre com um lugar junto dela reservado para ele, e todos os outros tinham como certo que os dois se haviam unido para todos os efeitos.

E contudo não era assim, porque Yuan não podia amar essa jovem. Quanto mais a via, quanto mais ela lhe segurava a mão, (e agora tomava-lhe a mão constantemente, agarrando-a longo tempo e não fazendo segredo do seu afecto), tanto menos Yuan era capaz de amá-la. Todavia, era obrigado a apreciá-la porque tinha consciência do amor leal e verdadeiro que ela lhe dedicava, e, posto que envergonhado, às vezes tirava vantagem dessa extrema constância, porque quando ele recebia ordens para fazer uma coisa de que não gostava, ela incomodava-se ao ver-lhe a relutância, e, se era coisa que ela pudesse fazer, declarava que era o que ela própria queria fazer, e manobrava de modo a que Yuan, as mais das vezes, recebia a tarefa que preferia: redigir um manifesto, ou ir às aldeias conversar com os lavradores em vez de o fazer com os pobres da cidade que fediam tão horriavelmente. Assim, Yuan não queria irritá-la, porque bem avaliava o que ela fazia por ele; e contudo era bastante homem para se envergonhar muitas e muitas vezes de se valer dos serviços dela, sem conseguir entretanto amá-la.

E quanto mais a repeliava ainda que por muito tempo não chegasse a fazê-lo com palavras, tanto mais apaixonada se tornava a jovem, até que um dia tudo foi dito claramente, como é forçoso que aconteça em tais coisas. Aconteceu que nesse dia Yuan fora enviado a uma certa aldeia, e queria ir sozinho e na

98
volta passar pelo seu pedaço de terra, para ver como ele ia, pois andara por demais ocupado com a acumulação de serviço do movimento para ali aparecer tão frequentemente como era do seu agrado. Era um belíssimo dia dos fins da Primavera, e ele projectara caminhar até à aldeia, sentar-se, conversar um pouco com os lavradores, distribuir secretamente os seus folhetos, e depois tomar o rumo do Leste, dirigindo-se para o seu lote de terra. Gostava das conversas com os lavradores, e amiúde tagarelava com eles, não para convencê-los à força, mas tal como conversava com qualquer pessoa, e prestava ouvidos quando eles diziam: Mas quem já ouviu falar de uma coisa dessas, que a terra há-de ser tomada aos ricos para nos ser dada ? Duvidamos de que isso possa ser feito, jovem senhor, e preferimos que assim não seja, pois caso contrário seremos posteriormente punidos de uma maneira ou de outra. Estamos melhor tal como estamos. Pelo menos conhecemos as nossas atribulações. São velhas atribulações que nós bem conhecemos. E as mais das vezes só os que de entre eles não possuíam terra é que consideravam bem-vindos os novos tempos.

Mas nesse dia, em que ele projectara gozar de horas agradáveis

no seu devaneio solitário, a jovem encontrou-o e disse-lhe com a sua entonação decidida: Vou contigo, para conversar com as mulheres.

Ora, por muitas razões, Yuan não a queria junto de si.

Sentia-se obrigado, diante dela, a falar com mais violência a favor da causa, e não lhe agradava tal violência. Além disso, receava o contacto com ela, se a jovem ficasse sozinha com ele. E não poderia passar pelo seu terreno, temeroso de que aquele bom lavrador lá estivesse, visto não lhe ter revelado ainda que tinha ingressado no movimento, e não queria que o homem suspeitasse desse factode maneira que não desejava ir lá com a jovem.'

Sim, e mais ainda: não queria que a rapariga visse como ele se preocupava com o crescimento das plantas que ele próprio semeava.

Não queria que ela notasse a velha afeição, o estranho apego que ele sentia por essas coisas, porque ela certamente ficaria espantada. Não lhe temia o riso, porque ela nunca via uma coisa para rir dessa coisa, mas temia-lhe a surpresa, a falta de compreensão, o pronto desprezo por tudo que ela não compreendia.

No entanto, não se podia desvincilhar dela, porque a jovem era tão eficiente, que Meng lhe dera ordem para essa missão, e ela tinha de ir. Por conseguinte, puseram-se juntos a caminho, Yuan silencioso e mantendo-se de um dos lados da estrada; se ela passava para o lado dele, imediatamente arranjava uma desculpa para procurar um caminho mais plano do outro lado; ficou contente quando a estrada urbana se transformou num caminho mais estreito, passando em seguida a uma pequena vereda onde

99

eles foram forçados a caminhar um atrás do outro, pondo-se Yuan à frente, de modo a poder lançar os olhos em torno sem vê-la diante de si.

Mas, por certo, ela sem demora compreendeu como ele se sentia. Foi serenando a sua conversa, como se não reparasse nas lacónicas respostas dele, e depois silenciou, caminhando ambos por fim calados. Yuan, no entanto, ia percebendo, amedrontado, que os sentimentos dela se sublevavam, e no entanto tinha de prosseguir avante, obstinadamente. Num dado momento, chegaram a uma curva do caminho, onde, havia muito tempo, tinham sido plantados salgueiros, que eram agora vetustos, e cujos galhos, de serem cortados tantas e tantas vezes, lançavam todos os anos rebentos espessos e túmulos como pincéis, enredando-se por cima da vereda, de modo a formar uma sombra obscurecedora intensamente verde. Ao passarem por esse recanto quieto e solitário,

Yuan sentiu que os seus dois ombros eram segurados por trás; a jovem puxou-o fazendo-o dar meia volta, lançou-se contra ele, desatou em tremendo pranto e exclamou: Sei o motivo por que não me amas... sei onde vais à noite... uma noite destas segui-te e vi-te com a tua irmã, vi tu entrares naquele grande edifício, e vi mulheres lá. Gostas mais delas do que de mim... vi aquela com

quem dançaste... aquela com vestido comprido, cor-de-rosa...
vi ela, desavergonhadamente, pendurar-se em ti...

Na verdade, Yuan ainda por vezes saía com Ai-lan, pois não comunicara à irmã, e à senhora que se alistara na causa, e embora com frequência apresentasse a desculpa de que estava ocupado, não podendo assim sair e divertir-se tanto quanto ela, era forçado de quando em quando a ir, de contrário Ai-lan estranharia, e a senhora confiava sempre que ele fosse para a deixar sossegada. Quando a jovem choramingou aquelas palavras, lembrou-se de que uma ou duas noites atrás tinha ido com Ai-lan a uma recepção organizada por ocasião do aniversário da sua amiga mais íntima, num grande hotel estrangeiro, existente naquela cidade, e aí dançara com essa amiga; no salão, havia enormes janelas envidraçadas que deitavam para a rua, e sem dúvida ele podia ter sido notado no meio dos outros, pelos olhos ansiosos da jovem. Enrijou o corpo, enfurecendo-se, e disse ressentido: Fui com a minha irmã, sim, era convidado e...

Mas a jovem percebera que ele se tornara frio debaixo das mãos quentes dela, recuou, e disse com cólera maior que a dele: Sim, eu vi-te... tu tinha-la nos braços e não sentias medo do contacto dela, mas afastas-te de mim como se eu fosse uma verdadeira serpente! Que julgas tu que te aconteceria se eu contasse aos outros que gastas o teu tempo com a própria gente a quem odiamos e contra a qual todos trabalhamos? A tua vida está nas minhas mãos!

100

Ora, isso era bem verdade, e Yuan sabia-o. Mas limitou-se a responder serena e ironicamente: E pensas que é um processo de fazer com que eu te ame, falares assim?

Então, ela tornou a encostar-se a ele, debilitada, soluçou mansamente sobre o seu peito, e erguendo-lhe os braços, por seu próprio esforço os passou em torno dela; e assim ficaram. Passado um momento, Yuan não pôde deixar de se comover com os soluços dela, entristecendo-se; e quando ela disse: Tu conquistaste-me; se foi contra a tua vontade, também foi contra a minha, porque eu não queria ser conquistada por nenhum homem... e no entanto eu sei que abandonaria a causa antes de te abandonar a ti... sou tão má e tão fraca... sentiu-se rapidamente compadecido, e desse modo, embora contravontade, conservou os braços onde ela os tinha posto.

Após algum tempo, ela aquietou-se, afastou-se, enxugou os olhos, e continuaram ambos a caminhar; agora estava triste e tranquila; cumpriram os dois a sua tarefa, e nesse dia ela não voltou a falar.

Mas tanto Yuan como ela sabiam em que pé estavam as suas relações. E aqui se manifestou a perversidade de Yuan. Até então, ele nunca olhara duas vezes para nenhuma amiga de Ai-lan, e todas lhe pareciam semelhantes, essas lindas filhas dos ricos,

com as suas vozes altas, sonoras e alegres, com os seus risos tilintantes, e as suas variadas e bonitas roupas, e os seus brincos nas orelhas, e as peles lisas, e as unhas dos dedos pintadas, e todas as demais semelhanças que as igualavam umas às outras. Gostava do ritmo da música e, além da música, de uma rapariga, e agora já não se sentia tão perturbado diante das jovens como a princípio. Mas o incessante ciúme dessa outra jovem impeliu-o de maneira estranha a contemplar exactamente àquelas de quem ela se queixava, e a jovialidade delas foi-lhe agradável, porque a jovem nunca estava alegre; achou prazer na alacridade e na ausência de sectarismo delas, pois só cuidavam de procurar o prazer. Começou a escolher duas ou três raparigas de quem gostava mais, uma filha de um velho príncipe que se refugiara nessa cidade desde a queda do império, a mais linda jovem que jamais vira, tão perfeita na sua delicada beleza que Yuan se detinha a contemplá-la, agora que resolvera proceder assim, e uma outra de mais idade, que gostou da mocidade e da aparência dele, e que não obstante jurar que não se casaria e se manteria toda a vida na sua ocupação, que era dirigir uma loja de roupas de senhoras que tinha nessa cidade, gostava de namorar e Yuan agradou-lhe; Yuan percebeu-o e descobriu na insinuante beleza dela, na sua figura esbelta como uma espada, nos seus cabelos negros e curtos que se mostravam lisos como uma pintura, um prazer pungente e exasperante.

101

Essa pequena e passageira solicitude que ele teve para com essas duas raparigas e uma ou duas mais, fez com que se sentisse culpado quando a outra jovem o censurava, como amiúde fazia, mostrando-se um dia exasperada na sua furiosa argumentação, e noutro dia fria e odiosa; Yuan estava ligado a ela por uma estranha camaradagem, de modo que se sentia atado, e todavia era incapaz de amá-la.

Um dia, pouco antes da data em que o seu pai devia casá-lo naquela distante cidade, Yuan meditava no caso, melancólico e sozinho à janela do seu quarto, pousando o olhar sobre as ruas da cidade, quando de súbito se lembrou com amargor que nesse dia tinha de ver aquela jovem, o que o fez dizer mentalmente: «Clamo contra o meu pai porque ele me coage, e no entanto fui suficientemente néscio para deixá-la, também, exercer coacção sobre mim!» E ficou tão chocado por não ter pensado nisso antes, no facto de ter de novo perdido a sua liberdade, que se sentou e pôs-se a conceber celeremente qual o meio de que lançaria mão para escapar, como poderia livrar-se dessa nova escravidão, que era, a seu modo, tão pesada como a outra, por ser secreta e íntima. E repentinamente viu-se livre. Durante todo esse tempo a causa revolucionária fortalecera-se no Sul, e agora tinha soado a hora: vindos daquela cidade sulista, os exércitos da revolução marchavam rapidamente através do próprio coração do país. Quando menos se esperava, como um forte tufão que, proveniente dos mares do Sul, varresse o litoral, esses exércitos mobilizaram-se com uma vitalidade de carne e sangue, estuantes de um poder

que os fazia quase mais do que humanos, de modo que por todo o país e em cada cidade eram precedidos, seguidos e acompanhados pela fama da sua força, do seu poderio e da sua invencibilidade. Porque esses exércitos eram compostos de rapazes e também de raparigas, todos cheios de íntimo vigor, de modo que não lutavam como soldados, que só lutam em troca de remuneração. Lutavam por uma causa que era a sua vida, de maneira que eram invencíveis, e os soldados dos governadores, sendo mercenários, fugiam diante deles como folhas diante de um vento furioso. À frente deles, como vanguarda, corriam as notícias da sua força e bravura e de como a morte não conseguia apanhá-los, já que eles não temiam morrer.

Os governadores da cidade tomaram-se então de tamanho medo que atacaram todos os revolucionários que conheciam no interior da cidade, receando uma conspiração de dentro, que apoiasse aqueles que viessem de fora, e havia muitos noutras escolas como Meng, como Yuan e como aquela rapariga. Aconteceu isso em três curtos dias; os governadores enviaram soldados corpulentos a todos os quartos habitados por estudantes, e se era encontrada alguma coisa, um livro, um papel, uma bandeira

102

ou qualquer símbolo da causa da Revolução, nesse caso o estudante era morto a tiro, quer se tratasse de um rapaz ou de uma rapariga.

Nesses três dias, foram assim mortos a tiro nessa cidade centenas desses rapazes e raparigas, e ninguém se atreveu a dizer uma palavra contra isso, com medo de ser considerado amigo deles e perder por isso a sua própria vida. E entre os culpados foram mortos muitos inocentes, porque homens maus que não queriam morrer e que tinham inimigos, iam revelar secretamente os nomes daqueles a quem odiavam e prestavam falso testemunho afirmando que se tratava de revolucionários; por causa dessas simples palavras, muitos foram mortos, tão grande era entre os governantes o medo de que os revolucionários do interior da cidade tomassem o partido daqueles que vinham de fora, para atacar.

Um dia, sem advertência alguma, aconteceu o seguinte.

Uma manhã, em que Yuan se achava na aula, no exacto momento em que jurava a si próprio que não viraria a cabeça, porque sabia que a jovem estava olhando para ele, e por outro lado, estando quase a virar-se por se sentir de certo modo impelido a fazê-lo, entrou de repente no recinto um grupo de soldados, cujo chefe bradou: Fiquem quietos que vão ser revistados! Imediatamente ficaram todos espantados e temerosos, enquanto os soldados lhes passavam as mãos pelo corpo e lhes examinavam os livros, enquanto um deles anotava num caderno os lugares onde residiam os alunos. Foi tudo feito em completo silêncio, permanecendo o próprio professor calado e inerte. Não se ouvia um único ruído, excepto o das espadas dos soldados, batendo contra os tacões de couro e o barulho das suas grossas botas sobre o soalho de madeira.

De entre os alunos que, silenciosos e assustados, enchiam a sala, três foram separados, porque acharam neles alguma coisa.

Dois eram rapazes, mas o terceiro era aquela rapariga, que tinha

um papel comprometedor no bolso. Os soldados mantiveram esses três na sua frente, e quando se dispuseram a sair, picaram-nos com as carabinas armadas de baionetas, para os apressar. Yuan observou tudo, vendo com espanto, e sem nada poder fazer, ir-se a jovem daquele modo. Junto à porta, ela voltou a cabeça e lançou-lhe um olhar, um longo, súplice e mudo olhar. Em seguida um soldado fincou-lhe a pontuda baioneta nas costas e empurrou-a para a frente; e quando ela se foi, Yuan teve a intuição de que nunca mais a veria.

O seu primeiro pensamento foi «Estou livre!», e em seguida sentiu-se algo envergonhado por não poder deixar de se sentir contente, não podendo contudo esquecer o grande e trágico olhar que a jovem lhe dirigira, ao partir, e de certo modo esse olhar fê-lo sentir-se culpado, pois embora ela o amasse de todo o coração, ele não a tinha amado. Mesmo quando se justificou e exclamou consigo: «Não podia evitá-lo... como o poderia, se não a amava?

103

soou uma voz mais baixa e débil dentro dele que dizia: «Sim, mas se eu soubesse que ela havia de morrer tão cedo... podia tê-la confortado um pouco!»

Mas as suas interrogações bem depressa cessaram, porque, não sendo possível trabalhar mais naquele dia, o professor suspendeu a aula, e todos saíram à pressa da escola. Mas, no meio dessa confusão, Yuan sentiu o seu braço agarrado, e olhando viu Cheng, e Cheng o puxou, reservadamente, para um lado onde ninguém o pudesse ouvir, e cochichou, com o seu sereno rosto pela primeira vez contorcido numa expressão de susto: Onde está Meng?... Ele não sabe desta investigação de hoje, e se é revistado... o meu pai morrerá se Meng for morto.

Não sei, respondeu Yuan, olhando para trás. Há dois dias que não o vejo...

Mas Cheng já se tinha afastado, metendo-se agilmente pelos grupos de estudantes calados e amedrontados que nesse momento saíam das salas de aula.

Yuan dirigiu-se então, por ruelas sossegadas, para a sua casa, onde encontrou a senhora, e narrou-lhe o que havia sucedido, dizendo por fim para a tranquilizar: É claro que eu não tenho nada a temer.

Mas o espírito da senhora via mais longe que o de Yuan, e por isso ela ponderou rapidamente: É possível... que tenhas sido visto com Meng... és primo dele... ele tem estado aqui. Não deixou algum livro, ou papel, ou qualquer coisa no teu quarto? Eles virão aqui investigar. Oh, Yuan, parte e fica à espera enquanto eu penso o que farei contigo, porque o teu pai estima-te; e se chegas a sofrer alguma coisa será culpa minha, porque não te mandei para casa dele quando ele assim o ordenou! E manifestava maior medo do que Yuan jamais notara nela.

Ela acompanhou-o então ao quarto, para ver tudo o que ele tinha. E enquanto ela examinava todos os livros um a um, todas as gavetas e estantes, Yuan tinha em mente aquela carta de amor que a jovem lhe enviara e que ele nunca rasgara em pedaços. Guardara-a entre as páginas de um livro de poesias; não que a apreciasse, mas a princípio ela fora-lhe preciosa porque, afinal, falava de amor... a primeira palavra de amor em toda a sua vida, de modo que, por um momento, tivera o seu valor mágico, para em seguida ser esquecida. Tirou-a enquanto a senhora estava de costas, amarrotou-a na mão, deu uma desculpa qualquer, saiu do quarto, entrou furtivamente noutra sala, e com um fósforo pegou fogo à carta. Enquanto ela ardia entre o polegar e o indicador, evocou a pobre rapariga, e como ela o fitara, com o olhar de uma lebre que se vê diante dos cães bravios que caem sobre ela para a devorar. E Yuan encheu-se de imensa tristeza, ao pensar nela, uma tristeza de certo modo estranhamente profunda, porque

104

mesmo agora, mais do que nunca, ele sabia que não a amava e que nunca poderia tê-la amado, e nem mesmo lamentava a morte dela, embora se sentisse culpado por não a lamentar. Assim, a carta desfez-se em cinza entre os seus dedos, e ficou reduzida a pó.

Ainda mesmo que Yuan estivesse propenso a afligir-se, não teve tempo para isso. Mal acabara de queimar a carta, e antes que ouvisse o ruído de vozes no saguão, a porta abriu-se dando entrada a seu tio, sua tia, o primo mais velho e a Cheng, todos indagando em altos berros se Meng fora visto. A senhora veio do quarto de Yuan, enquanto todos se interrogavam uns aos outros, mostrando-se temerosos; o tio disse, com o seu gordo rosto a tremer de susto e de pranto: Vim para aqui para me livrar daqueles arrendatários da minha terra, que são os mais cruéis e ferozes selvagens, julgando que aqui estaria a salvo, com soldados estrangeiros para nos proteger, e não sei no que é que esses estrangeiros estão ocupados para permitirem que aconteçam tais coisas. E eis que Meng, agora, desapareceu; Cheng, diz que ele é revolucionário, embora eu possa jurar que não sabia disso. Porque não fui informado? Teria tomado providências há muito tempo!

Mas, pai, respondeu Cheng, numa voz baixa e conturbada, que podia o senhor ter feito, senão falar e divulgar ainda mais esse facto?

Sim, é o que ele faria, disse a mãe de Cheng com azedume.

Se algum segredo tem de ser guardado, só eu é que o guardo na nossa casa. Mas custa-me a crer que também eu não tenha sido informada... Meng, o meu filho predilecto!

E o filho mais velho, cuja cor tinha a palidez das cinzas do

salgueiro, disse ansiosamente: Por causa desse rapazola idiota todos corremos perigo, pois os soldados virão interrogar-nos e suspeitarão de nós.

Nesse momento, a mãe de Yuan disse serenamente: Temos todos de ponderar o que devemos fazer, diante de tal perigo. Eu devo pensar em Yuan, já que ele está à minha guarda. Já pensei nisso. De uma maneira ou de outra a altura, de ele ir para uma escola estrangeira, havia de chegar, de modo que mandá-lo-ei agora. Logo que todos os papéis estejam em ordem, o mais depressa possível, ele partirá, e em terras estrangeiras estará a salvo.

Então iremos todos! exclamou com veemência o tio. Em terras estrangeiras estaremos todos a salvo.

O senhor não pode, pai, disse Cheng com paciência.

Os estrangeiros não deixarão homens da nossa raça entrarem na sua terra, a menos que seja para fins de estudo ou coisa assim bem determinada.

105

Perante isto, o velho inchou o peito e, escancarando os olhinhos, disse: E eles não entraram aqui, na nossa terra?

Mas a senhora disse para os acalmar: É quase inútil conversarmos agora sobre nós mesmos. Nós, os velhos, estamos bastante seguros. Eles não irão matar como revolucionários pessoas idosas e morigeradas como nós, e nem a ti, sobrinho mais velho, que tens esposa e filhos e já não és novo. Meng, porém, é conhecido, e por causa dele tanto Cheng como Yuan estão em perigo, e seja como for temos de os fazer sair do país.

Puseram-se a idear, pois, como seria possível realizar esse plano e a senhora lembrou-se de um amigo estrangeiro de Ai-lan, por meio do qual se conseguiria que os inúmeros papéis necessários fossem redigidos, assinados e despachados com rapidez; a senhora, então, levantou-se e foi à porta para mandar um criado chamar Ai-lan a casa de uma amiga onde tinha ido para um jogo matinal pois nestes dias agitados ela não estava disposta a ir à escola, já que a agitação tornava-a triste, e ela não podia suportar a tristeza.

Justamente quando a senhora pôs a mão na porta, um forte barulho veio das salas inferiores, o ruído de uma voz rude e atrevida, que bradava: É aqui que mora um tal Wang Yuan? Todos se entreolharam, e o idoso tio tornou-se pálido como a gordura da carne de açougue, olhando em torno com o propósito de se esconder. Mas o rápido pensamento da senhora dingiu-se primeiro para Yuan, e em seguida para Cheng.

Vocês dois disse ofegante, depressa... para o sótão...

Ora, não havia escada para esse sótão, consistindo a entrada em pouco mais do que um orifício quadrado aberto no tecto do

quarto onde eles estavam reunidos. Mas a senhora, enquanto falava, tinha já empurrado uma mesa para debaixo dessa abertura e arrastado uma cadeira; Cheng subiu primeiro, sendo sempre um pouco mais rápido que Yuan, que logo o seguiu.

Mas nenhum foi suficientemente veloz. Enquanto ainda se moviam à pressa, a porta foi violentamente aberta como que por uma rajada de vento, e irromperam na sala oito a dez soldados, cujo chefe perguntou, olhando primeiro para Cheng: Wang Yuan é você?

Ora, Cheng estava também muitíssimo pálido. Esperou um momento antes de responder, como se meditasse no que havia de dizer, e em seguida respondeu em voz muito baixa: Não, não sou eu.

Então o homem trovejou: Neste caso é este outro... Sim, recordo-me de que a rapariga disse que ele era alto e moreno, de sobrancelhas pretas... mas de boca suave e vermelha... é esse... Sem uma palavra de protesto, Yuan deixou que lhe amarrassem as mãos atrás das costas, e ninguém pôde impedir que assim

106

se fizesse. Não, embora o seu velho tio chorasse e tremesse, e embora a mãe chegasse a suplicar, dizendo com a sua voz grave e firme: O senhor está enganado... este rapaz não é revolucionário.

Posso garantir-lho... é um rapaz estudioso e diligente... é meu filho... nunca tomou parte nesse movimento...

Mas os homens limitaram-se a rir grosseiramente, e um soldado grandalhão de rosto rechonchudo exclamou: Ah, senhora, as mães nunca conhecem os filhos! Para se conhecer um homem, tem de se interrogar a namorada dele... e nunca a sua mãe...

Pois é, a rapariga deu o nome do rapaz e o número desta casa, e descreveu exactamente os sinais dele... sim, ela conhecia muito bem os sinais dele, se conhecia... Garanto que ela conhece todas as particularidades dele!... E confessou que ele era o maior rebelde de todos... sim, a princípio mostrou-se colérica e atrevida, depois ficou calada durante algum tempo, e por fim deu o nome dele por espontânea vontade, sem precisar de sofrer a mínima tortura com isso!

Yuan notou como a senhora ficou espantada perante estas palavras como se fosse uma coisa que ela de maneira alguma compreendesse. Manteve-se silencioso, incapaz de dizer qualquer coisa, mas no seu íntimo pensou melancolicamente: «De maneira que o amor dela transformou-se em ódio! Não me pode prender pelo amor... e agora com o ódio ata-me completamente!» E assim teve de se deixar conduzir.

Precisamente nesse momento, Yuan amedrontou-se e teve a certeza de que ia morrer. Nos últimos dias, ainda que o facto não fosse público, ele sabia que era a morte o fim de todos aqueles que fossem identificados como participantes do movimento, e a prova mais segura da sua culpa era que a própria jovem indicara o nome dele. No entanto, não obstante repetir isto a si

próprio, a palavra morte não lhe pôde parecer real. Nem mesmo quando foi atirado para uma cela, cheia de outros jovens como ele, e quando o guarda lhe gritou ao vê-lo hesitar ante a escuridão do cárcere: Upa, mantenha-se de pé agora, porque amanhã outros farão isso por você, nem então foi capaz de compreender o sentido das palavras. Elas penetraram-lhe no coração como balas, e contudo Yuan teve ânimo de volver os olhos através da obscuridade da cela apinhada e sentir-se aliviado, porque não viu ali dentro nenhuma mulher, mas apenas homens, ensou: «Mais facilmente suportarei a morte do que vê-la aqui, vê-la e saber que vou morrer, vê-la e saber que ela, afinal, me possui». Isto constituiu um alívio para ele.

Tudo sucedera tão rapidamente que Yuan não podia deixar de acreditar que de algum modo havia de ser libertado.

A princípio pensou que a qualquer momento seria solto dali.

107

Confiava muitíssimo na senhora sua mãe, e quanto mais ponderava no caso, tanto mais confiante ficava de que ela descobriria um meio de salvá-lo. Durante as primeiras horas assim acreditou, tanto mais que percebeu, ao olhar em torno para os seus companheiros de prisão, que ele era muito melhor do que qualquer deles, pois os outros pareciam pobres e menos cultos do que ele, e também de famílias com menos recursos e influência.

Dentro em pouco, porém, a escuridão tornou-se completa, e, nas trevas, sentaram-se todos silenciosos ou deitaram-se no chão de terra. Ninguém falava, para por suas próprias bocas não se comprometerem com qualquer palavra que lhes pudesse confirmar a culpa; temiam-se uns aos outros e enquanto cada rosto conseguia ainda ver a sombra esmaecida do outro, não houve mais do que o movimento de um corpo mudando de posição, ou outro ruído semelhante em que não entrava som de voz.

Em seguida caiu a noite, e então ninguém mais pôde ver um semblante alheio, parecendo que a escuridão encerrava cada um na sua própria cela; uma voz começou a exclamar suavemente: «Oh, minha mãe!... oh, minha mãe!...» e prorrompeu em desesperado pranto.

Era bem duro ouvir aquele pranto, porque cada qual sentiu que podia bem ser o seu; uma voz mais alta soou, forte e áspera: Silêncio! Que criança é essa que chora pela mãe? Eu sou um partidário leal... matei a minha própria mãe, e o meu irmão matou o nosso pai; não queremos saber de outros pais a não ser a causa da revolução... não é, irmão?

E uma outra voz, gémea dessa, respondeu vinda das trevas:

Sim, matei! E a primeira voz disse: Lamentamos isso?

E a segunda riu zombeteiramente e tornou a responder: Ainda que eu tivesse uma dúzia de pais, de bom grado os mataria todos...

E uma outra gritou encorajada: Sim, esses velhos e velhas só nos criam para estarem certos de ter na velhice criados que os conservem aquecidos e alimentados... Mas a primeira voz, que era a mais suave, continuava a lamentar-se constantemente:

«Oh, minha mãe!... oh, minha mãe!...» como se quem exclamasse

estas palavras nada ouvisse.

Mas afinal, com o avanço da noite, até essas exclamações forçosamente tiveram de cessar. Yuan não falara uma única vez, e quando os outros se calaram, sentiu que a noite se prolongava eternamente no seu silêncio profundo e exausto, e não pôde suportá-la. Todas as suas esperanças começaram a desaparecer. Julgava que a qualquer momento a porta se ia abrir e que uma voz bradaria: «Wang Yuan pode sair... está livre!»

Mas nenhuma voz chamava.

Yuan convenceu-se por fim de que devia ser produzido qualquer som, porque não podia suportar o silêncio. Ocupou-se em

108
pensar. Contra vontade, pensou em toda a sua vida, considerando como ela era curta, e meditando: «Se eu tivesse obedecido a meu pai, não estaria agora aqui...»e todavia era incapaz de dizer: «Desejaria ter-lhe obedecido». Não, quando Yuan pensou nisso, certa obstinação fê-lo dizer honestamente: «Apesar de tudo, estou convencido de que ele exigia de mim uma coisa indevida...» E tornou a ponderar: «Se eu me tivesse dobrado um pouco e cedido àquela jovem...» Mas novamente se revoltou, pensando com honestidade: «No entanto, foi preferível não o fazer...» E, afinal de contas, nada mais havia a fazer do que conduzir o pensamento para o futuro, já que o passado ficara irremediavelmente para trás, e tinha de pensar na morte.

Desejava ansiosamente que brotasse qualquer som da escuridão, desejava até ouvir aquele rapaz chamar pela mãe.

Mas a cela mostrava-se quieta como se estivesse vazia; e, contudo, as trevas não dormiam. Não; as trevas estavam vivas, vigilantes, atentas, cheias de terror e de silêncio. De começo, ele não sentira medo. Mas, na calada da noite, amedrontou-se. A morte, que até essa hora fora irreal, surgia agora como uma realidade. Pôs-se a indagar, subitamente desalentado, se seria decapitado ou fuzilado. Nesses dias, segundo lera, as portas das cidades do interior eram ornadas com as cabeças dos jovens de ambos os sexos mortos por serem partidários da causa, e em socorro dos quais os exércitos de libertação não haviam chegado a tempo, de maneira que antes do dia do combate eram capturados pela gente do governo.

Pareceu-lhe ver a sua própria cabeça, mas em seguida»ocorreu-lhe à guisa de consolo: «Mas nesta cidade de tipo estrangeiro eles sem dúvida matar-nos-ão a tiros»e logo se sentiu tomado por uma espécie de amargo júbilo, admirando-se de que lhe importasse conservar a cabeça sobre os ombros, quando estivesse morto.

Ora, após horas a fio estar agachado nessa angústia e confusão, com as costas metidas num canto formado pelas paredes e os pés encolhidos junto a si, a porta abriu-se de chofre e um feixe cinzento de luz da madrugada invadiu a cela e mostrou os prisioneiros enroscados uns nos outros como um monte de vermes. A luz fez com que eles se mexessem, mas antes que qualquer se pudesse levantar, uma voz trovejou: Fora daqui, todos!

Soldados penetraram na cela e, com golpes e pancadas de espingardas, levantaram todos; novamente a pé, aquele rapaz

recomeçou a lamentação: «Oh, minha mãe!... oh, minha mãe!...», não se dispondo a cessá-la nem mesmo quando um soldado lhe bateu na cabeça com a coronha da carabina, porque gemia aquelas palavras como se as respirasse e não as pudesse evitar, vendo-se forçado a manter a sua vida assim.

Quando todos eles saíram cambaleantes e silenciosos, com exceção desse, cada qual côncio do que iria suceder e todavia
109

espantado um certo soldado ergueu uma lanterna e fez incidir a luz sobre os rostos, um a um. Yuan foi o último de todos, e quando chegou a sua vez a luz banhou-lhe o semblante. Essa luz, surgida assim após a longa escuridão da noite, cegou-o repentinamente, e nesse momento de cegueira sentiu-se empurrado de novo para o cubículo, e empurrado tão violentamente que caiu no chão de terra batida. Imediatamente ouviu fecharem a porta, e verificou que estava sozinho, mas ainda vivo.

Três vezes aconteceu a mesma coisa. Durante esse dia a cela tornou a encher-se de outros jovens, e novamente nessa noite e em mais duas noites Yuan teve de os escutar; ora praguejavam, ora ficavam calados, às vezes choramingavam, e outras punham-se a gritar na sua loucura. Três alvoradas passaram, e três vezes foi ele levado de novo para a cela, ficando sozinho por detrás da porta fechada à chave. Não lhe foi dado alimento nem concedida uma oportunidade para falar ou fazer perguntas.

No primeiro dia, não pôde deixar de ter esperança. No segundo dia a esperança já foi mais diminuta. Mas no terceiro estava tão debilitado por falta de comida e até de água para beber, que lhe parecia coisa de somenos importância saber se iria morrer ou não. Na terceira madrugada, mal conseguiu pôr-se de pé, e a sua língua estava seca e intumescida na boca. Entretanto, o soldado gritou por ele, espicaçou-o com a carabina e fê-lo erguer-se; quando Yuan se apoiou à porta com ambas as mãos, de novo um jacto de luz lhe focou o rosto. Mas desta vez não tornou a ser lançado para a cela. O soldado agarrou-o, e quando os outros todos tinham tomado o caminho que os levava à morte, quando enfim nem mesmo o eco dos seus passos se conseguia já ouvir, o soldado conduziu Yuan por uma outra passagem mais estreita para um lugar onde havia uma pequena porta trancada; retirou a tranca, e sem uma palavra, fez Yuan transpor essa porta.

Yuan viu-se então numa ruela estreita, dessas que sinuosamente atravessam as zonas mais interiores e recônditas de uma cidade, uma ruazinha que ainda estava mergulhada na penumbra da madrugada e onde não se via ninguém. No seu entendimento nublado, Yuan pôde perceber claramente uma coisa: que se achava livre... que, fosse como fosse, tinha sido solto.

Justamente quando voltava a cabeça para um lado e para o outro a fim de ver para onde iria, aproximaram-se duas pessoas vindas da obscuridade, e Yuan retrocedeu, encolhendo-se de novo contra a porta. Uma das duas, porém, era uma criança, uma criança crescida, a qual veio correndo para ele, acercou-se e mirou-o de alto a baixo; ele viu-lhe os dois olhos, grandes, negros

e vivos, e ouviu-a gritar numa voz fraca e ardente: É ele... aqui está ele... aqui está ele...

110

Então a outra aproximou-se também, e ao vê-la Yuan reconheceu a senhora sua mãe. Mas antes de poder falar, a despeito de toda a sua vontade de dizer que era ele em pessoa, sentiu o corpo tremer-lhe sobre os pés e como que desfazer-se, e de repente não conseguiu ver nada, os olhos escuros da criança tornaram-se maiores e mais negros, e em seguida embaciados. Ouviu uma voz murmurar, muito distante: «Oh, meu pobre filho!», e por fim caiu, deixando de ver e ouvir.

, Quando Yuan acordou, sentiu-se numa coisa que se movia e balanceava. Estava deitado numa cama, mas essa cama subia e descia por baixo dele, e abrindo os olhos viu que se achava num pequeno e estranho quarto onde jamais estivera. Alguém estava ali a contemplá-lo e quando Yuan reuniu toda a sua energia para olhar, viu que esse alguém era Cheng, o seu primo. Cheng, por sua vez, olhava para Yuan, e quando viu que este abria os olhos, levantou-se e esboçou o seu habitual sorriso, que pareceu a Yuan naquele momento verdadeiramente o mais suave e afectuoso sorriso que um rosto podia apresentar; o rapaz estendeu a mão para uma mesinha, pegou numa tigela com caldo quente, e disse, acalmando Yuan: A tua mãe disse-me que, no momento em que acordasses, te desse isto, que estou conservando aquecido há duas horas, num pequeno fogão que ela me deu...

Começou a dar de comer a Yuan, como se tratasse de uma criança, e como uma criança Yuan não disse uma palavra, tão cansado e aturdido estava. Tomou o caldo, fraco demais para indagar como tinha vindo parar ali e que lugar era aquele, aceitando como uma criança tudo o que acontecera. Apenas sentiu que o líquido quente era reconfortante e agradável à sua língua seca e inchada, e engoliu-o como melhor pôde. Mas enquanto Cheng tirava o caldo com a colher, ia dizendo tranquilamente: ' Sei que estás desejoso de saber onde estamos e porque estamos aqui. Estamos num naviozinho... um navio de que o nosso tio mercador se serve para transportar as suas mercadorias às ilhas mais próximas e vice-versa, e é graças a ele que aqui nos achamos. Cruzaremos os mares das vizinhanças e pararemos no porto mais próximo, onde temos de esperar os papéis necessários para entrar em terras estrangeiras. Estás livre, Yuan, mas por um grande preço. A tua mãe, o meu pai e o meu irmão tiveram de lançar mão de todas as somas que puderam e pediram emprestado muito dinheiro ao nosso segundo tio; o teu pai ficou fora de si, conforme eles contaram, e pôs-se a resmungar que ele também fora traído por uma mulher, e que tanto ele como o filho estavam fartos de mulheres de uma vez para sempre. Desistiu do teu casamento, mandou todo o dinheiro que tinha reservado para ele e todo o que pôde conseguir, e todo esse dinheiro junto comprou a tua liber-

111

dade e a nossa fuga neste navio. Foram dadas grandes e pequenas propinas...

Yuan ouviu estas palavras ditas por Cheng, mas estava tão enfraquecido que mal pôde perceber-lhes o sentido. Sentia apenas o navio elevar-se e descer debaixo dele, e o agradável calor do alimento introduzir-se-lhe no corpo debilitado. Cheng tornou então a falar, sorrindo bruscamente: No entanto, não sei se conseguiria ter partido feliz, mesmo neste caso, se não soubesse que Meng estava a salvo. Ah, é esperto, esse rapaz! Ora escuta! Eu estava aflito, por ele, e os meus pais achavam-se aturdidos, ignorando qual seria pior: saber onde estavas e se ias ser morto, ou não saber onde Meng estava e se podia ser salvo ou já estava morto. Mas ontem, quando seguia pela rua, entre a tua casa e a minha, alguém me meteu na mão um pedaço de papel, no qual Meng escrevera: «Não deves procurar-me nem estar ansioso, e os meus pais não precisam de pensar de novo em mim. Estou salvo e onde quero estar».

Cheng riu, descansou a tigela vazia, riscou um fósforo para acender um cigarro, e disse alegremente a Yuan: Nem mesmo tive gosto para fumar nestes três dias! Bem, esse velhaco do meu irmão está são e salvo, e já avisei o meu pai; embora o velho esteja danado e jure que nunca mais considerará Meng como seu filho, sei que abrandou o coração e foi a um banquete hoje à noite. E o meu irmão mais velho irá ao teatro ver uma nova peça, apresentada com uma mulher actuando no seu devido lugar, conforme a nova moda, e não como um homem vestido de mulher, pois está cheio de curiosidade em ver essa indecência. A minha mãe encolerizou-se com o meu pai algum tempo, de modo que voltámos todos a ser o que somos, agora que Meng está a salvo e tu e eu escapámos.

Fumou um pouco e depois acrescentou, com mais gravidade que de costume: Mas estou contente, Yuan, por nos dirigirmos a outras paragens, ainda que seja deste modo. Falo pouco nisto, mas não me filiarei em nenhum movimento e divertir-me-ei sempre que puder; estou cansado do meu país e das suas guerras, e embora vocês todos julguem que só sei rir e pensar nos meus versos, a verdade é que frequentemente me sinto triste e desanimado.

Estou satisfeito por ir ver outro país e os costumes de outros povos. Sinto o meu coração exultar justamente por me ir embora! Yuan, porém, já não o ouvia. O conforto do alimento, a maciez daquela cama estreita e balouçante, e a consciência da sua liberdade mergulharam-no em alívio. Conseguiu apenas sorrir um pouco, e sentiu que os seus olhos começavam a fechar-se. Cheng percebeu isso, e disse, num tom bondoso: Dorme... a tua mãe disse-me para eu te deixar dormir bastante... e agora que estás livre podes dormir melhor do que nunca.

112

Ouvindo estas palavras, Yuan abriu os olhos mais uma vez. Livre? Sim, estava enfim livre de tudo... E então Cheng tornou a falar, para concluir o seu pensamento: E se és como eu, não há nada que não queiras deixar.

Não, pensou Yuan, conciliando o sono, nada havia que ele lamentasse deixar atrás de si... Nesse momento do sono, tornou

a ver aquele calabouço apinhado, aquelas formas que se retorciam... aquelas noites... aquela jovem que se voltou para olhá-lo, antes de ir para a morte. Cessou de pensar e adormeceu...Depois numa grande e repentina paz, sonhou que estava no seu lote de terra. Viu o pequeno trecho que tinha plantado. Viu-o de súbito tão nítido como numa fotografia: as ervilhas formavam-se nas vagens, a cevada verdejante ganhava altura, e lá estava o velho lavrador risonho, trabalhando ali perto nas suas plantações. Mas também ali estava a jovem, e a sua mão estava muito fria... muito fria. Tão fria estava a mão dela, que de novo acordou por uns instantes... e lembrou-se de que estava livre. Que tinha dito Cheng, que não se sentia triste?... Não, a única coisa que ele lamentava deixar era aquele pedacinho de terra. Mas, antes de tornar a adormecer, veio-lhe este consolo: «Mas aquela terra... é uma coisa que ainda lá estará quando eu voltar... a terra está sempre lá...»

8-c. D.

113

CAPÍTULO II

Wang Yuan tinha dezanove anos de idade quando saiu do seu país, mas, sob vários aspectos, ainda era um rapazito, cheio de sonhos, complicações e planos semicomeçados que não sabia como terminar, ou mesmo se os queria terminar. Durante toda a vida fora mantido sob guarda, vigiado e cuidado por alguém, e não conhecia outra coisa além dessa vigilância, e apesar dos seus três dias de prisão, não sabia o que era verdadeiramente a tristeza. Permaneceu seis anos ausente.

Quando se preparou para regressar à sua terra no Verão desse ano, estava quase a completar vinte e seis anos, e em muitas coisas era já um homem, embora nenhum pesar profundo lhe tivesse ainda dado a última demão à virilidade; e ele ignorava que precisava dessa demão. Se alguém o interrogasse, teria respondido com firmeza:Sou um homem. Conheço o meu carácter.

Sei o que quero ser. Os meus sonhos, agora, são planos. Terminei os meus anos de escola. Estou pronto para viver no meu país.

E de facto esses seis anos no estrangeiro foram para Yuan como uma outra metade da sua vida. Os primeiros dezanove anos constituíam a metade menor, e os seis constituíam a maior, a mais valiosa, porque esses últimos anos tinham-no trabalhado e consolidado de vários modos. E a verdade é que, conquanto não tivesse consciência disso, estava formado em muitos sentidos de que não se dava conta.

Se alguém lhe perguntasse:Estás preparado agora para a vida? ele respondia honestamente:Tenho o diploma de um grande colégio estrangeiro, e recebi esse diploma com classificação mais elevada que muitos naturais da terra. Teria dito isso com orgulho, mas não teria falado de uma certa lembrança que tinha de alguns de entre os seus colegas daquele povo estrangeiro, que

murmuravam contra ele, dizendo: É claro, se um homem não pretende outra coisa além de estudar com afinco, consegue com-
114

quistar boas notas, mas nós devemos mais à escola. Esse rapaz... aferra-se aos livros e mais nada... não toma parte na vida... onde estaria a escola, no futebol e nas regatas, se todos nós fizéssemos o mesmo?

Sim, Yuan conhecia esses rapazes estrangeiros activos, sociáveis e joviais que falavam assim dele e não tinham grande preocupação em esconder as palavras, dizendo-as, pelo contrário, em público. Yuan, porém, mantinha a cabeça erguida. Tinha seguro prestígio junto dos professores e era constantemente mencionado por ocasião da distribuição de prémios, altura em que o seu nome era com frequência citado em primeiro lugar; quem conferia o prémio dizia sempre: Embora este aluno trabalhe numa língua estranha para ele, sobrepujou os outros. Assim, ainda que Yuan soubesse não ser estimado por isso, seguira orgulhosamente avante, e estava contente por mostrar do que era capaz a sua raça, contente por lhes mostrar que não apreciava os jogos tanto como os apreciam as crianças.

Se de novo alguém lhe perguntasse: De que modo está preparado agora para viver a sua vida de homem? ele teria replicado: Li muitas centenas de livros, e tratei de aproveitar tudo o que pude desta nação estrangeira.

E era verdade, porque nesses seis anos viveu solitário, como um tordo numa gaiola. Levantava-se todas as manhãs cedo e lia os seus livros, e ao soar um sino na casa em que morava, descia a tomar a sua refeição matinal, comendo habitualmente em silêncio, porque não perturbava ninguém nessa casa com muita conversa, nem mesmo a mulher que o servia. E porque havia de cansar-se a conversar com os outros?

Ao meio-dia, almoçava com os outros numerosos alunos, na vasta sala que havia para esse fim. E de tarde, se não tinha trabalho no campo ou com os mestres, fazia o que mais lhe agradava fazer. Entrava na grande sala dos livros, sentava-se no meio deles, lia e anotava o que queria fixar, e reflectia sobre muitas coisas.

Chegou assim, forçosamente, à conclusão de que os povos ocidentais não eram, como Meng afirmara com azedume, uma raça selvagem, apesar da rudeza da gente vulgar, e eram instruídos em ciências. Muitas vezes Yuan ouviu os seus próprios compatriotas, residentes nesse país, dizerem que, no uso e conhecimento das coisas materiais, esse povo se avantajava, mas era falho em todas as artes pelas quais vive o espírito humano. Todavia, olhando para as estantes de livros sobre filosofia, poesia, ou arte, Yuan indagava a si mesmo se o seu povo seria realmente maior, embora preferisse morrer a fazer em voz alta tal interrogação, nessa terra estrangeira. Encontrou mesmo, traduzidos para as línguas ocidentais, os escritos dos mais antigos e mais modernos sábios do seu povo, e livros que falavam das artes do Oriente, ficando

espantado com toda essa cultura; em parte invejava esse povo, que a possuía, e em parte odiava-o por isso, não gostando de recordar que no seu país o homem vulgar amiúde não sabia ler um livro, e muito menos ainda a sua mulher.

Yuan sentira dois estados de espírito diferentes, desde que chegara a esse país estrangeiro. Quando se restabeleceu, no navio, e sentiu voltarem-lhe as forças após aqueles três dias de morte, alegrou-se por ter regressado à vida. Possuído então da alegria de viver, participou do prazer de Cheng na viagem, nas novas paisagens que teriam ante os olhos e na grandiosidade das terras estrangeiras. Assim, pois, Yuan desembarcara nas novas paragens tão curioso e ávido como uma criança por ver um espectáculo, disposto a agradar-se de tudo.

E achou tudo agradável. Quando entrou pela primeira vez no grande porto da costa ocidental desse país, pareceu-lhe que era mais que verdade tudo o que ouvira contar. As casas eram mais altas do que lhe haviam dito, e as ruas estavam calcetadas e pavimentadas como o soalho das casas, tão limpas que podia sentar-se nelas ou nelas dormir sem se sujar. E toda a gente parecia maravilhosamente asseada. A alvura da sua pele e o asseio das suas roupas eram agradabilíssimos de ver, e todos pareciam ricos e bem alimentados, e Yuan sentiu-se satisfeito por ao menos ali os pobres não se misturarem com os ricos. Os ricos iam e vinham livremente pelas ruas, e não havia mendigos a puxarem-lhes as mangas e a clamarem por compaixão, pedindo dinheiro. Era um país de que se podia gostar: todos possuíam o suficiente, e cada qual podia comer com satisfação porque todos comiam bem.

Assim, Yuan e Cheng, juntos nesses primeiros dias, não puderam deixar de soltar exclamações ante tanta beleza visível. Aquele povo residia em palácios, ou pelo menos assim pareciam os dois jovens, que nunca tinham visto casas assim. Nessa cidade, fora da zona comercial, as ruas estendiam-se largas e ensombradas por grandes árvores, não sendo preciso as famílias construírem altas paredes ao longo delas; em vez disso, cada jardim comunicava com o do vizinho, e isto era motivo de assombro para Yuan e Cheng, já que cada homem parecia confiar tanto no seu próximo que não precisava de levantar barreiras contra ele para impedir os roubos.

A princípio, pois, tudo se afigurava perfeito nessa cidade. Os imensos edifícios quadrados e altos delineavam-se tão nítidos contra o céu azul-ferrete, - que aparentavam ser formidáveis templos, embora não tivessem deuses dentro. Por entre eles corriam a grande velocidade milhares e milhares de veículos cheios de homens ricos com as suas mulheres, e até as pessoas que andavam a pé pareciam fazê-lo por gosto, e não por necessidade. A prin-

117
cípio Yuan dissera a Cheng: Deve ter acontecido alguma coisa nesta cidade, para tanta gente andar a tal velocidade. Mas depois de ambos terem observado o trânsito durante algum tempo, deram-se conta de que essa gente mostrava-se muito alegre e ria a todo momento, e que a sua conversa em voz alta e ruidosa era

mais devida à satisfação do que à tristeza, e em parte alguma havia aflições, e, se caminhavam todos depressa, é porque gostavam da pressa. Era assim o temperamento dos habitantes.

E de facto havia ali um estranho poder no próprio ar e no Sol. Onde, na terra da mãe de Yuan, o ar era frequentemente sonolento e calmante, forçando, no Estio, a dormir-se muito tempo e, no Inverno, a prevalecer nas pessoas apenas o desejo de se enroscar num espaço exíguo para dormir e aquecer-seneste outro país o vento e o Sol continham uma energia impulsiva e áspera, de maneira que Yuan e Cheng caminhavam mais rapidamente que de costume, e na luz radiosa do Sol os transeuntes moviam-se como corpúsculos em cintilante confusão ao passarem por um feixe de luz.

No entanto, logo nos primeiros dois dias em que tudo para eles era ainda estranho e digno de ser apreciado, Yuan viu o seu prazer desmanchado num certo momento. Mesmo agora, passados seis anos, Yuan não podia dizer que esquecera inteiramente esse momento, embora não passasse de uma coisa insignificante.

No segundo dia após o desembarque, ele e Cheng entraram num restaurante vulgar, onde muitas pessoas comiam, não das mais ricas, talvez, mas mesmo assim suficientemente abastadas para comer o que queriam. Quando Yuan e Cheng transpuseram as portas, vindos da rua, Yuan sentiu, ou julgou sentir, que aqueles homens e mulheres brancos fixavam os olhares um tanto nele e em Cheng, e teve a impressão de que se afastavam um pouco de ambos, embora na verdade Yuan ficasse contente por eles o fazerem, já que daquela gente se desprendia um cheiro estranho, um pouco semelhante a certo requeijão que gostava de comer, posto que não tão asqueroso, talvez. Quando entraram para comer, uma jovem postada junto de um balcão tomou-lhes os chapéus para os pendurar entre muitos outros, porque assim era costume, e quando eles voltaram para os pedir, a jovem tirou muitos chapéus de uma só vez; um certo homem, antes que Yuan pudesse detê-lo, avançou a mão e pegou no chapéu de Yuan, que era castanho como o seu, e, pondo-o na cabeça, saiu à pressa pela porta. Imediatamente Yuan deu pelo engano, e correndo atrás do homem, disse delicadamente: Senhor, o seu chapéu é este. O meu, que é inferior, levou-o o senhor por engano. Sou eu o culpado, por ter sido tão vagaroso. Yuan curvou-se e estendeu o chapéu do outro.

Mas o homem, que já não era jovem e ostentava no magro

118

rosto uma expressão mordaz e irritada, ouviu com impaciência o que Yuan lhe disse, e pegando no seu próprio chapéu, com grande repugnância tirou da sua cabeça calva o chapéu de Yuan. E não se deteve senão para dizer duas palavras, que lançou como um escarro.

Yuan ficou parado, segurando no seu chapéu, e desejando não ter que recolocá-lo na cabeça, pois não gostara do crânio alvo e reluzente do homem... nem, principalmente, do silvo da sua voz. Quando Cheng se aproximou, perguntou-lhe: Porque

estás aí parado como se tivesses sido ferido?

Esse homem, respondeu Yuan, feriu-me com duas palavras que não entendi. Só sei que eram palavrões.

Cheng pôs-se a rir, mas havia uma ponta de leve amargura no seu riso. Talvez ele te tenha chamado estrangeiro do diabo disse.

O que sei é que eram dois palavrõesolveu Yuan, incomodado e começando a perder a alegria.

Agora somos estrangeiros disse Cheng. Passado um momento, encolheu os ombros e tornou a falar: Todos os países são parecidos, meu primo.

Yuan nada disse. Mas já não estava tão alegre, e não tornou a sentir tanto agrado por aquilo que via. Guardou no íntimo, com firmeza, a sua própria personalidade, obstinada e resistente. Ele, Yuan, filho de Wang o Tigre, e neto de Wang Lung, permaneceria ele próprio para sempre, jamais se perderia entre milhões de homens brancos estrangeiros.

Nesse dia não pôde esquecer a sua ferida, até que Cheng tornou a notá-la e disse com um risinho malicioso: Não te esqueças de que no nosso país Meng teria gritado a esse homenzinho que ele era um estrangeiro do diabo, de modo que o insultado seria o outro. E depois foi chamando a atenção de Yuan para um ou outro curioso panorama, até que por fim o distraiu.

Nos dias seguintes e em todos os anos subsequentes, em que tanto havia para ver e admirar, ele teria dito que esquecera esse pequeno incidente; não o esqueceu, porém. Tão claramente como se fosse hoje, se lhe acontecia pensar nele, como seis anos atrás, recordava nitidamente o olhar colérico daquele homem e sentia ainda a ofensa, que lhe parecia injusta.

Mas mesmo que não tivesse esquecido, essa recordação muitas vezes ficava soterrada. Porque Yuan e Cheng viram juntos muita beleza nesses primeiros dias no país estrangeiro. Viajaram num comboio que os transportou através de grandes montanhas onde, embora a Primavera fosse tépida no sopé das serranias, a neve se acumulava branca e espessa contra o alto céu azul; entre os montes havia escuros desfiladeiros em que águas profundas cachoavam e espumavam, e, ao contemplar toda essa beleza inebriante,

119

Yuan julgou-a quase irreal e por demais extraordinária, tal como se fosse um quadro de um pintor extravagante, pendurado à janela do comboio um quadro estranho, de paisagens ignotas intensamente coloridas, e não feitas da terra, das rochas e das águas de que o seu próprio país se compunha.

Quando as montanhas ficaram para trás, surgiram vales fora do vulgar, e campinas enormes a perder de vista, e máquinas a resfolegar como imensos animais preparando as férteis terras para gigantescas colheitas. Ao ver isso claramente, Yuan ficou ainda mais maravilhado do que diante das montanhas. Contemplando as grandes máquinas, recordou como o velho lavrador o ensinara a segurar na enxada e a brandi-la de modo a ferir exactamente o ponto apropriado. Ainda era daquele modo que esse

lavrador cultivava a sua terra, e como ele todos os outros. E Yuan recordou como estavam dispostas as pequenas plantações do camponês, uma cuidadosamente ajustada à outra, e como»os poucos vegetais se tornavam verdes e polpudos graças ao cisco que ele guardava e sobre eles espalhava, de modo que cada planta atingia o seu maior rendimento, tendo cada uma e cada palmo de terra a sua máxima valorização. Mas aqui ninguém se preocupava com meia dúzia de plantas e uns palmos de terra. Aqui as plantações mediam-se por milhas, e as plantas eram inegavelmente incontáveis.

Deste modo, nesses primeiros dias, salvo as palavras daquele homem, tudo pareceu bom a Yuan, melhor do que era possível no seu país. As aldeias eram limpas e bastante prósperas, e embora conseguisse distinguir, pelo aspecto diferente, um camponês de um homem da cidade, todavia o do campo não vestia um casaco rasgado, e as suas casas não eram feitas de barro e palha, e as aves e os porcos não andavam soltos à vontade. Todas essas coisas eram dignas de admiração; pelo menos assim pensava Yuan. Porém, logo nesses primeiros dias, Yuan notou que a terra onde se achava era estranha, selvagem, diferente da sua própria terra. com o decorrer do tempo, Yuan tornou-se melhor conhecedor da terra, devido a frequentes passeios ao longo das estradas rurais ou ao cultivo de um terreno, na escola estrangeira, como o que tinha no seu país; e jamais esqueceu a diferença. Conquanto a terra que alimentasse essa gente branca fosse a mesma terra que tinha alimentado a raça de Yuan, ao trabalhar nela Yuan percebeu que não se tratava exactamente da terra em que os seus antepassados estavam sepultados. Esta terra era nova e livre de ossos humanos, ainda não subjugada, uma vez que desta nova raça ainda não havia suficientes mortos para saturar o solo com a sua substância, como Yuan sabia que estava saturado o solo do seu país com a substância da sua gente. Esta terra era ainda mais forte do que o povo que se empenhava em dominá-la, e que

120

se fazia áspero com a aspereza dela, mostrando-se muitas vezes selvagem no espírito e na aparência, apesar da riqueza e da instrução que possuía.

Porque a terra permanecia inconquistada. Os quilómetros e quilómetros de montanhas cobertas de matas; todo o desperdício de troncos caídos e folhas podres debaixo de grandes árvores perdidas; as campinas e pastagens abandonadas aos animais; as amplas estradas correndo negligentemente por toda a parte; tudo isso tornava evidente que a terra não fora conquistada. Os homens serviam-se do que queriam, produziam safras clamorosamente grandes, mais do que podiam vender, decepavam árvores, só utilizavam os melhores campos, desperdiçando os outros, e sobejava sempre terra para ser utilizada, pois era maior do que eles.

Na pátria de Yuan, a terra estava dominada, os homens eram senhores dela. Lá, as montanhas tinham sido despojadas das suas florestas muitos anos atrás, e presentemente achavam-se despidas mesmo das ervas silvestres que iam alimentar os fogos

dos homens. Estes empenhavam-se em obter a maior colheita possível dos seus minguaados terrenos, forçavam a terra a trabalhar para eles com o máximo rendimento, e sem cessar atiravam-se a ela, lançavam sobre ela o seu suor, o seu lixo, os seus cadáveres, até que não restasse nela vestígio de virgindade. Os homens formavam o solo com a sua própria substância; sem isso, a terra há muito que estaria exausta, não passando de um estéril ventre vazio.

Assim meditou Yuan, a respeito desse novo país e do seu segredo. No seu lote de terra, ele considerava primeiro o prévio preparo que tinha de fazer para poder nutrir esperança de colheita. E aqui esta terra estrangeira era rica da sua própria força ainda não utilizada. com uma pequena intervenção, ela produzia ferozmente, desenvolvendo abundantíssima vida para os homens.

Quando chegou Yuan a juntar ódio a essa admiração? Ao cabo de seis anos, pôde olhar para o passado e ver a segunda ocasião em que nutriu ódio.

Yuan e Cheng separaram-se cedo, ao fim dessa primeira viagem de comboio, porque Cheng tomou-se de amores por uma grande cidade onde achou outros como ele, dizendo que as escolas ali eram melhores para os que, como ele, queriam aprender poesia, música e filosofia, não ligando importância à terra, como Yuan. Na verdade, Yuan dedicou-se, de todo o coração, a fazer nesse país estrangeiro o que sempre desejara fazer, isto é, aprender a semear plantas, a lavrar o solo e coisas assim, e com redobrado empenho, pois não tardou a crer que esse povo devia o seu poder às ricas colheitas que tirava da terra. Por tal motivo Yuan deixou Cheng para trás nessa cidade, e seguiu à procura de outra cidade e de outra escola onde pudesse conseguir o que queria.

121

Primeiro que tudo, Yuan tinha de encontrar um sítio para comer e dormir, e um quarto a que pudesse chamar seu, nessa terra estranha. Quando se dirigiu à escola foi cortesmente recebido por um homem branco de cabelos grisalhos que lhe forneceu uma lista de certos lugares onde ele podia encontrar alojamento e comida, e Yuan pôs-se em campo para escolher o melhor. A primeira porta em que fez soar a campainha foi-lhe aberta por uma mulher enorme, de meia-idade, enxugando os seus grandes braços vermelhos e nus num avental que trazia em torno da vasta cintura. Ora, Yuan nunca vira uma mulher de tal envergadura, e no primeiro instante não conseguiu acostumar-se à aparência dela. Perguntou, porém, com toda a cortesia: O dono desta casa está?

A mulher descansou então as mãos nas ancas e respondeu em voz alta e desabrida: Esta casa é minha, não pertence a homem nenhum.

Ao ouvir estas palavras, Yuan voltou-se para se ir embora, preferindo experimentar outro lugar, pois pensou que não devia haver naquela terra muitas criaturas horríveis como aquela; desejaria antes morar numa casa em que houvesse um homem. É que essa mulher era verdadeiramente incrível: o seu busto era

descomunal, e na sua cabeça havia cabelos curtos de uma cor que, não fosse Yuan estar a vê-los, teria julgado impossível que crescessem numa pele humana. Eram fortemente avermelhados, mas um tanto obscurecidos pela gordura e pelo fumo da cozinha. Logo abaixo desses esquisitos cabelos sobressaía o rosto gordo, rechonchudo, também vermelho, mas de tom diferente, purpurino, e nesse rosto situavam-se dois olhinhos azuis e reluzentes como às vezes é a porcelana nova. Não foi capaz de a encará-la, e baixou os olhos, vendo-lhe então os dois pés disformes e achatados, o que não pôde suportar, voltando-se rapidamente para ir a outra parte, depois de fazer um cumprimento.

Não obstante, quando indagou numa ou duas outras portas onde estava escrito que havia quartos para alugar, viu-se recusado. A princípio, não percebeu por que razão. Uma mulher disse-lhe: Os meus quartos estão ocupados, se bem que Yuan soubesse que ela mentia, visto estar ali afixada a tabuleta anunciando quartos vazios. Este facto repetiu-se por duas vezes. Por fim a verdade revelou-se-lhe. Um homem declarou-lhe sem rodeios: Não alojamos gente de cor aqui. Logo de começo, Yuan não compreendeu o que ele queria dizer, não se dando conta de que a sua pele de um amarelo pálido fosse diferente da coloração habitual da pele humana, nem de que os seus olhos e cabelos negros pudessem diferir do comum dos olhos e cabelos humanos. Mas num momento compreendeu, porque vira homens negros

122

aqui e acolá pelo país, e caracterizados como eram não mereciam grande respeito dos brancos.

O sangue subiu-lhe do coração, e o homem, vendo-lhe o rosto ardente e ruborizado, disse à guisa de desculpa: Minha esposa tem de me ajudar a ganhar a vida nestes tempos difíceis; temos um número regular de hóspedes, e eles não continuariam aqui se nós recebêssemos estrangeiros. Há lugares, entretanto, onde eles são aceites, e o homem citou a rua e o número da casa onde Yuan vira a horrorosa mulher.

Foi esse o segundo encontro com o ódio.

Agradeceu ao homem com uma profunda e orgulhosa reverência, voltou àquela primeira casa, e desviando os olhos da horrível criatura, disse à mulher que desejava ver o quarto que ela tinha. Gostou muito dele; era um quarto pequeno, situado no sótão, bastante limpo e atravessado por uma escada. Se pudesse esquecer a mulher, seria um ótimo quarto. Via-se ali trabalhando em silêncio e sozinho, e agradou-lhe o declive do tecto que caía obliquamente sobre a cama, a mesa, a cadeira e a cómoda que o mobilavam.

Resolveu, pois, instalar-se nele, e essa foi a sua habitação durante os seis anos.

A verdade é que a mulher não era tão má como parecia; residiu ano após ano na casa dela, enquanto frequentava a escola, e a mulher tornou-se bondosa para ele e ele chegou a compreender-lhe a bondade, apesar de encoberta pelo seu horrível aspecto e pelos seus modos grosseiros. O quarto era arrumado como o de um monge, as suas poucas coisas estavam sempre dispostas no

devido lugar, e a mulher afeiçoou-se-lhe bastante, dizendo, por entre ruidosos suspiros: Se todos os meus rapazes fossem como você, Wang, e se a maneira de viver deles me causasse tão pouca preocupação como a sua, seria agora uma mulher diferente. Yuan verificou, então, passados poucos dias, que essa criatura corpulenta era extremamente bondosa, não obstante os seus modos desabridos. Embora Yuan se curvasse ante o potente som da voz dela e estremecesse cada vez que via os seus grossos braços vermelhos despidos até aos ombros, agradecia-lhe deveras quando achava algumas maçãs no quarto; sabia que era por bondade que ela lhe gritava por cima da mesa a que comiam: Fiz um pouco de arroz para si, Mr. Wang! Calculo como deve ser difícil para o senhor comer para si coisas a que não está acostumado... Ria então abertamente e trovejava: Mas arroz é o que posso fazer de melhor... lesmas, ratos e cães e todas essas coisas que lá se comem, não posso fornecer!

Não parecia ouvir o protesto de Yuan de que na sua pátria, na verdade, ele não comia tais coisas. Após algum tempo, ele aprendeu a sorrir silenciosamente quando ela dizia um dos seus gracejos, e às vezes lembrava-se, obrigava-se a lembrar, de que ela

123

insistia para que ele comesse, mais do que ele podia, e lhe conservava o quarto aquecido e limpo, e quando descobria que ele gostava de um certo prato, não se poupava a nada para lho preparar. Por fim, aprendeu a nunca a encarar de frente, pois ainda lhe achava o rosto horrível, e passou a pensar apenas na sua bondade, tanto mais que verificou, com o andar do tempo e através do conhecimento com outros compatriotas nessa cidade, circunscrito como estava, que havia muitas piores do que aquela pelas pensões, mulheres de língua mordaz, mesquinhas no servirem à mesa, e que votavam desprezo às raças de cor.

Todavia, ao pensar no caso, Yuan pensou que a mais estranha das coisas era que essa mulher grosseira e turbulenta se tivesse casado. Na sua terra, isso não seria para admirar, porque lá, antes do advento dos novos tempos, os rapazes e as raparigas casavam com quem tinham de casar, devendo um homem aceitar o que lhe era dado, mesmo que se tratasse de uma esposa feia. Mas, nesta terra estrangeira, desde há muito que eram os próprios homens que escolhiam as suas mulheres. Sendo assim, aquela mulher fora, pois, um belo dia, livremente escolhida por um homem! E antes de ele morrer, nascera uma filha, agora com mais ou menos dezassete anos de idade, que ainda vivia com ela.

E outra coisa estranha: a rapariga era bonita. Yuan, que jamais pensara que uma mulher branca pudesse ser verdadeiramente bonita, reconheceu plenamente que essa jovem, apesar da sua alvura, merecia que lhe chamassem bonita. herdara os cabelos hirsutos e ruivos da mãe, e transformara-os, por um passe mágico da jovem, numa cabeleira crespa, macia, acobreada e curta, que se encaracolava em torno da bela cabeça e do alvo pescoço. Tinha também os olhos da mãe, embora mais suaves, mais escuros e maiores, e usava um artifício para pintar de castanho

as sobrancelhas e as pestanas, em vez de as deixar descoradas como as da mãe. Os lábios eram também suaves, cheios e vermelhos, o corpo esbelto como uma árvore nova, as mãos delicadas e as unhas compridas e pintadas de carmesim. Usava, como Yuan e todos os rapazes viam, roupas de tecido tão ténue que os seus estreitos quadris, os pequenos seios e todas as linhas do seu corpo se mostravam através dele, e ela sabia muito bem que os jovens olhavam para ela e que Yuan também olhava. E quando Yuan percebeu que ela sabia, sentiu um estranho receio dela e até aversão, de modo que se mantinha afastado e não fazia mais do que inclinar-se em resposta aos cumprimentos que ela lhe dirigia. Estava contente por a voz dela não ser agradável. Gostava das vozes baixas e doces, e a dela não era baixa nem doce. Tudo o que ela dizia era dito bem alto e num tom agudamente fanhoso, e quando, ele se atemorizava ante a meiguice do olhar dela ou quando, por acaso, sentado à mesa, onde ela ocupava lugar ao

124

lado dele, os seus olhos caíam sobre a brancura do pescoço da jovem, ficava contente por não gostar da voz dela... Após algum tempo ele procurou, e achou, outras coisas de que igualmente não gostava. Ela não ajudava a mãe em casa, e quando, nas horas das refeições, a mãe lhe pedia que fosse buscar uma coisa que faltava na mesa, ela levantava-se amuada e muitas vezes dizia: A mãe nunca é capaz de pôr a mesa sem se esquecer de qualquer coisa. E não metia nunca as mãos em água suja ou gordurosa, porque tinha em grande apreço a beleza das mãos. Durante esses seis anos, Yuan alegrou-se com os modos dela de que ele não gostava, e manteve-os sempre bem presentes diante de si. Podia olhar para as lindas e inquietas mãos que tinha a seu lado, pois lembrava-se logo de que eram mãos ociosas que não serviam a mais ninguém senão a ela própria, e de que não deviam ser assim as mãos de uma rapariga; e embora não pudesse, excitado como já fora uma vez, evitar às vezes a sensação da proximidade dela, conseguia contudo recordar as duas primeiras palavras que ouvira nessa terra estranha. Ele era estrangeiro para essa rapariga, também. Recordando, sabia ter em mente que essas duas espécies de carne, a dele e a dessa jovem, eram alheias uma à outra, e que lhe competia estar satisfeito por se manter afastado e seguir o seu caminho solitário.

Não, disse consigo próprio; estava farto de raparigas, fora traído uma vez, e se voltasse a ser traído nessa terra estrangeira, não teria ninguém para o auxiliar. Não, o melhor era afastar-se das mulheres. Por essa razão, não via a jovem, aprendendo a não lhe olhar para os seios, e recusava-se cuidadosamente a sair com ela quando solicitado a ir a qualquer salão de dança, pois algumas vezes ela fora suficientemente atrevida para convidá-lo. Havia noites, contudo, em que ele não conseguia dormir. Deitado na cama, evocava a jovem que morrera, e meditava

melancolicamente, se bem que com electrizante preocupação, no que é que existia de tão ardentemente abrasador entre um rapaz e uma rapariga, em qualquer país. Interrogação vã, porquanto nunca chegou a conhecer bem a jovem, e para o fim ela tornou-se perversa. Nas noites de luar, especialmente, não era capaz de conciliar o sono. E quando por fim adormecia, acontecia-lhe às vezes acordar de novo, ficando a contemplar as sombras silenciosas e movediças de um galho de árvore contra a branca parede do quarto, que reluzia sob o luar brilhante. Revolvia-se por fim inquieto, escondia os olhos e pensava: «Antes a Lua não brilhasse tão clara... ela faz-me desejar com veemência qualquer coisa... como um lar que eu nunca tive».

É que esse seis anos foram anos de grande solidão para Yuan. Dia a dia foi-se isolando cada vez mais. Exteriormente era cortês e falava com todos aqueles que lhe falavam, mas a ninguém cumpri-

125
mentava em primeiro lugar. Dia após dia, manteve-se isolado de tudo aquilo de que não precisava nesse novo país. O seu orgulho nativo, o silencioso orgulho dos homens idosos ante o mundo ocidental começou, pouco a pouco, a assumir forma definida a seus olhos. Aprendeu a suportar calado os olhares curiosos e idiotas, na rua; aprendeu a saber quais as lojas em que podia entrar nessa cidadezinha, para comprar os artigos de necessidade, ou quais as casas onde barbear-se e cortar o cabelo. Porque havia donos de estabelecimentos que não queriam atendê-lo, alguns negando-se abertamente, outros exigindo o dobro do valor das mercadorias, e ainda outros dizendo, com um arremedo de cortesia: Temos de ganhar a nossa vida aqui e não favorecemos negócios com estrangeiros. E Yuan aprendeu a nada responder, quer se tratasse de grosseria, quer de cortesia.

Era capaz de passar dias inteiros sem falar a ninguém, chegando mesmo a poder ser tomado por um desconhecido, perdido na agitação dessa vida estranha. Raras eram as vezes em que lhe dirigiam a palavra, nem mesmo para lhe fazer uma pergunta a respeito do seu próprio país. Aquelas mulheres e homens brancos viviam tão metidos consigo próprios, que jamais se preocupavam em saber o que faziam os outros ou, se tinham uma controvérsia, sorriam tolerantemente como se sorri diante daqueles que não procedem com grande correcção devido à sua ignorância. Yuan verificou que eram poucas as ideias arraigadas que os seus colegas tinham, ou o barbeiro que lhe cortava o cabelo, ou a mulher em cuja casa se hospedava; algumas dessas ideias eram, por exemplo: que Yuan e os seus compatriotas comiam ratos e cobras, fumavam ópio, e que todas as mulheres cingiam os pés, ou que todos os homens usavam o cabelo entrançado em forma de rabicho.

A princípio, Yuan, com grande afinco, tentou corrigir esses erros da ignorância. Jurou que nunca tinha provado rato ou cobra, e falou acerca de Ai-lan e das suas amigas, que dançavam com liberdade tão desembaraçada como a de quaisquer outras raparigas.

Mas isso de nada adiantou, pois eles esqueciam logo a seguir tudo o que ele havia dito, e só se lembravam das mesmas coisas de sempre. Tão profunda e constante foi a cólera que nele se ergueu contra tal ignorância, que Yuan, por fim, começou, por seu turno, a esquecer que havia alguma verdade no que eles diziam, chegando a convencer-se de que todo o seu país era semelhante à cidade do litoral, e de que todas as jovens suas compatriotas eram como Ai-lan.

Em dois dos cursos onde aprendia coisas referentes ao solo, Yuan tinha um colega filho de um lavrador, um rapaz rústico de muito bom coração, e amável com todos. Yuan não lhe dirigira a palavra quando ocupou o lugar ao lado dele na aula, mas o rapaz

126
puxou conversa, e passou a caminhar de vez em quando com Yuan fora da porta, e, às vezes, demorava-se a apanhar Sol e conversava um pouco com ele, até que um dia convidou Yuan a passear. Yuan ainda não deparara com tal bondade, e, saindo a passear, achou mais sabor nisso do que esperava, porque vivia em extrema solidão.

Não tardou que Yuan se visse a narrar a sua história a esse novo amigo. Sentaram-se juntos a descansar debaixo de uma árvore inclinada à beira da estrada, e conversaram. Dentro em pouco o jovem exclamava num arroubo: Escute, chame-me Jim! E o seu nome qual é? Wang. Yuan Wang. O meu é Barnes, Jim Barnes.

Yuan explicou então que no seu país o nome de família vinha primeiro, pois experimentou a mais esquisita sensação de estar tudo invertido, ao ouvir o seu nome dito antes, como aquele rapaz agora dissera. E isso divertiu o rapaz, que experimentou trocar a ordem dos seus nomes, rindo a bandeiras despregadas.

Nesta tagarelice interrompida por risos frequentes, a amizade de ambos desenvolveu-se, conduzindo a outra conversa; Jim contou a Yuan que tinha passado a vida inteira numa granja, e quando disse: A granja do meu pai tem mais ou menos duzentos acres Yuan replicou: Deve ser muito rico. Jim olhou então para ele, surpreendido, e disse: Aqui, não passa de uma herdade pequena. Na sua terra seria grande?

Yuan não respondeu directamente. Sentiu-se de repente incapaz de dizer como era pequena uma granja no seu país, temendo a risota do outro, de modo que disse apenas :- O meu avô tinha terras maiores e era considerado rico. Mas as nossas terras são muito férteis, e um homem precisa de pouca para viver. E, continuando a conversa, passou a falar da Grande Casa da cidade e do seu pai Wang o Tigre, a quem agora chamava general e não senhor da guerra, e descreveu a cidade do litoral, a senhora, a sua irmã Ai-lan, os modernos prazeres a que esta se dava, e dia após dia Jim foi escutando e fazendo novas perguntas,

e Yuan falava, mal se dando conta de que dizia tanta coisa.

Mas Yuan achava prazer em falar. Vivera muito solitário nesse país estrangeiro, mais solitário ainda do que ele supunha, e as pequenas desconsiderações que lhe tinham feito, as quais, se interrogado, teria afirmado orgulhosamente nada significarem para ele, na realidade tinham-no ferido. Repetidas vezes o seu orgulho fora atingido e não estava afeito a isso. Agora, pois, era um alívio sentar-se a contar a esse *rapaz* branco todas as glórias da sua raça, da sua família e da sua Nação, e era um bálsamo para todas as suas feridas ver os olhos de Jim arregalarem-se cheios de admiração e ouvi-lo dizer com a máxima humildade: Devemos parecer uns pobres diabos a vocês... um filho de general

127

e todos... e todos esses servos e... Gostaria de convidá-lo a vir a minha casa, no Verão, mas não sei se me atreva, depois de tudo isso que você me contou!

Yuan agradeceu-lhe cortesmente, e com polidez disse: Estou certo de que a casa de seu pai seria bastante grande e agradável para mim, e bebeu com prazer a admiração do outro.

O secreto resultado de toda essa conversa, em Yuan, foi que ele passou, sem saber, a ver o seu país tal como dizia que ele era. Esqueceu-se de que odiara as guerras e todo o aparato militar de Wang o Tigre, e chegou a considerar o Tigre como um grande e nobre general, instalado nos seus salões. Esqueceu a humilde aldeola onde Wang Lung morara, passara fome, e subira à força de trabalho e astúcia, e só se lembrou daqueles muitos pátios na Casa Grande da cidade que vira na infância, e que haviam sido ocupados pelo seu avô. Esqueceu mesmo a velha casinha de barro e todos os milhões de outras casas semelhantes a ela, com paredes de terra e cobertas de palha, as quais abrigavam a gente miserável e por vezes até os animais, e evocou abertamente apenas a cidade costeira com a sua opulência e as suas casas de diversão.

Assim, quando Jim perguntava: Vocês têm automóveis como nós? ou então: Vocês têm casas como as nossas? Yuan simplesmente respondia: Sim, temos todas essas coisas.

E não mentia. Até certo ponto falava com exactidão, e acreditava que dizia a inteira verdade porque, com o decurso dos dias, a sua pátria distante tornava-se a seus olhos mais perfeita.

Esqueceu tudo que não era bonito, as misérias que se encontram em toda a parte, e parecia-lhe que só na sua terra os camponeses eram honestos e alegres, e os criados leais, e os patrões bondosos, e os filhos afectuosos, e as raparigas virtuosas e modestas.

A tal ponto chegou Yuan a crer assim na sua longínqua terra, que um dia, por força da sua própria crença, foi levado a falar publicamente em defesa dela. Aconteceu que chegou a essa cidade e a um certo templo nela existente, a que chamavam igreja, um homem branco que residira no país de Yuan e que anunciava que mostraria fotografias dessas distantes paragens e falaria do seu povo e dos seus hábitos. Ora, não acreditando em religião, Yuan

nunca entrara nesse templo estrangeiro; mas nessa noite entrou, com o propósito de ouvir o homem e ver o que ele mostraria. Yuan sentou-se, pois, no meio da multidão. À primeira vista, não simpatizou com o viajante, pois percebeu tratar-se de um padre de certa espécie a que ouvira referências, mas que nunca vira, um daqueles a quem lhe tinham ensinado a opor-se, nos primeiros tempos de escola de guerra, pois que iam ao estrangeiro levar a religião como um negócio, atraindo à sua seita gente humilde com certo propósito secreto, a respeito do qual muitos

128
faziam conjecturas mas que ninguém conhecia; o que se sabia é que um homem não deixa a sua terra por nada e sem esperança de algum lucro particular. O homem era alto, feio, de olhos encovados no rosto gasto pelo tempo, e começou a falar. Falou dos pobres da terra de Yuan, da penúria e da fome, narrou que, em certos lugares, as crianças do sexo feminino eram mortas ao nascer, que o povo morava em choças, e contou histórias horríveis e sombrias. Yuan escutou tudo. O homem começou então a mostrar as fotografias das coisas que dizia ter visto pessoalmente. Yuan viu mendigos queixando-se, leprosos de faces carcomidas, crianças famélicas de ventres inchados embora vazios, ruas estreitas e apinhadas, e homens a transportar cargas que eram excessivamente pesadas para os próprios animais. Mostravam-se males ali que Yuan nunca vira, durante a sua vida fechada. No fim, o homem declarou solenemente: Estais vendo como é necessário o nosso evangelho nessa triste terra. Precisamos das vossas orações; precisamos das vossas dádivas. E em seguida sentou-se. Yuan, porém, não pôde conter-se. Durante uma hora inteira, sentira a raiva assaltá-lo, entremeada de vergonha e consternação, por ver assim exibidos, diante daquela assistência estrangeira, embasbacada e ignorante, os defeitos do seu país. E que defeitos eram esses? Ele nunca vira as coisas de que aquele homem falara; parecia-lhe que esse padre intrometido procurara tudo o que pudera achar de ruim, para expor ante o olhar frio do mundo ocidental. E a maior vergonha para Yuan consistia em ter o homem, no fim, pedido dinheiro para aqueles a quem expunha com tamanha crueldade.

O coração de Yuan estalou de cólera. De um pulo, pôs-se em pé, cerrou os punhos, agarrando o banco à sua frente, e exclamou em voz alta, com os olhos abrasados, as faces rubras, o corpo trepidante: O que esse homem contou e mostrou é mentira! Não há dessas coisas na minha terra! Eu próprio nunca vi essas cenas... não vi esses leprosos... não vi crianças mortas de fome como essas... nem casas como essas! Na minha casa existe uma porção de quartos... e há muitas casas como a minha. Esse homem forjou mentiras para conseguir o vosso dinheiro. Eu... eu falo pela minha terra! Não precisamos desse homem nem precisamos do vosso dinheiro! Nada precisamos de vós!

Assim desabafou Yuan, sentando-se em seguida e apertando os lábios para não chorar. A assistência permanecia em grande silêncio e perplexidade, ante o que acontecera.

Quanto ao homem, ouviu tudo com um leve sorriso, e depois ergueu-se e disse delicadamente: Vejo que esse jovem é um estudante moderno. Pois bem, jovem, tudo o que sei dizer é que durante mais de metade da minha vida vivi entre os pobres, como esses que mostrei. Quando voltar à sua terra, vá até à cidade

9-c. D.

129

zinha do interior onde resido, e mostrar-lhe-ei todas essas coisas...

Vamos terminar com uma oração?

Mas Yuan não foi capaz de ficar para essa zombaria da oração. Levantou-se, saiu, e caminhou trôpego pelas ruas, rumo ao seu quarto. Em breve surgiram atrás dele os passos de outros que também se dirigiam para casa, e aí Yuan recebeu a última punhalada dessa noite. Dois homens passaram-lhe à frente, sem saber quem ele era, e ouviu um dizer: Coisa esquisita, aquele chinês exaltar-se daquela maneira, não achas?... Só queria saber qual dos dois tinha razão!

E o outro redarguiu: Suponho que os dois. O mais seguro é não se acreditar em tudo que se ouve de alguém. Mas que importa saber como vivem esses povos estrangeiros? Isso em nada nos interessa! Bocejou, e o outro disse com displicência: É verdade... parece que vai chover amanhã, não? E seguiram o seu caminho.

Ao ouvir esse diálogo, Yuan ficou mais chocado do que ficaria se os homens se tivessem mostrado preocupados. Parecia-lhe que eles deviam estar preocupados, mesmo que o padre tivesse razão; mas já que ele dizia mentiras, então deviam preocupar-se em saber a verdade. Foi irado para a cama, revolveu-se agitado, chorou um pouco de pura raiva, e tomou o compromisso de fazer algo para que aquele povo conhecesse a grandeza do seu país.

Depois de tal acontecimento, o novo amigo de Yuan foi um alívio para ele. Achou grande conforto nesse rapaz simples do campo e confessou-lhe a fé que tinha no seu próprio povo; falou-lhe dos sábios que tinham formado os nobres espíritos dos seus antepassados e construído os sistemas pelos quais os homens viviam ainda hoje, de tal modo que naquele país distante e suave não havia o desregramento e o ímpeto desenfreado que campeavam neste outro. Lá, os homens e as mulheres caminhavam com decência e virtuoso recato, e a beleza brotava-lhes da virtude. Não precisavam de leis escritas como nestas paragens estrangeiras, onde as próprias crianças tinham de ser protegidas pela lei e as mulheres ser postas sob o abrigo dela. No seu país, disse Yuan com ardor, e acreditando nas suas próprias palavras, não havia necessidade de tais leis, porque as crianças não eram ofendidas por ninguém, ninguém fazia mal a uma criança; disse-o esquecendo no momento até mesmo as crianças expostas, de que lhe falara a senhora sua mãe, e afirmou que as mulheres viviam sempre seguras e respeitadas

nas suas casas. Quando o rapaz branco perguntou:Então não é verdade que lá apertam os pés das mulheres?Yuan replicou orgulhosamente:Era um costume antigo, muito antigo, como o de vocês quando as mulheres apertavam a cintura, mas há muito que passou e já não se vê em parte alguma.

Assim, Yuan levantou-se em defesa do seu país, e essa defesa

130

era agora a sua causa. Esta fazia-lhe às vezes pensar em Meng, cujo verdadeiro valor avaliava agora, meditando: «Meng tinha razão. O nosso país foi tão difamado e tão rebaixado que devemos agora todos vir em seu apoio. Hei-de comunicar a Meng que, afinal de contas, ele via com mais justeza do que eu». E desejou saber onde se encontrava Meng, para poder escrever-lhe.

Podia escrever ao pai, e assim fez. Agora Yuan verificava que era capaz de escrever com mais bondade e mais amplamente do que dantes. Esse novo amor pelo seu país fê-lo também amar mais a sua família, e escreveu dizendo: «Muitas vezes suspiro por voltar, porque nenhum país me parece tão bom como o meu. A nossa maneira de viver é melhor, e melhor é a nossa comida. Logo que voltar, voltarei alegremente para casa. Estou aqui apenas para aprender o que pode ser útil à nossa terra».

Quando depois disso escreveu as habituais palavras de cortesia de filho para pai, fechou e selou a carta, e saiu à rua para a colocar num marco postal. Era uma noite de uma semana de férias; todas as luzes das lojas estavam acesas, rapazes brincavam e entoavam canções que sabiam, e as raparigas riam e cantavam com eles. Presenciando todo esse selvagem espectáculo, crispou os lábios num sorriso frio, e deixou os seus pensamentos acompanharem aquela carta até aos pátios onde o seu pai vivia sozinho, em quietude e dignidade. Pelo menos, seu pai estava cercado de centenas de homens seus, e pelo menos ele, um senhor da guerra, vivia honradamente conforme o seu código. Pareceu-lhe ver novamente o Tigre como amiúde o vira, majestosamente sentado na sua cadeira lavrada, tendo atrás de si a pele de tigre, e diante dele o braseiro de cobre com carvões ardentes, como um verdadeiro rei, rodeado da sua guarda. Nesse _ momento, Yuan, no meio de toda aquela algazarra indecente, por entre os clamores e a grosseira música despida de melodia que vinha dos locais de dança, orgulhou-se mais do que nunca da sua estirpe. Retirou-se, foi de novo para a solidão do quarto, e atirou-se aos livros mais resolutamente, sentindo-se superior a todos aqueles homens que via em torno de si, sentindo-se provir de uma antiga e real estirpe. Foi esse o terceiro passo que deu no ódio.

O quarto passo não tardou a vir, e teve origem numa causa diferente, mais imediata: uma atitude assumida pelo seu novo amigo. A amizade entre ambos esmorecia, a conversa de Yuan

tornou-se fria e distante, versando sempre sobre o trabalho escolar e as coisas que ouviam dos professores, e isso porque Yuan percebia agora que em geral Jim aparecia na casa onde ele se alojava não para o ver, mas para ver a filha da patroa.

A coisa começara facilmente. Uma noite, Yuan trouxera o seu novo amigo ao quarto, já que o dia estava húmido e eles não

131

podiam sair a passear juntos, como era seu hábito. Ao entrarem em casa, da porta aberta de um quarto fronteiro veio um som de música. Era a filha da dona da pensão que tocava música, e, evidentemente, sabia que a porta estava aberta. Ao passarem, Jim olhou para dentro e viu a jovem; ela também o viu e lançou-lhe um dos seus olhares, e, percebendo-o, o rapaz cochichou a Yuan: Por que não me disseste que havia aqui uma garota assim ?

Yuan viu-lhe o olhar malicioso, e, não o podendo suportar, respondeu sisudo: Não te entendo. Mas, embora não entendesse a palavra, entendeu o resto, e sofreu uma decepção. Em seguida, pensou no caso com mais indulgência e disse consigo que o esquecerianão fosse uma coisa tão insignificante como aquela estragar-lhe a amizade, já que nesse país tais coisas eram superficialmente consideradas.

Mas na segunda vez que isso aconteceu, ou que ele verificou que aconteceu, Yuan ficou tão chocado que quase chorou. Chegou tarde uma noite, tendo jantado fora, a fim de prosseguir o seu trabalho entre os livros, e ao entrar ouviu a voz de Jim numa sala usada em comum por todos. Ora, como estava muito cansado e com os olhos a doer devido à prolongada leitura dos livros ocidentais, cujas linhas correm de um lado ao outro da página cansando assim em extremo os olhos acostumados a linhas que correm de cima para baixo, Yuan alegrou-se ao ouvir a voz do amigo e sentiu desejo de passar uma hora na companhia dele. Empurrou portanto a porta, que estava semiaberta, e exclamou jovialmente e com desusada liberdade de maneiras:Estou de volta, Jim... vamos até lá cima?

Viu na sala somente os dois: Jim, segurando na mão uma caixa de doces em cujo envólucro remexia, com um sorriso desajeitado no rosto, e defronte dele, mergulhada numa fofa cadeira estofada, recostada num gracioso abandono, a jovem. Quando ela viu Yuan entrar, ergueu os olhos, sacudiu para trás os seus cabelos crespos e acobreados, e disse, provocante:Desta vez, ele veio ver-me *a mim*, Mr. Wang...E em seguida, vendo o olhar trocado pelos dois jovens, e o sangue que afluía aos poucos ao rosto de Yuan, que de aberto e animado passou a sisudo, silencioso e murcho, e como na face do outro brilhava ostensivamente o sangue; vendo além disso como a sua expressão hostil parecia dizer que faria o que bem entendesse, ela acrescentou, petulante, agitando as lindas mãos de unhas vermelhas:Claro, se ele *quiser* ir... Entre os dois rapazes cresceu o silêncio, e a jovem riu; então Yuan disse, delicada e serenamente:E porque não há-de ele

fazer o que quisesse?

Sem tornar a olhar para Jim, subiu a escada, fechou cuidadosamente a porta, sentou-se por algum tempo na cama, e pôs-se

132

a considerar a dor do ciúme e a raiva que sentia no coração; e, mais do que tudo, ressentia-se de não poder esquecer o olhar desajeitado no rosto simpático de Jim, olhar esse que deixou Yuan revoltado.

Daí em diante, tornou-se ainda mais orgulhoso. De si para si, disse que os homens e as mulheres brancas eram a raça mais sensual e licenciosa de que já tivera conhecimento, e que todos os pensamentos íntimos dessa gente iam de uns para outros desbragadamente.

E ao pensar assim, invadiram-lhe a mente centenas de figuras dos teatros que eles gostavam de frequentar, figuras expostas nas estradas como propaganda de coisas a vender e exibindo sempre uma mulher seminua. Não era possível, pensou amargamente, voltar para casa à noite sem ver uma cena imoral num canto escuro um homem que aconchegava uma mulher contra si, ambos de braços apertados, as mãos tocando-se de maneira indecorosa. Dessas cenas estava cheia a cidade. Yuan sentia-se mal diante disso tudo, e o seu próprio estômago revoltava-se dentro dele, altivamente, ante tal brutalidade patente em toda a parte.

Passou a não se aproximar tanto de Jim. Quando ouvia a voz de Jim em casa, subia em silêncio a escada e retirava-se para o quarto, atirando-se aos livros e mantinha uma conversa formal se Jim entrava daí a pouco; e frequentemente Jim subia ao quarto dele porque, de um modo estranho que Yuan não lograva compreender, o sentimento do rapaz pela jovem não era obstáculo para a sua amizade com Yuan, permanecendo assim sincero na sua atitude e parecendo não notar que Yuan se mostrava silencioso e arredio. Por vezes, é certo, Yuan esquecia a jovem e tornava a abandonar-se livremente a uma boa conversa, chegando mesmo a gracejar amavelmente. Mas agora esperava pelo menos que Jim o procurasse primeiro. Já não era capaz de ir ter com ele, avidamente, como antes, ao encontrar Jim. Yuan disse tranquilamente consigo mesmo: «Se ele quiser, aqui estou. Não mudei para com ele. Se ele quiser, que me procure». Mas estava mudado, apesar de dizer que não. Estava de novo sozinho.

Para se acalmar, Yuan começou então a observar com atenção tudo aquilo de que não gostava e que dizia respeito à cidade e à escola, e todas as coisas que lhe desagradavam feriam-lhe o bisonho coração como uma cutilada. Escutando a algaravia estrangeira da multidão, na rua, notou como eram ásperos os sons e as sílabas, e não suaves como as águas correntes, tal como na sua própria língua. Reparou, em seguida, na atitude negligente e no falar

gaguejado dos estudantes diante dos professores, o que o fez tornar-se ainda mais senhor de si e mais cuidadoso do que tinha sido até então, e tratou de falar com maior perfeição, embora fosse uma língua estrangeira para ele, executando os seus deveres

133

escolares com mais aplicação que os outros alunos; e tudo isto tendo em vista o seu país.

Sem o saber, chegou a desprezar esse povo porque o queria desprezar, e, no entanto, não podia deixar de invejar-lhe o bem-estar, a riqueza, a situação, e os seus grandes edifícios, e as muitas invenções feitas por ele, e tudo o que tinham descoberto a respeito dos mistérios do ar, do vento, da água e do raio. Todavia, a sua admiração por esse povo pelo seu saber levou-o a apreciá-lo menos. Como chegara esse povo a atingir um tal nível de poder, e como podia ter tanta confiança no seu poderio a ponto de ignorar, até, como ele, Yuan, o odiava ? Um dia, na biblioteca, absorveu-se na leitura de um livro maravilhoso, que lhe mostrava claramente como podiam ser previstas as gerações das plantas antes mesmo da semente ser lançada à terra, pois as leis do seu crescimento eram perfeitamente conhecidas; e isso causou tal espanto a Yuan, estava tão acima do comum saber dos homens, que ele não pôde deixar de soltar íntimas exclamações de admiração, embora pensando com amargura: «Temos estado na nossa terra a dormir na cama, com as cortinas puxadas, julgando que ainda é noite e que todo o Mundo dorme connosco. Mas há muito tempo que é dia, e estes estrangeiros têm estado acordados e a trabalhar... Encontraremos ainda o que perdemos em todos estes anos?»

Assim, Yuan encheu-se de grandes desgostos nesses seis anos, e esses desgostos terminaram a obra que o Tigre começara; Yuan resolveu que lutaria pelo seu país como jamais fizera, e passado algum tempo chegou mesmo a esquecer-se de si próprio. Caminhava entre os estrangeiros, conversava com eles, e já não era Wang Yuan, mas sim o seu povo; alguém que representava toda a sua gente numa terra estranha.

Só Cheng era capaz de fazer Yuan sentir-se jovem e aliviado dessa missão. Nesses seis anos, Cheng nem uma só vez saiu da grande cidade que escolhera para morar. Dizia: Por que motivo havia de deixar este sítio? Aqui existe mais do que é possível aprender numa vida inteira. Prefiro conhecer bem esta cidade a conhecer muitos lugares. Se conhecer esta cidade conhecerei este povo, porque esta cidade é o porta-voz de todo o país.

Assim, como Cheng não quisesse vir ter com Yuan, e como no entanto o quisesse ver, Yuan não pôde resistir às suas cartas repletas de argumentos brincalhões e chistosos, e veio a suceder que ambos passaram os verões juntos, na cidade; Yuan dormia na pequena sala de visitas de Cheng, ficava a ouvir a variada

conversa que ali frequentemente se travava, e às vezes tomava parte nela; mas em geral guardava silêncio, porque Cheng notou logo como era acanhada a existência de Yuan, e que ele vivia extremamente solitário; e dizia-lhe tudo o que pensava.

134

com uma vivacidade que Yuan não lhe conhecia, Cheng contava-lhe tudo o que devia saber e ver, dizendo: Nós, no nosso país, temos um verdadeiro culto pelos livros. Vês a que ponto chegámos. Mas este povo preocupa-se menos com livros do que qualquer outro na Terra. Aqui cuida-se é dos bens da vida. Eles aqui não reverenciam os eruditos... mas riem-se deles. Metade das suas anedotas refere-se aos professores, e pagam-lhes menos do que aos criados. Pensas então que ficarás sabendo os segredos deste povo só pelo contacto com esses anciãos? E achas que está bem aprenderes apenas com um filho de lavrador? Estás a restringir-te muito, Yuan. Só te aténs a uma coisa, a uma pessoa, a um lugar, e deixas de lado tudo o mais. Este povo, menos do que qualquer outro, não se revela nos livros. Aqui estão reunidos, nas bibliotecas, livros de todo o Mundo, e são usados como depósitos de cereais ou de ouro... os livros não passam de material para os planos que esta gente traça. Podes ler mil livros, Yuan, sem nada aprender do segredo da prosperidade desta nação. Estas coisas eram ditas repetidas vezes a Yuan, que, muito humilde ante a desenvoltura e o saber de Cheng, perguntava por fim: Que devo então fazer, Cheng, para aprender mais? E vinha a resposta: Olha, para tudo... vai a toda a parte, trata de conhecer toda a espécie de gente que puderes. Deixa em sossego por algum tempo esse pedacinho de terra e larga os livros. Já me contaste tudo o que tens aprendido. Agora deixa-me mostrar-te o que eu aprendi.

E Cheng parecia tão mundano, tão senhor de si na maneira de se sentar, de falar, de deitar fora a cinza do cigarro, e de alisar o cabelo preto refulgente com a sua graciosa mão ebúrnea, que Yuan ficou humilhado diante dele, sentindo-se um simplório, tão cândido quanto um homem podia ser. Parecia-lhe na verdade que Cheng tinha muito mais conhecimentos do que ele, em tudo. Como Cheng havia mudado! Já não era aquele jovem elegante, bonito e sonhador que fora. Em poucos anos tornara-se activo e desenvolto; adquirira confiança na sua beleza e ganhara fé em si próprio. Um calor estranho tinha-o agitado. A sua indolência sumira-se no ar electrizado desse país moderno. Mexia-se, falava, ria como os outros, mas apesar dessa vivacidade conservara ainda a graça, a desenvoltura e o recolhimento da sua raça. E Yuan, vendo como Cheng agora se apresentava, sentia que não havia nenhum homem semelhante a ele na beleza e no brilho. Perguntou-lhe com grande humildade: Ainda escreves os poemas e contos que escrevias?

E Cheng respondeu prazenteiramente: Ainda, e mais do que dantes. Tenho agora um punhado de poemas que posso publicar num livro. E tenho esperança de receber um ou dois prémios

por alguns contos que escrevi. Cheng disse isto sem excessivo

135

orgulho, mas com a confiança de quem se conhece bem. Yuan manteve silêncio. Parecia-lhe, de facto, que fizera muito pouco. Era tão rústico como por ocasião da sua vinda; não tinha amigos; tudo o que podia apontar a favor da sua vida nesses muitos meses era uma pilha de cadernos e algumas plantas novas numa faixa de terra.

Certa vez perguntou a Cheng: Que farás quando voltares à nossa terra? Vais viver sempre na cidade?

Yuan indagou isso para ver se Cheng se mostrava aflito como ele com as deficiências do seu povo. Mas Cheng retorquiu alegremente e com segurança: Oh, sempre! Não posso viver noutra sítio. A verdade, Yuan podemos dizer aqui o que diante de estrangeiros é impossível, é que a não ser nas cidades não existe na nossa terra outro lugar apropriado para homens como nós morarmos. Em que outra parte se podem achar divertimentos convenientes à inteligência, e em que outro lugar há suficiente asseio para se viver? O pouco que recordo da nossa aldeia é bastante para fazer com que a deteste... a gente suja, as crianças nuas no Verão, os cães ferozes, e tudo preto de moscas... sabes como é... não posso, não poderei viver sem ser na cidade. Afinal de contas, estes povos ocidentais têm algo para nos ensinar a respeito de conforto e prazer. Meng odeia-os, mas eu nunca esqueço que, entregues a nós mesmos durante séculos, não pensámos em canalizar água limpa, nem na electricidade, nem no cinema, em nenhuma dessas coisas. Para mim, tudo estará bem se eu puder viver a minha vida onde for melhor e mais fácil, e compor os meus poemas.

Isto é, viver egoistamente, disse Yuan, com rude franqueza.

Seja, volveu Cheng, serenamente. Mas quem não é egoísta? Todos somos egoístas. Meng é egoísta na sua causa. A causa revolucionária! Repara nos dirigentes dela, Yuan, e vê se te atreves a dizer que eles não são egoístas... um já foi ladrão... outro andou de um lado para o outro, mudando de partido para tirar proveito... e como vive um terceiro, senão com o próprio dinheiro que recolhe para a causa?... Não, acho mais honesto dizer sem rodeios: sou egoísta. Tomo isto para mim. Cuido do meu conforto. Concedo que eu seja egoísta. Mas, também, não sou cúpido. Amo a beleza. Preciso do bom gosto na minha casa e em todo o ambiente que me cerca. Não hei-de viver na pobreza. Só peço o bastante para me rodear de paz, de beleza e de um pouco de prazer.

E os teus compatriotas que não têm paz nem prazer? perguntou Yuan, com o coração a ferver-lhe.

Que queres que eu faça? replicou Cheng. Não tem

sido dessa maneira que, durante séculos, nascem os pobres, desabam a penúria e a fome, e estalam as guerras ? Não sou tão estúpido

136

a ponto de julgar que, na minha vida, possa mudar tudo isso! Eu só me deitaria a perder com a luta, e, deitando-me a perder, desfazendo-me da parte mais nobre do meu ser, o meu eu... porque lutaria contra o destino fatal do povo? Seria o mesmo que mergulhar no mar, tratando de secá-lo para obter terras produtivas... Yuan foi incapaz de responder a palavras tão serenas. Nessa noite, pouco depois de Cheng sair, limitou-se a deitar-se para dormir e escutar o estrondo daquela vasta cidade volúvel a bater contra as próprias paredes entre as quais se achava. Assim à escuta, teve medo. Os olhos do seu espírito, olhando através dessa estreita parede de protecção entre ele e o estranho mundo escuro e atoador que ficava para lá, viram muita coisa, e ele não pôde suportar a sua pequenez; apegou-se ao bom-senso das palavras de Cheng, ao calor do quarto iluminado pela luz da rua, à mesa, às cadeiras, às coisas vulgares da vida. Ainda havia aquele lugarzinho seguro em milhares de quilómetros povoados de vicissitudes, de morte e de vida ignorada. Era estranho como a preferência de Cheng pela segurança e pelo bem-estar podia fazer Yuan considerar os seus sonhos tão grandes a ponto de os ter na conta de idiotas! Quando estava perto de Cheng, Yuan não era de modo algum ele mesmo, não era valente nem sequer cheio de ódio, mas apenas uma criança à procura da certeza. Mas nem sempre Yuan podia estar assim junto de Cheng, em intimidade com ele. Cheng possuía muitas relações na cidade, várias noites saía para ir dançar com qualquer rapariga, e Yuan ficava sozinho, ainda mesmo quando acompanhava Cheng. A princípio, ficou à margem de toda a diversão, admirando Cheng, invejando-lhe um tanto a beleza e as maneiras afáveis, a sua desenvoltura com as mulheres. Às vezes indagava a si próprio se conseguiria fazer o mesmo; mas, passados uns momentos, via qualquer coisa que o fazia ir embora e jurar que não falaria com mulher nenhuma.

E a razão era a seguinte: As mulheres com quem Cheng travava amizade dessa maneira não eram, as mais das vezes, mulheres da sua raça. Eram brancas ou mestiças, de sangue em parte branco e em parte escuro. Ora, Yuan nunca tivera contacto com essas mulheres. Não podia ter, devido a certas estranhas razões da carne. Vira-as com frequência nas noites em que saía com Ai-lan, porque na cidade do litoral misturavam-se livremente pessoas de todas as cores e matizes. Mas nunca escolhera uma para dançar. Por um motivo: elas vestiam-se de um modo que a ele parecia desavergonhado, pois as suas costas mostravam-se nuas, tão nuas que um homem ao dançar tinha por força de pôr-lhe a mão na carne branca, e ele era incapaz disso, porquanto lhe despertava mal estar no sangue.

137

Ainda havia agora outra razão pela qual não o fazia. Ao

observar Cheng e todas as mulheres que sorriam e faziam inclinações de cabeça quando ele se aproximava delas, pareceu a Yuan que somente certas mulheres sorriam e que as melhores, as de mais vergonha, olhavam de soslaio ou desviavam o olhar à aproximação de Cheng, e só se davam com os homens da sua própria classe. Quanto mais Yuan observava, tanto mais verdadeiro lhe parecia isto, e chegou mesmo a crer que Cheng também tinha consciência desse facto e que só escolhia aquelas cujos sorrisos eram francos e não forçados. Yuan ficou profundamente arreliado por causa do primo, e de certo modo por sua própria causa e por causa do seu país, embora não entendesse bem por que motivo as mulheres procediam assim; receava, também, magoar Cheng aludindo ao caso, e resmungava com os seus botões: «Gostaria muito que Cheng fosse altivo e não dançasse com elas. Se ele não é considerado pelas melhores de entre elas,, o meu desejo então é que ele as desprezasse todas».

E Yuan mostrava-se angustiado por Cheng não ser suficientemente orgulhoso e, como quer que fosse, divertir-se. Aí estava uma coisa estranha: toda a raiva de Meng contra os estrangeiros não levava Yuan ao ódio; mas agora, vendo aquelas mulheres soberbas que desviavam o olhar quando Cheng se acercava, Yuan sentia-se capaz de odiar todas elas; e verificou que de facto odiava, e que, por causa delas, era capaz de odiar toda a raça. De maneira que, as mais das vezes, Yuan retirava-se, não querendo ficar a ver Cheng desdenhado, e passava as noites sozinho, debruçado sobre os livros, ou contemplando o céu, ou olhando para as ruas da cidade, ou sondando as interrogações e as dúvidas do seu coração.

Durante esses verões, Yuan seguiu Cheng pacientemente para lá e para cá na sua existência nessa cidade. Os amigos de Cheng eram muitos. Não podia entrar no restaurante onde habitualmente comia, sem que algum rapaz ou rapariga o saudasse efusivamente:

«Olá, Johnnie!» porque era assim que lhe chamavam.

A primeira vez que ouviu isso, Yuan ficou chocado ante tal liberdade.

Sussurrou a Cheng: Como podes aturar esse nome vulgar?

Mas Cheng limitou-se a rir e respondeu: Devias ouvir como eles se chamam uns aos outros! Só posso sentir-me contente por me chamarem com um nome tão meigo. Além do mais, fazem isso por amizade, Yuan. Eles falam daqueles a quem mais apreciam com a máxima liberdade.

E de facto era visível que Cheng possuía muitos amigos.

Vinham ao quarto dele à noite, em grupos de dois ou três, às vezes mais. Amontoados na cama de Cheng ou no soalho, fumando e conversando, esses jovens competiam entre si para ver quem era

138

capaz de ter os mais subtis e estapafúrdios pensamentos e quem primeiro era capaz de rebater o que outro acabara de dizer.

Yuan nunca ouvira uma conversa tão variada. Por vezes julgava-os adversários do governo e receava por Cheng, até que, levada por novos ventos, a conversa de horas inteiras tomava outro rumo e terminava na mais jovial aceitação de tudo, tal como estava,

e num grande desdém por qualquer novidade; depois, os rapazes, enchendo o quarto de fumo e bebendo os líquidos que traziam, despediam-se aos gritos, arreganhando os dentes de contentamento, mostrando estarem extremamente satisfeitos consigo mesmos e com o mundo inteiro. Às vezes falavam afoitamente de mulheres, e Yuan, guardando silêncio sobre um assunto que pouco conhecia pois, que conhecia ele a não ser o contacto da mão de uma jovem?, ficava a escutar, aborrecido com o que ouvia. Após eles terem saído, dizia a Cheng com a máxima seriedade: Será verdade tudo o que ouvimos? Haverá mulheres tão más e atrevidas como eles dizem? Serão assim todas as mulheres deste país...? Nenhuma inatacável, nenhuma jovem casta, nenhuma esposa virtuosa? Cheng riu então irritantemente e respondeu: Estes rapazes são muito novos... apenas estudantes como tu e eu. E que sabes tu de mulheres, Yuan?

E Yuan retorquiu humildemente: É verdade, nada sei a respeito delas.

Daí em diante, Yuan passou a olhar com mais frequência para essas mulheres a quem via tão livremente nas ruas. Também elas faziam parte daquele povo. Mas não conseguia compreendê-las. Caminhavam depressa, trajavam garbosa e vistosamente, e no rosto tinham pinturas igualmente vistosas. Todavia, quando os olhos doces e atrevidos delas pousavam no rosto de Yuan, os olhares eram vazios. Encaravam-no um segundo e seguiam adiante. Para elas, ele não era um homem... era apenas um transeunte forasteiro, era indigno da atenção que um homem merecia, diziam os olhares delas. E Yuan, não entendendo isso de todo em todo, sentia-lhes no entanto a frieza e a futilidade, e recolhia-se dentro da sua alma. Elas mostravam-se tão arrogantes, pensava ele, tão ousadamente seguras do seu próprio valor, que as temia enormemente. Até ao passar tomava cuidado em não tocar distraidamente em nenhuma delas, a fim de que o incidente casual não desse origem a qualquer zanga. Havia um quê nos seus lábios avermelhados, um atrevimento na maneira como erguiam as esplendorosas cabeças, um balanço nos seus corpos, que o faziam recuar. Não percebia nelas nenhuma sedução feminina. No entanto, elas davam à cidade a magia dos seus vivos coloridos.

Após alguns dias e noites, Yuan começou a compreender por que razão Cheng afirmava que aquele povo não estava nos livros.

Deu-se conta, com o rosto voltado para o distante cume dourado

139

de um grande edifício, que ninguém podia registar uma coisa dessas em livros.

A princípio, Yuan não vira beleza alguma nos edifícios, estando a sua vista afeita às plácidas dimensões dos telhados baixos e dos leves declives das casas. Mas agora via a beleza uma beleza estranha, é certo, mas em todo o caso beleza. E pela primeira vez, desde que chegara a essa terra, sentiu necessidade de escrever uma poesia. Uma noite, na cama, enquanto Cheng dormia, lutou por dar forma ao seu pensamento. As rimas não eram apropriadas, não serviam os versos usuais, os versos serenos que uma

vez compusera a respeito de campos e nuvens. Precisava de palavras ásperas, rudes, aguçadas. Não podia usar as palavras da sua língua, que estavam lisas e polidas pelo longo uso. Não, tinha de descobrir outras palavras nessa língua estrangeira e mais nova. Eram para ele, porém, como novos instrumentos, pesados demais para os manejar, e não estava acostumado à sua forma e som. Por isso, acabou por desistir. Não pôde compor a poesia, que lhe ficou informe na mente, tornando-o inquieto por mais de um dia ou dois, porque por fim veio a perceber que, se pelo menos a tirasse do espírito com forma definida, podia ter entre as mãos o sentido desse povo. Mas não pôde. Aquela gente conservava a alma fora do alcance dele, e ele não fazia mais do que mover-se para um lado e outro, entre aqueles corpos apressados.

Cheng e Yuan eram duas almas muito diferentes. A alma de Cheng era como a poesia que tão facilmente manava dela. Um dia mostrou a Yuan uns versos, lindamente escritos num papel grosso com margens de ouro, e disse com fingida indiferença: Não valem nada, é claro... não são o meu melhor trabalho. Ainda hei-de escrevê-lo um dia. São apenas impressões parciais deste país que registei à medida que me ocorreram. Mas os meus professores elogiaram-me estes versos.

Yuan leu-os atentamente, um por um, silencioso e reverente. Pareceram-lhe belos, todas as palavras bem escolhidas, ajustadas nos seus lugares tão primorosamente como uma pedra engastada num anel de ouro. Alguns desses versos, disse Cheng com negligência, tinham mesmo sido musicados por uma certa mulher que conhecia. Um dia, depois de ter falado uma ou duas vezes nessa mulher, Cheng levou Yuan a casa dela, para ouvir a música que ela compusera para os versos dele; e então Yuan viu uma outra espécie diferente de mulher, e também uma outra vida de Cheng. Ela era uma cantora de *cabaret*, não uma cantora totalmente vulgar, mas também não tão grande como ela própria pensava ser. Vivia sozinha numa casa onde moravam muitas outras pessoas, cada qual nos seus pequenos aposentos. O quarto que ela tinha arranjado para si era escuro e tranquilo. Embora

140

o Sol brilhasse do lado de fora, luminosamente, não penetrava ali dentro. Ardiam velas em altos candelabros de bronze. Um aroma de incenso pairava pesadamente no ar denso. Só havia cadeiras cómodas e estofadas, e num canto estendia-se um grande divã. Nesse leito estava deitada a mulher, uma mulher comprida, bonita, cuja idade era inescrutável para Yuan. Fazendo um aceno com a boquilha que usava para fumar, exclamou ao ver Cheng entrar: Cheng, querido, há quanto tempo não te vejo!

Quando Cheng se sentou à vontade, ao lado dela, como se já se tivesse sentado ali muitas vezes, ela voltou a exclamar, e sua voz era profunda, estranha, e nada feminina: Acabei de ler a tua encantadora poesia... «Sinos do Templo»! Ia mesmo telefonar-te... Quando Cheng disse: Este é um primo meu, Yuan, ela mal

olhou para Yuan. Levantou-se enquanto Cheng falava, mostrando as compridas pernas descuidadas como as de uma criança, e com a boquilha na boca lançou algumas palavras confusas: «Oh, olá, Yuan!» e parecendo não o ver, dirigiu-se ao instrumento que tinha, e tirando o cigarro da boca, começou a deslizar vagarosamente os dedos de um grupo de notas para outro, tirando sons profundos e demorados como Yuan nunca ouvira. Não tardou que começasse a cantar, com uma voz tão profunda como a música que as suas mãos forjavam, trinando um pouco, com intensa paixão.

Cantou uma coisa curta, um pequeno poema que outrora Cheng escrevera na sua terra, mas a música de certo modo transformou-o.

Cheng escolhera as palavras com cuidado, fazendo-as soar delicadamente, tão delicadamente como bambus a ensombrarem a parede de um templo, numa noite de luar. Mas a mulher estrangeira, cantando essas palavras leves, tornava-as apaixonadas, tornava as sombras negras e fortes, tornava o luar cáldo. E Yuan ficou aborrecido, sentindo que a moldura da música era pesada demais para o quadro que as palavras formavam. Mas a mulher era assim. Cada movimento que fazia estava cheio de confusa significação, em cada palavra e em cada olhar havia ausência de simplicidade. Instantaneamente, Yuan antipatizou com ela. Não gostou do quarto em que ela habitava. Não gostou dos seus olhos, escuros demais para o brilho claro dos cabelos. Não gostou dos olhares que ela dirigia a Cheng, nem de a ouvir dizer várias vezes «querido», nem da maneira como lhe mostrou a música que escrevera, e se curvou sobre ele, chegando a encostar o rosto contra o cabelo dele, murmurando com o seu modo negligente e fortuito: O teu cabelo não é pintado, não, querido? Tem sempre um brilho tão suave...

Yuan, guardando o mais completo silêncio, sentiu certa repugnância por aquela mulher, uma saudável repugnância que

herdara do avô e do pai, percebendo simplesmente que os actos, as palavras e a fisionomia dela não eram decentes. Esperava que Cheng a repelisse, que, embora gentilmente, a repelisse. Mas Cheng não a repeliu. Não se encostou a ela, é certo, nem lhe respondeu com palavras semelhantes às dela, nem de modo algum estendeu a mão para tomar a dela. Mas aceitava o que ela fazia e dizia.

Quando a mão dela pousava sobre a sua por um instante, ele deixava-a ficar, e não se afastava, como Yuan desejaria que ele fizesse. Quando ela lançava o seu olhar fixo a Cheng, ele desviava os olhos, um tanto sorridente, mas aceitando o seu atrevimento e sedução; até que Yuan mal pôde suportar o que via.

Permaneceu vigoroso e impassível como uma estátua, parecendo nada ver nem ouvir. Cheng ergueu-se. A mulher então agarrou-se-lhe ao braço com ambas as mãos, induzindo Cheng a comparecer a certo jantar que ela dava, dizendo: Querido, quero tornar-te conhecido, sabes... os teus versos são algo de novo... tu mesmo és algo novo... *Amo* o Oriente... a música é bastante bonita, também, não é? Quero que a ouçam... mas não *muitos*, sabes... só uns quantos poetas e aquela dançarina russa... Querido, aí está uma ideia.,, ela podia criar uma dança para a música... uma coisa de tipo oriental... os teus versos são divinos para uma dança... vamos experimentar...E assim continuou a lisonjeá-lo até que Cheng lhe tomou as mãos nas suas, largou-as e prometeu fazer o que ela queria, embora com relutância; mas, como Yuan notou, só com aparente relutância.

Quando por fim se retiraram, Yuan respirou fortemente uma ou duas vezes, e contemplou com alegria a franca luz do Sol que brilhava em torno. Ambos se mantiveram calados por algum tempo, Yuan temendo falar e com isso ofender Cheng nos seus pensamentos, e Cheng absorto numa reflexão particular, com um leve sorriso no semblante. Por fim Yuan disse, sondando Cheng: Nunca tinha ouvido até agora palavras como essas na boca de uma mulher. Mal conheço tais palavras. Então ela ama-te muito ? Mas Cheng riu e respondeu: Essas palavras não significam nada. Ela emprega-as com qualquer homem... é um costume que essas mulheres têm. A música não é má, contudo. Essa mulher apanha os meus sentimentos. E Yuan, olhando para Cheng, viu no semblante dele uma expressão que Cheng não se apercebia de que manifestava. Era uma expressão que claramente dizia que, afinal, apreciava aquelas palavras doces e ocas, pronunciadas pela mulher, que apreciava os elogios dela e a lisonja aos seus versos feita pela música que ela compusera. Yuan, então, não disse mais nada. Mas pensou consigo que não lhe convinham aquelas maneiras de Cheng, nem a vida dele, e que a sua própria maneira de viver era a melhor, embora mal soubesse que maneira era essa, sabendo apenas que não era como a de Cheng.

142

Portanto, ainda que continuasse naquela cidade por algum tempo, para agradar ao primo, vendo o «metro» e as ruas dos espectáculos, sabia que, a despeito do que dizia Cheng, nem tudo da vida estava ali. A sua própria vida não estava ali. Ele estava só.

Nada havia ali que ele conhecesse ou compreendesse; pelo menos assim pensava.

Mas um dia, em que o calor era intenso e Cheng dormia indolentemente, Yuan saiu vagabundeando pelas ruas, e tomando um veículo público ou dois, chegou a uma zona que não imaginara existir nessa cidade. Para ele, os edifícios eram palácios, e todos os homens consideravam coisa natural ter tudo de que precisavam em matéria de alimento, bebida e roupas, e as suas necessidades não consistiam nessas coisas, que eram simplesmente direitos com que eles contavam. Além dessas, havia as necessidades de prazer e de roupas e alimentos melhores, não como coisa indispensável, mas como um deleite para a vida. Eram assim todos os cidadãos dessa cidade, segundo parecia a Yuan.

Mas nesse dia achou-se noutra cidade, numa cidade de pobres. Topou com ela sem dar por tal, viu-a de repente por todos os lados. Aqueles eram os pobres. Conhecia-os. Embora os seus rostos fossem pálidos e brancos, embora alguns fossem de pele negra como os selvagens conhecia-os. Conheceu-os pelo olhar que tinham, pela sujidade dos corpos, pelas mãos sujas e calosas, pelos altos gritos das mulheres e pelo choro de inúmeras crianças. Vieram-lhe à memória outros pobres seus conhecidos, pobres que estavam longe numa outra cidade, mas iguais àqueles! Disse consigo próprio, reconhecendo-os: «Então esta grande cidade também se ergue sobre uma cidade de pobres!» Ai-lan e as suas amigas saíam à meia-noite, por entre homens e mulheres como esses. Pensou com uma espécie de triunfo: «Também este povo esconde os seus pobres! Nesta rica cidade, apinhados em segredo nestas estreitas ruas, existem pobres, tão sujos como os que se vêem em qualquer outro país!»

Yuan encontrava pela primeira vez, de facto, algo que não estava nos livros. Caminhou por entre aquela gente, atónito, vendo quartos apertados e sombrios, abrindo caminho por entre o lixo das ruas, nas quais crianças famintas andavam seminuas, devido ao calor. Erguendo a cabeça para contemplar miséria sobre miséria, pensou: «Não importa que vivam em casas elevadas... vivem apesar de tudo em choças... nas mesmas choças...»

Por fim, ao cair da noite, voltou, penetrando nas outras ruas, frescas e iluminadas. Quando entrou no quarto de Cheng, este estava de novo jovial, acordado, e pronto a sair com um amigo ou dois rumo à rua dos teatros, para se divertir.

Quando viu Yuan, exclamou: Onde estiveste, primo?

Estava quase com medo de que te tivesses perdido.

143

Yuan respondeu vagarosamente: Estive vendo um pouco da vida que me disste não estar nos livros... E vi que toda a riqueza e força deste povo não conseguiu ainda evitar os pobres. E contou onde estivera e um pouco do que vira. E um dos amigos de Cheng disse, prudente como um juiz: Um dia, sem dúvida, resolveremos o problema da pobreza. E o outro disse: É claro que se essa gente fosse capaz de mais, mais teria. Como quer que seja, eles são incapazes. Há sempre lugar em cima.

Então Yuan redarguiu com presteza: A verdade é que vocês ocultam os pobres... envergonham-se deles como um homem se envergonha de uma feia doença secreta...

Mas Cheng disse alegremente: Chegaremos atrasados se deixarmos o meu primo prender-nos com essa conversa! A peça começa dentro de meia hora!

Nesses seis anos, Yuan aproximou-se de três outras pessoas que, dentre os estrangeiros com quem conviveu, lhe mostraram amizade. Um era um velho professor seu, homem de cabelos brancos, com cujo semblante Yuan logo simpatizou, por ser de expressão bondosa, onde se estampavam generosos pensamentos e uma perfeita concepção da vida. com o correr do tempo, esse homem idoso revelou-se a Yuan como algo mais do que um mero professor. De bom grado gastava muito tempo com Yuan em conversa particular, lia os apontamentos que Yuan fazia para um livro que projectava escrever, e corrigindo-o delicadamente apontava-lhe um ou outro ponto em que Yuan estava errado. Sempre que Yuan falava, prestava atenção, com os olhos azuis tão risonhos e tão cheios de compreensão que Yuan chegou a confiar imensamente nele e, por fim, a pô-lo ao corrente das suas coisas íntimas. Contou-lhe, entre muitas outras coisas, que vira os pobres da cidade, e que se admirara de que, no meio de tão vasta opulência, os pobres pudessem viver em situação tão desesperada. E isso levou-o a falar do padre estrangeiro e do modo como vilipendiara o povo de Yuan com os seus quadros soezes. O velho escutou tudo, com a sua atitude meiga e silenciosa, dizendo depois: Acho que ninguém é capaz de ver um quadro inteiro. Desde antigos tempos se diz que cada um de nós vê apenas aquilo que procura. Você e eu olhamos a terra e pensamos em sementes e colheitas. Um construtor olha a mesma terra e pensa em casas, e um pintor nas cores dessa terra. O padre vê os homens apenas como criaturas que precisam de ser salvas, e muito naturalmente distingue com o máximo de clareza aqueles que necessitam de salvação.

Depois de Yuan pensar nisso uns instantes, verificou, embora, contra vontade, que era verdade, e que de boa mente não podia odiar inteiramente o padre como o odiara, ou mesmo como queria, porque julgava-o, não obstante, errado; e declarou: Pelo menos,

144

ele viu uma parte muito estreita do meu país. Ao que o velho retorquiu, sempre delicado: Pode ser, e deve mesmo ser, se ele é um homem estreito.

Através de conversas como essa, no campo e na aula, depois de os outros terem saído, Yuan aprendeu a amar esse ancião da raça branca. E o velho queria bem a Yuan, estimando-o com crescente afeição.

Um dia disse a Yuan, Um tanto hesitante: Desejo que você venha a minha casa esta noite, meu filho. Somos gente muito simples... só a minha mulher, minha filha Mary e eu... nós três... mas se vier cear connosco, será uma alegria para nós. Contei-lhes

tanta coisa a seu respeito que também elas o querem conhecer. Esta era a primeira vez que alguém falava desse modo a Yuan, nesses anos, o que o comoveu bastante. Pareceu-lhe que era uma deferência carinhosa um professor receber um aluno na sua residência particular. Por isso, respondeu timidamente, na feição cortês da sua língua: Não sou digno.

Ao ouvi-lo, o velho escancarou os olhos, sorriu e disse:

Venha e verá como somos simples! Quando, pela primeira vez, disse à minha mulher que seria um prazer você vir, ela replicou: «Receio que ele esteja acostumado a uma vida muito melhor do que a nossa».

Yuan tornou então a protestar cortesmente, e acedeu.

Achou-se assim a descer a rua sombria, da qual passou para um pequeno pátio quadrado, e daí para uma velha casa de madeira situada por trás de um arvoredor, e tendo à entrada um pórtico.

Veio ao seu encontro, à porta, uma senhora que lhe fez lembrar aquela a quem chamava mãe. É que entre ambas as mulheres, separadas por milhares e milhares de quilômetros, falando duas línguas diferentes, e cujo sangue, cujos ossos e cuja pele não se assemelhavam, havia contudo uma parecença. O cabelo branco e liso de ambas, as suas nítidas e fortes expressões de mãe, os modos simples e os olhos francos das duas, as suas vozes tranquilas, a sabedoria e a paciência gravadas nos-seus lábios e nas suas fronteiras, tudo isso as tornava parecidas. No entanto, verdade é que havia uma diferença entre as duas, que Yuan notou pouco depois de se instalarem na ampla sala principal: daquela senhora emanava um ar de contentamento e de pura satisfação da alma, que a senhora sua mãe não possuía. Era como se uma já tivesse realizado na vida os desejos do seu coração, e a outra não. Por dois diversos caminhos, as duas tinham chegado a uma tranquila maturidade; uma por um caminho de felicidade e acompanhada, enquanto que a outra por um caminho mais sombrio e caminhando sozinha.

Mas quando a filha dessa senhora entrou, Yuan viu que ela não se parecia com Ai-lan. Não, Mary era uma rapariga diferente. Tinha, talvez, alguns anos mais do que Ai-lan, era mais alta e não 10-c. D.

145

tão bonita, muito quieta, aparentemente, e de voz e atitude moderadas. No entanto, havia sentido nas palavras que ela dizia, e os seus olhos, de um cinzento escuro, de tom sombrio quando ela se mostrava grave, sabiam cintilar jovialmente para apoiar o tom chistoso que as suas palavras eram capazes de assumir. Mostrava-se reservada diante dos pais, mas não temerosa, e eles tratavam-na de igual para igual; Yuan percebeu isso. De facto, em breve verificou que ela não era uma jovem vulgar. Porque, quando o velho falou acerca do que Yuan escrevia, Mary também estava informada disso, e formulou uma

pergunta com tal prontidão e conhecimento de causa que Yuan ficou surpreso e perguntou-lhe, admirado: Como pode conhecer tão bem a história do meu povo para me interrogar a respeito de um vulto tão distante no tempo como Ch'ao Tso? A isso a jovem respondeu modestamente, mas com um brilho sorridente nos olhos: Oh, acho que sempre tive um certo parentesco com a sua terra. Tenho lido livros a respeito dela. Decerto lhe mostro o pouquíssimo que sei, referente a ela? Nesse caso ficará sabendo que eu sou uma pretensiosa! Realmente, nada sei. Mas ele escreveu sobre agricultura, não? Num ensaio. Lembro que decorei um trecho que li certa vez numa tradução. Era mais ou menos assim: «O crime começa pela pobreza; a pobreza pela insuficiência de alimentos; a insuficiência pela negligência no amanho do solo. Sem esse amanho, o homem não tem laço que o ligue ao solo. Sem esse laço, ele prontamente abandona a terra natal. Torna-se então como as aves do céu ou os animais do campo. Nem cidadelas fortificadas, nem fossos profundos, nem leis severas, nem castigos cruéis são capazes de subjugar esse espírito errante que fortemente se instalou dentro dele».

A jovem salmodiou estas palavras, que Yuan conhecia muito bem, numa voz clara e sonora, pois que a sua voz era repleta de vida. Via-se que ela amava as palavras, porque ao semblante lhe assomava um ar grave e aos olhos um ar de mistério, como numa pessoa que reconhece a beleza com que já teve contacto. Os seus pais escutavam-na com reverência e orgulho, enquanto ela falava. O velho dirigiu-se a Yuan, como quem exclama do coração, contendo apenas as palavras com adequada cortesia: Está vendo o que vale a minha filha em saber e inteligência; já viu alguma como ela?

Yuan não pôde deixar de manifestar o seu prazer, e daí em diante, quando ela falava, também ele ouvia, sentindo uma afinidade com ela, porque tudo o que dizia, mesmo uma coisa insignificante, era dito com propriedade e correctamente, tanto que desejaria ter sido ele a falar em seu lugar.

Mas, ainda que se sentisse cheio de profunda intimidade naquela casa onde entrara pela primeira vez nessa noite, e tão

146
à vontade entre aquelas pessoas, a ponto de esquecer que não eram da sua raça, aconteceu todavia uma coisa de certo modo estranha, uma coisa esquisita que ele não compreendia. Quando entraram numa sala menor e se sentaram a uma mesa oval posta para a refeição, Yuan ergueu a sua colher para comer. Mas viu os outros hesitarem e em seguida o velho inclinar a cabeça, no que foi imitado pelos outros, excepto por Yuan, que não entendeu aquilo; e enquanto olhava de um para outro, para ver o que sucederia, o velho falou em voz alta, como que dirigindo-se a um deus invisível, pronunciando poucas palavras, mas que foram ditas com sentimento, como se agradecesse um favor recebido. Depois disso, sem mais cerimónia, comeram, e Yuan nada perguntou nessa ocasião, se bem que conversasse.

Posteriormente, porém, ardendo em curiosidade no tocante àquela cerimônia que até então nunca vira, interrogou a respeito dela o seu professor, quando à noite se sentaram sozinhos na ampla varanda, e fez a interrogação a fim de saber como se comportar cortesmente por ocasião da tal cerimônia. O velho manteve silêncio por alguns momentos, fumando o seu cachimbo e mergulhando calmamente o olhar na rua sombria. Por fim, segurou o cachimbo no côncavo da mão e disse: Yuan, muitas vezes tenho indagado a mim mesmo de que modo lhe falar da nossa religião. Aquilo que vi é uma cerimônia religiosa que temos, um simples agradecimento a Deus pelo alimento que diariamente nos concede. Em si mesma não é importante, mas é um símbolo da maior coisa que possuímos na vida... a nossa fé em Deus. Lembra-se de ter falado da nossa prosperidade e poder? Eu estou crente de que isso é fruto da nossa religião. Não sei qual é a sua religião, Yuan, mas sei que não seria leal a mim mesmo e a você se o deixasse viver aqui, frequentar diariamente as minhas aulas, e vir frequentemente, como espero, a minha casa, e não lhe revelasse a minha crença.

Enquanto o velho assim falava, as duas mulheres apareceram e sentaram-se; a mãe numa cadeira em que se balançava levemente para trás e para diante, como se um vento a fizesse oscilar.

) . Ficou sentada a escutar o marido, com um suave sorriso de aprovação no rosto, e quando ele por um momento fez uma pausa continuava a falar dos deuses e dos mistérios dos deuses feitos carne humana, ela exclamou num delicado arroubo: Oh, Mr. Wang, desde que o Dr. Wilson me contou como o senhor é brilhante nas aulas dele, como é competente em tudo o que escreve, tive-o logo na conta de um cristão. Que grande coisa para o seu país se o senhor fosse ganho para a causa de Cristo e voltasse para dar disso testemunho!

Isto deixou Yuan grandemente espantado, porque não compreendeu o significado de todas essas palavras. Mas, por cortesia,

147

sorriu simplesmente, inclinou-se um pouco, e estava prestes a falar quando a voz de Mary soou, aguda e clara como metal, e com um timbre que Yuan ainda não lhe ouvira. Ela não se sentara numa cadeira, mas no degrau mais acima, e ali se mantivera calada enquanto o pai falava, repousando o queixo sobre ambas as mãos e aparentemente prestando atenção. Agora, vinda da semiescuridão, a sua voz chegou inquieta, estranha, impaciente, cortando a conversa como uma faca: Vamos para dentro, pai? As cadeiras são mais confortáveis... e eu gosto de luz... Ao que o velho respondeu, com vaga surpresa: Pois sim, Mary, se queres. Mas pensei que gostasses sempre de te sentar aqui ao cair da tarde. Todas as noites nos sentamos aqui uns momentos...

Mas a jovem respondeu ainda mais irrequieta e com uma espécie de obstinação: Esta noite quero luz, pai.

Está bem, minha filha tornou o velho, levantando-se devagar; e assim foram para dentro.

Ali, na sala iluminada, ele não falou mais em mistérios. Em vez disso a sua filha dirigiu a conversa, crivando Yuan de uma centena de perguntas sobre a terra dele, perguntas tão subtis e profundas, às vezes, que ele foi forçado honestamente a confessar-se confundido pela sua própria ignorância. E enquanto ela falava, ele não podia deixar de sentir prazer em vê-la. Pois embora soubesse que ela não era bonita, o seu rosto era vivo e animado, a tez delicada e muito alva, os lábios finos e um tanto vermelhos, e os cabelos lisos e quase tão negros como os dele, embora muito mais formosos. Os seus olhos ele bem via que eram lindos, ora com um brilho escuro de ardor, ora passando para um reluzente e agradável cinzento quando sorria, e sorria frequentemente, ainda que não risse alto. As mãos eram expressivas, por serem mãos inquietas, flexíveis, esbeltas; não eram pequenas, e talvez fossem delgadas demais e não suficientemente macias para serem belas, mas não obstante tinham uma espécie de pujança no seu aspecto e nos seus movimentos.

Não eram essas coisas por si mesmas, todavia, que davam prazer a Yuan. Porque ele percebia que ela era uma criatura cujo corpo parecia não existir por si mesmo, mas apenas como uma capa para a sua inteligência e a sua alma. E isso constituía uma novidade para Yuan, que não conhecera mulher assim. Quando de súbito julgava descortinar um traço de beleza nela, com a mesma rapidez essa impressão se desvanecia, e ele esquecia tal beleza no jacto de luz que o espírito dela despedia ou numa palavra aguda que ela pronunciava. Nela o corpo era moldado pelo espírito, e o espírito não perdia tempo em pensamentos sobre o corpo. De tal maneira que Yuan mal a considerava uma mulher, mas sim um ser mutável, cintilante, veemente, às vezes mesmo

148

um pouco frio, e amiúde guardando súbito silêncio. Não que ela ficasse silenciosa por vacuidade, mas tão somente enquanto a sua mente apreendia algo que ele tinha dito e o punha delicadamente de parte para meditar sobre o seu sentido. Nesse silêncio ela muitas vezes esquecia-se de si mesma e esquecia que os seus olhos ainda estavam nos olhos de Yuan, embora ele tivesse acabado de falar, de modo que, em tal silêncio, por mais de uma vez ele se viu a contemplar com crescente profundidade a meiga, volúvel e tristonha negrura dos olhos dela.

Nem uma única vez ela lhe falou de mistérios religiosos, e tão-pouco os pais voltaram a falar no assunto, até que por fim, quando Yuan se levantou para se despedir, o velho lhe disse apertando-lhe a mão: Se você quiser, filho, vá connosco à igreja, no próximo domingo, e veja que tal lhe parece.

E Yuan, considerando isso mais uma bondade, disse que iria, e disse-o com prazer tanto maior quanto é certo que sabia ser-lhe agradabilíssimo ver de novo aqueles três seres, que o

faziam sentir-se como um filho naquela casa, ele que não era sequer da raça deles.

Quando Yuan voltou ao seu quarto, e enquanto, deitado na cama, esperava pelo sono, pôs-se a pensar nesses três seres, e muito mais na filha dos velhos do que nestes. Ali estava uma mulher como ele nunca vira. Era feita de uma substância diferente das outras que conhecia, uma substância mais refinada que a de Ai-lan, apesar de toda a jovialidade desta, dos seus lindos olhos penetrantes e das suas risadinhas. Essa mulher branca, conquanto frequentes vezes se mostrasse séria, tinha uma poderosa luz interior, por vezes muito forte, comparada com a vaga e suave bondade da mãe; mas sempre clara. Não fazia nenhum movimento inconveniente com o corpo. Não havia nela nenhum dos constantes e inúteis movimentos apenas do corpo, tais como os fazia continuamente a filha da estalajadeira para melhor exhibir as pernas, os braços ou os pés, cegos movimentos da carne. As suas palavras e a sua voz não eram, tão-pouco como as daquela mulher que musicara com densa paixão os lindos versos de Cheng. É que as palavras de Mary não estavam sobrecarregadas de significações artificiosas. Não, ela pronunciava-as com decisão e aguda clareza; cada palavra sua tinha o seu próprio peso e sentido, sem excessos, todas constituíam úteis instrumentos do seu espírito, em vez de mensagens de vagas sugestões.

Quando Yuan pensava nela, evocava principalmente o seu espírito, revestido pela cor e pela substância da sua carne, mas não escondido por ela. E pensava no que ela dizia, e no facto de ela às vezes dizer coisas que jamais lhe tinham ocorrido. Certa vez, quando falavam do amor à pátria, ela disse: Idealismo e

149

entusiasmo não são a mesma coisa. O entusiasmo pode ser apenas físico, a juventude e a energia do corpo fazendo o espírito alegre. Mas o idealismo subsiste ainda que o corpo esteja alquebrado pelos anos, porque é a qualidade essencial da alma que o alimenta. Em seguida o rosto transmutara-se-lhe rápida e luminosamente, e fitando o pai com grande ternura, dissera: Acho que o meu pai possui verdadeiro idealismo.

O velho respondeu serenamente: Eu chamo a isso fé, minha filha.

A essa afirmação Yuan lembrava-se agora de que ela nada respondera.

E assim, a pensar naqueles três seres, adormeceu com uma alegria espiritual que jamais sentira nesse país estrangeiro, porque para ele os três pareciam reais e compreensíveis.

Quando, pois, chegou o dia da cerimónia religiosa a que se referira o velho professor, Yuan vestiu com esmero a sua melhor roupa e de novo se dirigiu a casa deles. A princípio sentiu certa timidez, porque quem abriu a porta foi Mary. Era evidente que ela ficou surpreendida por vê-lo, pois não sorriu e os seus olhos anuviaram-se. Envergava um comprido casaco azul e tinha na cabeça um chapeuzinho da mesma cor, parecendo a Yuan mais alta e com certo quê de austeridade. Explicou, portanto, tropeçando

nas palavras: O seu pai convidou-me para ir hoje com ele ao sítio onde se fazem as cerimónias religiosas. Procurando-lhe os olhos com algum constrangimento, ela replicou sisuda: Sei disso. Quer entrar? Estamos quase prontos. Deste modo Yuan tornou a entrar para a sala onde criara a boa amizade que tantas vezes evocava. Mas nessa manhã a sala não lhe pareceu tão amiga. Não ardia fogo na lareira como naquela noite, e o áspero e frio sol de Outono, atravessando as janelas, mostrava os tapetes gastos no chão e os estofos poídos das cadeiras, de modo que as coisas que de noite, à luz do fogo e das lâmpadas, se apresentavam indistintas, simples e afeitas ao uso caseiro, agora com a luz do Sol, apareciam por demais gastas, velhas e necessitando de substituição.

Todavia, o velho e a senhora mostraram-se muito amáveis ao entrar, adequadamente vestidos para as suas devoções, tão amáveis como sempre o tinham sido. O velho disse: Estou muito contente por você ter vindo. Não tornei a falar-lhe porque não o quero influenciar indevidamente.

Mas a senhora disse com sua maneira meiga e expansiva: Mas eu *rezei!* Rezei para que viesse. Rezo pelo senhor todas as noites, Mr. Wang. Se Deus atender as minhas orações quão orgulhosa me sentirei se por nosso intermédio...

Mas nesse momento, aguda como um raio de sol que penetrava na velha sala, soou a voz da filha, uma voz agradável, não

150

despida de carinho, mas de timbre claro e perfeito, no entanto um pouco mais frio do que o timbre que Yuan lhe conhecia: Vamos? Precisamos de ir já para chegar lá a horas. Saiu à frente deles e sentou-se ao volante do automóvel que devia conduzi-los ao lugar onde iam. O casal de velhos sentou-se atrás, mas ela colocou Yuan a seu lado. Não pronunciou uma única palavra enquanto movia o volante para um lado e para outro. E Yuan, por cortesia, também não falava, nem mesmo olhava para ela, a não ser quando voltava a cabeça para contemplar de passagem um curioso panorama. Sem olhar directamente, via-lhe, porém, o rosto de perfil recortado sobre a paisagem que apreciava. Não havia agora nem sorriso nem luz nesse rosto. Estava sério a ponto de parecer triste, o nariz recto e comprido, os lábios fortemente delineados e delicadamente contraídos, o queixo de claros contornos arredondados sobressaindo da pele escura da gola, os olhos cinzentos fitos, com firmeza, na estrada em frente. Tal como ela se apresentava agora, conduzindo o carro com destreza e rapidez, empertigada no assento e silenciosa, Yuan chegou a temê-la um pouco. Não parecia aquela com quem ele falara livre e desembaraçadamente.

Chegaram assim a um grande edifício para onde entravam muitos homens, mulheres e até crianças. Entraram de mistura com essas pessoas e sentaram-se: Yuan entre o velho e a jovem. Yuan não pôde deixar de olhar em torno com curiosidade, pois era a segunda vez que entrava nesse templo. Muitas vezes na sua terra vira templos; mas eram para gente vulgar e

sem instrução, e para as mulheres, e ele nunca na sua vida prestara culto a um deus. Algumas vezes entrara por curiosidade, ficando a contemplar as vastas imagens e a escutar o” som profundo e solitário, semelhante a um aviso, do grande sino quando tangido, e olhara com desprezo para os sacerdotes de vestes pardas, *pois o* seu preceptor cedo lhe inculcara a ideia de que esses sacerdotes eram homens maus e ignorantes que oprimiam o povo Assim, pois, Yuan nunca adorara nenhum deus.

Agora, nesse templo estrangeiro, observava. Era um sítio alegre. Através de compridas e estreitas janelas, o Sol do começo do Outono fazia jorrar grandes feixes de luz, caindo sobre flores depostas num altar, sobre as roupas cinzentas das mulheres, sobre muitas faces de variadas expressões, embora poucas fossem as faces de jovens. Não tardou que uma música enchesse o ambiente vinda de um instrumento desconhecido, a princípio muito suave, depois crescendo gradualmente em som e volume, até que todo o ar ficou vibrando. Yuan, ao volver a cabeça para ver de onde partia a música, viu ao lado dele o vulto do velho, com a cabeça curvada, os olhos fechados, e tendo no rosto um doce sorriso de êxtase. É Yuan, olhando em torno, observou outros mergulhados

151

no mesmo silêncio rigoroso, e por polidez pôs-se a indagar consigo o que devia fazer. Mas ao olhar para Mary, viu-a sentada como estivera ao volante, aprumada e altiva, de queixo erguido, com os olhos abertos e fixos na distância. Quando a viu nessa atitude, também Yuan não curvou a cabeça numa veneração que desconhecia.

Ora, lembrando-se do que dissera o velho, que no poder da sua religião esse povo encontrara a sua força, Yuan pôs-se a observar, tentando descobrir que poder era esse. Mas não conseguiu descobri-lo com facilidade. Porque, quando a solene música mais uma vez abrandou, recolhendo por fim ao lugar onde se escondia, um sacerdote paramentado surgiu « leu certas palavras a que todos pareceram prestar respeitosa atenção, embora Yuan, observando melhor, reparasse que alguns dos presentes davam mais atenção aos vestidos e fatos dos presentes, ou aos rostos dos outros, ou a qualquer outra coisa. O velho e a senhora, porém, escutavam atentos, ainda que Mary, com a atenção concentrada num lugar distante, não mudasse o semblante a nada do que ouvia, de tal modo que Yuan não chegou a perceber se de facto ela estava atenta. Várias vezes, voltou a ouvir-se a música, cantaram-se palavras que Yuan não entendeu, e o padre paramentado exortou os que se achavam no templo, baseando-se no grande livro que tinha lido.

Yuan prestou atenção a essas palavras, parecendo-lhe uma boa e salutar exortação, feita por um homem afável e santo que incitava os seus compatriotas a ser mais bondosos para os pobres, a renunciar a si mesmos e a obedecer ao seu deus, e falava como os sacerdotes falam em toda a parte.

Quando terminou, convidou-os a prostrarem-se enquanto ele dirigia uma oração àquele deus. De novo Yuan olhou para

ver o que devia fazer, e mais uma vez viu o velho casal curvar-se na sua devoção. E de novo a jovem a seu lado ergueu a altiva cabeça, e por isso ele também não se inclinou. Manteve os olhos abertos e olhou, para ver se o sacerdote apresentava alguma imagem, já que todos estavam prostrados, prontos a adorar. Mas o padre não apresentou nenhuma imagem, e nenhum deus foi visto em parte alguma. Algum tempo depois de ele ter acabado de falar, os presentes desistiram de esperar mais pela vinda do deus; moveram-se, levantaram-se e foram para casa, e Yuan voltou também aos seus aposentos, não compreendendo nada do que vira ou ouvira, e, mais do que tudo, pensando nas nítidas linhas da cabeça daquela altiva mulher, que não se tinha curvado. No entanto, esse dia trouxe um novo acontecimento à vida de Yuan. Um dia, ao voltar ao quarto, vindo do campo onde agora estava semeando trigo do Inverno, para ver quais as sementes

152

que melhor germinavam nas várias carreiras em que as colocara, encontrou uma carta em cima da mesa. Cartas, era coisa raríssima na existência, solitária de Yuan, nesse país; uma vez de três em três meses, achava uma carta do pai nessa mesa, todas escritas para dizer quase as mesmas palavras: que o Tigre ia bem, mas que estava repousando até a próxima Primavera, altura em que novamente sairia a guerrear; que Yuan devia estudar com afinco o que mais desejava saber, e que devia regressar logo que completasse Os seus anos de estudo, pois era filho único, Ou então encontrava uma carta da senhora, a mãe de Ai-lan, uma carta bondosa e serena, contando as pequenas coisas que fazia, e que julgava que Ai-lan ia agora casar-se; mas ela já estivera noiva por três vezes, por sua espontânea vontade,, mas recusando-se sempre obstinadamente a desposar aquele com quem se comprometera, de maneira que Yuan sorria ao ler tais notícias de Ai-lan; depois de ter falado do caso, a mãe amiúde acrescentava, como para se consolar a si própria: «Mas Mei-ling é o meu sustentáculo. Trouxe-a para casa, a fim de morar connosco, e aprende tão bem, faz tudo tão correctamente e tem tão desenvolvida a noção das conveniências, que quase podia ser a filha que eu devia ter tido» às vezes é mais minha filha do que Ai-lan» Tais eram as cartas que Yuan podia esperar; uma ou outra vez, a própria Ai-lan Escrevia cartas em que misturava duas línguas» e cheias de caprichos, queixas e ameaças para o caso de Yuan não lhe trazer, ao voltar, bugigangas do Ocidente, declarando que aguardava, quem sabe, uma cunhada ocidental. Cheng também escrevia, mas raríssimas vezes e nunca com regularidade, e Yuan sabia, com certa tristeza, que a vida do primo era uma vida cheia de todas as muitas coisas que alegram um jovem fisicamente bonito e exímio no bem falar, a quem o aspecto de estrangeiro tornava atraente aos Olhos daqueles habitantes da cidade, que procuravam incansavelmente, e por toda a parte, toda e qualquer novidade que pudessem achar. Mas a carta que viu não era nenhuma dessas. Branca e quadrada, em cima da mesa, tinha o nome dele claramente gravado

a tinta preta. Yuan abriu-a; era de Mary Wilson. Ali estava O nome dela, nítido e amplo ao pé da página, assinado com energia e veemência, e muito diferente das grosseiras letras que a estalajadeira punha nas suas contas mensais. A carta pedia a Yuan que aparecesse um dia daqueles, logo que pudesse, para um determinado fim, vjá que quem lhe escrevia se sentira preocupada desde o dia em que juntos tinham ido à igreja, e tinha a dizer algo que não dissera.

Admiradíssimo, Yuan envergou a sua melhor roupa escura, tendo-se lavado para tirar sujidade de terra, e nessa noite, depois de comer, saiu. Por trás dele, a estalajadeira bradou que pusera

153

naquele dia sobre a mesa dele a carta de uma senhora, e que agora calculava que ele ia vê-la. Todos os circunstantes riram alto, e de todos os risos o que mais sobressaiu foi o da filha da hospedeira. Mas Yuan nada disse. Ficou apenas furioso por aquelas risadas rudes terem um contacto, mesmo remoto, com Mary Wilson, que estava muito acima dessa gente para que lhe tocassem no nome. Yuan sentiu o seu coração agitar-se contra os que riam, e jurou a si mesmo que jamais alguém ouviria o nome dela pronunciado por ele, e desejava não ter nem mesmo na memória aquelas risadas e aqueles olhares, ao ir procurá-la.

Mas essa lembrança não o deixava, e provocou-lhe constrangimento quando de novo se achou ante aquela porta, de modo que quando esta se abriu e a jovem assomou ao limiar, ele manifestou-se frio e acanhado, não querendo apertar-lhe a mão quando ela a estendeu acolhedoramente, fingindo não a vertanto nojo experimentava pela grosseria daquela gente. Ela percebeu-lhe a frieza. O resplendor desapareceu do rosto da jovem, desfez o sorriso que tinha para o saudar, e com voz quieta e indiferente, convidou-o, sisuda, a entrar.

Mas, ao entrar, Yuan sentiu a sala como da primeira vez, acolhedora e familiar, iluminada pelas chamas que ardiam na lareira. As velhas cadeiras fofas convidavam-no, e a própria quietude do ambiente deserto o acolhia.

Não obstante, Yuan esperou para ver onde ela se sentaria, de modo a não ficar perto dela mais do que devia, e ela, sem olhar para ele, deixou-se cair com displicente graça num baixo tamborete diante do fogo, e indicou-lhe uma grande cadeira próxima.

Mas Yuan, no momento de se sentar nela, fez tenção de empurrá-la um pouco para trás, de modo a que, conquanto estivesse perto da jovem, bastante perto para lhe poder ver distintamente o rosto, em todo caso as suas mãos não se tocassem, se ele ou ela as estendessem.

Assim quis, para ficar mais certo de que o riso daquela gente não passava de um riso sórdido.

Ficaram os dois a sós. Não havia sinal dos pais. E sem falar neles, a jovem entrou directa e abruptamente no assunto, como se o que ela dissesse fosse difícil de dizer, e todavia fosse necessário dizê-lo. Mr. Wang, terá estranhado que eu lhe tenha pedido que viesse aqui esta noite. Nós somos na verdade quase estranhos um ao outro. No entanto, tenho lido muito acerca do seu país... bem

sabe que eu trabalho na biblioteca... conheço um pouco do seu povo e admiro-o imensamente. Pedi-lhe que viesse cá, não apenas tendo em vista a sua pessoa particular, mas a sua pessoa como chinês. E falo-lhe como uma americana moderna falando a um chinês moderno.

Nesta altura, fez uma pausa, e por alguns instantes fitou o fogo; tirou depois um graveto de um monte de lenha próximo da

154

lareira, e revolveu um tanto preguiçosamente as brasas que jaziam debaixo das achas ardentes. Yuan esperava curioso por saber o que ia ouvir e não se sentindo inteiramente à vontade com ela, visto não estar acostumado a ficar sozinho com uma mulher; finalmente ela prosseguiu.

A verdade é que me senti muito embaraçada com os esforços dos meus pais para o atraírem à religião deles. O que sei deles é apenas que são as melhores criaturas que já conheci. Conhece o meu pai... como qualquer outro, pode ver o que ele é. Fala-se de santos. Ele é um santo. Em toda a minha vida, jamais o vi colérico ou falto de bondade. Nenhuma rapariga, nenhuma mulher teve nunca melhores pais. A única desgraça é que o meu pai, se não me deu a sua bondade, deu-me o seu cérebro. No devido tempo, fiz uso deste cérebro, e ele voltou-se contra a religião, a energia que alimenta a existência do meu pai, na verdade; de modo que não tenho fé nela. Não posso compreender que homens como o meu pai, de inteligência poderosa e aguda, não a empreguem na sua religião. A religião de meu pai satisfaz-lhe as necessidades emocionais. A sua vida intelectual está fora da religião, e... não há ponte entre as duas... A minha mãe, claro, não é uma intelectual. É mais simples... mais fácil de entender. Se o pai fosse como ela, eu apenas me divertiria quando eles tentassem fazer do senhor um cristão... porque sei que nunca o conseguiriam.

A jovem fitou Yuan de frente com os seus olhos francos, e deixando as mãos quietas, com o graveto suspenso dos dedos, continuou com mais ardor ainda: Mas... receio... que o pai possa influenciá-lo. Sei que o senhor o admira. É aluno dele, estuda nos livros que ele escreveu. Sentiu-se atraído pelo senhor como raras vezes o foi por qualquer discípulo. Acho que ele tem uma espécie de visão do senhor voltando para a sua terra como um grande guia cristão. Já lhe contou que outrora quis ser missionário? Meu pai pertence a uma geração em que toda a rapariga, todo o rapaz sério, foi tentado pela... pela vocação missionária, como era chamada. Mas ele tinha contratado casamento com minha mãe, e não era suficientemente forte para ir. Julgo que os dois se sentiram desde então... por assim dizer, frustrados... É curioso como as gerações diferem! Temos os mesmos sentimentos para com o senhor, eles e euos profundos e ternos olhos dela mergulhavam

directamente nos dele, sem embaraço e sem ares sedutores, e, no entanto, como somos diferentes! Por ser o senhor como é, eles percebem quão glorioso seria ganhá-lo para a sua causa! Mas para mim, como me parece presunção pensar que o senhor poderia ser transformado para melhor... por uma religião! O senhor pertence à sua raça e ao seu tempo. Como pode alguém impor-lhe o que lhe é estranho?

155

Disse essas palavras com ardor incontido, e Yuan, embora não impetuosamente, sentiu-se atraído para ela. Pois ela parecia encará-lo não somente como um indivíduo, um homem, mas como um elemento de toda a sua raça. Era como se, por intermédio dele, ela falasse a milhões. Entre eles havia uma barreira de delicadeza, de espiritualidade, de retraimento natural a ambos. E Yuan disse com gratidão: Compreendo muito bem o que quer dizer.

Prometo que a admiração que sinto por seu pai não diminuirá por saber que ele crê numa coisa que a minha razão não pode aceitar.

O olhar dela tinha de novo pousado nas labaredas, que iam agora desaparecendo nas brasas e nas cinzas; um reflexo rubro pairava-lhe no rosto e no cabelo, nas mãos, no vermelho escuro do vestido. Disse pensativamente: Quem podia deixar de admirá-lo? Foi duro para mim posso confessar-lhe, pôr de lado a minha crença infantil no que ele me ensinara. Mas fui leal com ele.>. fui *capaz* de ser... e conversámos por várias vezes. com minha mãe, não podia conversar... ela começava sempre a chorar, e isso tornava-me impaciente. Mas com o meu pai podia focar todos os pontos... podíamos conversar... ele sempre respeitou a minha descrença, e eu sempre respeitei... cada vez mais... a sua fé. Raciocinamos de maneira muito semelhante até um certo ponto... o ponto em que a inteligência deve parar e é forçoso começar a crer sem compreender. Aí, separamo-nos. Ele foi capaz de fazer essa transição bruscamente... crendo com convicção, cheio de fé e esperança... mas eu não. A minha geração não pode.

De repente e com energia, levantou-se e, apanhando uma acha lançou-a sobre as brasas. Uma nuvem de fagulhas subiu pela larga e negra chaminé, de novo as chamas arderam, e de novo Yuan viu o esplendor da jovem à luz que acabara de brilhar.

Apoiando-se à consola da lareira, voltou-se para ele, que estava num nível inferior, e disse com ar sério, ainda que com um débil sorriso nos cantos da boca: Acho que é isto o que queria dizer... em resumo. Não esqueça nunca que eu não creio. Quando os meus pais tentarem influenciá-lo, tenha em vista que a geração deles... não é a minha... não é a minha, nem a sua.

Yuan também se levantou, e enquanto estava ao lado dela pensando no que devia dizer, inesperadamente as palavras brotaram-lhe,

palavras que não eram as que ele teria deliberado dizer. Desejaria, disse devagar, olhando para ela, poder falar-lhe na minha própria língua, porque nunca acho as suas palavras totalmente naturais para mim. Você fez-me esquecer que não somos da mesma raça. Seja como for, pela primeira vez desde que entrei no seu país, senti um espírito falar ao meu espírito sem nenhuma restrição.

Disse isto franca e simplesmente, e cruzando os olhares, ela
156

encarou-o de frente, como uma criança, respondendo-lhe tranquila, mas ardorosamente: Creio que havemos de ser amigos... não, Yuan?

E Yuan redarguiu, um tanto tímido e como se pusesse o pé numa praia desconhecida, sem saber onde pisava ou o que o aguardava, mas em todo o caso obrigado a dar passos avante: Se assim deseja... e em seguida, olhando ainda para ela, acrescentou, numa voz sumida, cheia de acanhamento... Mary.

Ela esboçou então um sorriso rápido, luminoso e brincalhão, assentindo no que ele dizia e detendo-o logo, com tanta clareza como se pronunciasse as palavras: «Já dissemos bastante por hoje». Falaram ainda durante algum tempo de pequenas coisas dos livros e outras, até que ouviram passos no pórtico, dizendo ela imediatamente: Aí vêm eles... os meus queridos pais. Foram a uma reunião religiosa... vão todas as quartas-feiras à noite. Dirigiu-se rapidamente à porta, abriu-a, e recebeu carinhosamente os velhos, que entraram, com os rostos frios e avermelhados pelo gélido ar de Outono. Sem demora, postaram-se todos diante do fogo, e mais do que nunca trataram Yuan como um membro da família, convidando-o a sentar-se de novo, enquanto Mary trazia frutas e o leite quente que gostavam de tomar antes de dormir. E Yuan, embora detestasse o leite com toda a sua alma, sorveu um pouco para se sentir mais íntimo ali, até que Mary atinou com o que se dava, e rindo disse: Porque não me lembrei? Preparou um bule de chá, serviu-o ao rapaz, e todos chalacearam um pouco a respeito do caso.

Mas o momento em que depois Yuan mais pensou, foi o seguinte. Num intervalo da conversa, a mãe suspirou e disse:

Mary querida, bem quisera que tivesses ido hoje. Foi uma reunião *esplêndida*. Achei que o Dr. Jones falou muito bem... não achaste, Henry?... A propósito de ter fé bastante para podermos resistir mesmo no meio das maiores provações. E em seguida disse bondosamente a Yuan: Deve muitas vezes sentir-se bastante solitário, Mr. Wang. Frequentemente, penso quanto deve ser duro estar tão longe dos seus queridos pais, e também, quão duro há-de ser para eles tê-lo tão distante. Se lhe agradar, seria um prazer para nós que cessasse aqui às quartas-feiras e fosse connosco à igreja.

Notando como ela se mostrava bondosa, Yuan limitou-se a responder: Muito obrigado, e ao dizer isto, os seus olhos, pousaram em Mary, que de novo se sentara no tamborete, de modo

que nesse momento os olhos dela estavam em nível inferior aos dele, e muito próximos. E nos olhos dela e em todo o seu semblante, ele viu uma expressão amável, terna e discretamente alegre, uma expressão de carinho para com a mãe, mas muito compreensiva também para com Yuan, de modo que essa expressão os ligou

157

numa espécie de mútua compreensão, pela qual os dois se achavam completamente a sós.

Desde então Yuan passou a viver com uma sensação de recôndita e íntima riqueza. Aquele povo deixou de lhe parecer completamente estranho, bem como os seus costumes; e muitas vezes esqueceu-se de que o odiava, pensando também que já não lhe faziam tantas desfeitas como dantes. Tinha agora duas portas por onde passar. Uma era exterior, era essa casa em que podia entrar com liberdade e onde era sempre bem recebido. Aquela velha sala pardacenta tornou-se para ele um lar, nessas paragens estrangeiras. Julgara a sua solidão dulcíssima e como a coisa que mais desejava; e, todavia, chegava agora à nova conclusão, de que a solidão só é doce para um homem quando o liberta de presenças enfadonhas e indesejadas, e deixa de ser doce quando se descobrem presenças queridas. E, ali, naquela sala, Yuan tinha descoberto essas queridas presenças.

Havia a presença silenciosa e aparentemente insignificante dos livros familiares, mas quando, por vezes, entrava sozinho naquela sala, num momento em que não estava ninguém, tomava um livro e sentia-se como se alguém conversasse vivamente com ele. Porque, ali, os livros falavam-lhe mais de perto do que em qualquer parte, pois a sala envolvia-o com o seu ambiente amigável, com a quietude do saber.

Estava ali, também, amiúde, a presença querida do seu velho professor. Ali, mais do que em qualquer aula ou mesmo do que nas plantações, Yuan veio a conhecer a plena beleza interior daquele homem. O velho levava uma vida muito simples, como uma criança; filho de um lavrador, tornara-se estudante, era há muitos anos professor, e conhecia tão pouco do mundo que se podia dizer que não vivera nele. Entretanto, vivia em dois mundos, no da inteligência e no da alma, e Yuan, explorando esses dois mundos com muitas perguntas e longos silêncios enquanto ficava a escutar o velho que falava dos seus conhecimentos e crenças, não sentiu nele nenhuma estreiteza, mas a larga, extensa e simples vastidão de um espírito ilimitado pelo tempo ou pelo espaço, para o qual todas as coisas eram possíveis nas paragens humanas e divinas. Era a amplidão do sábio juízo de uma criança, para o qual não há fronteiras entre o real e o mágico. Essa simplicidade, porém, era tão bem temperada pelo saber que Yuan não podia deixar de estimá-la, e reflectir, angustiado,

na sua própria estreiteza de entendimento. Um dia, possuído dessa angústia, disse a Mary, quando ao entrar ela o encontrou só e perturbado: O seu pai quase que me convenceu a ser cristão!

Ela respondeu: Ele quase que nos convence a todos. Mas

você verificará, como eu verifiquei, que a barreira é o... quase. Os nossos dois espíritos são diferentes, Yuan... menos simples, menos seguros, mais investigadores. Assim falou ela, resoluta e calmamente, e assim unido a ela, Yuan sentia-se afastado de uma certa beira para a qual fora levado contra a sua vontade, e todavia também por sua vontade, afinal, porque estimava o velho. Mas de todas as vezes ela fazia-o retroceder.

e essa casa era a porta exterior, a jovem era a porta que conduzia à sua intimidade. É que por meio dela aprendeu muitas coisas. Ela contou-lhe a história do seu povo, como esse povo se formara pelo desembarque, nas costas da sua terra, de gente de quase todas as nações e raças existentes no Globo, e como pela força, pela astúcia, e mediante medidas guerreiras, tinha arrebatado a terra àqueles que a possuíam, tomando-a para si; Yuan tudo escutou tal como costumava escutar na infância as histórias dos Três Reinos. Em seguida, ela descreveu-lhe como os seus antepassados tinham manifestado contínuo empenho em alcançar o distante litoral, com arrojo e frenesi. E enquanto ela falava, às vezes junto ao fogo, na sala, outras vezes passeando nos bosques onde as folhas agora caíam à aproximação do Inverno, Yuan parecia sentir naquela mulher, não obstante a sua delicadeza exterior, a íntima impetuosidade que havia no seu sangue. Os olhos dela eram capazes de se tornar cintilantes, fixos e frios; o seu queixo mostrava-se rígido por baixo dos lábios rectos; inflamava-se ao falar, muito orgulhosa do passado da sua raça, e Yuan ficava um pouco temeroso dela.

Mas a mais estranha das coisas era que, nessas ocasiões, ele sentia nela um poder quase masculino, e em si próprio um temperamento inferior e débil, que não chegava a ser másculo, como se os dois juntos formassem homem e mulher, mas confusamente, e sem que claramente fosse ele o homem e ela a mulher. E havia por vezes nos olhos dela um olhar tão dominador para com ele, como se ela se sentisse mais forte do que ele, que a carne de Yuan se encolhia até a jovem mudar de expressão. Assim, embora a visse frequentemente linda, com o corpo ágil e lesto, cheio de energia, e embora não pudesse deixar de ficar impressionado com o seu espírito vivo como uma seta, não podia concebê-la, entretanto e de modo total, como carne para a sua carne, ou como uma mulher em quem se tocasse e a quem se amasse, porque havia nela algo que fazia com que ele a receasse um pouco, impedindo que brotasse o amor. Ele sentia-se contente com isso, porque ainda não queria pensar em amor ou mulheres, e, ainda que não pudesse afastar-se dessa mulher, já que havia nela uma força que o atraía, sentia-se em todo o caso contente por não desejar tocar-lhe. Se, mesmo agora, alguém o interpelasse, ele teria respondido: Não é prudente nem

159

fica bem que dois seres de carne diferente se casem. Existe a dificuldade externa das duas raças, nenhuma das quais deseja tal união. Mas existe, além disso, a luta interna de um contra outro, e esta Separação dos dois aprofunda-se tanto como o sangue...

é sem fim essa guerra entre dois sangues diferentes.

Mas havia ocasiões, também, em que a sua segurança de estar ao abrigo dela era abalada, já que, por vezes, ela não lhe parecia inteiramente estrangeira, mesmo no sangue, pois não só era capaz de lhe revelar o Seu próprio povo, como também o povo dele, sob um certo aspecto em que- até então nunca reparara. Havia muito do seu povo que Yuan desconhecia. De certo modo vivera no meio dele, um pouco junto do pai, um pouco na escola de guerra, junto dos jovens entusiastas da causa, um pouco naquela casa de barro, e um pouco também naquela grande cidade moderna; mas entre esses pontos não havia unidade que os reunisse numa entidade só. Quando alguém o interpelava sobre a sua terra ou sobre o seu povo, respondia com um conhecimento tão esparso e desconexo, que até enquanto falava lhe vinha à mente qualquer coisa contrária àquilo que estava a dizer; por fim, deixou mesmo de falar no assunto, a não ser para negar afirmações como as que o sacerdote fizera, e isso *por* amor-próprio.

Mas através dos olhos dessa mulher ocidental, que nunca vira sequer o solo em que o povo dele vivia, Yuan via o seu país como desejava vê-lo. Agora, por causa dele, Yuan (pois este sabia que era por sua causa) ela dedicava-se a ler tudo quanto podia acerca do povo chinês, todos os livros e narrativas de viajantes, as histórias e contos traduzidos para a língua dela, e também poemas, e contemplava gravuras com atenção. Valendo-se de tudo isso, formou na sua mente uma imagem, um conhecimento subjectivo do que era a pátria de Yuan, que se lhe afigurava um país da mais perfeita beleza, onde os homens e as mulheres viviam em paz e justiça, numa sociedade baseada vigorosamente sobre a sabedoria dos seus sábios.

Yuan, ao escutá-la, entrevia o seu país da mesma maneira. Quando ela dizia: Parece-me, Yuan, que no seu país vocês resolveram todos os nossos problemas humanos. As belas relações entre pai e filho, entre os amigos, entre um homem e outro homem... tudo está bem pensado e é manifestado com simplicidade.

E o ódio que o seu povo tem pela violência e pela guerra, como eu admiro isso! Yuan esquecia a sua infância e lembrava-se apenas de que era verdade que ele odiava a violência e a guerra, e sentia por isso que o mesmo acontecia com o seu povo e evocava os aldeões, recordava como estes lhe tinham feito súplicas contra as guerras, e, assim, as palavras dela pareciam-lhe corresponder à verdade, à pura e simples verdade.

Outras vezes, quando Mary fitava alguma gravura que tinha

160

achado e guardado, para que ele também a contemplasse, uma gravura de um alto e esguio pagode, ou de um lago campestre cercado de salgueiros reclinados, e alvos gansos a flutuar debaixo da sombra, ela respirava fundo para exclamar suavemente: Oh, Yuan... lindo... é *lindo*! Porque será que, quando olho para estas figuras, parece-me sentir que elas mostram lugares onde vivi e que conheço muito bem? Existe em mim uma estranha saudade desses sítios. Acho que o seu país deve ser o mais adorável país

do Mundo.

Yuan, ao contemplar as gravuras, através dos olhos dela, e relembrando a beleza que ele próprio vira naqueles breves dias passados no campo, onde divisara lagos assim, aceitava muito simplesmente o que ela dizia e de uma feita respondeu-lhe com toda a honestidade: É verdade; é uma terra bastante linda.

Então ela, olhando-o perturbada, voltou ao assunto: Como todos nós devemos parecer-lhe rudes, bem como a nossa vida... somos tão modernamente rudes! E Yuan de súbito percebeu que também isso era verdade. Evocou a casa na qual morava, aquela mulher barulhenta, a todo o momento furiosa com a filha, que, com as suas discussões, enchia a casa de cólera, e evocou os pobres da cidade; mas disse apenas amavelmente: Nesta casa, afinal, encontro a paz e a cortesia a que estou acostumado.

Quando ela estava num estado de espírito assim, Yuan quase a amava. Reflectia orgulhosamente: «O meu país tem um tal poder sobre ela que, quando ela pensa e imagina como ele será, torna-se meiga e tranquila, perdendo a sua dureza e ficando inteiramente mulher». É conjecturava se poderia um dia amá-la, apesar do seu próprio desejo. Às vezes julgava que sim, e então raciocinava deste modo: «Porque, se ela vivesse no meu país, que já fez de tal maneira seu, seria sempre assim, graciosa e feminina, cheia de admiração, e apoiando-se em mim para quando ” precisasse de amparo».

Yuan, nessas ocasiões, pensava que seria uma delícia se assim fosse: seria uma delícia ensiná-la a falar a língua dele, seria ainda uma delícia morar na casa que ela arranjará, uma casa como essa que ele aprendera a amar tanto, com o seu conforto e a sua simplicidade.

Mas tão seguramente como assim se deixava persuadir, chegava sempre um dia em que vinha encontrar Mary de novo mudada, com a sua aspereza à flor da pele, a personalidade dominadora mais vincada, de tal modo que se punha a discutir, a censurar, a opinar, e era capaz de, por uma ou duas palavras mordazes, chegar a extremos até com o pai (pois era mais gentil com Yuan do que com qualquer outro); então, ele tornava a temê-la, sentindo em Mary uma selvageria impossível de domar. Deste modo ela o atraía e repelia muitas vezes.

11 -c. d.

181

Durante o quinto e o sexto ano da sua ausência permaneceu Yuan assim escravizado a essa mulher; e ela afigurava-se-lhe sempre mais do que mulher, de modo que o amedrontava, ou então menos do que mulher, de maneira que a não desejava; mas em todo o caso nunca podia esquecer inteiramente que ela era uma mulher. Não obstante, tudo isso, acontecia afinal que Yuan, com a sua natureza acanhada e profunda, tinha nela a sua única amizade.

O mais certo é que, por aquele caminho, cedo ou tarde ele teria de se aproximar ainda mais dela ou então tornar-se mais frio; ele recuou, e sobreveio um facto não importante em si

próprio.

Yuan era incapaz de tomar parte nas palhaçadas dos seus colegas. No último ano, tinham chegado à escola dois irmãos da sua raça, vindos, porém, da zona sul, onde os homens são levianos no falar e no sentir, de espírito volúvel, e riem com excessiva facilidade.

Eram dois jovens tão bem dispostos e entregavam-se tão facilmente à vida inferior que os cercava que eram benquistos e muitas vezes procurados para essas ocasiões em que exigiam deles o que sabiam fazer; tão bem como qualquer artista, tinham aprendido a entoar as barulhentas canções ou as cantigas travessas e cheias de reticências, que os estudantes tanto apreciavam, de modo que, ao aparecerem diante de uma assistência, arranhavam os dentes e dançavam como palhaços, gostando das palmas de qualquer espécie de público. Entre eles e Yuan havia um abismo mais profundo que entre Yuan e os homens brancos, não apenas por não ser a língua deles idêntica à sua, já que Sul e Norte possuíam idiomas diferentes, mas porque Yuan se sentia intimamente envergonhado deles. Que aqueles homens brancos, pensava ele, sacudissem os corpos de um lado para o outro loucamente, mas não os seus compatriotas diante daqueles estrangeiros. E quando Yuan ouvia as gargalhadas e os berros de elogio, o seu semblante ficava paralisado e frio, porque percebia, estava certo disso, uma zombaria por detrás daquelas manifestações de júbilo.

Houve um dia, especialmente, em que não pôde suportar o espectáculo. Realizava-se uma diversão nocturna num certo salão, e Yuan para lá foi, convidando Mary Wilson a ir consigo, pois ela, agora, aparecia frequentemente com ele em lugares públicos; lá, sentaram-se com todos os outros. Os dois rapazes de Cantão apareceram por sua vez nessa noite, vestidos como um velho lavrador e sua esposa, o lavrador com um comprido rabicho postiço caindo pelas costas, e a esposa grosseira e turbulenta, como qualquer mulher indecente. Yuan teve de ficar ali a ver os dois fazer papel de bobos, numa discussão fingida, e a lançar

162

pragas sobre uma galinha feita de pano e penas, que ambos puxavam para si e repartiam, pedaço a pedaço, falando de modo que todos compreendessem, mas ao mesmo tempo fingindo falar na sua língua natal. A cena era de facto altamente cómica, e os dois eram tão divertidos e espertos que ninguém podia deixar de rir, a ponto de o próprio Yuan chegar por vezes a sorrir, apesar da sua indisposição; Mary riu por várias vezes e após os dois rapazes se terem retirado, voltando-se para Yuan, disse com a fisionomia ainda iluminada pelo riso: Parecia um pedaço do teu país, trazido directamente de lá, Yuan! Estou muito contente por tê-lo visto.

Mas essas palavras afugentaram o riso de Yuan, que redarguiu com firmeza: Isso não é de forma alguma o meu país.

Nenhum lavrador de lá usa rabicho, actualmente. Foi uma farsa semelhante à que qualquer comediante representa nos palcos de Nova York.

Vendo que ele estava um tanto melindrado, ela acrescentou apressadamente: Oh, claro que percebo isso! Não passou de uma coisa absurda, mas em todo caso tinha sabor, não tinha, Yuan?

Yuan, porém, não deu resposta. Permaneceu sério durante o resto da noite, e ao chegarem à porta curvou-se; quando ela o convidou a entrar, ele não aceitou, muito embora pouco antes esperasse ansiosamente entrar e ficar algum tempo com ela na sala quente. Como ele recusasse, ela fitou-o interrogadoramente, ~sem saber o que se passava de anormal, apesar de perceber que qualquer coisa o perturbava; de repente, impacientou-se um pouco com ele, sentindo-o estranho, diferente e difícil, e deixou-o ir-se embora, dizendo apenas: Noutra ocasião, talvez. Ele partiu, mais ferido ainda por ela não ter insistido com ele, e sombriamente pensou: «Aquela palhaçada levou-a a fazer pouco caso de mim, ao mostrar a minha raça tão idiota».

Regressou, e, ao pensar na frieza dela sentiu tamanha raiva que se dirigiu à casa onde moravam aqueles dois palhaços, bateu, entrou no quarto deles e surpreendeu-os seminus, preparados para se deitarem. Em cima da mesa estava o rabicho postiço, as compridas suíças, e as demais coisas que usavam como disfarce; ao vê-las, Yuan não pôde deixar de dizer com energia e friamente: Vim apenas para dizer que acho mal terem feito o que fizeram esta noite. O verdadeiro patriotismo não consiste em exhibir o próprio país para provocar o riso de um povo sempre extraordinariamente disposto a rir de nós.

Ao ouvirem-no, os dois irmãos ficaram completamente atônitos, e depois de se entreolharem e de olharem para Yuan, um deles desatou a rir, no que logo foi seguido pelo outro; o mais velho disse na língua estrangeira, visto eles e Yuan falarem línguas dife-

rentes:Deixamos a você o encargo de manter de pé a honra do país, irmão mais velho! Você tem dignidade por um milhão dos nossos conterrâneos!Tornaram a estourar de riso, e Yuan não pôde suportar-lhes os enormes lábios, e os olhinhos brejeiros, e os corpos atarracados. Encarou-os enquanto eles riam, e em seguida, sem uma palavra, saiu e fechou a porta atrás de si.

«Esses homens do Sul resmungou não têm aparência connosco, com os verdadeiros chineses... esses pobres diabos...» Deitado na cama, essa noite, fitando os galhos nus das árvores, cujas sombras se desenhavam na branca parede iluminada pelo luar, sentiu-se contente por não ter relações com aqueles jovens, contente por não ter sequer noutros tempos permanecido na escola de guerra deles, e por nesse país estrangeiro bastante longe daqueles a quem outros consideravam da raça e da nação dele, Yuan. Ele era o único, pensou orgulhosamente, capaz de revelar a verdadeira natureza do seu povo.

Nessa noite, sentindo-se abatido, Yuan reuniu todo o seu orgulho para se robustecer, pois não podia suportar, cômico de que o que mais valia para ele era o apreço de Mary, que ela visse o seu povo sob um aspecto imbecil. Era como se ela o visse também a ele assim, o que Yuan não podia tolerar. Mantinha-se, pois, altivo e solitário, mais solitário ainda por se sentir alheio até mesmo daqueles dois compatriotas, e sobretudo por Mary não lhe ter pedido que entrasse em sua casa. Pensou amargamente: «Ela olhou-me de modo diferente. Olhou-me quase como se eu fosse um daqueles dois idiotas».

E em seguida resolveu que não < se preocuparia e alimentou no seu íntimo todas as recordações dela que não lhe fossem caras: a aspereza que ela às vezes revelava e a sua voz ferina como uma lâmina de aço, o seu ar peremptório que uma mulher não deve ter diante dos homens, e recordou-a ao volante do carro, guiando-o como se ele fosse um animal que ela dominasse e forçasse a uma velocidade cada vez maior, o rosto rígido como pedra. De nenhuma dessas lembranças ele gostava, e pôs-lhes termo dizendo no seu altivo coração: «Tenho o meu trabalho a fazer, e fá-lo-ei às direitas.

No dia em que terminar o que tenho a fazer, juro que não haverá um nome acima do meu nas listas das classificações. Assim o meu povo será respeitado».

E com este pensamento, adormeceu enfim.

Mas, apesar de tudo, não pôde continuar na sua solidão, porque Mary não deixou. Passados três dias ela escreveu-lhe outra vez, e ele não pôde deixar de sentir que o coração lhe pulsava forte ao ver em cima da mesa a carta quadrada. Sentia agora a sua solidude mais pesada do que dantes, e por isso pegou rapidamente na carta, ansioso por saber o que ela dizia. Ao lê-la, ficou

insensível, porque os termos ali contidos eram bem vulgares, e não os que ela deveria usar por não ter visto um amigo durante três dias, um amigo a quem se acostumara a ver diariamente. Eram só quatro linhas dizendo apenas que uma flor do jardim da sua mãe tinha desabrochado precocemente e desejava mostrar-lha; poderia ele aparecer na manhã seguinte? Nessa altura a flor estaria completamente aberta... E era tudo.

Nesse momento, Yuan esteve mais próximo de amar essa mulher do que nunca. Mas a indiferença dela, por outro lado, magoava-o, de modo que disse de si para si, com uns laivos da sua velha obstinação infantil: «Pois bem, se ela diz que eu vá ver a sua mãe, então irei ver de facto a sua mãe!». E, no seu melindre, projectou consagrar-se no dia seguinte inteiramente à mãe.

E assim fez; e quando, ao achar-se com a senhora junto à flor, contemplando-lhe a límpida alvura, Mary se aproximou calçando as luvas, ele limitou-se a inclinar levemente a cabeça sem falar. Mas ela não deu pela frieza de Yuan. Embora não parasse senão para dizer uma coisa qualquer sobre qualquer assunto doméstico à mãe, lançou um olhar em cheio a Yuan, um olhar tão calmo e tão despido de outra significação além de amizade, que Yuan esqueceu a sua mágoa, e logo a seguir, conquanto ela se tivesse afastado de novo, achou de súbito a flor adorável, tomando um novo interesse por aquela velha mãe e pelo que ela lhe dizia, embora até esse momento a julgasse demasiado profusa no falar, demasiado pródiga em palavras elogiosas e afectuosas que ela derramava, pelo menos assim parecia a Yuan, sobre toda a gente com excessiva facilidade. Mas agora, no jardim, achava que ela era uma mulher simples, muito bondosa, e sempre terna com as coisas delicadas, de tal modo que era capaz de afagar uma planta nova, que forcejava por "se erguer do solo, com tanta ternura como se se tratasse de uma criancinha, e quase chorava quando um rebento novo era inadvertidamente quebrado' num pé de roseira, ou quando alguém acidentalmente pisava uma planta. Gostava de mergulhar ambas as mãos na terra, entre raízes e sementes.

Nesse dia, Yuan partilhou dos sentimentos dela, e depois de permanecerem durante algum tempo naquele jardim orvalhado, ajudou-a a arrancar as ervas daninhas, e mostrou-lhe como se transplantava uma muda sem que ela murchasse, e de modo a que confiadamente espalhasse as suas pequenas raízes pelo novo solo. Prometeu, mesmo, conseguir algumas sementes do seu país, e ver se obtinha uma espécie de couve, muito verde, branca, e aromática; estava certo de que ela a apreciaria bastante. E esse pormenor insignificante fê-lo sentir-se outra vez parte daquela casa; admirava-se agora de ter sempre achado aquela senhora de língua muito solta, ou outra coisa que não carinhosa e maternal.

Contudo, mesmo nesse dia não teve muitos assuntos sobre que falar com essa senhora, com exceção das flores e hortaliças que ela plantava. Não tardou a notar que o espírito dela era tão simples na sua forma como o da mãe que vivia na sua terra, um espírito bondoso e comedido que se atinha a um prato a ser preparado, ou à conversa de uma amiga, ou aos cuidados do jardim, ou a um vaso de flores sobre a mesa de jantar. Os amores dela eram o amor a Deus e o amor aos seus dois entes queridos, e dedicada a esses amores vivia tão sinceramente e com tanta simplicidade que esta por vezes confundia Yuan. Porque verificava que essa senhora, que sabia ler bastante bem, a ponto de pegar, num livro qualquer e compreendê-lo, estava tão cheia de estranhas crenças como qualquer aldeão da sua terra. Apercebeu-se disso pela conversa que ela teve com ele, pois, ao falar de uma certa festa de Primavera, ela disse: Nós chamamos-lhe Páscoa, Yuan; nesse dia o nosso amado Senhor ressuscitou de entre os mortos e subiu aos Céus.

Mas Yuan não se dispôs a sorrir, pois bem sabia que existiam muitas histórias como essa entre povos de todas as nações, tendo-as lido nos seus tempos de infância, conquanto mal pudesse conceber que essa senhora acreditasse nelas, não fosse notar-lhe um grande respeito na bondosa voz e ver-lhe a virtude nos olhos leais, azuis e plácidos como os de uma criança, debaixo dos cabelos brancos; e por isso sabia que ela acreditava.

Essas horas no jardim concluíram o que o olhar sereno e directo de Mary tinha começado; quando ela voltou, Yuan havia posto de lado todo o seu pesar, nada dizendo a respeito dele, e em vez disso tratando a jovem como se não tivesse havido entre eles uma separação de três dias. Ao ficarem a sós, ela disse-lhe sorridente: Passou duas horas inteiras com a mamã no jardim? Ela vai ficar insuportável, se chega a conseguir prendê-lo aqui! E Yuan, sentindo o sorriso dela libertá-lo, sorriu também e disse: Porventura, ela acredita nas histórias que conta sobre ressuscitar de entre os mortos? Nós temos histórias dessas, mas quase ninguém crê nelas, nem mesmo as mulheres, quando são instruídas.

Ao que a jovem respondeu: Ela acredita, Yuan. E você talvez me compreenda agora quando eu lhe disse que lutei para o livrar dessas crenças, porque para você elas seriam falsas, ao mesmo tempo luto para manter a minha mãe nessas mesmas crenças, porque para ela são verdadeiras e necessárias. Sem elas a minha mãe perderia o rumo, porque por elas tem vivido e por elas há-de morrer. Mas você e eu... devemos ter as nossas próprias crenças pelas quais haveremos de viver e morrer!

Quanto à senhora, passou nessa manhã a gostar imensamente de Yuan; tanto, na verdade, que muitas vezes, mais tarde, se

esquecia da raça dele, dizendo com suave tristeza, quando ele falava da sua pátria: Yuan, afirmo-lhe que as mais das

vezes esqueço que você não é um rapaz americano. Você adapta-se perfeitamente aqui.

Mas a isso Mary retrucava prontamente: Ele nunca será um americano completo, mãe E de uma feita acrescentou em voz mais baixa: E fico contente com isso. Gosto dele tal como é.

Yuan recordava-se disso porque, quando Mary falou com certa energia interior, a mãe no momento nada respondeu, mas fitou o seu olhar acobreado na filha, e Yuan imaginou nesse instante que ela não se mostrava tão afectuosa como se tinha mostrado para com ele. Mas isso passou após ter estado no jardim com ela mais uma ou duas vezes, pois no começo da Primavera uma espécie de besouro atacou nas roseiras, e Yuan auxiliou-a diligentemente, esquecendo a pequena frieza que ela lhe manifestara.

Mas mesmo em coisa tão insignificante, como matar besouros, Yuan sentiu-se embaraçado; odiava furiosamente os cruéis bichinhos que destruíam a beleza dos rebentos e das folhas em cada hora que viviam, e queria esmagá-los um a um. No entanto, os seus dedos detestavam a tarefa de retirá-los das roseiras; e depois disso o seu corpo foi tomado de arrepios, e nem pôde lavar as mãos convenientemente. Mas a senhora não tinha tais melindres. Só sentia contentamento por cada bicho que arrancava, e matava-os com satisfação por ver a praga que eles constituíam.

Assim, Yuan acabou por se tornar amigo da senhora, e por se aproximar também ainda mais do velho professor. A verdade, contudo, é que ninguém se chegava muito a esse homem idoso, que era um estranho misto de profundidade e simplicidade, de fé e inteligência. Mas Yuan foi capaz de realizar essa aproximação, e conversava muitas vezes com ele a respeito dos seus livros e das ideias neles contidas; frequentemente, porém, no meio de uma conversa erudita sobre uma lei científica, os pensamentos do ancião derivavam para o nebuloso mundo do além, onde Yuan era incapaz de segui-lo, e o velho meditava em voz alta: Leis destas, Yuan, são apenas chaves para abrir a porta que dá para um jardim fechado, e nós devemos pôr a chave de lado ousadamente, atrevendo-nos a penetrar nesse jardim pela imaginação...

ou, se quiser, dar-lhe outro nome, pela fé... esse jardim é o jardim de Deus... Deus infinito, imutável, cujo próprio ser é feito de sabedoria, justiça, rectidão e verdade... todos esses ideais a que as nossas pobres leis humanas tentam conduzir-nos.

Assim cismava, até que Yuan, ouvindo-o sem nada compreender, disse um dia: Senhor, deixe-me à porta. Não sou capaz de pôr de lado a chave.

Ao que o velho sorriu um tanto tristemente, respondendo:

167

Você é exactamente como Mary. Vocês, os jovens... vocês são

iguais aos filhotes dos pássaros... têm medo de experimentar as asas e voar para além do pequeno mundo que conhecem. Ah! Enquanto não deixarem de se agarrar à razão somente, e até começarem a confiar no sonho e na imaginação, não surgirão grandes cientistas do meio de vocês. Não surgirão grandes cientistas... nem grandes poetas... é a mesma época que produz a ambos.

De todas essas palavras, no entanto, as que Yuan mais gravou foram as que diziam: «Você é exactamente como Mary». Era como Mary, sim. Entre os dois, nascidos a dezenas de milhares de quilómetros de distância um do outro, e que pertenciam a dois sangues que jamais se tinham cruzado, havia uma dupla afinidade: a de um jovem, semelhante aos outros em qualquer época, parecidos nas suas revoltas, e aquela que existe entre homem e mulher apesar da época ou do sangue.

Agora que a plena Primavera se avizinhava, e as árvores de novo reverdeciam, e nos matos próximos brotavam florzinhas sob as folhas caídas no Inverno, Yuan sentiu no sangue uma nova liberdade. Ali, naquela casa, nada havia que o tolhesse. Ah', esquecia-se de que era um forasteiro. Podia olhar para aqueles três seres e esquecer as diferenças, de tal modo que os olhos azuis do velho casal pareciam-lhe naturais, e os olhos de Mary afiguravam-se-lhe adoráveis pela sua mutabilidade, e não estranhos.

Ela tornou-se ainda mais amável para ele. Agora, havia nela, sempre, uma certa meiguice. Nunca mostrava aspereza; a sua voz, mesmo, não era já incisiva como costumava ser. O seu rosto tornou-se-lhe um pouco mais cheio, as faces menos pálidas, os lábios mais flexíveis e não tão contraídos, e movia-se com maior languidez e com certa desenvoltura que dantes não tinha.

Às vezes, quando Yuan chegava, ela parecia atarefadíssima e andava de um lado para o outro, de modo que raramente a via. Mas quando a Primavera chegou definitivamente, ela mudou nesse ponto, e, sem saber que o faziam, cada qual começou a planear encontrarem-se todas as manhãs no jardim. Tão amena como o dia, ela aparecia-lhe com os seus cabelos escuros caídos ao longo do rosto. Para Yuan ela era mais linda quando vestida de azul, e por isso disse-lhe um dia, risonho: O azul é a cor que a gente do campo usa na minha terra. Fica bem a você. E ela, retribuindo-lhe o sorriso, respondeu: Isso alegra-me. Yuan guardava na memória a lembrança de um dia em que chegara cedo para tomar a sua refeição matinal com eles; enquanto esperava por ela no jardim, curvou-se sobre um canteiro de amores-perfeitos desabrochados havia pouco, para lhes extirpar cuidadosamente as ervinhas das raízes. Nesse momento ela chegou

168

e ficou a observá-lo, com o rosto estranhamente afogueado; quando olhou para ela, viu-a estender a mão e tirar-lhe do cabelo uma folhinha de erva ali presa, e sentiu a rápida mão roçar-lhe pelo rosto ao retirar-se. Sabia que ela não lhe tocava de propósito, porque Mary precavia-se sempre de tais contactos, a ponto de parecer esquivar-se mesmo a uma ajuda que lhe fosse dada nalguma

irregularidade do caminho. Ela não estenderia a mão, como muitas raparigas fazem, para tocar num homem pelo menor motivo. Era na verdade a primeira vez que lhe sentia a mão, não falando dos contactos ocasionais e frios dos cumprimentos. Mas desta vez ela não se desculpou. Através do olhar franco da jovem e do súbito vermelho desmaiado das suas faces, percebeu que ela tinha consciência de lhe ter tocado e que sabia que ele o percebia. Entreolharam-se fugazmente, desviaram os olhos, e ela disse tranquilamente: Vamos entrar para a refeição? E ele respondeu igualmente tranquilo: Tenho primeiro que lavar as mãos.

E assim aquilo passou.

Mais tarde, ele pôs-se a pensar no caso, e a sua memória alargou-se para lhe trazer à lembrança aquele outro contacto causado há tanto tempo, pela jovem agora morta. De um modo estranho, ao lado daquele contacto franco e ardente, este novo e leve parecia uma coisa de nada; e o outro continuava a ser mais realmente sensível. Yuan murmurou para si próprio: «Sem dúvida ela não se deu conta de que me tocava. Sou um idiota». E resolveu esquecer tudo aquilo, assim como preservar mais severamente o seu espírito de tais pensamentos, porque, na verdade, eles não lhe eram gratos.

Deste modo, durante os meses dessa última -Primavera, Yuan viveu estranhamente de dupla maneira. Dentro de si mesmo reservava um lugar exclusivamente seu, protegido daquela mulher.. A amenidade da nova estação, a suavidade de uma noite de luar em que ele e ela passeavam juntos descendo a rua sob árvores cobertas de recentes rebentos, e enveredando por caminhos solitários que levavam ao campo, ou a quietude de uma sala onde às vezes se sentavam sozinhos, enquanto as chuvas musicais e firmes da Primavera batiam nas vidraças da janela, mesmo essas horas que passava a sós com ela não conseguiam expugnar aquele lugar que ele guardava em si. E Yuan espantava-se consigo mesmo, não sabendo como era possível ser tão impressionável como às vezes sabia que era, e entretanto não se dispor a ceder.

De certo modo, essa mulher branca era capaz de atraí-lo e, todavia, de mantê-lo a distância, e as mesmas coisas faziam com que Yuan a amasse e não amasse. Porque, amando a beleza e nunca podendo fugir-lhe, muitas vezes via Mary linda, com a sua

169
testa e o seu pescoço tão brancos em contraste com o cabelo escuro. E, no entanto, não gostava de uma tal brancura. Amiúde via-lhe os olhos luminosos, claros e cinzentos debaixo das escuras sobranceiras, e admirava o espírito que os fazia brilhar e lampejar, e todavia não apreciava olhos cinzentos. O mesmo acontecia quanto às mãos dela, mãos ágeis, vivazes, expressivas, mãos cheias de movimento, bonitas, angulosas e robustas. Mas, fosse como fosse, mãos assim não o atraíam.

Não obstante, sentia-se atraído repetidas vezes por uma força que nela havia, de modo que a todo momento, nessa Primavera atarefada, ele parava no meio do seu trabalho no campo,

no quarto ou na sala de leitura, encontrando-a repentinamente no seu pensamento. Chegava a perguntar-se nessas ocasiões: «Sentirei falta dela quando me for embora? Estarei assim tão preso a este país através desta mulher?» Comprazia-se na ideia de que podia ficar ali e prosseguir nos seus estudos, e no entanto indagava com clarividência: «Por que razão, afinal de contas, hei-de ficar? Se for na verdade por causa dessa mulher, com que fim, visto que não quero casar com uma mulher da sua raça?» Experimentava, porém, uma angústia, quando depois pensava: «Não; voltarei à minha terra». Então, vinha-lhe ainda o pensamento de que talvez nunca mais voltasse a vê-la, após ter partido, pois como poderia regressar? Quando pensava que nunca mais tornaria a vê-la afigurava-se-lhe, então, que de facto devia adiar a sua partida. O exame dessa questão poderia, deste modo, tê-lo levado à decisão de ficar, não fosse terem vindo através dos mares notícias que eram como a voz da sua terra natal a chamá-lo.

Nesses anos em que Yuan permanecera ausente, mal sabia qual era a situação do seu país. Não ignorava que por lá havia pequenas guerras, mas não dava atenção a isso, porque sempre houvera lá pequenas guerras.

Nesses seis anos, Wang o Tigre escreveu-lhe a respeito de uma ou duas dessas guerrilhas por ele empreendidas: uma contra um novo chefe de bandidos, e uma segunda contra um senhor da guerra que, sem ser convidado, passou pelas suas regiões. Mas Yuan não se detinha nessas notícias, em parte porque jamais gostara de guerras, e em parte porque tais coisas já não lhe pareciam reais, vivendo como agora vivia nesse país estrangeiro pacífico; de modo que, quando algum colega o interpelava jovialmente: Escuta, Wang, que nova guerra é essa que está tomando vulto na China? Soube pelos jornais. Um tal Chang ou Tang, ou Wang... ele, envergonhado, apressava-se a responder: Não é nada... não passa dalguma pilhagem, algures.

Por vezes a senhora sua mãe, que infalivelmente lhe escrevia uma vez em cada estação, dizia nas cartas: «A Revolução marcha

170

a passos rápidos, mas não sei como. Agora que Meng se foi, não temos revolucionários na nossa família. Apenas ouço dizer que a nova revolução rebentou no Sul. Mas Neng ainda não pode voltar. Está lá no meio deles, segundo escreveu, mas ainda não se atreve a regressar, mesmo que queira, porque o governo aqui tem medo e ainda persegue acêrrimamente os que são como Meng».

Mas Yuan não punha inteiramente de lado o pensamento do seu país, e, quando podia, acompanhava todas as notícias que conseguia encontrar sobre essa revolução, e devorava com avidez cada linha impressa que falava dessa mudança, tais como: «O velho calendário lunar foi substituído pelo moderno calendário ocidental» : ou «É proibido continuar a cingir os pés das mulheres», ou «As novas leis não permitirão que um homem tenha mais que uma esposa»; e eram muitas as notícias desse género. Yuan informava-se de cada modificação com alegria e fé, e através de tudo isso via que o seu país inteiro mudava, de modo que pensou

consgo e escreveu também a Cheng: «Quando regressarmos, no próximo Verão, não reconheceremos a nossa terra. Parece impossível que, no curto espaço de seis anos, se tenha efectuado tamanha transformação».

Ao que Cheng escreveu em resposta, muitos dias depois:

«Vais voltar este Verão? Eu não estou disposto. Quero ficar aqui ainda por mais um ano ou dois, se o meu pai me mandar o dinheiro necessário».

Ante essas palavras Yuan não pôde deixar de relembrar com grande desconsolo aquela mulher que musicava os pequenos poemas de Cheng com melodias lânguidas e pesadas, e em seguida afastou o pensamento dela. Mas bem desejava que Cheng se apressasse a voltar para a sua terra. Verdade é que ainda não recebera o seu diploma, embora tivesse gasto mais tempo do que devia nos estudos; e, pesaroso, Yuan deu-se conta de que Cheng nunca falava das novidades que aconteciam no seu país. Mas não tardou a desculpar Cheng, porque de facto não era fácil, nessa terra rica e pacífica, pensar em revoluções e em combates por um ideal; ele próprio, Yuan, esquecia tais coisas com frequência, nos seus dias de paz.

Todavia, como soube mais tarde, a Revolução já estava atingindo o seu auge. Tal como antigamente, subindo do Sul enquanto Yuan gastava o tempo com os livros, enquanto se interrogava sobre o que sentia por aquela mulher branca a quem amava e não amava, o exército pardo da Revolução, nas fileiras do qual se encontrava Meng, varava o coração do seu país em direcção ao grande rio. Lá combatia-se; mas Yuan, a milhares de quilómetros de distância, vivia em paz.

E nessa grande paz poderia ter vivido perpetuamente, pois de súbito, um dia, a paixão entre ele e a jovem tornou-se mais

171

profunda. Tanto tempo tinham permanecido onde estavam, pouco mais do que amigos, pouco menos do que namorados, que Yuan chegara a aceitar como coisa normal que todas as noites, durante alguns momentos, caminhassem juntos e conversassem, depois do velho casal se ter ido deitar. Diante dos velhos, nada mostravam. E Mary poderia responder honestamente a qualquer pergunta: «Mas não há nisto nenhum segredo. Que existe entre nós, senão amizade?» E era a pura verdade, pois jamais entre eles houvera uma conversa que outros não pudessem ouvir e pudessem criticar.

Todas as noites, porém, os dois não davam o dia por terminado sem estarem a sós por uns breves instantes, ainda mesmo que cada qual falasse apenas displicentemente dos acontecimentos do dia. Nesses curtos momentos, porém, vieram a conhecer mutuamente as suas ideias e os seus sentimentos mais do que nas outras horas do dia.

Uma noite, nessa Primavera, eles passearam juntos de um lado para o outro, entre as roseiras plantadas ao longo de um caminho sinuoso. Na extremidade desse caminho, havia uma espessura de árvores, meia dúzia de olmos outrora plantados em

círculo, e que estavam agora velhos, frondosos e cheios de sombras. No meio dessas sombras o velho professor colocara um banco de madeira, pois gostava de ir sentar-se ali para meditar. Nessa noite, as sombras estavam escuríssimas, pois fazia um luar claro e todo o jardim estava banhado de luz, excepto no sítio onde cresciam os seis olmos. Numa das suas idas e vindas, ambos se detiveram no interior do círculo de sombra, e a jovem disse, numa voz bastante despreocupada: Repara como estas sombras são escuras... parecemos perdidos ao entrar nelas.

Ficaram em silêncio, e Yuan notou com estranho e inquieto prazer como o luar estava calmo, o que o fez dizer: O luar está tão brilhante, que quase se pode distinguir a cor das folhas novas. Ou quase sentir a sombra fria e o luar quente, disse Mary, tornando a sair para a luz.

Contudo, voltaram a parar após mais alguns passos, e desta vez Yuan foi o primeiro a parar, dizendo: Estás com frio, Mary?

(Agora pronunciava-lhe o nome com desembaraço). Meio gaguejante, ela respondeu: Não... E em seguida, sem saberem como a coisa veio a suceder, permaneceram indecisos na sombra; mas rapidamente ela fez um movimento em direcção a ele, pegou-lhe nas mãos, e Yuan sentiu a jovem nos seus braços, os seus braços em torno dela, e o rosto encostado aos cabelos de Mary. Sentiu-a trémula, sentiu que ele também tremia, e como um só corpo ambos caíram sobre o banco, e ela, erguendo a cabeça, olhando para ele, levantando as mãos e com elas agarrando-lhe o rosto, sussurrou: Beija-me!

172

Então Yuan, que vira tais coisas representadas nas salas de espectáculos, mas que nunca as tinha feito, sentiu a sua cabeça abaixar-se e os quentes lábios dela estreitarem-se contra os seus, e sobre eles se comprimirem e concentrarem.

Nesse instante ele recuou. Que razão o levou a recuar não o saberia dizer, pois também nele havia o desejo de apertar mais e mais, intensa e demoradamente. Mais forte do que esse desejo, porém, foi um dissabor que não pôde compreender, a menos que fosse a repulsa da carne pela carne que não era da sua própria raça. Recuou, levantou-se depressa, e ali ficou, a um tempo ardente e gelado, confuso e envergonhado. Mas a jovem continuou sentada, atónita. Apesar da própria sombra, conseguia ver-lhe o branco rosto que, espantado, olhava para ele, perguntando-lhe porque recuava. Mas, por mais que se esforçasse, ele não foi capaz de dizer nada, absolutamente nada! Só sabia que tinha de se afastar. Por fim, sem fôlego e com uma voz estranha, disse: Está frio... deves ir para dentro... eu tenho de me ir embora.

Ela, no entanto, não se mexeu, e, ao cabo de alguns momentos, disse: Se tens de ir, vai. Eu quero ficar aqui mais um pouco...

E ele, sentindo-se de certo modo frustrado por não ter feito o que desejaria fazer, mas sabendo que fizera somente o que devia, disse, tentando ser cortês: Deves entrar. Vais ficar gelada.

Ainda sem se mover, ela respondeu deliberadamente:

Já estou gelada. Que importa isso?

E Yuan, percebendo que a voz dela estava fria e morta, voltou-se rapidamente e foi-se embora, deixando-a ali. Mas durante a noite não conseguiu dormir. Só pensava nela, indagava a si próprio se ela ainda estaria sozinha na sombra, e afligia-se por causa dela; tinha, todavia, a consciência de ter feito apenas o seu dever. Como uma criança, murmurou, para se desculpar: «Não gostei daquilo. Francamente não gostei daquilo». O que teria acontecido entre eles depois disto, Yuan ficou sem o saber; porque, como se lhe adivinhasse o embaraço, o seu país chamou-o de volta.

Despertou na manhã seguinte cômico de que devia ir ver Mary, e no entanto demorou-se, meio temeroso, porque, agora, de manhã, via com clareza que de algum modo estava em falta para com ela, embora soubesse que não poderia ter feito outra coisa além do que fizera.

Mas quando por fim se dirigiu para casa dela, encontrou os três que nela habitavam de semblante grave e consternados ante o que viam num jornal. Logo que Yuan entrou, o velho perguntou-lhe ansiosamente: Yuan, isto pode ser verdade?

Yuan olhou como eles para o jornal, e leu o que ali estava escrito em grandes letras: que os revolucionários tinham atacado

173

mulheres e homens brancos numa certa cidade da sua terra, tirando-os das suas casas e chegando mesmo a matar alguns deles, um padre ou dois, um velho professor e um médico, e alguns outros. O coração de Yuan parou, e exclamou: Há um engano aqui...

E a velha senhora, que esperava estas palavras, murmurou:

Oh, Yuan, eu *sabia* que tinha de ser engano!

Mas Mary nada disse. Embora Yuan não olhasse para ela ao entrar, nem tão-pouco agora, via-a silenciosa, o queixo apoiado sobre as mãos cruzadas, fitando-o. Mas não quis encará-la. Leu rapidamente a página até a baixo, exclamando repetidas vezes: Não é verdade... não pode ser verdade... uma coisa dessas nunca podia acontecer no meu país! E se aconteceu, é porque existe uma causa muito séria...

O seu pensamento buscava essa causa. Nesse momento, Mary falou. Agora, ele conhecia-a suficientemente bem para lhe adivinhar os sentimentos através do próprio modo como ela falava; pronunciando as palavras com destaque e clareza, aparentemente despreocupada, com a voz um pouco áspera e indecisa, disse:

Eu também procurei a causa, Yuan, mas não há nenhuma...

Parece que eram todos completamente inocentes e amistosos... foram surpreendidos nas suas casas e com os filhos...

Yuan olhou para ela, e ela olhou para ele, com os seus olhos claros, cizentos e frios como gelo, que o acusavam. Yuan exclamou em silêncio, dirigindo-se a ela: Fiz apenas o que não pôde deixar de fazer! Mas aqueles olhos acusavam-no com firmeza.

Então Yuan, tentando mostrar-se natural, sentou-se, e falando mais do que costumava, disse ansiosamente: Vou telefonar ao meu primo Cheng... morando naquela grande cidade,

deve saber a verdade. Conheço o meu povo... seria incapaz de fazer uma coisa dessas... somos uma raça civilizada... não somos selvagens... amamos a *paz*... odiamos derramar sangue. Estou certo de que há um engano em tudo isso.

E a senhora idosa repetiu com fervor: Sei que há um engano, Yuan. Sei que Deus não podia permitir que sucedesse tal coisa aos nossos bons missionários.

Ao ouvir estas palavras, Yuan sentiu, de repente, parar-lhe a respiração e esteve a ponto de exclamar: «Se eles fossem como esses padres...» Mas os seus olhos novamente pousaram em Mary, e permaneceu silencioso. Ela ainda o fitava, com uma grande tristeza calada, e ele não conseguiu dizer uma palavra. A sua alma ansiava pelo seu perdão. Todavia, recuava receoso de que, ao procurar perdão, cedesse àquilo a que a sua carne não desejava ceder.

Nada mais disse, e ninguém falou, a não ser o velho, que, quando Yuan terminou, lhe disse, enquanto se erguia: Depois

174

dir-me-á, Yuan, aquilo que souber sobre o caso. Yuan, receoso de que a senhora o deixasse a sós com Mary, levantou-se também, pois sentiu, de súbito, que não desejava ver-se frente a frente com Mary; e saiu de coração acabrunhado, temendo que as notícias fossem verdadeiras. Não podia suportar tamanha vergonha, tanto mais que sentia que a jovem intimamente o censurava pela sua retirada, levando-a à conta de uma fraqueza. Mais uma *razão* tinha, portanto, para mostrar que o seu povo estava inocente daquele crime.

Ele e ela nunca mais se aproximaram. com o correr do tempo, Yuan deixou-se invadir pela paixão de provar a inocência do seu país, e chegou à conclusão de que, se o conseguisse, ele próprio se sentiria justificado. Durante as derradeiras e atarefadas semanas desse ano lectivo, ocupou-se com isso. Gradualmente, havia de provar que o seu país não tinha culpa. Era verdade, disse Cheng, naquele primeiro dia (a sua voz soava calma e reconhecível através dos fios), era verdade que se dera aquele facto. E Yuan retrucou impaciente: Mas porquê?... porquê? E a voz de Cheng voltou, tão despreocupada, que Yuan quase via o primo encolher os ombros: Sei lá! A população amotinada... comunistas... fanatismo... quem poderá saber a verdade?

Mas Yuan estava angustiado: Não acredito... houve uma causa... uma agressão... *qualquer coisa*!

Cheng redarguiu tranquilamente: Nunca saberemos a verdade... E mudando de assunto, perguntou: Quando nos encontramos de novo, Yuan? Há tanto tempo que não te vejo... quando regressas?

Mas Yuan só foi *capaz* de dizer: Em breve! Sabia que devia regressar; se não conseguisse salvar a reputação do seu país, teria de voltar logo que terminasse o que lhe restava fazer.

Daí em diante, deixou de ficar no jardim, e nunca mais se encontrou com Mary a sós. Exteriormente mostravam-se amigos, mas nada tinham a dizer um ao outro e Yuan agia de modo que

não fosse preciso encontrar-se com ela. Quanto mais se via na impossibilidade de provar a inocência do seu país, mais se voltava contra aqueles seus verdadeiros amigos.

O velho casal percebeu isso, e embora continuassem a ser sempre gentis para com ele, retraíram-se por sua vez um pouco, sem de modo algum censurá-lo e sensíveis à dor dele, embora não a compreendendo.

Mas Yuan tinha a intuição de que o acusavam. Sobre os seus ombros carregava o peso de tudo o que o seu país fazia. Agora, ao ler diariamente os jornais, ao saber de coisas que qualquer exército vitorioso pratica ao marchar através de uma região conquistada, sentia-se em ânsias. Às vezes perguntava a si próprio o

175

que seria feito do seu pai, pois o exército avançava firmemente rumo às planícies do Norte, vitorioso em toda a parte.

Mas o pai parecia-lhe muito distante. Perto, muito perto, estavam aqueles estrangeiros gentis e silenciosos, a cuja casa devia ainda ir algumas vezes, porque eles queriam que ele fosse; nunca falavam nada do que os jornais diziam, evitando a mais leve alusão ao que sabiam que iria roe-lo de vergonha. Mas, apesar de todo o seu silêncio, eles acusavam. O próprio silêncio acusava. Acusavam-no a seriedade e frieza da jovem, e também as orações dos velhos; pois às vezes, antes de uma refeição para a qual o convidavam com insistência, o velho pronunciava palavras em voz baixa e aflita, e acrescentava aos seus agradecimentos palavras como estas: Salva-os, oh Deus, a eles que são Teus servos numa terra distante, e que estão com as vidas em perigo. E com o máximo fervor, a senhora rematava com um suave: Amém. Yuan não podia suportar essa oração nem esse amém, tanto mais que a própria Mary, que o advertira contra a fé do velho casal, curvava agora a cabeça num respeito que dantes não demonstrava para com eles; não, ele bem sabia, não era porque ela tivesse progredido na fé, mas apenas porque sentia os perigos contra os quais eles rezavam. Ela estava, pois, aliada aos pais contra ele; pelo menos assim julgava Yuan.

De novo Yuan ficou solitário, e solitário trabalhou até findar o ano e até à hora em que, com os outros, recebeu o diploma. Sozinho entre todos eles, sendo único do seu povo, recebeu o símbolo do seu saber. Sozinho escutou o seu nome com honrosíssimas menções. Alguns vieram apresentar-lhe parabéns, mas Yuan pensou consigo próprio que lhe era indiferente eles virem felicitá-lo ou não.

Sozinho emalou os livros e as roupas. Por fim, veio-lhe à mente que o velho casal devia estar muito alegre por vê-lo ir-se embora, apesar da bondade deles continuar imutável; e, no seu orgulho, Yuan disse consigo próprio: «Quem sabe, se eles não tiveram medo de que eu me casasse com a filha, e por isso estão contentes com a minha partida!»

Sorriu amargamente, julgando que devia ser tal como pensava.

E em seguida, recordando Mary, monologou outra vez:

«Mas tenho uma coisa a agradecer-lhe... livrou-me de eu me tornar

cristão. Sim, ela salvou-me uma vez... mas uma vez, também, eu salvei-me a mim próprio!»

176

CAPÍTULO III

DA mesma forma que Yuan amara e odiara o-pai, na infância, abandonava agora esse país estrangeiro amando-o e odiando-o.

Não podia deixar de amá-lo, ainda que a contragosto, pois não se podia deixar de apreciar uma coisa linda, nova e vigorosa.

Ele gostava da beleza, e por isso via-se obrigado a admirar a beleza das árvores no cimo das montanhas, das campinas livres de sepulturas, dos animais bem nutridos, sãos e contentes, das cidades limpas de detritos humanos. Mas ao mesmo tempo não gostava dessas mesmas coisas porque, se elas eram bonitas, ele não concebia que pudesse também haver beleza nas colinas nuas do seu país; achava errado que os mortos jazessem na boa terra dos vivos, que os seus túmulos ficassem no meio dos campos, e recordava que não se procedia assim no seu país. Quando avistava as ricas regiões por onde passava de comboio, pensava: «Se fossem minhas, eu amá-las-ia de todo o coração. Mas não são minhas». Fosse pelo que fosse, era incapaz de amar totalmente uma beleza ou um bem alheios. Nem sequer conseguia gostar muito das pessoas que possuíam esse bem que não era dele.

Quando novamente se viu a bordo, de regresso ao seu país, gastou muito tempo indagando a si próprio qual o proveito que tirara desses seis anos de ausência. Ganhara, sem dúvida, instrução. O seu cérebro estava pejado de conhecimentos úteis, vinha com uma porção de livros e apontamentos de várias espécies, e trazia também consigo uma longa dissertação que fizera sobre um problema de hereditariedade em certas raças de trigo. Tinha, ademais, saquinhos com sementes de trigo, que seleccionara com cuidado de outras sementes que semeara experimentalmente, e projectava lançar essas sementes no solo pátrio, colhendo mais e mais até haver bastantes para dar a outros, e desse modo melhorar as searas. Tudo isso ele sabia que tinha.

12-c. D.

177

Mas tinha mais do que isso. Tinha algumas certezas. Sabia que, quando se casasse, a sua mulher deveria ser da sua própria raça. Não era como Cheng. Para ele não havia agora encantos na carne branca, nos olhos claros, nos cabelos crespos. Onde quer que estivesse, aquela que havia de ser sua companheira era como ele, de olhos negros como os dele, de cabelos pretos, lisos e caídos, de pele com a cor da sua. Havia de ter o que era da sua natureza. Depois daquela noite sob os olmos, a mulher branca a quem, sob certos aspectos, conhecia muito bem, tornara-se-lhe completamente estranha. Não se modificara, mantinha-se dia após dia como sempre fora, decidida e cortês, rápida em compreender o que ele dizia ou sentia, mas era uma estranha. Os seus espíritos podiam conhecer-se mutuamente, mas residiam em duas habitações diferentes. Apenas por um momento ela procurara aproximar-se dele novamente. Fora com os pais acompanhá-lo ao comboio, e quando Yuan estendeu a mão para se despedir, ela, por um instante, apertou-a fortemente, e com os olhos cinzentos afectuosamente sombrios, disse em voz baixa: Nem sequer nos corresponderemos? Yuan, que era incapaz de causar um sofrimento, fosse por que motivo fosse, e confuso ante o pesar que se reflectia naqueles olhos obscurecidos, dissera gaguejando: Sim... sem dúvida... por que não?

Mas ela, sondando-lhe o semblante, soltou a mão de Yuan, mudando de expressão, e nada mais disse, apesar da mãe ter objectado apressadamente: Mas claro que Yuan nos escreverá! Yuan tornou então a prometer que escreveria e lhes contaria tudo. Mas ele sabia, e quando o comboio se afastou e o rosto de Mary ainda lhe retinha o olhar, viu que ela também sabia, que ele nunca escreveria e nada lhes contaria. Voltava à sua terra, e eles eram estrangeiros; não lhes podia contar nada. Como se despidisse um fato que não mais voltaria a vestir, alijou esses seis anos da sua vida, ficando apenas com os conhecimentos no seu cérebro e os livros na mala... Mas agora, já a bordo do navio, ao pensar nesses anos, sentia aquela afeição que contra vontade guardava no coração, pois aquele país estrangeiro tinha muita coisa que ele gostaria de ter, e não podia odiar aqueles três seres, sendo eles verdadeiramente tão bondosos; mas esse sentimento era contrariado, porque, agora que regressava à pátria, começava a relembrar certas coisas que havia esquecido. Pensou no pai, reviu as ruelas apinhadas de gente, nem asseadas nem bonitas, recordou os três dias que certa vez passara na prisão.

Mas a essas coisas contrapôs a ideia de que nesses seis anos se processara a Revolução e sem dúvida tudo estaria mudado. Não era verdade que devia estar tudo mudado? Quando ele partira, Meng era um fugitivo, e Cheng dissera-lhe que Meng

era agora capitão do exército revolucionário, gozando da liberdade de andar por onde bem quisesse. Havia ainda outras mudanças, pois no navio Yuan não era o único da sua raça. Havia umas duas dezenas de rapazes e raparigas que, como ele, voltavam à sua terra, e todos eles conversavam muito entre si e comiam juntos nas mesmas mesas; falavam de tudo que acontecera, e Yuan ficou sabendo por eles que as antigas ruas estreitas estavam a ser demolidas, e grandes ruas, amplas como as do resto do Mundo, eram rasgadas através das velhas cidades, que havia veículos a motor ao longo dos caminhos que levavam ao distante interior do país, e que neles viajavam lavradores que costumavam sempre andar a pé, ou quando muito escarranchados no dorso dos burros; e ouviu dizer quantos canhões, quantos aviões de bombardeamento e quantos soldados armados possuía a nova Revolução; aqueles jovens afirmavam ainda de que os homens e as mulheres eram iguais nos tempos presentes, que era contrário às novas leis vender ou fumar ópio, e que todos esses velhos males tinham agora desaparecido.

Conversaram de tantas coisas de que Yuan nunca ouvira falar, que este se pôs a indagar a si mesmo porque tivera aquelas velhas lembranças, e sentiu crescer ainda mais a sua ansiedade por se achar no seu país renovado. Estava contente por ser jovem numa tal época, e entre os da sua raça disse um dia, quando estavam todos sentados em torno de uma mesa: Que grande coisa é nascer nesta época, em que podemos ser livres e fazer o que quisermos com as nossas vidas! E ao dizer isto o seu coração transbordava de entusiasmo.

Todos aqueles irrequietos jovens se entreolharam, sorrindo superiormente, e uma rapariga estendeu o seu lindo pé e disse: Vejam! Se eu tivesse nascido no tempo da minha mãe, pensam que teria podido caminhar com dois pés sãos e perfeitos como estes? E todos riram, como riem as crianças quando estão a brincar. Mas o riso da jovem tinha uma significação mais profunda do que o simples júbilo, e um disse: É a primeira vez na história do nosso povo que todos somos livres... a primeira vez desde Confúcio!

Em seguida um jovem brincalhão bradou: Abaixo Confúcio! E todos bradaram: Sim, abaixo Confúcio! e houve quem dissesse: Abaixo! Que se afunde com todas essas velharias que detestamos... ele e a sua piedade filial!

Noutras ocasiões falavam com maior seriedade, e então planeavam ansiosamente o que haviam de fazer pelo seu país, pois não havia um único, entre os companheiros de Yuan, que não tivesse veemente desejo de servir a sua terra. Em cada frase que pronunciavam, metiam as palavras «pátria» e «amor da pátria» e pesavam seriamente as suas deficiências e capacidades, com-

parando-as às de outros povos. Dizia um:Esses homens do Ocidente superam-nos em inventiva, na energia dos seus corpos e na intrepidez com que levam avante aquilo que fazem. E disse outro:E em que nos avantajamos nós?Entreolharam-se, matutaram, e concluíram:Primamos pela paciência, pela compreensão e pelos longos sofrimentos.

Ante essa conclusão, a jovem que mostrara o lindo pé retrucou impaciente:É uma fraqueza ter tamanha resignação! Quanto a mim, estou resolvida a não suportar nada... nada de que não goste, e tentarei ensinar a todas as minhas compatriotas que não sofram coisa alguma. Nesse país estrangeiro, nunca vi uma mulher suportar uma coisa de que não gostasse, e é por isso que chegaram a um estado tão avançado!

Mas um gracejador obtemperou: Sim, lá são os homens que sofrem, e parece que é agora a altura de aprendermos isso, irmãos!E todos riram em conjunto, com a fácil hilaridade dos jovens; o gracejador, porém, olhou com íntima admiração para a linda jovem impaciente e atrevida, que defendia com calor as suas convicções pessoais.

Assim todos esses jovens, e entre eles Yuan, passavam os dias a bordo do navio com o maior bom humor e na mais ansiosa expectativa da sua chegada à pátria. Só prestavam atenção a si próprios, pois todos se sentiam possuídos pela forte segurança da sua mocidade e mostravam-se satisfeitos com os seus conhecimentos e com o prazer de regressar; cada qual confiava no seu próprio valor e tinha a certeza de que estava reservado para um serviço importante que seria útil para a sua pátria. Yuan não pôde deixar de notar que as próprias palavras que eles empregavam eram estrangeiras, e que mesmo ao falarem na sua língua tinham de enxertar palavras estrangeiradas para exprimir ideias para as quais não havia palavras adequadas na sua língua pátria; os vestidos das raparigas eram meio estrangeiros, e as roupas dos homens completamente estrangeiras, de modo que se um visse o outro de costas, não podia dizer de que raça era. E todas as noites dançavam à moda estrangeira, rapaz e rapariga juntos, e às vezes até vergonhosamente, rosto contra rosto, e de mãos agarradas. Só Yuan não dançava. Nessas coisas de menor importância, mantinha-se afastado até dos seus conterrâneos, quando faziam algo que lhe era alheio. Dizia consigo mesmo, esquecendo que costumava dançar: «Esta dança é estrangeira». Mas em parte ficava retirado porque, agora, não queria tomar, nos braços uma dessas mulheres modernas. Tinha receio delas, já que facilmente estendiam as mãos para tocar num homem, e Yuan sentia-se sempre temeroso de um contacto.

Assim se passaram esses dias, e Yuan cada vez se mostrava

mais curioso por saber que impressão lhe causaria o seu país após tantos anos. No dia em que se deveria avistar a costa, dirigiu-se sozinho para a proa do navio e ali pôs-se à espera do aparecimento da terra. E a terra fez-se anunciar no oceano, muito antes de poder ser vista. Yuan baixou os olhos para as águas verde-claras do oceano e viu a mancha amarela de argila que não era mais do que a terra que o rio transportava ao correr através de milhares de quilómetros de campo, lançando-a turbulentamente no mar. A mancha formava uma linha tão nítida como se fosse traçada por uma mão, de tal modo que cada onda era mantida afastada sem lhe penetrar os limites. Durante um momento, Yuan viu-se em pleno oceano, e no momento seguinte, como se o navio tivesse transposto uma barreira, enxergou ondas amarelas redemoinhando, e percebeu que estava na sua terra.

Quando mais tarde foi tomar banho, pois fazia um dia de pleno Verão e de grande calor, a água jorrou amarela, e Yuan a princípio pensou: «Deverei lavar-me nela?» Porque a princípio não lhe pareceu limpa. Mas em seguida disse: «Porque não me hei-de lavar nela? Está escura da boa terra dos meus pais». E banhou-se sentindo-se refrescado e limpo.

O navio penetrou na embocadura do rio, e ali a terra apresentou-se monótona, amarela, plana e nada bonita, com casinhas baixas da mesma cor, sem nada que a tornasse linda, como se essa terra não se importasse que os homens a achassem bonita ou não. Era como sempre fora, com baixios amarelos que os ricos tinham roubado ao mar, fazendo-o recuar, e alargando assim as suas propriedades. O próprio Yuan era obrigado a reconhecer que ela não era bonita. De pé, no convés, entre outros de variadas raças, todos a contemplar esse novo país, Yuan ouviu alguém exclamar: Não é nada belo, não acha? Não tem o encanto das montanhas de outros países. Mas ele nada quis responder. Pensou, orgulhoso : «O meu país oculta a beleza. É como uma mulher virtuosa que veste roupas sóbrias diante de estranhos, ao sair de casa, e só dentro das paredes do seu lar se cobre de vestes coloridas, põe anéis nos dedos e brincos nas orelhas».

Pela primeira vez desde há muitos anos, forjou um pequeno poema com o que estava pensando, sentiu um impulso de escrever quatro linhas: tirou um caderninho que trazia no bolso, e instantaneamente os versos estavam prontos; esse momento fugaz acrescentou maior esplendor ao júbilo desse dia.

De repente, erguendo-se na planície tristonha, surgiram torres, torres que Yuan não vira ao partir, quando acordara à noite no beliche de um navio, com Cheng. Agora, fitava-as com curiosidade, tal como todos os outros passageiros; elevavam-se reluzindo sob o cáldo Sol, sobressaindo altas na planura, e Yuan ouviu um

homem branco dizer: Não imaginei que houvesse aqui uma cidade tão grande e moderna! e notou com íntimo orgulho o respeito que havia na voz do homem, embora nada deixasse

transparecer no semblante, e continuasse inclinado sobre a amurada, olhando constantemente para terra.

Mas justamente no momento em que esse orgulho o invadia, o navio atracou; um bando de homens grosseiros do cais e das docas saltou para o navio, interpelando os passageiros para conseguir qualquer trabalhinhouma saca ou mala para levar às costas, ou qualquer tarefa inferior. No porto, apareciam barquinhos sujos sob o quente sol de Verão, e nesses barcos, mendigos, muitos dos quais doentes, lançavam lamentações e erguiam cestas em compridas varas. Entre essa pobre gente, havia muitos que andavam seminus devido ao calor, e na sua ânsia de obter trabalho, com os corpos imundos e suados, metiam-se rudemente pelo meio das mulheres brancas delicadamente vestidas.

Yuan viu então essas mulheres brancas recuar, algumas com medo dos homens, e todas apavoradas com a sujidade, o suor e a grosseria deles e Yuan sentiu vergonha no seu coração, porque esses mendigos e esses homens grosseiros eram do seu próprio povo. E o mais estranho é que, apesar de odiar bastante essas mulheres brancas que retrocediam, de súbito odiou também os mendigos e os pedintes seminus, exclamando impulsivamente consigo mesmo: «O governo não devia permitir que essa gente se mostre assim diante de todos os estrangeiros. Não fica bem que sejam eles a primeira coisa a ver-se, já que alguns passageiros nunca verão outras pessoas a não ser essas...»

Resolveu tratar, como quer que fosse, de corrigir esse erro, pois não podia suportá-lo; a alguns poderia parecer pequeno, mas a ele não.

Repentinamente, porém, sentiu-se acalmado, pois ao descer do navio divisou a sua mãe e Ai-lan, que es'tavam à espera dele para o saudar. Achavam-se entre muitas pessoas, mas de um só relance Yuan viu com imenso prazer que não havia ninguém entre toda aquela multidão que se pudesse comparar a Ai-lan. Mesmo ao cumprimentar sua mãe, ao sentir a alegria da mão firme com que ela apertava a sua e o carinhoso acolhimento que se lhe estampava nos olhos e no sorriso, não pôde deixar de reparar que os olhares de todos, no navio, se voltavam para Ai-lan, e ficou contente pelo facto de a verem, a ela, que era da mesma raça e do mesmo sangue que ele. Ela apagava a visão de todos aqueles miseráveis e mendigos grosseiros.

Porque Ai-lan era linda. Quando Yuan a vira da última vez, era ainda um rapazinho e não avaliava toda a beleza dela. Agora, que ali estavam no cais, verificava que Ai-lan, na verdade, podia aparecer entre as beldades do Mundo sem perder nada.

182

Ficava bem a Ai-lan ter posto de lado a garridice de gatinha da sua adolescência. Agora, conquanto os seus olhos fossem cintilantes e buliçosos, e a sua voz leve e flexível como sempre, adquirira contudo uma certa dignidade mais suave, requintada, devido à qual só algumas vezes o seu riso tilintava. Em torno do seu rosto gracioso e corado, os curtos cabelos pretos pendiam lisos. Não os encrespava como algumas faziam; conservava-os pretos

e lisos como ébano, cortados em franja na testa. Trajava nesse dia um comprido e simples vestido prateado da última moda, de gola alta, mas de mangas curtas que lhe chegavam aos belos cotovelos, um vestido que se lhe adaptava às formas do corpo, de tal modo que, sem quebra de harmonia, lhe salientava a lisa perfeição dos ombros, do busto, dos quadris e dos tornozelos. Por tudo isso Yuan olhou para ela com orgulho, sentindo-se grandemente animado pela sua perfeição. Havia mulheres dessas na sua terra!

Um pouco atrás da senhora sua mãe, achava-se uma menina alta, já não criança, mas ainda não completamente adolescente. Não era bonita como Ai-lan, mas tinha um olhar franco e nobre; se Ai-lan não estivesse perto, ela pareceria bastante bonita, pois embora alta movia-se com agilidade e graça, e o seu rosto era pálido e oval, de olhos negros grandes e bem desenhados, sob as sobranceiras carregadas. No meio da conversa e dos risos da chegada, ninguém pensou em dizer a Yuan quem ela era. Mas justamente quando ele estava prestes a perguntá-lo, ocorreu-lhe que se tratava da menina Mei-ling, aquela que soltara uma exclamação à porta da prisão, por ter sido a primeira a vê-lo. Inclinou-se diante dela em silêncio, e ela diante dele do mesmo modo, mas Yuan teve tempo de verificar que o rosto dela não era fácil de esquecer.

Havia outra pessoa, o escritor de quem Yuan se lembrava ainda, aquele que tinha por sobrenome Wu, e contra o qual a senhora pedira que Yuan protegesse sua irmã. Agora ali estava ele familiarmente entre aquelas pessoas, muito elegante no seu fato ocidental, com um bigodinho debaixo das narinas, o cabelo untado e negro como se tivesse sido polido, e em toda a fisionomia uma espécie de segurança de quem está onde tem direito de estar. Yuan não tardou a compreendê-lo, pois após terminarem as primeiras saudações e as medidas, a senhora pegou delicadamente na mão do rapaz e na de Yuan, e disse: Yuan, aqui está o futuro marido da nossa Ai-lan. Adiámos o dia do casamento até tu chegares, porque Ai-lan assim o quis.

Ora, recordando-se muito bem dos sentimentos da senhora para com aquele homem, Yuan estranhava que ela nunca tivesse escrito a respeito dele, mas como agora nada podia dizer além de amabilidades, limitou-se a tomar a mão lisa do outro; apertou-a

183

segundo o novo costume, e disse sorrindo: Estou contente por poder assistir ao casamento da minha irmã... sou um felizardo. O outro riu desembaraçadamente, com um pouco de indolência, deixou as pálpebras descenderem como era hábito dele, olhou para Yuan, e balbuciou num certo inglês que estava na moda: Eu e que sou felizardo, tenho a certeza! e passou pelo cabelo a outra mão, de cujo estranho encanto Yuan se lembrava, agora que de novo a via.

Yuan, que não estava acostumado a tal maneira de falar, largou a mão que segurava, voltou-se desconcertado, e em seguida

lembrou-se de que esse homem já fora casado com outra mulher; ficou mais intrigado ainda, e resolveu indagar à mãe como chegara a acontecer tudo aquilo, em segredo, já que nada era possível dizer agora. Todavia, poucos minutos depois, quando todos se encaminhavam para a rua onde os carros os esperavam, Yuan não pôde deixar de ver quão belo par eles formavam, ambos à feição da sua raça, embora de certo modo não combinassem um com o outro. Era quase como se do tronco nodoso de uma árvore vetusta, vigorosa e de amplas raízes, brotassem esquisitas flores. A senhora tornou a pegar na mão de Yuan e disse: Temos de ir para casa, porque o Sol reflectindo-se na água está aqui muito quente. Deixou-se conduzir pelas ruas, até aos automóveis que os esperavam, e a senhora sua mãe levou-o para o dela, segurando-lhe sempre a mão, com Mei-ling do outro lado. Ai-lan, porém, entrou num pequeno automóvel vermelho de dois lugares, e o namorado acompanhou-a. Naquele resplandecente veículo ambos se assemelhavam, na sua beleza, a um deus e a uma deusa, pois a capota estava descida, e o Sol batia-lhes em cheio nos cabelos negros e reluzentes, na lisura impecável das peles douradas, enquanto o reflexo do vermelho lhes avivava a beleza, realçando a perfeição e a graça dos seus corpos vicejantes. Yuan não podia deixar de admirar de novo essa beleza e sentir o orgulho da raça invadir-lhe o coração. Nem uma única vez, naquele país estrangeiro, vira uma beleza luminosa semelhante àquela! Não havia razão para estar receoso de voltar à pátria.

Mas justamente no momento em que os contemplava, um mendigo apartou-se da multidão boquiaberta que contemplava aquela gente rica, precipitou-se para o luxuoso automóvel vermelho, apoiou as mãos na porta, e agarrado a ela pôs-se a soltar a velha lamentação da sua casta: Uma esmola, senhor, uma esmola!

O rapaz gritou com aspereza: Tire essas mãos sujas daí! Mas o mendigo continuou a queixar-se ainda com maior veemência e por fim, como perseverasse na sua atitude, o rapaz abaixou-se, tirou o sapato do pé, um sapato ocidental, 184

de couro duro, e com o salto bateu nos dedos cravados na porta; bateu com toda a força, a ponto de o mendigo murmurar «Oh, minha mãe!» e retroceder para a multidão, levando à boca as mãos feridas.

Acenando depois com a sua pálida mão para Yuan, o rapaz pôs ruidosamente o carro em movimento, e o veículo vermelho arrancou sob o Sol.

Nos primeiros dias que passou no seu país, Yuan permaneceu na expectativa até poder ver nas devidas proporções o que havia à sua volta. A princípio, pensou com alívio: «Isto aqui não é tão

diferente do que vi lá fora como eu temia... afinal, o meu país é como todos os outros, hoje em dia. Porque diabo tive receio?» De facto, assim se lhe afigurava, e Yuan que no seu íntimo temera verificar que as casas, as ruas e as pessoas lhe parecessem pobres e inferiores, ficou satisfeito por não sentir essa impressão. Mais evidente se tornava isso, por nos anos em que estivera ausente, a senhora se ter mudado da casinha em que morava para uma grande e ampla casa construída à moda estrangeira. No primeiro dia em que Yuan entrou nessa casa, a senhora explicou: Fi-lo por Ai-lan. Ela achava a outra casa muito pequena e pobre para nela receber as amigas. E fiz, além disso, o que prometera fazer. Trouxe Mei-ling para a minha casa... Yuan, ela podia ser minha filha. Já te disse que ela vai ser médica como o meu pai ? Ensinei-lhe tudo o que meu pai me ensinou, e agora vai para uma escola estrangeira de medicina. Tem ainda dois anos de estudo, e depois praticará nos hospitais deles, por mais alguns anos. Costumo dizer-lhe que não se esqueça de que, no referente a humores internos, nós é que conhecemos melhor a nossa própria constituição. No entanto, não se pode negar que, para cortar e costurar, os médicos estrangeiros são melhores. Mei-ling aprenderá as duas coisas. E ajuda-me também a cuidar das meninas a quem ainda encontro enfeitadas nas ruas... Agora são muitas, Yuan, nestes dias que se seguiram à Revolução, em que os rapazes e as raparigas aprenderam a ser tão livres!

Admirado, Yuan retorquiu: Mas pensei que Mei-ling não passasse de uma criança... Lembro-me dela como uma simples criança...

Tem vinte anos, volveu a senhora tranquilamente, e está muito longe da infância. A sua idade mental, porém, é muito maior, maior do que a de Ai-lan, que tem vinte e três... É uma jovem galharda e serena, Mei-ling. Fui vê-la um dia ajudar o doutor que cortava uma coisa grande do pescoço de uma mulher; as mãos dela estavam tão firmes como as de um homem, ao fazer aquilo, e o médico elogiou-a porque ela não tremeu e não se assustou com o esguicho de sangue. Nada a assusta... é uma rapa-

185
rígida galharda e serena. Todavia, ela e Ai-lan parecem-se, embora Mei-ling não acompanhe Ai-lan nos seus divertimentos, e Ai-lan não queira ver as coisas que Mei-ling faz.

Estavam nesse momento na sala, sozinhos, pois Mei-ling saíra imediatamente, e não havia ninguém perto a não ser o criado que trouxe chá com doces e saiu. Yuan perguntou então com curiosidade: Eu julgava que esse Wu estava unido a outra esposa, minha mãe...

Ao ouvi-lo a senhora suspirou e respondeu: Sabia que ias estranhar. Tenho-me incomodado tanto com Ai-lan! Ela ama-o e ele também, Yuan, de modo que nada há a dizer... não há maneira de lhe tirar isso da cabeça. Essa foi a razão por que consegui esta casa maior, pois pensei que, já que tinham de se encontrar, ao menos que fosse aqui... pois eles encontram-se seja como for, e tudo o que pude fazer foi opor-me mais até ele se

divorciar da sua antiga esposa e ficar livre... Na verdade, essa mulher era à moda antiga, Yuan; os pais dele tinham-na escolhido para esposa, quando ele chegasse aos dezasseis anos. Que desgraça! Não sei a quem mais lamentar, se ao homem, se àquela pobre alma! Parece que sinto em mim as tristezas de ambos. Eu também casei assim, sem ser amada, e por isso avalio os sentimentos dela. Prometi a mim mesma que deixaria a minha filha casar-se com quem quisesse, porque sei o que significa não ser amada; sinto, assim, as aflições de ambos. Mas agora está tudo arranjado, Yuan, da maneira que essas coisas se arranjam... com excessiva facilidade, receio, hoje em dia. Ele está livre, e ela, pobre mulher, voltou à sua cidade natal no interior. Fui vê-la, antes de se ir embora, pois ela morava aqui com ele... embora só na aparência, como me disse. Encontrei-a com as duas criadas a guardar as roupas nas malas de couro vermelho que comprara para o seu enxoval. Disse-me apenas: «Eu sabia que tudo acabaria assim... sabia que o fim havia de ser este!» Uma mulher sem beleza, cinco anos mais velha do que ele, não sabendo falar línguas estrangeiras como hoje em dia todos têm de falar, e com pés que tinham sido outrora cingidos, embora se empenhasse em disfarçar isso calçando grandes sapatos estrangeiros. Para ela é de facto o fim... Que lhe resta agora ? Não perguntei. Agora devo pensar sobretudo em Ai-lan. Nós, os velhos, nada podemos fazer nestes dias, senão deixar que as novidades nos arrastem para onde bem quiserem... Quem pode agir ? O país está anarquizado, nada sobrou para nos guiar... nem governo, nem punição.

Yuan limitou-se a esboçar um leve sorriso, quando ela concluiu. Serena na sua velhice, sempre meio tristonha, de cabelos brancos, dizia aquilo que os velhos dizem sempre. Porque na verdade Yuan sentia em si apenas coragem e esperança. No dia em que regressara, em poucas horas mesmo, a

186
cidade de certo modo animou-o. Era rica e movimentada. Por toda a parte, mesmo na sua rápida passagem, viu grandes lojas novas que se erguiam, lojas onde se vendiam máquinas, e lojas onde se vendiam mercadorias de todas as espécies e de todas as partes do Mundo. Não havia já aquelas numerosas ruas humildes em que se alinhavam lojas simples de telhados baixos e com singelas mercadorias. A cidade era um empório mundial, construía-se novos edifícios, cada vez mais altos. Nos seis anos em que estivera ausente, tinha-se arremessado para o céu uma vintena de imensas construções.

Nessa primeira noite, antes de se deitar, debruçou-se à janela do quarto e estendeu o olhar pela cidade, pensando: «Parece quase a cidade estrangeira onde vive Cheng». Junto dele fulguravam luzes resplandecentes, perpassava o ruído dos motores, o surdo zumbido de milhões de seres humanos, e todo o ímpeto e a vibração de uma vida activa em incansável crescimento. Era o seu país. As letras que chamejavam contra as nuvens escuras eram letras da sua língua, proclamando artigos que os seus próprios compatriotas fabricavam. Era uma cidade sua, e grande como qualquer

cidade do Mundo. Por um momento, pensou naquela mulher afastada para dar lugar a Ai-lan, mas endureceu o coração e disse consigo mesmo: «Tudo aquilo que não pode ficar de pé, nestes novos tempos, deve ser posto de lado. É justo. Ai-lan e o noivo têm razão. O que é novo não pode ser recusado».

E com uma alegria forte e livre, deitou-se e adormeceu.

Nesses primeiros dias, no seu arroubo de alegria, Yuan vagueou por todos os cantos dessa grande cidade. Parecia-lhe que a sua ventura ia além da expectativa, pois deixara a pátria ao sair de uma prisão, e agora achava-se de novo na sua terra natal, afigurando-se-lhe que todas as portas das prisões estavam abertas, não só da sua prisão como a de todos os cativos. Esquecera. aquele pesadelo da constante afirmação do pai de que ele havia de casar contra vontade, e era um pesadelo passado os rapazes e as raparigas serem capturados e fuzilados pelo facto de procurarem a liberdade. Essa liberdade pela qual tinham morrido, era agora uma conquista para todos! Nas ruas da cidade, viu os jovens circularem, com atitudes livres, desvoltas, e dispostos a fazer o que desejavam fazer; o mesmo se dava com os homens e as mulheres, e em parte alguma havia coacção. Daí a um ou dois dias chegou uma carta de Meng, que dizia: «Gostaria muito de me encontrar contigo, mas estou chumbado aqui à nova capital. Renovámos a velha cidade, primo; derrubámos as casas antigas, construímos uma grande via pública toda nova que atravessa a cidade como uma lufada de vento puro, e por todos os lados construiremos mais estradas; projectamos acabar com templos

187

velhos e desnecessários e neles instalar escolas, porque o povo, nesta nova época, já não precisa de templos. Em vez de religião ensinamos ciência... Quanto a mim, sou capitão do exército e sirvo junto do meu general, que outrora te conheceu, Yuan, na escola de guerra. Pede-me ele: «Dize a Yuan que há um lugar aqui para ele agir». E de facto assim é, meu primo, porque ele falou com um homem de muito mais autoridade que ele, e que fez referência a uma posição de prestígio; há uma colocação no colégio daqui onde podes ensinar aquilo de que gostares, e vindo viver para cá poderás ajudar-nos a construir esta cidade».

Ao ler estas palavras arrojadas e vibrantes, Yuan pensou, exultante: «Isto é de Meng, que se achava foragido... e reparem ao que ele ascendeu agora!» Yuan sentiu-se entusiasmado por o seu país ter já um lugar para ele. Remoeu essa ideia na mente uma ou duas vezes... Desejara deveras ensinar rapazes e raparigas? Seria o meio mais rápido de servir o seu povo. Deixou esse pensamento na cabeça esperando que passasse um dia, ou dois, ou mais, até o seu dever estar cumprido. Sim. Em primeiro lugar, devia visitar o tio e a respectiva família, e depois havia o casamento de Ai-lan daí a três dias, e finalmente tinha de ir ver o pai. Yuan encontrou duas cartas do pai esperando por ele, e quando viu as letras angulosas e trémulas garatujadas numa página ou duas, letras grandes e imprecisas como as que escrevem os velhos, sentiu-se tomado de ternura e esqueceu o medo e o ódio que sempre

tivera ao pai, porque nestes tempos de agora o Tigre parecia tão fútil como um velho actor num palco olvidado. Sim, devia ir ver o pai.

Ora, se os seis anos tinham tornado Ai-lan mais linda e feito de Mei-ling uma mulher, tinham também envelhecido consideravelmente Wang o Proprietário e sua esposa. Enquanto a senhora mãe de Yuan parecia ter-se conservado sempre a mesma ao longo de todos esses anos apenas com os seus cabelos um pouco mais brancos, o semblante um pouco mais grave, mais paciente, e menos rechonchudo, os tios de Yuan tinham-se tornado verdadeiramente velhos. Já não moravam na sua própria casa, mas sim com o filho mais velho, numa casa de estilo ocidental que este construíra no meio de um ameno jardim. Foi aí que Yuan foi procurá-los.

O velho estava no jardim, sentado debaixo de uma bananeira, e Yuan deparou com ele, tão plácido e feliz como um santo idoso. Renunciara a todas as suas maneiras afectadas, e o mais que fazia agora era comprar de vez em quando uma gravura representando uma linda jovem, de modo que possuía centenas dessas figuras; quando se sentia propenso, ordenava a um criado que lhas trouxesse, e revolia as gravuras uma por uma, contemplando-as. Assim foi Yuan encontrá-lo quando chegou; a criada que se man-

188

tinha ao lado dele para espantar as moscas virava-lhe as figuras, como se estivesse virando páginas para uma criança ver.

Yuan mal reconheceu o tio. Porque esse velho, devido à sua própria robustez, preservara-se da velhice até ao último instante, de modo que, ou fosse por agora fumar às vezes um pouco de ópio (como é, amiúde, costume dos velhos) ou fosse pelo que fosse, quando por fim a velhice desceu sobre ele atingiu-o tão subitamente, tal uma fulminante rajada de vento, encarquilhando-o e afugentando-lhe a gordura, e agora a sua pele estava frouxa como uma roupa demasiado folgada para ele. Onde a sua gordura fora maciça e firme, pendiam agora rugas de tez macilenta. Não mudara nem mesmo de vestes, as quais também lhe caíam frouxamente, riquíssimas em texturas de cetim, mas talhadas de acordo com a sua antiga corpulência; agora, franziam-se em torno dos calcanhares, com as mangas a cair-lhe pelas mãos, e a gola solta e pendente a mostrar o pescoço rugoso e chupado.

Quando Yuan se postou diante dele, o velho saudou-o vagamente e disse: Sento-me aqui sozinho para contemplar estas gravuras, porque a minha senhora considera-as más. Riu um pouco com a sua inveterada malícia, mas era um riso que de certo modo parecia horrível no rosto devastado, e ao rir olhou para a criada, que por sua vez riu com falsa cordialidade, para o alegrar, ao mesmo tempo que fitava Yuan. Mas a própria voz e o riso do velho pareceram a Yuan mais ténues do que de costume.

Passados instantes o velho tornou a falar, continuando ainda

a olhar para as figuras: Quanto tempo passou desde que partiste? E quando Yuan lhe respondeu, ele perguntou: E como vai o meu segundo filho? Quando Yuan lho disse, murmurou como se constantemente tivesse isso em mente ao pensar em Cheng:

Ele gasta dinheiro demais naquele país estrangeiro... o meu filho mais velho diz que Cheng gasta muito dinheiro... E mostrou-se preocupado, até que Yuan disse, para o animar: Ele volta no próximo Verão, segundo me contou. Ao que o velho resmungou, contemplando outra figura, a de uma jovem debaixo de um bambu novo: Oh, sim, ele diz que volta. Lembrou-se então de qualquer coisa e disse de chofre com grande orgulho: Sabes que o meu filho Meng é capitão? E quando Yuan sorriu e respondeu que sabia, o velho tornou orgulhosamente: Pois é, ele agora é um grande capitão, e tem um esplêndido vencimento; é bom ter um militar na família, em tempos perturbados... o meu filho Meng ocupa actualmente uma alta posição. Veio ver-me e vestia uma farda como se usa no estrangeiro, segundo me disseram, e tinha uma pistola ao cinto e esporas nos calcanhares... vi-o com os meus próprios olhos.

Yuan manteve-se sereno, mas não pôde conter um sorriso ao pensar como nesses escassos anos Meng passara, de um fugitivo

189

contra quem o pai deblaterava, a um capitão de quem o pai se vangloriava.

Durante toda a conversa, o velho não esteve à vontade com Yuan, pondo-se a fazer pequenas delicadezas que são devidas a uma visita mas não a um sobrinho; procurou, tacteando, o bule de chá numa mesinha a seu lado, fazendo menção de servir chá a Yuan, até que este o deteve; então o velho vasculhou no peito o cachimbo para Yuan fumar, até que por fim Yuan percebeu que de facto o tio o tratava como visita, fitando nele olhares perturbados; por fim o velho disse: Pareces um estrangeiro... as tuas roupas, o teu modo de andar e de te moveres fazem com que me pareças estrangeiro.

Ora, Yuan posto que risse, não gostou muito de ouvir estas palavras e sentiu-se constrangido, já que afinal não o podia negar. E sem demora, conquanto tivesse permanecido seis anos ausente, deu-se conta de que nada tinha a dizer àquele ancião, nem o ancião a ele, e por isso despediu-se... Olhou ainda uma vez para trás, mas o tio tinha-o esquecido. Adormecera, movendo um pouco as mandíbulas e depois com a boca aberta e os olhos fechados. Justamente no momento em que Yuan olhou para ele o tio estava dormindo; uma mosca pousara na maçã do rosto e enquanto a criada se esquecia de espantá-la, admirando a estrangeirice de Yuan, passara para os lábios caídos do velho, sem que este se mexesse.

Yuan foi em seguida à procura da tia, à qual devia também apresentar os seus respeitos, e enquanto esperava sentado na sala de visitas, olhou em torno. Desde que regressara, dava por si

próprio a medir com um novo critério tudo o que via, e sempre, ainda que sem o saber, o padrão ao qual se referia era o que tinha visto no país estrangeiro. Aquela sala agradava-lhe muito, parecia-lhe mais fina do que qualquer outra que já vira. No soalho estendia-se um grande tapete estampado com animais e flores em riquíssima confusão, no qual se misturavam as cores vermelha, amarela e azul, nas paredes havia quadros estrangeiros de risonhas montanhas e águas azuladas, tudo em brilhantes molduras douradas; nas janelas pendiam pesadas cortinas de veludo carmesim; as cadeiras eram todas semelhantes, vermelhas, estofadas e macias; colocadas aqui e além, havia mesinhas de fina madeira preta lavrada; as próprias escarradeiras não eram vulgares, mas sim pintadas de azul reluzente com desenhos de aves e flores douradas. Na extremidade mais distante da sala, entre as janelas, estavam pendurados quatro rolos pintados representando as quatro estações: flores vermelhas de ameixeira para a Primavera, lírios brancos para o Verão, crisântemos amarelos, para o Outono, e bagas escarlates do celeste bambu sob a neve, para o Inverno. Yuan teve a impressão de que essa sala era a mais alegre e rica

190

que já tinha visto, suficientemente repleta de adornos para distraírem uma visita durante horas, pois em cada mesa erguiam-se estatuetas de madeira e berloques de marfim e prata. Era muito mais digna de ser vista do que aquela distante sala parda e gasta que por algum tempo julgara acolhedora e amiga. Pôs-se a passear por ali esperando que a criada voltasse para lhe dizer que podia entrar, e enquanto esperava ouviu o ruído de um veículo que estacionava à porta. Daí a pouco entraram o primo e a esposa.

A prosperidade de ambos ultrapassava a lembrança de Yuan. O primo era de meia idade e estava adquirindo a corpulência do pai, parecendo mesmo mais gordo do que era por trazer um fato estrangeiro, que não ocultava nada das suas formas; por cima desse traje severo que lhe punha nitidamente à mostra o volumoso ventre,, o seu rosto liso e rechonchudo parecia um melão maduro, porquanto raspava a cabeça para se defender do calor. Entrou enxugando o suor, e quando se virou para dar o chapéu de palha a uma criada, Yuan viu-lhe na nuca três grandes saliências de carne abaixo do crânio raspado.

A esposa do primo, porém, era elegante. Já não era jovem e tivera cinco filhos, mas ninguém o diria, já que após cada nascimento, como era costume entre essas senhoras da moda na cidade, dava a criança a uma pobre mulher que a amamentava e apertava os seios e o corpo para que este regressasse à sua elegância anterior. Nesse momento, Yuan via-a esbelta como uma donzela; embora tivesse quarenta anos de idade, o seu rosto era ebúrneo e róseo, o cabelo liso e preto, o semblante inatingido pelas preocupações ou pelos anos. Nem o calor lhe fazia moessa. Avançou vagarosamente, cumprimentando Yuan com circunspeção e elegância,

e foi apenas através do rápido olhar de reprovação que lançou ao enorme marido suarento que Yuan pôde notar o mau gênio que em geral a dominava. Mostrou-se, porém, cortês para com Yuan, pois já não o encarava como um rústico rapazinho da velha e pequenina cidade em que moravam, ou apenas como uma criança da família. Via-o agora como um homem que estivera no estrangeiro, que lá se formara e importava-se com o que ele pensaria dela. Para passar o tempo, quando após as cortesias se sentaram e o primo pediu que trouxessem chá, Yuan perguntou: Que fazes tu agora, primo mais velho? Pois vejo que os fados te foram propícios.

Ante essas palavras o primo riu lisonjeado, tacteou uma grossa corrente de ouro que lhe pendia de lado a lado do enorme ventre, e respondeu: Sou agora vice-presidente de um banco recém-aberto, Yuan. Há actualmente bons negócios nos bancos deste recanto estrangeiro onde as guerras não nos podem atingir, e por toda a parte estão a abrir muitos. O povo costumava empregar o dinheiro em terras. Lembro-me como nosso velho avô jamais

191

descansou enquanto não transformou em terras e mais terras tudo o que possuía. Mas a terra não é um negócio seguro como o era outrora. Há mesmo regiões em que os arrendatários se sublevaram e tomaram a terra dos proprietários.

Mas não foram contidos? indagou Yuan, espantado.

Peremptoriamente, a senhora intrometeu-se: Eles deviam ser mortos!

O primo, porém, encolheu um pouco os ombros no aperto do casaco estrangeiro, abanou as mãos rechonchudas e disse: Quem os pode conter? Quem sabe nestes dias como conter qualquer coisa?

E quando Yuan murmurou: E o governo? ele repetiu:

O governo! Esta nova confusão de senhores da guerra e estudantes a que nós chamamos governo! São eles lá capazes de evitar seja o que for? Não, cada qual cuida de si nestes dias; por isso o dinheiro entra nos nossos bancos, e nós estamos no seguro protegidos pela soldadesca estrangeira, sob o império de leis estrangeiras...

Sim, o lugar que possuo é bom e próspero, e consegui-o graças ao favor de amigos.

Dos meus amigos! emendou rapidamente a esposa. Se não fosse eu, se não fosse eu tornar-me amiga da esposa de um grande banqueiro e por meio dela chegar a conhecer o marido e rogar por ti...

Sim, sim, apressou-se ele a dizer. Bem sei... E recaiu num silêncio tão cheio de dissabor, que parecia haver qualquer coisa de que ele não queria falar às claras, como se tivesse pago secretamente um preço por aquilo que possuía. Então a senhora, com a polidez e requintada graça que punha agora em tudo o que

dizia e fazia, como se primeiro tivesse dito ou feito tudo diante de um espelho, disse graciosamente para Yuan:Então, Yuan, estás novamente na tua terra, um homem feito, sabendo tudo!

Quando Yuan esboçou um sorriso mudo para negar os seus conhecimentos, ela riu com uma gargalhada estudada, e levando o lenço de seda aos lábios, tornou a falar;Oh, estou certa de que conheces muita coisa de que não queres falar, porque, ao cabo de todos estes anos, não hás-de ter tão poucos conhecimentos como no início!

Yuan ficou sem saber o que havia de replicar, sentindo-se mal ali, como se a esposa do primo fosse uma fingida e uma estranha, como se estivesse num invólucro de falsidade a ponto de ele não poder saber como ela era realmente; mas nesse momento entrou uma criada conduzindo a sua velha patroa, e Yuan ergueu-se para cumprimentar a tia.

A velha senhora entrou naquela rica sala de estilo estrangeiro apoiando -se à criada. Tinha o corpo esguio e aprumado, o cabelo ainda preto, mas o rosto vincado por numerosas rugas, embora os olhos fossem como antigamente, penetrantes e severos em

192
criticar tudo o que viam. Não deu atenção ao filho e à esposa dele, mas deixou Yuan inclinar-se diante dela, recebeu a sua saudação, sentou-se e chamou a criada, ordenando:Vai buscar a escarradeira!

Quando a criada obedeceu, ela tossiu e escarrou educadamente, e em seguida disse a Yuan: Estou sadia como sempre, graças aos deuses; só o que tenho é esta tosse, e o catarro ataca-me principalmente de manhã.

A nora fitou-a com um olhar de grande fastio, mas o filho disse adulatoramente: Isso acontece sempre aos velhos, minha mãe.

A senhora não lhe deu atenção. Olhou para Yuan de alto a baixo e indagou: Como vai o meu segundo filho naquele país estrangeiro? E quando ouviu Yuan dizer que Cheng 'ia bem, afirmou categoricamente:Quando ele voltar, hei-de casá-lo.

A nora soltou uma risada e disse imprudentemente: Não vejo possibilidade de Cheng casar contra vontade, minha mãe... sendo os jovens como são actualmente.

A idosa senhora lançou um olhar à nora, um olhar que mostrava ter ela muitas vezes manifestado os seus sentimentos contra a outra e agora isso de nada lhe servir; continuou, portanto, a dizer a Yuan: O meu terceiro filho é oficial. Sem dúvida já ouviste falar dele. Sim, Meng é agora capitão e comanda muitos homens no novo exército.

Yuan ouvia aquilo pela segunda vez, e pela segunda vez sorriu intimamente, recordando como essa senhora antigamente

censurava e imprecava abertamente contra Meng. O primo viu-lhe o sorriso, descansou a chávena de chá que estivera a sorver ruidosamente, e disse: É verdade. O meu irmão chegou com os exércitos triunfantes do Sul, e agora possui um lugar elevado e muito bom na nova capital; tem soldados sob o seu comando, e temos . ouvido contar histórias da sua implacável valentia. Bem podia vir qualquer dia destes visitar-nos, porque está em perfeita segurança desde que os antigos governantes foram expulsos e se refugiaram em terras estrangeiras; mas o caso é que ele anda ocupado e não pode ser dispensado.

Mas a velha não queria saber de outra conversa que não fosse a sua. Tossiu, tornou a escarrar ruidosamente, e perguntou: Que posição vais ocupar, Yuan, agora que estiveste no estrangeiro? Deves conseguir um ordenado alto e bem compensador! A isso Yuan respondeu com serenidade: Primeiro, como sabe, Ai-lan deve casar-se daqui a três dias, depois vou ver meu pai, e só então verei que caminho se abre à minha frente. Aquela Ai-lan! exclamou de chofre a velha, carregando no nome. *Eu* não deixaria a minha filha casar com um homem desses! Antes a meteria num convento!

13 - c. D.

193

Ai-lan num convento! exclamou a mulher do primo, ao ouvir isso, e desatou no seu riso falso e azedo.

Se ela fosse minha filha, era o que eu fazia!disse com firmeza a velha senhora, olhando fixamente para a nora, e mais teria dito se não sufocasse de repente, com um acesso de tosse; a criada teve de lhe friccionar as espáduas e puxá-la para trás a fim de ela recuperar o fôlego.

Por fim Yuan despediu-se, e enquanto ia para casa passeando através das ruas batidas por um Sol radioso, pensava quão sem vida era aquele casal de velhos. Sim, todos os velhos eram sem vida, pensou jovialmente. Mas ele era novo, novos eram os tempos, e nessa esplendorosa manhã de Estio parecia-lhe que só encontrava jovens na cidade inteira... raparigas sorridentes envoltas em vestidos de cores vivas, com os lindos braços nus segundo a moderna moda estrangeira, e rapazes que as acompanhavam livremente e a rir. Nessa cidade todos eram agora ricos e jovens, e Yuan sentiu-se um deles, considerando a vida uma delícia.

Não tardou, porém, que ninguém tivesse tempo para pensar noutra coisa, nesses dias, além do casamento de Ai-lan. Porquanto Ai-lan e o noivo eram muito conhecidos entre os jovens ricos da cidade, não só os da sua raça como também os de outras nacionalidades e mais de um milhar de pessoas haviam sido convidadas para o casamento, assim como outras tantas para o banquete que se seguiria, Yuan não teve tempo para nenhuma conversa particular

com Ai-lan, excepto uma curta hora, no primeiro dia da sua chegada. Mas mesmo então sentiu que não conversara devidamente com ela; aquela arraigada jovialidade implicante da jovem tinha desaparecido, e Yuan não pudera penetrar na burilada amabilidade e segurança de si própria que a envolviam agora. Ela perguntara-lhe com o que parecia a sua antiga expressão de franqueza:

Estás contente por te achares na terra natal, Yuan? Mas ao responder ele notou que os olhos dela, apesar de o fitarem, não o viam, e voltavam-se para qualquer pensamento íntimo, sendo apenas formas adoráveis de uma luz suave e difusa. Assim sucedeu durante a hora inteira, até que Yuan, perplexo com o alheamento que ela mostrava por tudo o que a rodeava, perguntou-lhe com certo mal-estar, soltando as palavras impulsivamente: Estás diferente... não parecees feliz... não queres casar?

Mas o alheamento continuou. Ela escancarou os lindos olhos, deu à voz um timbre calmo e argentino, soltou uma risadinha cristalina, e disse: Já não sou tão bonita, Yuan! Envelheci, tornei-me pálida e feia! E Yuan apressou-se a responder: Não... não... estás mais bonita, mas... Ela interrompeu-o, caçoando um pouco dele, como costumava fazer: O quê! Será preciso que eu diga que quero e devo casar-me com esse homem? Fiz alguma

194

vez uma coisa que não quisesse fazer, mano? Não tenho sido sempre ativa e voluntariosa? Pelo menos ouço a minha tia dizer isso; a mãe é boa demais para o dizer, mas sei que ela pensa do mesmo modo...

Mas Yuan, embora ela arqueasse maliciosamente os olhos e franzisse as belas sobancelhas, viu que eles estavam ainda vazios, e não disse mais nada. Desde então não falou mais a sós com ela, porque em cada noite dos outros três dias ela saiu com um vestido novo, trajando sedas de todas as cores, e mesmo quando Yuan era convidado a acompanhá-la, só a via de longe, uma figura brilhante e deliciosa que lhe permaneceu estranha durante esses dias, absorva no seu próprio eu e vendo a todos como num sonho. Mantinha-se silenciosa como jamais o fora; as suas gargalhadas estavam agora reduzidas a simples sorrisos, os olhos baços em vez de luminosos, e os movimentos do corpo macios, donairosos, lentos, cheios de viçosa graça, em lugar da sua atitude anterior de alegria buliçosa e leviana. Tinha posto de lado o encanto da sua jovialidade de jovem, e assumira esse novo encanto do silêncio e da graça discreta.

Passava o dia dormindo, exausta. Yuan, a mãe e Mei-ling reuniam-se e comiam sozinhos, moviam-se com cuidado pela casa evitando qualquer barulho, até que, ao cair da noite, Ai-lan de novo saía para se encontrar com o amado, dirigindo-se ambos a qualquer casa para onde eram convidados. Se se levantava mais cedo, era

apenas para os costureiros lhe talharem e provarem os vestidos, os vestidos de seda e cetim que ela queria, e entre estes o do casamento, de cetim cor-de-rosa claro, com o seu argênteo véu estrangeiro caído até ao chão.

Ora, Yuan reparou que a mãe andava silenciosa e séria nesses poucos dias anteriores ao casamento. Falava pouquíssimo com todos, salvo com Mei-ling, e nela parecia buscar arrimo' em muitas coisas. Dizia: Levaste o caldo ao quarto de Ai-lan? Ou então: Ai-lan deve tomar uma sopa ou aquele leite em pó estrangeiro que ela aprecia, quando voltar à noite. Achei-a pálida. Ou ainda: Ai-lan quer duas pérolas para segurar o véu, como sabes. Pede a um joalheiro que mande o que tem para ela ver. Preocupava-se com todas as pequeninas coisas de Ai-lan; Yuan achou natural que uma mãe procedesse assim, e sentiu-se contente por ela ter aquela jovem para ajudá-la. Certa vez que a mãe não estava, aconteceu ficarem os dois sozinhos na sala de jantar à espera da refeição. Sem saber o que dizer, mas sentindo que não devia permanecer calado, Yuan voltou-se para Mei-ling e comentou: Você é de grande utilidade para a minha mãe.

A jovem fitou nele o seu olhar franco e redarguiu: Quando eu era criancinha ela salvou-me. Respondeu Yuan: Sim, eu sei e ficou admirado, porque não havia vergonha nos olhos da

195
jovem, essa vergonha que poderia sentir ao afirmar que era uma criança exposta, cujos pais desconhecia. Então Yuan, considerando-a como uma pessoa da casa devido à afeição que ela dedicava à mãe, disse: Desejava que ela parecesse mais feliz ao ver a minha irmã casar. A maioria das mães ficam alegres, julgo eu, quando as filhas casam.

Mei-ling, porém, nada respondeu. Virou a cabeça para o outro lado, e nesse momento a criada entrou com as travessas de comida; Mei-ling avançou então para as colocar na mesa. Yuan observou-a e viu que ela fazia isso com a máxima simplicidade e não como quem faz o que compete a uma criada. Observou-a, esquecido de que o fazia, e viu que o corpo dela era delgado e flexível, se bem que forte, e que eram firmes e ágeis as suas mãos, não fazendo um único movimento inútil. Recordou então que, sempre que a mãe perguntava se uma coisa fora feita ou não, a resposta era sempre afirmativa.

Assim se passou rapidamente o tempo até ao dia do matrimónio de Ai-lan. Foi um casamento sumptuoso; solicitou-se aos convidados que comparecessem uma hora antes do meio-dia no maior e mais elegante hotel de toda a cidade. Como o pai de Ai-lan não podia vir, e visto que o velho tio era incapaz de ficar de pé tanto tempo, o primo mais velho de Ai-lan tomou o lugar dele, e ao lado dela postou-se a mãe, que nunca a deixava.

O casamento processou-se conforme a nova moda; foi muito diferente da simplicidade com que o avô Wang Lung desposara as suas mulheres, foi também muito diferente das bodas dos filhos dele, realizadas de acordo com as formalidades estabelecidas pelos antepassados. Agora a gente da cidade casava os filhos e as filhas de muitas maneiras, umas antigas e outras modernas, mas era de esperar que Ai-lan e o noivo prefeririam a mais moderna. Houve, portanto, muita música de instrumentos estrangeiros, contratados para a solenidade, e por toda a parte se espalhavam flores, que só por si tinham custado muitas centenas de moedas de prata. Os convidados compareceram com os variados trajos dos seus povos, pois Ai-lan e o noivo contavam muitos estrangeiros entre os seus amigos. Todos eles se reuniram num vasto salão do hotel. Fora, as ruas achavam-se atravancadas com os veículos deles e com os pobres e vadios que se comprimiam a fim de ver o mais que podiam, tentando fazer o possível por tirar algum proveito da festa, esmolando ou furtivamente introduzindo as mãos nos bolsos das pessoas aglomeradas para se apoderar do que ali encontravam, embora houvesse guardas contratados para vigiá-los.

Yuan, a mãe e Ai-lan tiveram de passar pelo meio dessa multidão, enquanto o motorista buzina constantemente para não esmagar ninguém; quando os guardas viram o veículo com a

196
noiva dentro, arremessaram-se aos gritos de: Abram caminho...
abram caminho!

Orgulhosamente Ai-lan atravessou a barulheira, calada e com a cabeça um pouco curvada sob o comprido véu seguro pelas duas pérolas e por uma grinalda de fragrantes florzinhas de laranjeira.

Entre as mãos trazia um grande e aromático ramalhete de lírios brancos e de brancas rosas.

Jamais existira criatura tão linda. Até Yuan estava pasmado com a beleza dela. Um sorriso calmo e inalterável pairava-lhe nos lábios, embora ela não o quisesse exhibir; o preto e branco dos olhos cintilavam sob as pálpebras descidas; não havia, enfim, na sua beleza, de que ela tinha plena consciência, um só pormenor que não estivesse evidenciado ao máximo grau. A própria multidão emudeceu diante dela. Quando Ai-lan desceu, cravaram-se nela milhares de olhos sequiosos, absorvendo-lhe a beleza, a princípio em silêncio e depois com agitados murmúrios: Ah, olhem a noiva! Oh, que bonita, que bonita! Ah, nunca se viu uma noiva assim! Ai-lan certamente ouviu tudo, mas continuou como se não tivesse ouvido.

O mesmo aconteceu quando ela deu entrada no amplo salão; ao prorromper a música, todos os convidados reunidos voltaram a cabeça e idêntico silêncio de admiração tombou sobre eles. Yuan, que fora à frente e estava com o noivo, viu-a aproximar-se vagarosamente, pelo meio dos convidados, precedida por duas crianças vestidas de branco que espargiam rosas pelo caminho, e seguida

por damas de honor que trajavam sedas multicores, e não pôde deixar de compartilhar da admiração geral ante a beleza dela. Mesmo nesse momento, todavia, embora só se desse conta disso mais tarde, Yuan teve olhos para ver Mei-ling distintamente, pois ela estava junto de Ai-lan, como primeira dama. Sim, depois de toda a cerimónia concluída, depois de os dois terem lido as palavras do contrato, saudarem aqueles que representavam ambas as famílias, e de se terem inclinado ante os convidados e todos a quem tal cortesia era devida; depois de tudo terminado, o lauto banquete e a festa, depois de o par de recém-casados ter partido para gozar umas férias, ao pensar, no regresso a casa, em tudo o que vira, Yuan evocou com surpresa a jovem Mei-ling. Caminhava sozinha à frente de Ai-lan, mas nem o próprio esplendor de Ai-lan ofuscara Mei-ling. Yuan lembrava-se agora muito bem de que ela trajava um comprido vestido fofo verde-pálido, de mangas curtas e gola alta, de modo que em contraste com esse colorido o seu rosto parecia claro e um tanto descorado e decidido. A própria diferença entre ela e Ai-lan fazia com que se sustentasse na sua individualidade junto de tamanha beleza. Porque o rosto de Mei-ling não dependia da cor, ou da variabilidade, ou do cintilar dos olhos, ou do sorriso, como o de

197

Ai-lan. Nele a expressão vigorosa provinha dos traços dos ossos sob a carne transparente e rija., traços que, pensava Yuan, guardariam o vigor e a nobreza mesmo muito depois da juventude. Ela parecia agora mais velha do que realmente era. Mas um dia, na velhice, o seu nariz recto e chato, o queixo e as faces muito ovais, os seus lábios fortemente delineados, a firmeza dos seus cabelos curtos e negros colados à cabeça, devolver-lhe-iam a mocidade. A vida não poderia modificá-la muito. Tal como agora tinha certa gravidade, assim na idade madura seria ainda jovem. Yuan recordava essa gravidade. De todas as pessoas que tinham comparecido às bodas, só duas se haviam mantido sérias, a mãe e Mei-ling. Sim, mesmo no banquete, em que foram servidos vinhos de todos os países, em que nas mesas cheias de convidados estes faziam demonstrações de espírito que até então não suspeitavam ter, em que copo brindava copo, e os noivos se associavam aos risos enquanto abriam caminho entre os convidados, até nesse momento Yuan viu, na sua mesa, que o rosto da mãe estava sério, bem como o de Mei-ling. Ambas conversavam amiúde em voz baixa, dirigiam as criadas aqui e ali, e aconselhavam-se com o dono do hotel. Yuan julgou que elas se mostravam sérias por causa dessas preocupações, e não pensando mais nisso passeou os olhos pelo brilhante salão.

Mas nessa noite, quando se viram sozinhos, depois de tudo terminado, e a casa jazia em sossego, exceptuando alguns criados que andavam de um lado para outro, a pôr tudo em ordem, a senhora sentou-se na sua cadeira, tão silenciosa e cabisbaixa, que Yuan sentiu-se no dever de lhe dizer qualquer coisa para de certo modo lhe levantar o ânimo; e por isso falou afectuosamente: Ai-lan estava linda... a coisa mais encantadora que já vi... a

mulher mais adorável.

Negligentemente, a senhora respondeu: Sim, estava linda.

Nestes três anos foi considerada a mais bonita das meninas ricas desta cidade... tornou-se famosa pela sua beleza. Conservou-se

imóvel por algum tempo e depois disse com estranha amargura:

Sim, mas bem preferiria que assim não fosse. Tem sido a maldição

da minha existência e da existência da minha pobre filha ser

ela tão bonita. Nunca precisou de fazer nada. Não precisou de

se servir do cérebro, das mãos, de coisa alguma... era só deixar

que a olhassem, e sobre ela concentravam-se logo os elogios, os

desejos e tudo o que os outros trabalham por adquirir. Só um

grande espírito é capaz de não sucumbir a tamanha beleza, e

Ai-lan não tem qualidades para tanto!

Em face destas palavras, Mei-ling ergueu os olhos da costura

e exclamou num tom brando e suplicante: Mãe!

Mas a senhora prosseguiu, como se, pelo menos uma vez,

a sua amargura fosse maior do que a que ela podia suportar:

198

Não digo senão a verdade, minha filha. Contra essa beleza lutei

a vida inteira, mas perdi... Yuan, tu és meu filho. A ti posso (

contar. Ficaste admirado de que eu a deixasse casar com esse

homem. E o teu espanto é legítimo, porque não gosto desse homem

nem confio nele. Mas assim teve de ser... Ai-lan está grávida dele.

Foi com simplicidade que a senhora pronunciou tão terríveis

palavras. Ao escutá-las, Yuan sentiu parar-lhe o coração. Era

suficientemente honesto para sentir o horror desse facto, que a

sua própria irmã... Envergonhadíssimo, olhou de esguelha para

Mei-ling. A cabeça da jovem estava curvada sobre o pano que

segurava, e nada disse. A sua fisionomia não mudara, estava

apenas mais grave e quieta.

Mas a senhora viu o olhar de Yuan e compreendeu-o. Disse

então: Não precisas de te preocupar, porque Mei-ling sabe de

tudo. Se não a tivesse comigo, não teria suportado a minha vida.

Ela é que me ajudou a resolver e a decidir como devia agir. Eu

não tinha ninguém, Yuan; e ela procedeu como uma irmã para

a minha pobre filha tresloucada, que também buscou apoio nela.

Nem quis mesmo que eu te mandasse chamar, Yuan. Eu havia

pensado que era bom ter um filho para me auxiliar, porque não

estou a par de todos estes novos processos de divórcio, e nada

podia revelar sequer ao teu primo mais velho, pois consumir-me-ia

de vergonha. Mas Mei-ling não me deixou inutilizar os teus anos

de permanência no estrangeiro.

Yuan não foi ainda capaz de dizer uma única palavra.

O sangue subiu-lhe às faces, e ficou confuso, envergonhado, e

também raivoso. A senhora, por seu lado, compreendendo muito

bem essa confusão, sorriu tristonhamente e tornou a falar: Não

tive coragem de avisar o teu pai, Yuan, já que a sua única solução

para tudo é simplesmente matar. E mesmo que ele assim não

fosse, não poderia avisá-lo. É o lamentável fim de todo o meu cuidado por Ai-lan, de educar e acostumar a minha filha a tamanha liberdade! São estes os novos tempos, então? Antigamente, os dois teriam recebido castigo de morte por tal pecado! Mas actualmente nada sofrerão. Irão voltar, vão viver alegremente, e o filho de Ai-lan nascerá cedo demais, mas os falatórios não irão além de cochichos, porque hoje em dia muitas crianças nascem cedo demais. São os novos tempos.

A senhora sorriu, mas sorriu melancolicamente, com lágrimas nos olhos. Mei-ling largou então a peça de seda que costurava, fincou nela a agulha, e achegando-se, disse em tom carinhoso: A senhora está tão cansada, que não sabe o que diz. Fez tudo por Ai-lan, e tanto ela como nós todos sabemos isso muito bem. Venha dormir; Vou preparar-lhe um caldo.

A senhora levantou-se, obedecendo à jovem como se estivesse habituada a obedecer-lhe frequentemente, e saiu apoiando-se com

199
gratidão ao ombro dela. Yuan viu as duas saírem, sem ser ainda capaz de articular palavra, tão perturbado estava com o que tinha ouvido.

Então Ai-lan, a sua irmã, praticara tamanha insensatez!

Assim fizera ela uso da sua liberdade! De novo lhe entrava na vida, através da irmã, aquela ardente e feroz excitação a que já por duas vezes escapara. Dirigiu-se para o quarto devagar, muito perturbado, agitado como outrora por sentimentos divergentes, como se nada lhe pudesse chegar com simplicidade e desembaraço, sem amor nem sofrimento. Sentia-se nesse instante em parte envergonhado, devido à negligência de Ai-lan, pois que tais coisas não deviam acontecer à sua irmã, pela qual só queria sentir completo orgulho; e, no entanto, em parte estava perturbado porque havia naquela loucura um prazer secreto que ele desejava para si. Foi a primeira incerteza com que se viu a braços no seu próprio país.

Passado o dia do casamento, Yuan deu-se conta de que não devia, em rigor, adiar a sua visita ao pai, e estava ansioso por partir, tanto mais que se sentia agora triste naquela casa. A mãe mostrava-se cada vez mais melancólica, e Mei-ling dedicava-se com afinco à escola. Nos dois dias em que Yuan se preparou para partir, mal viu a jovem. Certa vez julgou que ela o evitava, e disse consigo mesmo: «É por causa do que minha mãe disse de Ai-lan. É natural que uma coisa dessas fique na cabeça de uma jovem recatada». E apreciava esse recato. Todavia, quando chegou a hora de partir e tomar o comboio para o Norte, achou que devia despedir-se de Mei-ling, e não permanecer ausente um ou dois meses sem tornar a vê-la. Esperou, portanto, decidindo tomar um comboio que saía mais tarde, à noite, de modo a poder vê-la

quando voltasse da escola, jantar a sós com ela e a mãe, e com ambas conversar tranquilamente um pouco, antes de partir. Enquanto conversavam, verificou que ouvia a jovem com atenção; com efeito, ela falava sempre de maneira clara, suave e agradável, e não com acanhamento e risos sem motivo, como às vezes acontece em se tratando de raparigas. Estava sempre ocupada a costurar, e uma ou duas vezes em que uma criada veio indagar a respeito dos pratos do dia seguinte ou coisa parecida, Yuan reparou que ela interrogava Mei-ling em vez de interrogar a senhora, e Mei-ling dava instruções como se estivesse habituada a isso. Não era esquiva a falar. Nessa noite, como a senhora estava mais calada do que de costume, e Yuan também se mantinha silencioso, Mei-ling falou bastante, contando o que fazia na escola, e declarando que desde há muito esperava vir a ser médica.

Minha mãe adoptiva é que me fez pensar nisso pela primeira vez,

disse ela, pousando o olhar sereno e vivo na senhora.

E agora gosto muito da profissão. Sei que isso custou longos estudos e grandes despesas, mas a minha mãe fez tudo por mim. Em compensação, hei-de cuidar sempre dela; onde quer que eu estiver, ela também estará. Um dia, quero ter um hospital meu numa cidade, um hospital para crianças e mulheres, com um jardim ao centro, e em redor pavilhões cheios de leitos e acomodações para os doentes... não muito grandes, não mais do que estiver ao meu alcance, mas todos muito limpos e bonitos.

Deste modo a jovem expunha os seus projectos, esquecendo a costura no seu entusiasmo, e os olhos começaram a cintilar, e os lábios a sorrir. De cigarro entre os dedos, Yuan, observando-a, pensou surpreendido: «Afim, esta jovem é bem bonita!», e esqueceu-se de lhe dar ouvidos enquanto a contemplava. De repente sentiu-se apreensivo e ao sondar no seu íntimo para descortinar qual o motivo, verificou que não gostava de ouvir aquela jovem planear para si uma vida solitária, que se bastasse a si mesma a ponto de não precisar de mais ninguém. Pareceu-lhe nesse momento que as mulheres não deviam gabar-se de não ter em mente ideias de casamento. Mas justamente quando pensava nisso, viu o rosto da senhora. Pela primeira vez, desde o casamento de Ai-lan, os olhos dela brilhavam de interesse e prestava atenção ao que a jovem dizia. E em seguida disse com ardor: Se não fosse tão velha, eu mesma faria alguma coisa nesse hospital. São tempos melhores que os meus. São bons tempos estes em que as mulheres não são forçadas a casar!

Yuan ouviu-a dizer estas palavras, e embora estivesse de acordo ou pelo menos pensasse que estava, experimentou certa estranheza. De qualquer maneira, considerava coisa indiscutível que todas as mulheres deviam casar, posto que esse não fosse assunto para um homem aventar diante de duas mulheres. No entanto, a avidez delas por liberdade deixou-o um pouco frio, de modo que, ao'

despedir-se, estava menos sensível do que desejaria, e sentia-se desorientado, porque fora ferido no seu íntimo, sem saber exactamente onde nem de que modo.

Por muito tempo, depois de se ter deitado na cabina do comboio, ficou a pensar nisso, e nas novas mulheres do seu país, e em como elas eram Ai-lan, tão livre que entristecia a mãe, e no entanto a mesma mãe jubilosa com os grandes e livres planos que Mei-ling traçava para o futuro. E Yuan concluiu, com um leve ressaibo amargo: «Duvido que ela possa ser tão completamente livre. Será difícil fazer tudo o que projecta. E um dia pré-''cizará de marido e filhos, como indubitavelmente todas as mulheres precisam».

E ao recordar as mulheres que conhecera, notou que em toda a parte elas procuravam um homem, pelo menos em segredo.

201

Todavia, ao evocar o semblante e as palavras de Mei-ling, não podia na verdade dizer que tivesse visto um sinal dessa procura no seu olhar ou na sua voz. Pôs-se a indagar se haveria algum rapaz em quem ela pensasse, e lembrou-se de que na escola que ela frequentava também havia rapazes. De chofre, como um vento que se levanta numa quieta noite de Verão, invadiu-o o ciúme desses jovens que não conhecia; tão ciumento se sentiu que não conseguiu sequer sorrir consigo mesmo ou averiguar o motivo que o levava a preocupar-se com os sonhos de Mei-ling. Depois, planeou com calma o modo de sugerir à senhora que advertisse Mei-ling e a guardasse melhor; encheu-se por ela de cuidados que jamais tivera por nenhuma alma viva, e nem uma única vez pensou em indagar a si mesmo porquê.

Deste modo adormeceu, mergulhando num sono agitado, pois o comboio balançava e rangia debaixo dele.

Muitas coisas vieram tirar todos esses pensamentos, por algum tempo, da cabeça de Yuan. Desde o regresso do estrangeiro, estivera apenas na grande cidade da costa. Vez alguma vira qualquer outra coisa além das suas amplas ruas, repletas dia e noite de veículos de toda a espécie, de automóveis, de eléctricos, de pessoas brilhantemente vestidas e todas absorvidas nos seus afazeres.

Se havia pobres, suarentos puxadores de jinriquixá, ínfimos vendedores, em todo o caso não pareciam no Verão tão lastimáveis,

e não havia os mendigos de inverno que fugiam da enchente ou da fome para tentar a vida nas ruas das cidades. A Yuan a cidade pareceu pelo contrário alegre, sofrendo vantajosamente comparação com qualquer das que vira fosse onde fosse; havia ali o conforto e a opulência da nova casa do primo, e aquele casamento pomposo, e todos os vistosos presentes de núpcias. Quando partira, a senhora introduzira-lhe na mão um grosso maço de papéis dobrados que ele percebeu ser dinheiro; aceitou-o sem se opor, pois julgou que fora o seu pai que o enviara para ele. Estava quase esquecido de que havia pobres, mesmo no resto do Mundo, tão rica e bem provida lhe parecia a sua casa.

Mas quando no dia seguinte acordou e olhou pela janela do comboio, não contemplou o país que julgava ser o seu. O comboio

parara junto de um rio caudaloso, onde todos tinham de descer, cruzar o rio em botes e recomeçar a viagem na outra margem. Assim fez Yuan, comprimindo-se com os outros numa balsa, que não era suficientemente ampla para conter toda a gente, de modo que ele, chegando por último, teve de ficar à borda, próximo da água.

Lembrava-se muito bem de ter atravessado aquele rio quando outrora viera para o Sul, mas nessa altura não vira o que via agora.

Porque, agora, os seus olhos, por muito tempo afeitos a outros

202

espectáculos, viam as coisas de maneira diferente. Enxergou no rio uma verdadeira cidade de pequenos barcos que se comprimiam uns contra os outros e dos quais se desprendia um fedor que lhe causou náuseas. Era o oitavo mês do ano, e embora tivesse raiado a aurora havia pouco, o dia estava abafado e quente. O Sol brilhava escassamente, o céu estava escuro e toldado de nuvens baixas, opressivas, de modo que parecia espalhar um manto sobre a terra e a água; e em parte alguma havia o menor vento. À baça claridade, os barqueiros impeliram os botes para o lado, a fim de abrir caminho para a balsa; as pequenas escotilhas assomaram homens seminus, de faces encovadas e suadas, tresnoitadas pelo calor; mulheres gritavam com crianças chorosas e esfregavam o cabelo emaranhado; choramingavam crianças nuas, famintas e sujas. Esses barcos amontoados estavam todos repletos de homens, mulheres e numerosas crianças, e da própria água onde viviam e que bebiam levantava-se o cheiro pestilencial da imundície que lançavam ao rio.

Foi sobre essa cena, pois, que Yuan repentinamente pousou os olhos ao abri-los nessa manhã. Contemplou-a durante um curto momento, logo desaparecendo da sua vista, pois a balsa, para evitar uma colisão, afastou-se dos pequenos barcos encostados à margem, ganhando o espaço limpo no meio do rio; e com a mesma rapidez, Yuan deixou de ver os rostos suarentos, passando a fitar a parda água corrente do rio. Então, antes que pudesse perceber a mudança, a balsa virou contra a corrente e passou por um enorme navio pintado de branco, que avultava límpido como um pico nevado sobre o céu plúmbeo; Yuan, com todos os do grupo, levantou os olhos ao ver acima dele a proa de um navio estrangeiro, com uma bandeira azul-vermelha pendurada.

E quando a balsa passou para o outro lado, viram-se ainda as pontas escuras de canhões, de canhões estrangeiros.

Yuan esqueceu então o mau cheiro dos pobres e os barcos aglomerados. Olhou o rio de cima a baixo, e sobre a sua superfície amarelada contou sete desses grandes navios de guerra estrangeiros, ali, no coração do seu país. Enquanto os contava, esqueceu tudo o mais. Surdiu nele uma raiva contra esses navios. Mesmo ao pôr pé em terra, não pôde deixar de volver a cabeça para trás

olhando-os com ódio e perguntando a si mesmo porque estavam eles ali. Fosse como fosse, estavam ali, brancos, imaculados, dominadores. Daqueles negros canhões, constantemente apontados para ambas as margens, por mais de uma vez jorrara fogo e morte sobre a terra. Yuan lembrava-se muito bem de que assim acontecera. Fitando os navios, esqueceu tudo, excepto que aqueles canhões podiam vomitar fogo sobre o seu povo; murmurou com amargor: «Eles não têm o direito de estar aqui... devemos expulsá-los de todas as nossas águas!» E pensativo e amargurado,

203

subiu para outro comboio e reiniciou a viagem rumo ao pai.

Ora, Yuan verificou em si uma coisa estranha: enquanto foi capaz de manter a sua raiva contra aqueles navios brancos, e recordar que eles tinham disparado sobre o seu povo; enquanto evocava todas as coisas desastrosas através das quais o seu povo fora oprimido por outros povos; ao recordar que essas coisas eram muitas, pois na escola ficara sabendo de calamitosos tratados impostos aos antigos imperadores por exércitos enviados para assolar e pilhar, e que tais coisas tinham acontecido mesmo durante a sua vida, pois até na grande cidade, quando ele estivera ausente, alguns jovens tinham sido mortos a tiro por guardas brancos devido ao simples motivo de defenderem bem alto a causa do seu país, enquanto nesse dia foi lembrado todos esses agravos, sentiu-se bastante feliz e invadido por uma espécie de fogo. Enquanto comeu, e enquanto, sentado, ia contemplando as plantações e aldeias por onde passava, o seu pensamento mantinha-se fixo no que devia fazer. «Devo fazer algo pela minha pátria. Meng tem razão e procede melhor do que eu. É mais seguro do que eu, porque é simples. Sou excessivamente fraco. Julgo-os a todos bons por causa de um deles, por causa de um velho e bom professor ou... ou de uma mulher cheia de artifícios. Devia ser como Meng, devia odiá-los de todo o coração, e desse modo ajudar o meu povo com a força do meu ódio. Porque agora só o ódio tem força suficiente para nos ajudar...» Assim pensou a sós consigo próprio, lembrando-se dos navios estrangeiros.

Mas justamente quando Yuan sentia fortificar-se nele esse sentimento, foi obrigado a reconhecer que se tornava frio, de uma frieza que chegou subtilmente. Um homenzarrão gorducho estava sentado em frente dele, tão perto, que Yuan não podia desviar os olhos da sua enorme corpulência. O dia, pouco a pouco, tornou-se escaldante; o Sol atravessava as nuvens quietas fazendo arder o tecto metálico do comboio, dentro do qual o ar também ardia; o homem despiu todas as roupas, salvo as curtas calças interiores, e ficou de carnes à mostra, o peito e o ventre com as suas grossas adiposidades, amarelas e oleosas, as bochechas a pender sobre os ombros. E como se isso não bastasse, o homem tossia, apesar de ser Verão, fazendo questão de tossir o mais ruidosamente possível, e escarrava tão amiúde, que Yuan, onde quer que estivesse, nem sempre podia evitar os escarros. Assim, na sua justa

cólera patriótica, insinuou-se uma irritação contra esse homem que era seu conterrâneo. E por fim Yuan foi invadido pela tristeza. O calor daquele comboio sacolejante era quase insuportável, e Yuan começou a ver o que não queria ver. Expostos ao calor e cansados, os passageiros tinham deixado de se preocupar com o que quer que fosse, dispostos apenas a subsistir até ao fim da viagem.

204

As crianças choramingavam e puxavam pelos seios das mães, e em cada estação entravam moscas pelas janelas abertas, pousando nos corpos suados, nos escarros do soalho, na comida e nos rostos das crianças. Yuan que na adolescência nunca reparara nas moscas, já que elas pululavam por toda a parte e em nada lhe importavam, agora que estivera no estrangeiro e aprendera que elas espalhavam a morte, sentia-se melindrosamente angustiado, não admitindo que nenhuma lhe pousasse no copo de chá, no pedaço de pão que comprara a um vendedor, ou no prato de arroz e ovos que ao meio-dia comprara a um criado do comboio. Entretanto, não pôde evitar perguntar a si próprio de que valia todo esse ódio contra as moscas, quando viu o negrume das mãos do criado e a viscosa porcaria do pano que o homem passou pelo prato antes de servir o arroz. Na sua indignação Yuan bradou: Com um trapo desses, é melhor não enxugar o prato!

Ante essas palavras o homem ficou pasmado e arreganhou os dentes com toda a amabilidade; e sentindo nesse momento a tortura do calor, enxugou com o pano o rosto suado e tornou a pendurá-lo na nuca, onde o trazia. Yuan mal tocou na comida. Depôs a colher e amaldiçoou o homem, amaldiçoou as moscas, amaldiçoou toda a sujidade do chão. Mas o homem sentiu-se ultrajado por tamanha injustiça, e invocando o Céu como testemunha, disse: Eu aqui sou o único criado, e só posso fazer o trabalho de um homem; os soalhos não me competem, moscas não me competem!

E quem pode passar a vida a matar moscas no Verão?

Garanto que se toda a população deste país passasse a »vida inteira a matar moscas, nem assim acabaria com elas, porque as moscas são coisa natural! Livre da sua cólera, o homem desatou a rir a bandeiras despregadas, porque era de bom génio mesmo sob o domínio da cólera, e a rir continuou o seu caminho.

Mas todos os passageiros, cansadíssimos e dispostos a distrair-se com qualquer coisa, tinham ouvido tudo o que fora dito, e tomaram partido contra Yuan; um deles disse: Não há dúvida de que não se pode acabar com as moscas. Elas vêm não se sabe de onde, mas também têm a sua vida, ora essa! E uma senhora idosa comentou: Sim, e elas têm direito a viver. Quanto a mim, não me atrevo a tirar a vida nem mesmo a uma mosca! E outro escarneceu: Ele é um desses estudantes que voltam do estrangeiro para experimentar os seus conhecimentos à nossa custa.

Nisto, o gorducho que estava em frente de Yuan, e que se fartara de comer arroz e carne, estando agora a beber chá sisudamente, arrotando alto a cada gole, disse de súbito: Ah, é isso mesmo que ele é, então! Passei o dia inteiro aqui a olhar para ele a fim de ver o que era, e sem descobrir nada! E continuou a

encarar Yuan com satisfeita admiração, agora que sabia o que ele era, bebendo enquanto o olhava, e arrotando, até que Yuan não

205

pôde aturar por mais tempo aquela injúria e com firmeza desviou os olhos para as verdes planícies.

Era orgulhoso demais para responder. Não comeu nada.

Continuou a olhar pela janela hora após hora. Sob o firmamento nublado e quente, o campo tornava-se mais pobre, mais plano, mais alagado pelas águas, à medida que o comboio ganhava o Norte. Em cada nova estação o povo parecia a Yuan mais desgraçado, mais flagelado por furúnculos e olhos inflamados, e se bem que houvesse água por toda a parte, ninguém andava limpo, e muitas mulheres tinham os pés ainda cingidos segundo o velho costume malsão que ele julgava desaparecido. Olhava para aquela gente e não podia suportar o espectáculo. «É este o meu povo!» murmurou amargamente consigo, por fim, e esqueceu os alvos navios de guerra estrangeiros.

Todavia, houve uma outra amargura que ele teve de suportar.

Na extremidade da carruagem estava sentado um homem branco que Yuan não vira. Naquele momento o homem passou para descer do comboio numa certa cidadezinha muralhada de taipa, onde residia. Ao passar por Yuan reparou nele e no seu rosto triste; recordou-se de que Yuan explodira contra as moscas, e disse na sua própria língua, querendo ser bondoso e vendo quem Yuan era: Não desanime, amigo! Eu também luto contra as moscas; vamos continuar a lutar!

Ante a pronúncia e as palavras estrangeiras, Yuan levantou de repente os olhos. Viu então um homem branco franzino, um homenzinho de aspecto vulgar vestido com roupas de algodão cinzento e com um capacete branco de protecção contra o Sol, de rosto vulgar, com a barba um tanto crescida, embora os olhos azul claros mostrassem bastante bondade; Yuan percebeu que se tratava de um padre estrangeiro. Não foi capaz de lhe responder. Era doloroso para ele saber que estava ali um homem branco a ver o que ele vira e a saber o que ele ficara sabendo nesse dia. Virou-se e não deu resposta. Mas do seu lugar viu o homem descer do comboio, passar a custo entre a multidão e tomar o rumo da cidade. Yuan lembrou-se então daquele outro homem branco que dissera: Quando voltar à sua terra, vá até à cidadezinha do interior onde eu resido...

E Yuan perguntou a si próprio, acusadoramente: «Por que razão nunca vi isto antes? Até agora não tinha visto nada!»

No entanto, era apenas o começo do que Yuan iria ver.

Pois quando finalmente se achou em frente do pai, Wang o Tigre, viu-o como jamais pensara que o veria. Ali estava o Tigre, apoiado no portal da sala à espera do filho; toda a sua antiga energia desaparecera, até mesmo a sua insolência, não passando agora de um velho macilento, de compridos bigodes encanecidos díssemi-

206

nados pelo queixo, e de olhos vermelhos, de tal modo embaciados pela idade e pelo excesso de vinho que só quando Yuan se aproximou

muito do Tigre é que este o viu, guiando-se mais pelo ouvido do que pela vista.

Ora, Yuan vira admirado os pátios por onde passara estarem cobertos de ervas e reparara quão poucos eram os soldados que por ali se achavam, um grupinho de vadios maltrapilhos; notara ainda que a própria sentinela postada à porta não tinha arma e deixara-o entrar à vontade sem lhe fazer perguntas e sem o saudar cortesmente como lhe cumpria fazer ao filho do seu general.

Mas Yuan não estava preparado para ver o seu pai tão magro e mirrado. O Tigre vestia uma velha túnica de tecido cinzento, que estava remendada nos cotovelos, pois os ossos tinham feito buracos ao repousar nos braços da cadeira; trazia, calçados, sapatos de pano que usava como chinelos; e já não tinha a espada na mão.

Yuan exclamou: Pai! e o velho respondeu, trémulo:

És tu, mesmo, meu filho? Apertaram-se as mãos, e Yuan sentiu os olhos húmidos de lágrimas ao ver o semblante envelhecido do pai, com o nariz, a boca e os olhos baços um tanto maiores do que eram dantes, desproporcionados para o rosto definhado.

Pareceu a Yuan, ao contemplar-lhe as feições, que aquele não podia ser o seu pai, não podia ser o Tigre que estava habituado a temer, cujas sobranceiras pretas e carrancudas tinham sido outrora tão terríveis, cuja espada estava sempre ao alcance da mão, até quando dormia. Não havia dúvida, porém, que era o Tigre, pois quando viu que se tratava de Yuan, gritou: Traze vinho!

Algo se mexeu vagarosamente, e o homem de confiança, desbeijado, agora também idoso, mas ainda servidor do general, avançou, apresentou saudações ao filho do seu general, com a sua cara velhaca a brilhar, e serviu vinho enquanto o pai tomava o filho pela mão e o conduzia para dentro.

Yuan deparou então com outro homem, e outro ainda, aos quais nunca vira; pelo menos assim pensava; eram dois homenzinhos graves e bem apresentados, um velho e outro novo.

O mais velho era um homem pequeno e enrugado, elegantemente vestido à moda antiga, com uma comprida túnica de seda cinzenta-escura estampada, uma jaqueta de seda preta baça com mangas, e na cabeça um pequeno barrete redondo de seda com um botão branco de corda indicando luto por algum parente próximo.

Em volta dos tornozelos, mais altas que os sapatos de veludo negro que usava as calças também estavam atadas com bandas de tecido de algodão branco. Por cima desse traje sombrio assomava o pequeno rosto envelhecido, liso como se até ali ainda não lhe tivesse crescido barba, mas cheio de rugas, os olhos a cintilar, penetrantes como os de uma doninha.

O jovem tinha aspecto semelhante ao dele. A túnica, porém, 207

era de um azul baço, ostentava o luto que um filho usa por sua falecida mãe, e os olhos não eram penetrantes, mas sim ansiosos como os fundos olhos de um macaquinho que encara seres humanos, aos quais é semelhante sem todavia ser suficientemente próximo para os compreender ou ser compreendido. Assim era o filho do

outro.

Quando Yuan olhou para eles com incerteza, o mais velho disse numa voz alta e seca: Sou o teu segundo tio, sobrinho. Acho que não te vejo desde quando eras rapaz. Este é o meu filho mais velho, teu primo.

Surpreendido, Yuan cumprimentou então os dois, não muito efusivamente, porque eles lhe eram bastante estranhos nas suas graves e antiquadas vestimentas e maneiras; em todo o caso mostrou-se cortês, mais cortês do que o Tigre, que não lhes prestava atenção, e que só tinha olhos agora para contemplar jubilosamente Yuan.

De facto Yuan comoveu-se com esse prazer infantil que o pai sentia pelo seu regresso. O velho Tigre não podia tirar os olhos do filho; depois de o fitar durante algum tempo, desatou a rir silenciosamente, levantou-se da cadeira, dirigiu-se a Yuan, apalpou-lhe os braços e os fortes ombros, tornou a rir, e murmurou:

Como eu era forte com a tua idade... sim, ainda me lembro de que tinha braços capazes de lançar um dardo de ferro e erguer uma pedra grande e pesada. No Sul, quando servi com aquele velho general, costumava fazer isso à noitinha para divertir os meus companheiros. Levanta-te e deixa-me ver as tuas pernas!

Yuan levantou-se obediente, com divertida paciência; o Tigre voltou-se para o irmão, riu alto, e exclamou com um pouco do seu antigo vigor: Estás vendo este meu filho? Sou capaz de jurar que não tens entre os teus quatro nenhum que se lhe possa comparar!

Wang o Comerciante nada respondeu a isso, limitando-se a sorrir, reservado e indulgente. Mas o jovem disse, resignada e solicitamente:

Parece-me que os meus dois irmãos mais novos também são corpulentos e o que se segue a mim é mais robusto do que eu, pois eu sou o menor de todos, embora seja o mais velho. E fitou-os com um lampejo passageiro nos olhos pesarosos, ao dar essa informação.

Ao ouvir isso, Yuan perguntou com curiosidade: Como vão esses outros meus primos e que fazem eles?

O filho de Wang o Comerciante volveu o olhar para o pai; mas como este guardasse silêncio, mantendo o mesmo sorrisinho, o rapaz encorajou-se e respondeu a Yuan: Eu trabalho para ajudar o meu pai nos arrendamentos e no armazém de cereais. Antigamente nós todos fazíamos isso, mas agora os tempos são muito maus por aqui. Os arrendatários tornaram-se tão arrogantes

208

que não querem pagar os aluguéis que devem. E o grão, por sua vez, é colhido em menor quantidade. O meu irmão mais velho é do teu pai, porque o meu pai deu-o a meu tio. O outro quis partir para ir ver o Mundo; abalou, e está como contador numa loja do Sul, pois maneja muito bem o ábaco, e vai prosperando,

já que muita prata passa pelas mãos dele. O meu terceiro irmão tem casa e família, e o miúdo frequenta a escola, porque temos agora na nossa cidade uma escola moderna; esperamos que ele se case logo que for conveniente, porque a minha mãe morreu alguns meses atrás.

Vasculhando então na memória, Yuan lembrou-se de uma robusta, desenvolta e desalinhada camponesa que vira em casa do tio certa vez que seu pai lá o levava, uma mulher sempre barulhenta e alegre, e ficou admirado ao verificar que ela estava morta enquanto aquele homenzinho insinuante, o seu tio, continuava a viver e tão pouco mudado. Perguntou: De que morreu?

O filho olhou então para o pai e ambos ficaram silenciosos, até que o Tigre, tendo ouvido a pergunta, respondeu, como se fosse uma coisa que lhe dissesse respeito: De que morreu?

Pois bem, nós temos um inimigo, nós, a nossa família, que é agora o chefe de um grupo errante de salteadores que assolam os morros em redor da nossa velha aldeia. Certa vez tomei-lhe uma cidade da maneira mais limpa, com um estratagema simples e pelo cerco, e ele desde então nunca me perdoou isso. Garanto que ele se instalou de propósito perto das nossas terras, à espera de uma oportunidade para me arrancar a pele; sei disso. Mas este meu irmão é precavido, descobriu que esse bandido nos odiava, e não querendo ir em pessoa recolher a sua parte das colheitas e os tributos dos arrendatários, mandou a esposa, visto que ela não passava de uma mulher indefesa; os bandidos apanharam-na quando vinha a caminho de casa, assaltaram-na, cortaram-lhe a cabeça e lançaram-na para a berma da estrada. Eu digo ao meu irmão: «Espera alguns meses, agora, até eu reunir de novo os meus homens. Juro que hei-de apanhar esse bandido... juro que hei-de... juro que hei-de...» A voz do Tigre decaiu, o tom de cólera enfraqueceu, e estendeu a mão às cegas, procurando qualquer coisa; então o homem de confiança ali perto meteu na mão do Tigre uma tigela de vinho e disse sonolentemente, como quem está de há muito habituado a isso: Acalme-se, general, não se enraiveça porque senão piorará. Ergueu-se sobre os cansados e velhos pés, bocejou um pouco e fixou o olhar feliz em Yuan, admirando-o.

Se bem que Wang o Comerciante nada tivesse dito durante toda a narrativa, quando Yuan olhou para ele a fim de lhe dirigir algumas palavras de conforto ficou surpreendido ao ver que os

14-C. D.

209
olhinhos cintilantes do tio estavam aljofrados de lágrimas; ainda em silêncio, o velho pegou na ponta de uma manga e em seguida na da outra, e cuidadosamente enxugou ambos os olhos, depois do que, com os seus modos reservados e furtivos, passou a mão encarquilhada pelo nariz; Yuan ficou tão atónito ao ver aquele homem frio verter lágrimas, que foi incapaz de falar.

O filho também reparou nisso, e com os seus olhinhos ansiosos postos no pai, disse melancolicamente a Yuan: O criado que ia

com ela disse que, se minha mãe tivesse ficado quieta e passiva diante deles, talvez não se tivessem apressado tanto a matá-la. Mas ela tinha língua solta e fácil, toda a vida a tinha usado à vontade e inflamava-se sempre com facilidade, de modo que gritou ao primeiro que viu pela frente: «Então vou dar a vocês a minha rica prata, filhos de umas desgraçadas?» O criado deitou a correr desabaladamente ao ouvi-la gritar tão alto, e quando olhou para trás já lhe tinham cortado a cabeça; com ela perdemos o total daquelas rendas, pois eles levaram tudo.

Assim falou o filho, na constante loquacidade da sua vozinha, acrescentando as palavras monotonamente umas a seguir às outras, como se possuísse a língua solta da mãe no corpo do pai. Mas nem por isso deixava de ser um bom filho, que amara a mãe; a sua voz fraquejou, saiu para o pátio, tossiu, enxugou os olhos e por um momento entregou-se ao pesar.

Yuan sem saber o que fazer, levantou-se e serviu uma chávena de chá ao tio, sentindo-se naquela sala como num sonho, estranho àqueles homens que eram do mesmo sangue que o seu. Sim, ele tinha à sua frente uma vida que eles eram incapazes de conceber, e para ele a vida deles era tão insignificante como a morte.

De súbito, embora sem saber porquê, lembrou-se de Mary, em quem por muito tempo não pensara... Porque lhe viria ela agora à mente, com tanta nitidez, como se uma porta se abrisse para a mostrar tal como se acostumara a vê-la num ventoso dia de Primavera no mar, com os seus lindos cabelos escuros esvoaçando em torno do rosto, a tez branca e corada, os olhos sempre cinzentos? Ela não tinha lugar ali; não podia conhecer aquela terra. As gravuras chinesas, das quais ela se acostumara a falar, as imagens que forjara no seu próprio espírito, não passavam de fantasias. Era bom, pensou Yuan apaixonadamente, fitando o pai e os outros, agora tristonhos após ter passado o primeiro calor do encontro, oh! Era bom ele não a ter amado! Relanceou os olhos pela velha sala. Por toda a parte havia pó, pó que se acumulara desde há muito tempo por negligência dos criados velhos e relaxados. Entre os ladrilhos do chão crescia um mofo azulado, e por sobre os ladrilhos viam-se manchas de vinho derramado, de antigos escarros, de cinzas e de comida gordurosa entornada. As esteiras estragadas tinham sido remendadas com papel,

210

pendendo agora em farrapos, e mesmo à luz do dia corriam ratos de um lado para o outro sobre as vigas do forro. O velho Tigre, depois de ter bebido o seu vinho quente, cabeceava, de mandíbula caída e com todo o decrépito corpanzil lasso e descaído. Por cima dele estava pendurada num prego a espada, dentro da bainha. Só nesse momento é que Yuan a viu, apesar de ter dado pela falta do brilho dela no primeiro instante em que deparara com o pai. Era ainda bonita, apesar de embainhada. A bainha conservava a beleza não obstante todos os seus labores estarem cobertos de pó, não obstante as borlas de seda vermelha, penderem desbotadas e roídas pelos ratos.

...Ah, bem contente estava por não ter amado aquela rapariga

estrangeira. Que ela continuasse nas suas ilusões a respeito da sua terra! Que ficasse sem jamais conhecer a verdade!

Um grande soluço subiu na garganta de Yuan... Estaria o passado morto para ele? Pensou no velho Tigre, naquele homem enrugado de semblante mesquinho que era seu tio, e no filho dele. Todos eles eram ainda parte da sua existência, estava ligado a eles pelo sangue que lhe corria nas veias, sangue que não podia abandonar mesmo que quisesse. Por mais que desejasse libertar-se da sua raça, o sangue dela havia de circular sempre nas suas veias durante tanto tempo quanto aquele que vivesse.

Foi bom Yuan ter percebido que a sua juventude estava terminada e que agora devia ser um homem, cuidando da sua própria vida; pois nessa noite, sozinho no velho quarto em que dormira quando criança e adolescente, com os guardas à sua volta, e onde se refugiara para descansar no seu regresso da escola de guerra, viu o velho homem de confiança aproximar-se furtivamente.

Yuan acabara de se deitar nesse instante; nessa noite o pai dera um pequeno banquete em honra dele, convidara os seus dois capitães, e tinham comido e bebido em conjunto para comemorar a chegada de Yuan. Depois Yuan deixara o pai apoiar-se a ele e conduzi-lo até à porta do quarto, antes de ele próprio ir para a cama.

Por alguns momentos, acordado no leito, escutou o que não estava acostumado a escutar, os sons nocturnos da cidadezinha onde o seu pai vivera tanto tempo. Pensou: «Se me perguntassem, teria respondido não haver sons à noite nesta cidadezinha».

Entretanto, vinha das ruas o ladrar dos cães, o choro de uma criança, um murmúrio de vozes ainda não caladas pelo sono, de vez em quando um solitário tanger de sinos num templo, e sobrepondo-se a tudo na sua nítida lamentação, a chorosa angústia de uma mãe a clamar pela alma errante de um filhinho moribundo. Nada soava alto, porque havia silenciosos pátios entre eles e o exterior, e no entanto Yuan, com renovada e aguda

211

atenção a tudo por se sentir um estranho onde outrora não o fora, ouvia todos os sons distintamente.

De súbito a porta do quarto guinchou nos gonzos de madeira, surgiu o fulgor de uma vela, e pela porta que se abriu Yuan apercebeu-se do velho homem de confiança, o qual se inclinou, pôs cuidadosamente a candeia no chão, e um tanto ofegante por causa das suas costas duras, endireitou-se, fechou a porta e colocou a tranca. Yuan esperava, indagando a si próprio surpreendido o que teria o velho para lhe dizer.

Aproximou-se movendo a custo os pés idosos e lentos, ao leito de Yuan, e vendo que Yuan não corra ainda as cortinas, disse: Não está dormindo, senhorzinho? Tenho uma coisa a dizer-lhe.

Yuan, vendo aquele velho corpo dobrar-se nos joelhos, disse então bondosamente: Sente-se, enquanto fala. Mas ele mantinha-se cômico da sua posição, e ficou indeciso durante alguns instantes, até que por fim acedeu ante a bondade de Yuan; sentou-se

no escabelo junto à cama, e começou a silvar e a sussurrar por entre o lábio fendido; e, conquanto os seus olhos fossem bondosos e honestos, era tão horrendo que Yuan não podia encará-lo, por melhor que fosse o velho.

Todavia, em breve esqueceu o aspecto do ancião, consternado com o que escutava. Porque através de uma narrativa longa, cheia de rodeios e interrupções, o espírito de Yuan começou a discernir algo cada vez com maior clareza, até que por fim o velho, pondo as mãos sobre os joelhos encarquilhados, silvou alto: Assim, todos os anos, generalzinho, o seu pai tem pedido cada vez mais dinheiro emprestado a seu tio. Primeiro pediu uma grande soma para o libertar daquela prisão, generalzinho, e depois, ano após ano, foi contraindo novos empréstimos para o manter a salvo no estrangeiro. Ora, nesse meio tempo deixou os soldados irem-se embora, e tantos deles se foram, que garanto não restar agora uma centena para a luta. Ele não pôde sair a guerrear; os homens abandonaram-no por outros senhores da guerra. Não passavam de mercenários, e em deixando de ganhar, qual é o mercenário que se aguenta? E o grupo que ele conservou não são soldados. São ladrões maltrapilhos, escória do seu exército, que aqui vivem porque ele lhes dá de comer, e os habitantes da cidade odeiam-nos porque eles andam de porta em porta a pedir dinheiro, e como têm espingardas, são forçosamente temidos. Mas não passam de mendigos armados. Uma vez eu contei ao general o que eles faziam, porque ele foi sempre tão honrado, que nunca permitiu aos seus homens que tomassem mais do que o devido nas pilhagens, e nunca deixou que em tempos de paz extorquisses o povo. Pois bem, ele saiu, trovejou, franziu os sobrolhos e puxou os bigodes diante da cara deles; mas e daí,

212

senhorzinho? Eles viram o general velho e trémulo, mesmo enquanto vociferava, e embora fingissem estar assustados, quando ele se afastou eu vi os soldados rir e voltar imediatamente à pedincheira, e continuam a fazer o que bem entendem. E de que adianta avisar de novo o general? É melhor deixá-lo em paz. De modo que todos os meses ele pede emprestado, sei-o bem, porque o seu tio agora aparece aqui constantemente, o que não faria se não se tratasse de dinheiro. Como quer que seja, o seu pai recebe dinheiro, porque o tem. Sei que actualmente o povo não lhe paga muitos impostos, e os soldados que cobram os pagamentos apossam-se da maioria do dinheiro; o general não podia acudir a todas as despesas se o seu tio não lhe desse.

Yuan, porém, não acreditou logo em tudo, e disse desanimado: Mas se meu pai dispersou o seu exército tanto quanto dizes, e agora dá a seus homens apenas alimento, não deve precisar assim de tanto dinheiro. E acho que o pai dele lhe deixou terras. O velho então curvou-se mais para perto e murmurou em tom cortante: Sou capaz de jurar que essas terras são todas do seu tio, agora... pelo menos praticamente são dele, pois como poderá seu pai pagar tudo o que lhe deve? E, generalzinho, julga que a sua viagem a países estrangeiros não custou nada?

Sim, o general deixou a sua mãe vegetar com quase nada, e as suas duas irmãs foram casadas com negociantes desta cidadezinha, mas todos os meses o seu pai tem enviado dinheiro àquela outra senhora, para o senhor, generalzinho.

Nesse momento Yuan percebeu quão infantil fora durante todos esses anos. Ano após ano considerara fora de»dúvida que o seu pai pagaria tudo o que ele quisesse. Não esbanjara, não jogara, não quisera muitas roupas finas nem fizera dessas coisas que os jovens às vezes fazem desperdiçando os bens dos pais. Mas, ano após ano, as suas menores necessidades tinham custado ao pai centenas de moedas de prata. Vieram-lhe à mente os vês-'tidos de seda de Ai-lan e o casamento dela, sim, e a casa da senhora sua mãe e as crianças recolhidas por ela. E posto que Yuan soubesse que a senhora herdara algum dinheiro do pai, de quem fora filha única, de modo que não era baixa a quantia que ele lhe deixara, mesmo assim Yuan duvidava de que esse dinheiro bastasse para todas as despesas.

Yuan sentiu então o coração comover-se pelo pai, que ao longo de todos esses anos não tinha formulado qualquer queixa, mas que por empréstimos, e valendo-se quem sabe de que recursos, não deixara o filho sofrer por falta de dinheiro. E na ansiedade, do seu espírito adulto, disse:Muito obrigado pelo que me contaste. Amanhã verei o meu tio e o meu primo, e tratarei de saber o que aconteceu e quanto lhes deve o meu pai...E como se de chofre lhe ocorresse um novo pensamento, acrescentou: ...e eu!

213

Durante a noite, Yuan não pôde afastar esse pensamento. Repetidas vezes acordou, e embora se sentisse aliviado ao recordar que afinal de contas eles eram do mesmo sangue, e que, por conseguinte, dívida entre eles não era realmente dívida; mesmo assim, Yuan sentia um peso em cima de si ao pensar em ambos. Sim, eles eram do seu sangue, ainda que se sentisse tão distante de ambos como se a sua raça fosse outra. Meditando, solitário, envolto pelas trevas da noite, ocorreu-lhe numa das vezes que ali, no seu próprio leito de infância, dentro da casa do pai, se sentia estrangeiro como se sentira em pleno mar. Foi assaltado por um súbito isolamento: «Como é possível que eu não lance raízes em parte alguma?» E todos os dias que passara no comboio, tudo o que vira, lhe surgiu na memória de novo com uma náusea e fê-lo retrair-se. E de repente disse em voz alta com uma exclamação sufocada: «Não tenho pátria!»

Apressou-se então a fugir aos efeitos dessa exclamação que era terrível para ele, não lhe podendo suportar o significado. Por isso lembrou muitas vezes, no dia seguinte, que aqueles homens eram afinal do mesmo sangue que o seu, e de que ele não era verdadeiramente um estranho, não podendo ser prejudicado pelo seu próprio sangue. E não censurou o velho pai. Disse consigo mesmo que bem compreendia como o pai fora compelido pela idade e pelo próprio amor paterno a endividar-se, e que ninguém melhor do que o irmão para lhe emprestar dinheiro. Assim se consolou Yuan a si próprio, de manhã. Ficou contente por estar

um dia lindo, um dia ensolarado e com o frescor das brisas do próximo Outono, pois julgava mais fácil achar alívio quando o Sol brilhava no interior dos pátios e o calor era expulso dos cantos da casa pelo sopro dos ventos.

Ora, na manhã seguinte, depois de terem comido, o Tigre saiu para ir ver os seus homens, e nesse dia fez uma demonstração para mostrar a Yuan que estava muito ocupado com os seus soldados; foi buscar a espada, gritou ao homem de confiança que viesse limpá-la, e pôs-se a altercar por ela estar poeirenta, de modo que Yuan não pôde deixar de sorrir e de compreender, com certa tristeza também, qual era a verdade.

Quando o pai saiu, Yuan julgou que chegara uma boa ocasião para conversar particularmente com o tio e o primo, e em vista disso falou com franqueza, depois dos cumprimentos: Tio, sei que meu pai lhe deve certa quantia. Já que ele está velho, quero saber que dívida pesa sobre ele para fazer o que me compete.

Yuan estava preparado para ouvir uma grande cifra, mas não tamanha lista de obrigações, como aquela com que deparou. Na verdade, os dois homens de negócios entreolharam-se: o mais novo foi buscar um livro de escrituração, desses em que se cós-

214
tuma registrar valores nas lojas, um livro grande e macio com capa de papelque estendeu com ambas as mãos ao pai; este pegou nele, abriu-o, e começou a ler na sua voz seca o ano, o mês e o dia em que o Tigre principiara a pedir-lhe quantias de empréstimo.

Yuan, prestando atenção, notou que os anos começavam com aquele em que fora para a escola do Sul, prolongando-se até ao momento presente, e que as quantias eram cada vez mais altas e com tamanhos juros que, por fim, Wang o Comerciante indicou esta soma: Ao todo onze mil quinhentas e dezassete moedas de prata.

Ao escutar estas palavras, Yuan ficou como se tivesse sido esmagado por uma pedra. O Comerciante fechou o livro, deu-o ao filho, o filho colocou-o sobre a mesa, e ambos ficaram à espera. Yuan disse numa voz mais fraca do que habitualmente, ainda que tentando dar-lhe o tom habitual: Que garantia deu o meu pai?

Wang o Comerciante respondeu então, cuidadosa e secamente, mal movendo os lábios, como era seu modo de falar: Evidentemente, tive em vista que ele é meu irmão, e não exigi as garantias que exijo de um estranho. Além disso, durante algum tempo, a posição e o exército do teu pai foram uma salvaguarda para mim; mas agora deixaram de o ser, porque desde que a mãe do meu filho morreu sinto que já não tenho segurança quando saio para o campo. Sinto que já ninguém me teme, e todos sabem que o poder do teu pai não é o que foi outrora. Na verdade, porém, o poder de qualquer senhor da guerra não é já o que era dantes, com a nova revolução no Sul que ameaça abrir caminho até mesmo aqui, ao Norte. Os tempos são muito maus. Há revolta em toda a parte e os arrendatários mostram-se atrevidos nas

terras como nunca o foram. Não esqueço, todavia, que teu pai é meu irmão, e nem sequer me apoderei da terra dele como garantia, se bem que de facto ela não seja suficiente para resgatar toda a prata que dei a teu pai para ti.

Ante essas duas palavras «para ti», Yuan olhou para o tio, mas nada disse. Esperou que o tio continuasse. O velho prosseguiu: Preferi empregar meu dinheiro a teu favor, deixando-te como fiador da maneira que pudesses ser. Há muitas coisas, Yuan, que podes fazer por mim e por meus filhos, que são teus parentes. Assim falou aquele homem idoso, não com ausência de bondade, mas bastante razoavelmente, como os mais velhos de uma grande família têm o direito de fazê-lo aos mais novos. Mas ao ouvir aquelas breves palavras pronunciadas pela vozinha seca do tio, ao fitar-lhe o pequeno rosto mirrado, Yuan foi invadido pelo desânimo e perguntou: Mas que posso eu fazer, tio, se nem sequer tenho ainda um trabalho determinado?

Deves achar esse trabalho, replicou o tio. É coisa bem

215

sabida nestes dias que qualquer jovem que esteve no estrangeiro pode obter altíssimo ordenado, um ordenado tão grande como só um governador podia esperar nos velhos tempos. Antes de te emprestar tanto dinheiro, eu dei-me ao trabalho de indagar isso ao meu segundo filho, que é contabilista no Sul, e ele disse-me que essa aprendizagem no estrangeiro é hoje em dia dos melhores negócios. Seria óptimo se conseguisses arranjar um lugar por onde circule dinheiro, pois o meu filho afirma que se cobram agora ao povo impostos maiores do que nunca, para todas essas coisas novas em projecto, e os novos governantes traçam grandes planos de construir amplas estradas e grandiosos túmulos para os seus heróis, bem como casas estrangeiras, e mais isto e mais aquilo. Se encontrasses um lugar bem elevado por onde a prata circulasse, seria bom para ti e um auxílio para todos nós.

Isto disse o velho, e Yuan nada soube responder. Via diante dos olhos, nesse momento luminoso, a vida que o seu tio aspirava para si. Mas nada disse; apenas olhou fixamente para o tio, sem contudo o ver, tendo presente somente aquele velho espírito tacanho e mesquinho a architectar tais projectos. Sabia que, de acordo com as antigas leis, o tio podia conceber esses projectos e desse modo reclamar os seus empréstimos de muitos anos; e ao reflectir nisso, Yuan revoltou-se como nunca contra os miseráveis direitos dos velhos tempos, que tinham sido como grilhões aferrados aos pés dos novos, de modo a impedir que estes jamais andassem velozmente. No entanto, não manifestou essa revolta. Todavia, ao pensar nisto, pensou também no velho pai, que não fora por maldade que o velho Tigre assim onerara o filho, mas simplesmente porque não havia outro meio de conseguir dinheiro para satisfazer as aspirações de Yuan. Nessa incerteza, pois, só restava a Yuan detestar secretamente o tio.

Mas o velho não percebeu a antipatia do jovem. Prosseguiu na mesma vozinha insípida: Há ainda outras coisas que podes

fazer. Os meus dois filhos mais novos não têm ocupação. Os tempos são agora tão ruins que o meu negócio já não é o que foi outrora; e quando soube que o filho do meu irmão mais velho está num banco, perguntei cá comigo por que motivo os meus filhos não estariam também. De maneira que, quando achares uma boa colocação para ti, se quiseres levar os meus dois filhos mais novos contigo e arranjar lugares para eles sob a tua dependência, considerarei isso como um pagamento parcial da dívida, conforme a extensão da quantia que eles receberem por mês. Não podendo refrear por mais tempo o seu desgosto, Yuan exclamou mordazmente: Então fico preso como um penhor... a minha vida pertence-lhe!

Mas o velho, diante disso, esbugalhou os olhos e redarguiu mansamente: Não sei o que queres dizer com essas palavras.

216

Não é um dever ajudar a própria família na medida do possível? Inegavelmente, eu consumi-me por meus dois irmãos, e um deles é teu pai. Administrei as terras deles durante muitos anos, conservei a casa grande que o nosso pai nos deixou, paguei todos os impostos, fiz tudo, afinal, pela terra que o nosso pai nos legou. Mas esse era o meu dever; não me recusei a cumpri-lo, e, depois de mim, este filho mais velho fará a mesma coisa. No entanto, a terra já não vale o que valia. O nosso pai deixou-nos muitas terras e rendas, de modo que éramos tidos na conta de ricos. Mas os nossos filhos não são ricos. Os tempos estão difíceis. Os impostos são elevados, e os arrendatários pagam pouco e não temem ninguém. Por conseguinte, os meus dois filhos mais novos têm de procurar colocação para si, como a que possui o meu segundo filho, e agora cabe a ti, por tua vez, o dever de ajudar os teus primos-irmãos. Desde remotos tempos o mais capaz de uma família auxilia os outros.

As velhas grilhetas pesavam, assim, sobre Yuan. Foi incapaz de dar uma resposta. Bem sabia que alguns jovens, no seu lugar, teriam repudiado as grilhetas, teriam fugido para ir viver onde lhes agradasse, pondo de lado todos os pensamentos de família, pois eram assim os novos tempos. Yuan desejava intensamente poder também ser livre; teve vontade, naquele mesmo instante em que estava sentado na velha sala escura e poeirenta, fitando aqueles dois homens que eram seus parentes, teve vontade de se erguer e bradar: «A dívida não é minha! Só tenho dívidas para comigo próprio!»

Mas via que era incapaz de bradar tal coisa. Meng poderia tê-lo dito por amor à sua causa; Cheng saberia rir, parecendo aceitar os grilhões, para logo esquecê-los e, apesar deles, viver conforme os seus desejos. Mas Yuan era de estofos diferentes. Era incapaz de fugir àqueles grilhões que o pai, no seu amor ignorante, fizera pesar sobre ele. E não podia censurar o pai; nem mesmo quando ponderou o assunto mais detidamente conseguiu imaginar outra maneira pela qual o seu pai tivesse procedido. Baixou os olhos para uma nesga de sol que passava pela porta aberta, e no meio do silêncio ouviu nos bambus do pátio

uma pequena briga chilreante entre irrequietos passarinhos. Por fim disse sombriamente: Na verdade eu sou então o seu emprego de capital, meu tio. O senhor serviu-se de mim como instrumento para pôr a sua velhice e os seus filhos no seguro. O velho ficou considerando as palavras ouvidas, deitou um pouco de chá numa chávena, sorveu-o vagarosamente, e enxugando a boca com sua velha mão seca, ponderou: É o que todas as gerações fazem e devem fazer. Assim farás tu quando tiveres filhos.

Não, não farei, disse Yuan prontamente. Até àquele
217

momento jamais tivera em mente um filho seu. Mas, agora, aquelas palavras do tio pareciam chamar o futuro à vida. Sim, um dia teria filhos. Haveria uma mulher para ele, e teria filhos. Mas esses filhos... esses filhos haviam de ser livres... livres de qualquer interferência dele no seu feitio, dele, que era seu pai! Não haviam de ser talhados para soldados, nem para um destino certo, nem haviam de ser jungidos à causa de qualquer família. E, de repente, encheu-se de ódio por toda a sua estirpe, pelos seus tios e primos... sim, até mesmo pelo pai. Nesse momento o Tigre entrou, cansado dos seus giros por entre os soldados, desejoso de sentar-se diante da sua bebida, olhar para Yuan uns instantes e ouvi-lo falar de qualquer coisa. Mas Yuan não pôde aturá-lo... Levantou-se rapidamente e, sem uma palavra, saiu para ficar sozinho.

No seu velho quarto Yuan atirou-se para cima da cama e ali ficou, agitado, a chorar, chorando como costumava quando era rapazote; mas não por muito tempo, porque o Tigre demorou-se apenas o suficiente para indagar aos outros dois o que havia de anormal, seguindo logo atrás de Yuan, abrindo a porta e aproximando-se do leito do filho tão depressa quanto os seus velhos pés lhe permitiam. Mas Yuan não se virou para o pai. Permaneceu com o rosto mergulhado entre os braços, e o velho Tigre sentou-se ao lado dele, acariciou-lhe o ombro com a mão, deu-lhe palmadinhas, fez-lhe ansiosas promessas e entrecortadas súplicas, e disse: Escuta, meu filho, não és obrigado a fazer nada que não te agrade. Ainda não estou velho. Tenho estado ocioso demais. Reunirei os meus homens mais uma vez, irei guerrear de novo, de novo conquistarei a região, e ficarei com os impostos que aquele ladrão me tomou. Já o derrotei uma vez e sou capaz de derrotá-lo outra, e tu terás tudo. Ficarás aqui comigo e terás tudo. Sim, e casarás com quem quiseres. Eu estava errado. Agora já não sou tão antiquado, Yuan... sei como os jovens são hoje em dia...

O velho Tigre, na verdade, disse o que era mais indicado para fortalecer Yuan, tirando-o do seu choro e da sua piedade por si mesmo. O rapaz voltou-se e exclamou com veemência: Não mais o deixarei guerrear, pai, e...

Esteve prestes a dizer: «...não me casarei». Tantas vezes dissera isso ao pai, que as palavras vieram-lhe à boca espontaneamente.

Mas, no meio da sua mágoa, parou. Uma repentina interrogação se apossou dele. Não desejaria, de facto, casar-se? Não havia ainda uma hora tinha exclamado que os seus filhos seriam livres. Sem dúvida, haveria de casar-se um dia. Conteve as palavras e depois, com mais vagar, disse ao pai: Sim, um dia casarei com aquela que quero desposar.

218

Mas o velho Tigre gostou tanto de ver Yuan voltar o rosto para ele e cessar o choro, que respondeu prazenteiramente:

Hás-de casar... há-de casar... só quero saber quem é ela, meu filho, para mandar um intermediário arranjar as coisas; e avisarei a tua mãe... Afinal, qual é a maldita aldeã digna do meu filho?

Mas Yuan, fitando o pai enquanto este falava, começou a notar no seu espírito uma coisa de que não se apercebera. Não preciso de um intermediário disse lentamente, mas a sua atenção não estava posta nessas palavras. Na sua mente começava a surgir um rosto... o rosto jovem de uma mulher. Sei falar por mim mesmo. Falamos nós mesmos, hoje em dia, nós os jovens...

Foi então a vez do Tigre olhar fixamente, dizendo com severidade: Filho, que mulher decente existe a quem se possa falar assim? Não esqueceste as minhas antigas advertências contra tais mulheres, filho? Escolheste uma boa mulher, filho?

Mas Yuan sorriu. Esqueceu dívidas, guerras, todas as preocupações desses dias. De chofre o seu espírito, a braços com a incerteza, apegou-se a uma luminosa solução que lhe passara despercebida. Havia uma pessoa a quem podia contar tudo e graças à qual saberia o que devia fazer! Esses velhos eram incapazes de compreender, a ele e às suas necessidades, eram incapazes de se aperceber de que ele já não lhes estava ligado. Não, não eram mais capazes do que os estrangeiros. Ele conhecia, no entanto, uma mulher da sua época, não arraigada às coisas velhas como ele. Ele estava para sempre dividido entre duas épocas, porque não tinha poder para arrancar as suas próprias raízes e transplantá-las para os novos e necessários tempos em que o seu ser devia existir... Viu-lhe o semblante com mais clareza do que qualquer outro na sua vida inteira, e essa clareza fazia empalidecer todos os outros semblantes, até o do pai, que estava ali diante dos seus olhos. Só ela podia libertá-lo dele mesmo... só Mei-ling podia libertá-lo e dizer-lhe o que devia fazer. Ela que punha em ordem tudo em que tocava, saberia dizer-lhe o que fazer! Levado pelo próprio impulso, o coração de Yuan começou a agitar-se-lhe no íntimo. Devia voltar para ela. Sentou-se rapidamente na cama e pôs os pés no chão. Lembrou-se nesse instante de que o pai lhe dirigira uma pergunta, e respondeu, deslumbrado com a sua nova alegria: Uma boa mulher? Sim, escolhi uma boa mulher, meu pai!,

E sentiu uma impaciência como jamais sentira em toda a vida. Não havia que duvidar nem que recuar. Iria ter com ela imediatamente.

Não obstante, porém, a sua súbita impaciência, Yuan viu que devia permanecer esse mês com o pai. Na verdade, quando imã-
219

ginou uma desculpa para se ir embora, o Tigre ficou tão magoado e abatido que Yuan não pôde deixar de se comover, e retirou o pretexto que apresentara, de um negócio que o chamava à cidade do litoral. Deu-se conta, ainda, de que não ficava bem não esperar para ver a mãe, que nesse momento se encontrava na região onde vivera outrora. Essa mulher, desde que fora para a casa de barro por causa de Yuan, nunca abandonara o seu amor de infância à vida do campo, e agora que as suas duas filhas estavam casadas ia frequentemente à aldeia em que passara a juventude, hospedando-se na casa do irmão mais velho, que a suportava de bastante bom grado, porque ela não poupava prata, fazendo pequenas demonstrações de prodigalidade como esposa que era de um senhor da guerra; e a esposa do seu irmão apreciava essa exibição que a elevava acima das outras aldeãs. Se bem que o homem de confiança tivesse enviado um mensageiro para avisar a mãe que Yuan tinha chegado, ela ainda se demorara um dia ou dois.

Yuan estava desejoso e sôfrego de ver a mãe para lhe revelar que ele mesmo escolheria a sua esposa e que já a tinha escolhido, só restando que lhe dissesse isso. Teve forças, portanto, para continuar ali pelo mês a dentro, e com tanto mais facilidade quanto é certo seu tio e respectivo filho não terem tardado a voltar para a antiga casa grande, ficando Yuan sozinho com o pai.

O facto, porém, de se ter apercebido jubilosamente de Mei-ling, facilitou a Yuan ser cortês para com o tio, fazendo-o pensar com íntimo alívio: «Ela ajudar-me-á a encontrar um meio para liquidar esta dívida. Não direi palavras ásperas agora... até ela estar informada». E assim pensando, pôde dizer ao tio com firmeza, ao separarem-se: Fique descansado que não esquecerei a dívida. Escusa de nos emprestar mais dinheiro, tio, porque o meu primeiro cuidado, quando findar este mês, será conseguir um bom lugar para mim. Quanto a seus filhos, farei por eles o que puder.

Ao ouvir isto, o Tigre afirmou vigorosamente: Não tenhas dúvida, irmão, que tudo voltará às tuas mãos, pois o que eu não puder fazer na guerra o meu filho fará no governo, porque é perfeitamente seguro que ele alcançará um bom cargo oficial, com todos esses conhecimentos que tem.

Sim, não há dúvida, se ele tentar, retrucou o mercador.

Mas ao sair disse ao filho: Entrega nas mãos de Yuan o papel que escreveste. E o filho puxou da manga um papel dobrado, estendeu-o a Yuan, e disse com o seu arzinho verboso: É só a enumeração completa de todas as quantias, meu primo. Pensamos, meu pai e eu, que havias de querer tomar conhecimento dela com clareza.

Nem mesmo nesse momento Yuan se dispôs a zangar-se com aqueles dois homenzinhos. Segurou no papel com seriedade, mas

220

intimamente sorrindo, e com todas as mostras de cortesia exterior acompanhou-os até à saída.

Sim, agora as coisas não eram tão confusas para Yuan como tinham sido até aí. Soube ser cortês para com os dois, e depois de ambos terem partido, soube ser muito paciente com o pai durante as noites, enquanto o velho contava longas e palavrosas histórias das suas guerras e vitórias. Narrava a sua vida ao filho e gabava-se de todas as batalhas que travara; e enquanto falava, franzia as decrepitas sobrancelhas, cofiava os bigodes desalinhados, os olhos cintilavam-lhe e, afinal de contas, parecia-lhe, ao falar, que tivera uma vida bem gloriosa. Mas Yuan calmamente sentado, meio sorridente ao escutar os brados do velho Tigre, ao ver-lhe os sobrolhos crispados e a arremetida que fazia para mostrar como golpear o Leopardo, não podia senão indagar a si próprio como pudera ter medo do pai.

Entretanto, os dias passavam depressa. A verdade é que o pensamento de Mei-ling chegara tão de súbito a Yuan, que durante algum tempo fora preciso viver exclusivamente com ele; às vezes sentia-se mesmo contente por se demorar ali, alegrando-se com as horas em que se sentava escutando aparentemente a conversa do pai. Estava intimamente admirado de ter sido tão surdo ao seu coração a ponto de não se ter dado conta daquilo antes, justamente no dia do casamento de Ai-lan, quando, ao observar o cortejo nupcial e ao contemplar a beleza de Ai-lan, vira Mei-ling e a julgara ainda mais bela. Naquele momento devia ter-se dado conta. Devia ter-se dado conta numa dúzia de ocasiões posteriores, quando a vira aqui e acolá, pela casa, pondo ordem em tudo, com as suas mãos e com a sua voz dirigindo a criadagem. Mas não se dera conta, não se dera, até se encontrar chorando na solidão.

Esse devaneio de Yuan foi repetidas vezes interrompido pela voz feliz do velho Tigre, mas Yuan era agora *capaz* de prestar atenção como nunca o teria feito se não fosse o novo amor que lhe crescia no íntimo da alma. Ouvia num sonho tudo que o pai dizia, não discernindo muito bem entre as guerras passadas e as guerras que o pai projectava para o futuro; e o pai continuava a tagarelar: Ainda tiro algum proveito daquele filho que o meu irmão me deu. Mas ele não é um senhor da guerra, não é realmente um homem superior. Não me atrevo a confiar muito nele, pois é um preguiçoso dado ao riso... nasceu palhaço e morrerá palhaço, posso jurar. Afirma que governa em meu nome, mas envia-me muito pouco; há seis anos que lá não vou. Hei-de ir na Primavera... sim, devo realizar umas incursões guerreiras na Primavera. Bem sei que aquele meu sobrinho é susceptível de se bandear com qualquer inimigo que se aproxime, é capaz mesmo de se voltar contra mim...

221

A Yuan, que escutava meio distraído, pouco lhe importava esse

primo de quem mal se lembrava, só lhe ocorrendo que a tia mais velha comprazia-se em dizer: «O meu filho que é general no Norte». Sim, era agradável ficar a pensar na jovem a quem sabia que amava, dando de vez em quando uma resposta ao pai. E nesses pensamentos achou muito consolo. Disse consigo mesmo que não se envergonharia de que ela visse aqueles pátios, porque ela compreenderia a vergonha dele. Ambos eram da mesma raça, aquele era o país deles, fossem quais fossem os opróbios desse país. Podia mesmo dizer-lhe: «Meu pai é um velho e estúpido senhor da guerra, tão enredado em lendas que não sabe o que é falso e o que é verdadeiro. Mostra-se um homem poderoso e afinal nunca o foi». Sim, podia dizer-lhe coisas dessas, sabendo que ela compreenderia.

E quando pensava na simplicidade dela, sentia-se despojado de falsas vergonhas. Oh! Ir ter com ela, ser de novo ele mesmo, já não dividido pela incerteza, mas como fora durante aqueles poucos dias passados na terra, naquela casa de barro do seu avô, quando ficara sozinho e livre! com Mei-ling, poderia ser solitário e livre, e mais uma vez simples.

Por fim não foi capaz de pensar noutra coisa senão em lhe revelar aquilo de que sentia necessidade. Tão firmemente convicto estava de que ela o ajudaria, que, quando por fim a sua mãe chegou, teve forças para saudá-la devidamente e encará-la sem sofrer com o pensamento de que ela era sua mãe, sendo todavia uma criatura à qual ele nada tinha a dizer. Porque ela agora, apesar do seu semblante enrugado mas sadiamente corado, era uma verdadeira camponesa. Ergueu o olhar para ele, apoiada num bastão pelado a que se apoiava agora para caminhar, e os seus velhos olhos perguntaram, admirados: «Este é que é o meu filho?»

E Yuan, alto e diferente no seu trajo estrangeiro, olhou para a mãe que trajava à moda antiga casaco e saia de algodão preto, e indagou consigo: «Terei sido de facto formado no corpo desta velha? Não sinto ligação entre a nossa carne».

Mas não sofreu nem se envergonhou. Àquela mulher branca, se a tivesse amado, teria dito com grande vergonha: «Esta é a minha mãe». Mas a Mei-ling podia dizer: «Esta é a minha mãe», e ela, sabendo que milhares de homens como ele tinham nascido de tais mães, não estranharia, porque nada lhe era estranho.

Contentar-se-ia em saber que assim era, e isso lhe bastaria...

Mesmo diante de Ai-lan ele sentiria vergonha, mas não diante de Mei-ling. Podia pôr o seu coração a nu diante dela, sem vergonha alguma. Essa convicção tornou-o portanto tranquilo, mesmo na sua impaciência, e certo dia, mais tarde, disse claramente à mãe:

Contraí esposais, ou praticamente estou nessa situação. Já escolhi a rapariga.

Ao que a velha respondeu mansamente: O teu pai disse-me. Eu tinha-lhe falado de uma ou duas raparigas que conheço, mas o teu pai tem sempre deixado que tu faças o que queres. Tens sido sempre filho dele, e muito pouco meu, mas como está continuamente mal-humorado, não me posso opor a ele. Sim, aquela instruída conseguiu escapar e ir-se embora, mas eu fiquei para o aturar e para ele descarregar em cima de mim o seu mau humor. Mas espero que seja uma rapariga decente, que saiba cortar um casaco e assar um peixe como deve ser, e espero que possa vê-la de vez em quando, embora saiba que estes novos tempos vão à desfilada, e que os jovens fazem o que bem entendem, não vindo as noras nem sequer ver a mãe do marido como deviam vir. Mas Yuan pensou que ela parecia contente por não precisar de mexer-se mais. Sentou-se, com os olhos fixos no vácuo como era costume dela, moveu um pouco os olhos e as mandíbulas, esqueceu-se do filho, e a pouco e pouco adormeceu; pelo menos assim parecia. Ele e ela não eram do mesmo mundo, e para Yuan nada significava ser filho dela. Na verdade, tudo agora era insignificante para Yuan, excepto voltar à presença de Mei-ling.

Quando Yuan se despediu dos pais, empenhou-se em apresentar as suas despedidas cortesmente, como se lamentasse deixá-los, e regressou ao Sul de comboio, estranhando reparar tão pouco desta vez nos passageiros. Se estes se comportavam ou não convenientemente significava o mesmo para ele, pois não era capaz de pensar senão em Mei-ling. Pensou em tudo o que conhecia dela. Recordou-se de que ela tinha uma mão muito forte mas de palma estreita, com dedos muito delicados, e admirou-se de que essa mão possuísse agilidade e firmeza para extirpar uma protuberância malsã da carne humana. Todo o corpo dela tinha esse delicado vigor, o vigor de robustos ossos bem ligados debaixo da pele fina e pálida. Recordou por diversas vezes como ela era hábil em tudo, como a criadagem olhava para ela, como Ai-lan fazia questão em ouvir Mei-ling pronunciar-se sobre se um casaco lhe caía bem; e só Mei-ling era capaz de fazer, no lugar da senhora, o que esta gostaria de ter feito. Entusiasmado, Yuan monologou: «com vinte anos ela vale mais do que muita mulher de trinta».

A jovem, quando Yuan a evocava, tinha para ele este duplo encanto: era serena e grave como as mais velhas que ele conhecia, a senhora sua mãe, a sua tia, e todas as que tinham sido educadas nos velhos métodos de educar donzelas; mas, por outro lado, tinha também essa característica moderna de não ser acanhada e silenciosa diante dos homens. Sabia falar clara e abertamente em qualquer parte, e, mantendo a sua personalidade diferente, ser tão tratável como Ai-lan. Deste modo, no meio da trepidação do comboio e enquanto iam ficando para trás campos e cidades,

223

Yuan nada via. Apenas sonhava com Mei-ling, evocando-lhe as menores palavras e atitudes, reconstituindo mentalmente toda a sua querida figura. Quando relembrou tudo aquilo de que foi capaz, deixou o espírito antegozar o momento em que a veria, imaginando como lhe falaria, o que lhe diria a respeito do seu amor. Tão

perfeitamente como se já estivesse a viver esse momento, viu-lhe o olhar grave e bondoso fitando-o enquanto ele falava. E depois... oh, ainda teve de pensar em como ela era jovem, sem ser atrevida e temerária, e sim calma e muito reservada. Mas em todo o caso seria lícito tomar-lhe a mãozinha, aquela mão estreita, serena e bondosa...

Todavia, qual é a pessoa capaz de afeiçoar um encontro à sua vontade, e qual é o amante que esteja seguro do que irá encontrar num certo momento? A língua de Yuan, que tão facilmente murmurava as palavras no comboio, nada soube dizer quando chegou a hora. Ao entrar em casa, encontrou-a vazia e silenciosa; apenas viu um criado. Tal quietude feriu-o como um calafrio.

Onde está ela? bradou ao criado, mas logo, caindo em si, perguntou com mais calma: Onde está a senhora minha mãe?

Respondeu o criado: Elas foram ao Recolhimento ver uma criancinha ali deixada há pouco e que está doente. Disseram-me que talvez se demorem.

Yuan não teve outro remédio senão acalmar o coração e esperar. Esperou, tentando fixar o pensamento em qualquer coisa, mas não era dono do seu espírito, que se voltava espontaneamente para aquela grande esperança que acalentava. Veio a noite sem que elas chegassem, e quando o criado anunciou o jantar, Yuan teve de ir comer sozinho, sentindo a comida seca e insípida na boca. Quase chegou a odiar a criança que desse modo atrasara a hora por que ele suspirara durante tantas semanas.

Mas justamente quando estava prestes a levantar-se por não ser capaz de comer, a porta abriu-se e entrou a senhora, de semblante cansado e abatido; com ela vinha Mei-ling, calada e triste, como Yuan jamais a vira. Olhou para Yuan sem o ver e disse-lhe em voz baixa, como se Yuan não tivesse estado ausente:

A criancinha morreu. Fizemos o que foi possível, mas morreu!

A senhora suspirou, sentou-se, e disse, também pesarosa:

Estás de volta, meu filho?... Nunca vi uma criancinha recém-nascida tão encantadora, Yuan... abandonada há três dias no limiar da porta... mas não era pobre, porque o casquinho dela era de seda. Julgámos a princípio que estivesse bem de saúde, mas esta manhã teve convulsões; foi esse velho e inveterado mal que pesa como uma praga sobre os recém-nascidos e os leva antes do décimo dia. Tenho visto as crianças mais lindas e saudáveis

224

dizimadas por esse mal como por um sopro maldito, e nada o consegue deter.

A jovem escutou tudo em silêncio e não conseguiu comer.

As suas mãos estreitas crispavam-se sobre a mesa e exclamou com raiva: Sei que doença é essa. E preciso vencê-la!

Yuan, ao olhar para o rosto irado de Mei-ling, que estava mais comovido que nunca, viu que os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Essa cólera e essas lágrimas gelaram-lhe o coração inflamado, pois sabia que lhe fechavam o espírito da jovem. Sim, ele pensava nela e só nela, mas nesse momento ela não

pensava nele; embora Yuan tivesse estado ausente, durante semanas ela não pensava nele. Yuan limitou-se, pois, a ouvir e a responder tranquilamente às perguntas que a senhora lhe fez a respeito da casa do pai. Não pôde deixar de ver, porém, que Mei-ling nem sequer ouvia as perguntas ou as respostas que ele dava. Estava estranhamente parada, com as mãos imóveis no colo, olhando fixamente para ele sem nada dizer. Apenas, por mais de uma vez, os seus olhos molharam-se de lágrimas. E como visse que o seu espírito estava muitíssimo longe dele, Yuan nessa noite não lhe falou.

Mas, como poderia descansar antes de lhe falar? Durante toda a noite teve sonhos intermitentes, estranhos sonhos de amor, em que o amor, porém, nunca lhe aparecia claramente. De manhã acordou exausto. O dia também se mostrava cinzento, o dia exacto em que o Verão termina e principia o Outono. Quando Yuan se levantou e olhou pela janela, não viu senão tons de cinzento por toda a parte; um céu liso, quieto, e plúmbeo por sobre a cidade plana e cinzenta, em Cujas ruas os transeuntes se moviam indolentes, miúdos e cinzentos. Nesse ambiente sem vida o seu ardor dissipou-se, e Yuan admirou-se de ter pensado alguma vez em Mei-ling.

Nesse estado de espírito se sentou para a refeição matinal, e enquanto comia com indiferença, pois o próprio alimento nesse dia se lhe afigurava insosso e insípido, a senhora entrou. Não quis comer nada antes de saber o que se passava com Yuan. Começou, pois, a crivá-lo gentilmente de perguntas. E ele, julgando impossível falar do seu novo amor, contou-lhe que o pai contraíra grandes empréstimos junto do tio. Muito surpreendida, ela exclamou:

Por que não me teria ele dito que estava tão duramente necessitado de dinheiro? Eu podia ter gasto menos. Sinto-me contente por ter gasto o meu próprio dinheiro com Mei-ling. Sim, foi uma espécie de orgulho que me levou a fazer isso; antes de morrer, o meu pai deixou-me muito dinheiro, pois não tinha filho varão, e depositou as suas posses num sólido banco estrangeiro onde ficaram guardadas ao longo de todos estes anos. Ele gostava muito

15 - C. D.

225

de mim, chegou a vender muitas das suas terras que herdara para me dar dinheiro. Se eu tivesse sabido, teria...

Mas Yuan contrapôs obstinadamente: Por que razão 'haveria de fazer isso? Não; hei-de conseguir um lugar onde o que' aprendi me será útil, economizarei o meu ordenado, tanto quanto puder, e pagarei ao meu tio.

Ocorreu-lhe então que, se assim fizesse, nunca chegaria a ter o suficiente para se casar, montar casa e realizar todos esses planos que são as melhores esperanças de um jovem. Nos velhos tempos os filhos moravam com o pai, e a esposa do filho e os filhos do filho comiam da panela comum. Mas nos tempos actuais Yuan não suportaria uma tal situação. Quando pensou nos pátios em

que residia o Tigre e naquela velha mãe que seria a sogra de Mei-ling, jurou que Mei-ling nunca lá moraria. Haviam de ter o seu próprio lar algures, um desses lares que Yuan aprendera a apreciar, com quadros nas paredes, cadeiras fofas e asseio em tudo... e só eles dois nesse lar, livres de fazer o que lhes agradasse. E ao meditar em tudo isto mostrou-se tão sonhador ante os próprios olhos da senhora, que ela disse muito bondosamente: Ainda não me contaste tudo.

Então, de súbito, o sentimento de Yuan não se conteve, fazendo-o exclamar, de rosto vermelho e olhos tão ardentes que os sentia queimar sob as pálpebras: Tenho mais que contar... sim, tenho mais que contar! Não sei como comecei a amá-la, e se não viver com ela morrerei.

Ela?interrogou a senhora, admirada. Ela quem?

E, mentalmente, começou a indagar quem seria. Mas Yuan respondeu: Quem, se não Mei-ling?

A senhora ficou tomada de espanto, pois não imaginara tal coisa, uma vez que Mei-ling para ela era ainda uma criança apenas, uma criança que ela recolhera da rua num dia de frio e levava para casa. Encarou Yuan, guardou silêncio por uns instantes, e depois disse pensativa: Ela ainda é jovem e tem a cabeça cheia de projectos. Em seguida acrescentou: Os pais dela são desconhecidos. Não sei qual será a reacção do teu pai se souber que ela é uma criança enjeitada.

Mas Yuan redarguiu, agora com impaciência: O meu pai nada tem a dizer quanto a este assunto. Nos tempos modernos não serei coagido a proceder segundo os velhos métodos. Escolherei por mim próprio.

A senhora recebeu esta resposta com indulgência, pois já estava habituada a tal tipo de afirmações, que Ai-lan repetia com frequência, e sabia, por conversas com outros pais, que todos os rapazes e raparigas diziam a mesma coisa, tendo os mais velhos de suportar a situação como podiam. Limitou-se, pois, a perguntar: E já falaste com ela?

226

Yuan perdeu imediatamente o arrojo e disse, acanhado como qualquer namorado antigo: Não, e não sei como começar.

E depois de reflectir um pouco, acrescentou: Dir-se-ia que os pensamentos dela estão sempre voltados para qualquer tarefa que muito a ocupa. As outras raparigas encorajam os pretendentes com certos olhares ou mesmo com alguns contactos de mãos; pelo menos assim ouvi dizer; mas ela nunca faz isso.

Não, respondeu a senhora com orgulho, Mei-ling, nunca.

Ora, justamente quando Yuan estava a braços com o desânimo, ocorreu-lhe uma ideia. Pediria que a senhora falasse por ele.

E afinal, apressou-se a argumentar perante si próprio, seria

realmente melhor assim. Mei-ling ouviria a senhora, a quem tanto estimava e respeitava, e para ele seria vantajoso.

Assim, pois, pareceu-lhe preferível não ser ele mesmo a falar, apesar dos novos tempos. Seria por assim dizer uma mistura de novos e velhos métodos, e ela, sendo ainda tão jovem, poderia por seu lado gostar mais dessa situação. Tudo isto pensou Yuan, e, sofregamente, disse à senhora: Quer falar por mim, mãe?

Ela é ainda muito jovem. Talvez, sendo eu a falar, ela se assustasse...

A senhora sorriu, fitou Yuan com certa ternura, e respondeu: Se ela quiser casar contigo, meu filho, que assim seja, se teu pai o permitir. Mas eu não a obrigarei. Isso nunca farei... obrigar uma jovem a aceitar um homem. É o único e maior bem que esta nova época trouxe às mulheres... o de elas não terem de ser forçadas a casar.

Não, não...exclamou Yuan.

Mas não lhe passou pela cabeça que a jovem tivesse de ser forçada, porque é coisa natural todas as raparigas casarem. Acontece que, enquanto conversavam e terminavam a refeição, Mei-ling entrou, louça e escorreita no vestido de seda azul escuro que usava para ir à escola, com os curtos cabelos lisos e negros presos atrás das orelhas, as quais não ostentavam jóia alguma, tal como as mãos, ao contrário de Ai-lan que se cobria sempre de jóias sob pena de não se sentir completamente vestida. O semblante estava tranquilo, os olhos serenos e firmes, a boca sinuosa e não muito intensamente vermelha como a de Ai-lan, e as faces pálidas e lustrosas. Entretanto, embora Mei-ling nunca tivesse sido rosada, mostrava sempre uma tez alourada delicada e lisa que ressumava saúde. Cumprimentou cortesmente, e Yuan notou que o sono da noite fizera desaparecer nela a angústia da véspera; a jovem recuperara a tranquilidade e estava bem disposta para o novo dia.

No momento em que Yuan a fitava, enquanto ela se sentava e pegava na tigela para comer, a senhora começou a falar, com um imperceptível sorriso nos lábios e nos olhos. Subitamente,

223

se Yuan tivesse podido detê-la ou adiar para outra ocasião aquele instante, tê-lo-ia feito. Desejou vivamente impedir o que a senhora ia dizer, foi invadido pela timidez, baixou os olhos e sentiu-se consumido pelo infortúnio. A senhora, porém, falou; e o imperceptível sorriso cintilava-lhe nos olhos, porque percebia a perturbação de Yuan. Disse:Filha, tenho uma pergunta a fazer-te.

Este jovem, Yuan, não obstante ser arraigadamente moderno e querer escolher a sua esposa, no momento decisivo fraqueja, volta aos velhos costumes e pede afinal o concurso de um intermediário. Sou eu o intermediário, e a jovem escolhida és tu: queres

aceitá-lo ?

Assim falou a senhora cruamente, com voz seca e fria, e Yuan quase a odiou por lhe parecer que ela não poderia ter falado pior, pois aquilo era o bastante para intimidar qualquer rapariga.

E Mei-ling intimidou-se. Largou cuidadosamente a tigela baixou os pauzinhos e fitou a senhora aterrorizada. Em seguida, numa vòzinha muito baixa, sussurrou: *Tenho* de aceitá-lo ?

Não, filha, respondeu a senhora, tornando-se séria. Não és obrigada a isso, se não quiseres.

Então não quero respondeu com alegria a jovem, subindo-lhe ao rosto um resplendor de alívio. E acrescentou imediatamente: Tenho colegas, mãe, que choram perdidamente por terem de deixar a escola para casar. E isso deixou-me assustada. Oh, muito obrigada, mãe! E a jovem Mei-ling, que se mostrava sempre tão serena e reservada, ergueu-se rapidamente do seu lugar e foi prostrar-se ante a senhora numa atitude de gratidão, curvando-se até ao chão. Mas a senhora fê-la levantar e passou um braço em torno dela.

O olhar da senhora voltou-se então para Yuan; ali estava ele, com o rosto pálido, de onde fugira todo o sangue ardente; tinha pálidos os próprios lábios que ele mordia para conservar imóveis, pois não queria chorar. A senhora apiedou-se dele e disse com bondade, olhando para a jovem: Mas gostas do nosso Yuan, não é verdade, Mei-ling?

A jovem apressou-se a responder: Oh, sim, ele é meu irmão. Gosto dele, mas não para casar. Não quero casar-me, mãe. Quero completar o curso e ser médica. Quero aprender e aprender sempre. Todas as mulheres casam. Mas eu não quero apenas casar, cuidar da casa e dos filhos. Estou de todo o coração resolvida a ser médica!

Quando Mei-ling acabou de pronunciar estas palavras, a senhora olhou para Yuan como que triunfalmente. E, por sua vez, olhando para as duas mulheres, Yuan percebeu-as ligadas contra ele, aliadas contra um homem, e não o pôde suportar. Afinal, havia algo de bom nos antigos costumes, pois era coisa correcta e natural que as mulheres casassem e tivessem filhos; Mei-ling

228

devia querer casar-se, e se não queria, é porque existia nela qualquer perversão. Colérico, na sua qualidade de homem, contra ambas as mulheres, pensou: «É bem estranho que as mulheres sejam assim hoje em dia! Quem já ouviu falar de uma rapariga que não se casa quando chega a sua altura ? É coisa bem estranha essa das jovens não se casarem... uma coisa triste pára o país e para a próxima geração!» Pensou, por fim, em como são imbecis até as mulheres mais sensatas. Procurou os olhos calmos de Mei-ling, encontrou-os, e pela primeira vez considerou-os duros e frios por se mostrarem tão calmos e seguros; fitou-a, despeitado.

Mas a senhora respondeu por ela, certamente: Ela não casará enquanto não quiser. Fará uso da sua vida como melhor lhe parecer; e tu, Yuan, tens de te resignar.

E as duas mulheres encararam-no, hostis na sua moderna liberdade, a mais nova envolvida pelo braço da mais velha.

...Sim, ele tinha de se resignar!

Nesse dia lúgubre, mais tarde, Yuan saiu do quarto onde se refugiara atirando-se para cima da cama, e pôs-se a vaguear pelas ruas, com o espírito mais uma vez conturbado. Chegara mesmo a chorar muito na sua desgraça, e o coração doía-lhe agora com verdadeiro sofrimento, como se tivesse passado do excessivo calor para o excessivo frio e não pudesse pulsar como devia.

Que havia de fazer, agora? perguntava Yuan a si mesmo na sua melancolia. Andou ao deus-dará pelas ruas, empurrado e empurrando, sem ver ninguém... Bem, se a alegria se fora, permanecia ainda o dever. Tinha a dívida a saldar. Sozinho, pelo menos, podia cumprir a sua obrigação. Restava-lhe o velho pai em quem pensar; considerou o que podia fazer, e onde encontrar um lugar para trabalhar, viver e economizar dinheiro do ordenado a fim de pagar a dívida. Cumpriria o seu dever, disse de si para si; e sentiu-se no auge do esgotamento.

Passou assim lentamente o dia, vagabundando por toda a cidade, que se lhe tornou odiosa. Odiou-lhe todas as estrangeirices, os rostos estrangeiros nas ruas, as vestes estrangeiras que até os seus compatriotas usavam, o próprio trajo que *trazia* no corpo. Afigurou-se-lhe, pelo menos naquela ocasião, que os velhos costumes eram melhores. Bradou furiosamente com o coração frio, paralisado: «São esses costumes estrangeiros que levam as nossas mulheres a toda essa obstinação e conversa acerca de liberdade, de modo que põem a natureza de lado e vivem como monjas ou cortesãs!» E evocou com ódio especial a filha impudica daquela estalajadeira, e Mary, cujos lábios se haviam oferecido prontamente; e vituperou ambas. Por fim olhou com tamanho ódio para cada mulher por quem passava, que, não podendo supor-

229

tá-las mais, murmurou: «you sair desta cidade, seja como for.

Vou-me afastar para qualquer ponto onde nada veja de estrangeiro, de novo, e viva a minha vida no meu próprio país. Antes não tivesse ido ao estrangeiro! Antes nunca tivesse deixado a casa de barro!»

De repente, lembrou-se daquele velho camponês que conhecia, e que lhe ensinara a manejar uma enxada. Iria ver aquele homem e sentir de novo a sua raça, a sua raça. não maculada por esses estrangeiros e todos os seus costumes.

Imediatamente tomou um veículo colectivo para apressar caminho, e quando o veículo chegou ao terminal do seu trajecto, continuou a pé. Caminhou muito nesse dia, à procura da terra onde uma vez plantara, bem como do lavrador e da sua casa. Mas

não a conseguiu achar até cair a noite, porque as ruas estavam mudadas, cheias de construções e de gente. Quando, por fim, atingiu o lugar e o reconheceu, já não encontrou terras para plantio. Ali, na terra que havia poucos anos produzira tão fértilmente, onde o lavrador se orgulhava de dizer que a sua família vivera uma centena de anos, erguia-se agora uma fábrica de seda. Era uma grande construção moderna, quase do tamanho de uma aldeia; as paredes eram de tijolos novos e vermelhos, e nos telhados numerosas janelas resplandeciam; das chaminés jorrava uma fumarada negra. Justamente quando Yuan estava a contemplá-la, soou um silvo agudo, os portões de ferro escancararam-se, e pela enorme abertura começou a passar um lento e espesso tropel de homens, mulheres e crianças, consumidos pelo dia de trabalho e pela consciência do dia de amanhã que viria, e dos muitos e muitos dias que passariam como aquele. As roupas estavam ensopadas de suor, e em torno deles pairava o fedor das larvas mortas nos casulos dos quais se tira a seda. Yuan ficou a olhar para aquelas fisionomias, pensando fantasticamente que uma delas seria a do lavrador, que este devia ter sido tragado, do mesmo modo que a sua terra o fora, por aquele novo monstro. Mas não, ele não estava ali. Aquelas criaturas eram os pálidos habitantes da cidade que se arrastavam para fora das choças, de manhã, e a elas voltavam à noite. O camponês tinha ido para outro sítio. Ele, a velha esposa e o velho búfalo tinham abalado para outras terras. Claro que tinham partido, disse Yuan a si mesmo. Viviam algures a sua vida, vigorosamente, como sempre a tinham vivido no passado. Ao pensar neles sorriu ao de leve, e esquecendo de momento as suas próprias penas, dirigiu-se pensativamente para casa. Assim achou, de certo modo também, a sua própria vida.

230

CAPÍTULO IV

Dois factos vieram, no dia seguinte, dar rumo à vida de Yuan. De manhã, muito cedo, a senhora disse-lhe: Não é conveniente, meu filho, morares nesta casa, por enquanto. Considera como será difícil para Mei-ling, agora, ver-te todos os dias, sabendo o sentimento que existe no teu coração para com ela

Yuan respondeu, com um resto da raiva do dia anterior: Eu Sei disso muito bem, porque o mesmo sinto eu. Desejo viver num sítio onde não tenha que vê-la todos os dias e onde não precise de lembrar-me, cada vez que a vejo ou lhe ouço a voz, que ela não me quer.

Yuan arremessou estas palavras com ímpeto e raiva, mas | antes de terminar a voz tremeu-lhe e, por mais que tentasse manter a raiva e afirmar que queria estar onde não visse Mei-ling, verificou desgraçadamente que na verdade apesar de tudo preferia |

viver no sítio onde pudesse vê-la e ouvir-lhe a voz. Mas, nessa manhã, a senhora manifestava a sua proverbial mansidão; agora, que não precisava de defender Mei-ling ou a causa das mulheres contra os homens, mostrava-se delicada e compreensiva. Percebeu muito bem o tremor na voz de Yuan, e notou que ele não concluiu a frase e se atirou apressadamente à tigela de comida, pois estavam nesse momento à mesa, com excepção de Mei-ling. Disse para o consolar: Este, meu filho, é o teu primeiro amor, que te vem impulsivamente. Conheço a tua natureza, que é muito parecida com a do teu pai, o qual todos me dizem parecer-se com a mãe dele, e esta era uma alma quieta e grave, e tinha extraordinário apego àqueles a quem amava. Sim, e Ai-lan parece-se com o teu avô; o teu tio contou-me que ela tem o aspecto risonho do avô... Pois bem, meu filho, és novo demais para te apegares fortemente a qualquer coisa. Procura um lugar que te agrade, trabalha seja como for, dedica-te a liquidar a dívida que

231

tens para com o teu segundo tio, trava relações com outros rapazes e raparigas, e ao cabo de um ano ou dois... Fez uma pausa e olhou para Yuan, que por sua vez olhava para ela à espera. Ao cabo de um ano ou dois, talvez Mei-ling esteja mudada. Quem saberá dizê-lo?

Mas Yuan não nutria esperanças. Respondeu com obstinação: Não, ela não é das que mudam, mãe; vejo bem que é incapaz de me suportar. Foi de repente, num momento, que me dei conta de que era ela a mulher que eu queria. Não me interessam as raparigas de tipo estrangeiro... não gosto delas. Mas Mei-ling coaduna-se comigo. Pertence à espécie de mulheres que eu admiro... É de certo modo moderna e, ao mesmo tempo, antiga...

De súbito, Yuan calou-se novamente e encheu a boca de comida; mas não conseguiu engoli-la, porque a garganta estava embargada por lágrimas que tinha vergonha de derramar; parecia-lhe infantilidade chorar por amor, e desejava convencer-se de que não se importava com aquilo.

A senhora percebia tudo isso perfeitamente; deixou passar algum tempo, e por fim disse brandamente: Bem, deixa por enquanto as coisas neste pé e vamos esperar. És bastante novo. Podes esperar e tens muito que fazer com a dívida. É indispensável não esqueceres que tens um dever filial a cumprir, e o dever é o dever, apesar de tudo.

A senhora disse isto com o propósito de atenuar o abatimento de Yuan e conseguiu-o, pois ele engoliu com dificuldade, uma ou duas vezes e desabafou; embora dissesse apenas o que se tinha dito na véspera, sentiu-se aliviado; agora já não podia guardar aquilo consigo: Sim, é o que eles dizem sempre, mas juro que estou farto. Sempre cumpro o meu dever para com meu pai; e de que modo me recompensou ele? Quis jungir-me a uma camponesa

analfabeta, atando-me para todo o sempre, sem saber o que fazia. Agora atou-me de novo, ao meu tio; mas eu hei-de fazer o que já fiz antes... Vou juntar-me a Meng e vou empenhar a minha vida a lutar contra o que os velhos chamam dever... Tornarei a fazê-lo... o meu pai não tem a desculpa de que procedeu inocentemente. É um contra-senso moral ser inocente e prejudicar-me como ele me...

Ora, Yuan sabia que não tinha razão e que, se o Tigre tentara coagi-lo, por outro lado libertara-o da prisão com todo o dinheiro que conseguira obter para tal fim. Não obstante, a sua ira continuava inflamada e pronta para revidar, à evocação que a senhora fizesse desses factos. Mas, em vez das palavras que esperava ouvir, ela disse tranquilamente: Acho que seria óptimo, para ti, ires viver com Meng na nova capital. Surpreendido com a falta de argumentos dela, Yuan emudeceu e, assim, o assunto foi postergado e não acrescentaram mais nada.

232

No mesmo dia, por acaso, chegou uma nova carta de Meng, endereçada a Yuan, e, ao abri-la, Yuan topou em primeiro lugar com uma censura do primo que se queixava de não ter recebido resposta; em seguida, Meng dizia com impaciência: «É com dificuldade que tenho mantido este cargo à tua espera, pois nos tempos que correm para cada vaga como esta apresentam-se cem homens. Vem depressa, no próprio dia em que receberes esta carta, pois daqui a três dias abre a grande escola e não há tempo para trocar correspondência». E Meng concluía com ardor: «Nem todos os homens têm uma oportunidade como esta para trabalhar na nova capital. Há aqui milhares deles que aguardam trabalho. Toda a cidade está a ser remodelada... está a construir-se tudo o que deve ter uma grande cidade. As antigas ruas tortuosas foram arrasadas e, agora, será tudo novo. Vem colaborar nesta obra!» Ao ler essas palavras arrojadas, Yuan sentiu palpar o coração; atirou a carta para cima da mesa e exclamou alto: Então, irei! No mesmo instante, começou a juntar os livros, as roupas, todos os seus apontamentos e escritos, e aprontou-se para uma nova fase da sua existência.

Ao meio-dia pôs a senhora ao corrente da carta de Meng, dizendo: O melhor que tenho a fazer é ir, porque vem tudo a propósito. A senhora concordou de bom grado, e mais uma vez cessaram de falar; ela, porém, mostrava-se, como de costume, bondosa e um tanto alheia ao que tinha na frente.

Nessa noite, quando Yuan foi jantar com ela, a senhora falou como habitualmente de muitas coisas corriqueiras: que Ai-lan estaria em casa daí a quinze dias, pois fora com o marido gozar um mês de folga na velha capital nortista, e já tinham passado duas semanas; falou de uma tosse que aparecera no Recolhimento e alastrara de criança em criança, a ponto de haver agora oito atacadas. Disse, depois, serenamente: Mei-líng esteve lá todo o dia, experimentando certo remédio que os estrangeiros

empregam contra essa tosse, introduzindo no sangue uma droga líquida por meio de uma agulha. Mas avisei-a de que partirias dentro em pouco e disse-lhe que viesse para casa hoje à noite, para podermos estar todos juntos mais uma vez.

Acontece que, para além dos outros pensamentos e projectos desse dia, Yuan indagara amiúde a si mesmo se tornaria a ver Mei-ling. Às vezes, não queria vê-la, mas quando assim pensava voltava a dizer com os seus botões, numa ânsia impetuosa, que gostaria talvez de vê-la mais uma vez, sem que ela o percebesse, seguindo-a com os olhos, contemplando-lhe as expressões e os movimentos, mesmo sem lhe ouvir a voz. Mas não queria pedir para vê-la. Se a visse, muito bem; mas se ela se demorasse de modo a tornar isso impossível, resignar-se-ia.

É que o amor frustrado causava nele, por assim dizer, uma
233

fermentação. Muitas vezes, nesse dia, ficou parado no meio do quarto; atirava-se para cima da cama, e, cheio de melancolia pensava na recusa de Mei-ling; chegou até a chorar, na solidão. As vezes ia à janela, debruçava-se estendendo o olhar pela cidade, reverberando à quente luz do Sol, tão descuidado de si como uma mulher alegre; mas logo se enraivecia por amar e não ser amado. Sentia-se amargamente desiludido, até que uma dessas vezes lhe ocorreu uma coisa de que se esquecera: que duas mulheres o tinham amado sem que ele retribuísse esse amor. Ao reflectir nisso, sentiu um grande temor e murmurou intimamente: «Porventura, ela nunca me há-de amar como eu nunca as amei?»

Ela odeia a minha carne como eu odiei a delas, e de tal modo que ela própria não o possa evitar ?» Mas verificou que esse temor era grande demais para poder ser suportado, e pensou prontamente : «Não é a mesma coisa... elas nunca me amaram verdadeiramente... como eu a amo. Ninguém jamais amou como eu».

E tornou a monologar com orgulho: «Amo-a com a máxima pureza e elevação. Não pensei sequer em tocar-lhe a mão... isto é, só pensei nisso por momentos, e no caso de ela vir a amar-me...»

Era como se ela devesse (e devia) compreender quão grande e puro era o amor que lhe dedicava; de modo que lhe cumpria vê-la mais uma vez e deixá-la perceber quão constante era, apesar de ter sido repellido.

Todavia, ao escutar as palavras da senhora, sentiu que o sangue lhe subia ao rosto, e por um instante desejou febrilmente que a jovem não viesse, e não chegasse a vê-la antes de partir. Mas, antes que pudesse inventar um subterfúgio, Mei-ling entrou com a habitual tranquilidade. A princípio, não foi capaz de encará-la de frente. Ficou de pé, até ela se sentar, viu-lhe a seda verde-escura do vestido, e em seguida enxergou-lhe as encantadoras mãos estreitas, que erguiam os pauzinhos de marfim, da mesma cor da sua pele. Yuan nada pôde dizer, e, ao reparar no seu silêncio, a senhora perguntou, em tom rotineiro, a Mei-ling: Terminaste o trabalho?

E Mei-ling respondeu no mesmo tom: Sim, até à última criança. Mas acho que, para algumas, cheguei tarde. Já tossem,

mas, pelo menos, o remédio há-de aliviá-las. Sorriu meigamente e acrescentou: Sabe, aquela de seis anos a quem chamam Carochinha?

Quando me viu chegar com a agulha, exclamou, a chorar: «Oh, mãezinha, deixe-me tossir... prefiro tossir... escute e veja que eu já estou a tossir!» E logo se pôs a tossir com uma tosse alta e fingida.

As duas desataram a rir, e Yuan riu também um pouco, e ao rir achou-se a fitar Mei-ling, sem dar por isso. E, para sua vergonha, não pôde deixar de contemplá-la. Os seus olhos prenderam-se aos dela, embora não falasse, e suspendeu a respiração

234

vigorosamente para lançar-lhe um olhar súplice. Então, embora as suas faces pálidas corassem, a jovem sustentou-lhe o olhar, fitando-o francamente e em seguida disse, ofegante e depressa como nunca a ouvira falar, e como se ele lhe tivesse dirigido uma pergunta: Hei-de escrever-te, Yuan, e tu podes também escrever-me. E

logo, como se não pudesse suportar-lhe o olhar por mais tempo, voltou-se acanhadíssima, encarou a senhora, com as faces ainda a arder, mas com a cabeça intrepidamente erguida, e perguntou: Está de acordo, mãe?

A senhora respondeu, serenando a voz como se falasse de uma coisa perfeitamente natural: E porque não, filha? São apenas cartas entre irmão e irmã, e, mesmo que não fossem, que diferença faria, nestes tempos?

Sim, disse a jovem com ar venturoso, e volveu para Yuan um olhar cintilante. E Yuan sorriu-lhe, pagando olhar com olhar; o seu coração, que todo o dia estivera oprimido pela tristeza, encontrou de chofre uma porta aberta para se expandir. Pensou: «Posso contar-lhe tudo!» E ficou em êxtase, já que nunca tivera na vida uma pessoa a quem pudesse contar tudo; e passou a amá-la ainda mais do que até ali.

Essa noite, no comboio, matutou: «Posso passar sem amor toda a vida, parece-me, se puder conservá-la como uma amiga a quem conte tudo». Deitou-se na estreita cama, sentindo-se invadido por puros e altos pensamentos, santificado pelo seu amor e repleto da mais vigorosa coragem, tão encorajado por aquelas palavras dela como antes estivera abatido.

De manhã cedo, o comboio passou correndo por entre colinas que verdejavam à luz do Sol nascente, depois deslizou uma milha ou duas ao longo da vasta, velha e sonora muralha de uma cidade, e em seguida parou de súbito junto de um grande edifício novo, construído com argamassa cinzenta e em estilo estrangeiro. Pela janela, Yuan viu claramente contra esse cinzento um homem que reconheceu instantaneamente ser Meng. O Sol batia-lhe em cheio na espada, numa pistola presa ao cinto, nos botões de latão, nas luvas brancas, no seu rosto magro, de fórmulas salientes. Atrás dele estava, correctamente formada, uma guarda de soldados, cada um dos quais tinha a mão no coldre da pistola.

Até esse momento, Yuan não fora mais do que um passageiro como os outros; mas, quando desceu do comboio e foi cumprimentado por um oficial tão imponente, a multidão abriu-lhe

caminho sem perda de tempo e indivíduos maltrapilhos que acoassavam outros passageiros, pedindo-lhes permissão para levar-lhes a bagagem aos ombros, logo os abandonaram e correram para Yuan, dirigindo agora os seus rogos a ele e não aos outros.

Meng, porém, ao ouvi-los clamar, bradou: Fora daqui, cães!

235

e voltando-se para os seus soldados, mandou com aspereza: Tratem das malas do meu primo! E sem lhes dizer mais nada, tomou a mão de Yuan e guiou-o através da multidão, dizendo com a sua antiga impaciência: Pensei que não vinhas. Porque não respondeste à minha carta? Não importa, estás aqui! Tenho andado ocupadíssimo, de contrário teria ido esperar-te à chegada do navio... Voltas numa época boa, Yuan, uma época em que há grande necessidade de homens como tu. Por toda a parte o país precisa de nós. O povo é tão ignorante como um rebanho de ovelhas...

Nesse instante, parou ante um funcionário subalterno e disse:

Quando os meus soldados trouxerem as malas de meu primo, deixe-os passar!

A essas palavras, o funcionário, homem humilde e novo no posto, replicou: Senhor, temos ordens para abrir todas as malas, a fim de ver se há ópio, armas ou livros anti-revolucionários.

Meng, furioso, esbugalhou os olhos, franziu as negras sobrancelhas e vociferou terrivelmente: Sabe quem eu sou? O meu

general é o mais categorizado do partido, e sou o seu braço direito.

Este rapaz é meu primo! Não devo ser vexado por esses regulamentos feitos para os passageiros comuns. E, ao falar, levou a

mão eluvada de branco à coronha da pistola, de modo que o insignificante funcionário se apressou a dizer: Perdoe-me, senhor!

De facto não percebi quem o senhor era. E quando vieram os soldados, pôs o seu sinal na mala e na saca de Yuan, dando-lhes livre passagem, e a multidão abriu alas, resignadamente, para deixá-los passar, contemplando-os boquiaberta. Os próprios mendigos guardaram silêncio e recuaram, afastando-se de Meng, e esperaram que ele passasse, para esmolar.

Atravessando a multidão em passos largos, Meng conduziu Yuan a um automóvel; um soldado correu a abrir a porta, Meng convidou Yuan a subir, subiu logo a seguir, imediatamente a porta se fechou, os soldados saltaram para os estribos, e o veículo arrancou a grande velocidade

Como era de manhã cedo, havia muita gente nas ruas.

Numerosos lavradores traziam verduras em cestas presas a varas apoiadas nos ombros, réguas de muars carregavam grandes sacos de arroz nos lombos balouçantes, carrinhos de mão transportavam cargas de água do rio próximo para serem vendidas à população da cidade, homens e mulheres saíam para o trabalho, alguns dirigiam-se a casas de chá para a refeição matinal, e pessoas de todas as categorias dedicavam-se aos seus negócios. Mas o soldado que guiava o carro era habilíssimo e calmo, soava a buzina incessante e fortemente, e abria caminho à força pela multidão, de modo que os transeuntes corriam para os lados da rua, como se

um vento poderoso os afastasse, puxavam as muare, no intento
236

de salvá-las, e as mulheres agarravam os filhos, tirando-os do caminho, de modo que Yuan sentiu receio, fitando Meng para ver se ele não ordenaria que fossem mais devagar por entre o povo assustado. Meng, porém, estava acostumado àquela velocidade. Permanecia firme e olhava em frente, apontando a Yuan, com uma espécie de alegria selvagem, tudo quanto havia para ver. Vês esta estrada, Yuan? Há menos de um ano tinha apenas quatro pés de largura e um automóvel não podia passar por ela. Passavam apenas jinriquixás e palanquins! Mesmo nas ruas mais largas a única outra condução utilizável era uma carruagemzinha puxada por um só cavalo. Agora, vê esta artéria!

Yuan respondeu: Estou vendo, e por entre os corpos dos soldados o seu olhar fitou a rua ampla e bem calcetada, ao lado da qual se viam ainda as ruínas de casas e lojas demolidas para lhe dar espaço. Ao lado dessas ruínas estavam já a ser construídos novos estabelecimentos e casas, frágeis edifícios erguidos com excessiva rapidez, mas soberbos nas suas formas estrangeiras, de cores brilhantes e com grandes janelas envidraçadas.

Mas, cortando essa ampla e nova via pública, projectou-se repentinamente uma sombra: Yuan percebeu tratar-se da alta e velha muralha da cidade, com as suas portas, e olhando viu, ao pé da muralha, e especialmente numa curva protectora que ela fazia, um agrupamento de cabanas feitas de esteiras. Nelas moravam os miseráveis que se movimentavam pela manhã, as mulheres acendendo mesquinhos fogos debaixo de caldeirões pousados em quatro tijolos e catando pedaços de couve achados em montes de lixo para preparar um refeição, e crianças a correr, nuas e sujas, e homens que saíam, ainda cansados, para puxar jinriquixás ou arrastar grandes cargas.

Quando Meng viu onde pousavam os olhos de Yuan, disse, irritado: No próximo ano, serão proibidas essas cabanas. É uma vergonha para nós todos existir gente assim por aí. É necessário que os grandes do estrangeiro possam vir à nossa nova capital... até príncipes vêm aqui... e esses espectáculos são vergonhosos. Ora, Yuan via perfeitamente isso, partilhando da opinião de Meng que aquelas pocilgas não deviam ver-se ali, não restando dúvida de que aqueles homens e mulheres eram desagradáveis à vista; alguma coisa devia ser feita para afastar tal espectáculo.

Reflectiu nisso alguns momentos e disse: Acho que eles podiam ser obrigados a trabalhar. Ao que Meng redarguiu com violência: Claro que podem ser obrigados a trabalhar; podem ser mandados de volta para os seus campos, e isso é que há-de acontecer.. E o semblante de Meng transmudou-se como sob a acção da lembrança de alguma injustiça, e exclamou, com intensa paixão:

Oh, essa gente é que atrasa o nosso país! Oxalá pudéssemos limpar o país e construí-lo só com jovens! Quisera deitar abaixo

237

esta cidade inteira... esta muralha velha e idiota que de'nada serve, agora que fazemos guerra com canhões em vez de flechas! Que muralha pode constituir protecção contra um avião que lança bombas? Abaixo com ela; vamos utilizar os tijolos para fazer fábricas, escolas, lugares para os rapazes trabalharem e aprenderem! Mas essa gente, essa gente não entende coisa alguma... não deixará que se destrua a muralha... essa gente ameaça...

Ouvindo Meng falar assim, Yuan interpelou-o: Mas pensei que te afligisses pelos pobres, Meng? Parece que me lembro de que costumavas enraivecê-te quando os pobres eram oprimidos... ficavas sempre furioso quando um homem era ferido por um estrangeiro ou por um funcionário da polícia.

Ainda fico assim, replicou Meng prontamente, voltando-se para encarar Yuan, de modo que este percebeu como chamejavam os seus negros olhos. Se visse um estrangeiro levantar a mão mesmo para o mais miserável dos mendigos, ficaria tão furioso aqui como sempre fiquei, e mais até, porque não tenho medo de estrangeiro nenhum, e usaria as minhas armas contra ele. Mas agora sei mais do que sabia antes. Sei que o principal estorvo a tudo quanto fazemos são esses mesmos pobres pelos quais agimos. São muitíssimos... Quem pode ensinar-lhes alguma coisa? Não há esperança para eles. Por isso digo: que os levem a fome, as enchentes e a guerra. Vamos ficar só com os filhos deles, para os formar segundo os moldes da Revolução.

Assim falou Meng, com a voz elevada e senhorial, e pareceu a Yuan, que reflectia de maneira menos fogosa, haver verdade no que o primo dizia. Lembrou-se repentinamente daquele padre estrangeiro que, de pé ante assistentes curiosos, lhes mostrava aquelas sórdidas cenas. Sim, mesmo ali, naquela cidade grande e nova, naquela ampla rua, entre as soberbas casas e lojas modernas, Yuan viu algo das coisas que o padre mostrara... um mendigo cego, de olhos comidos por uma doença, aquelas pocilgas cujas fossas mostravam a sua imundície à frente das portas, de modo que um cheiro repugnante viciava o ar fresco da manhã. Então, a indignada vergonha que sentira diante daquele padre tornou a surgir nele, e a raiva apunhalou-o dolorosamente, levando-o a exclamar alto, com o mesmo ardor de Meng: Não resta dúvida de que temos de dar sumiço a toda esta imundície, seja como for! E Yuan pensou consigo, resolutamente, que Meng tinha razão. Nessa nova época, que serventia tinha toda aquela gente ignorante e desesperada? Yuan fora sempre excessivamente brando. Competia-lhe aprender agora a ser duro como Meng, não se deixando prender por sentimentos de piedade para com a gentinha inútil.

Chegaram, afinal, ao quartel de Meng. Não fazendo parte daquela unidade militar, Yuan não podia alojar-se ali, mas Meng
238

reservara um quarto numa hospedaria próxima, apresentando desculpas quando Yuan mostrou dúvidas, pois o quarto era pequeno, escuro e sujo. Disse ao primo: A cidade está tão abarrotada de gente, nestes dias, que é impossível conseguir com facilidade um quarto, seja por que preço for. Não se constróem casas com a suficiente rapidez... a população cresce muito mais do que as construções Meng disse isto com orgulho, e também com orgulho acrescentou: É para a boa causa, primo... podemos suportar tudo enquanto construímos a nova capital! E, criando ânimo, Yuan disse que estava disposto e que o quarto lhe servia muito bem.

À noite desse mesmo dia, sentou-se, sozinho, à pequena secretária, abaixo da única janela existente no quarto onde agora tinha de morar, e ali deu início à sua primeira carta para Mei-ling.

Longo tempo esteve a meditar no que diria no princípio, pensando se devia começar pelas habituais e corteses palavras de saudação. Mas havia nele certa temeridade, ao fim desse dia.

As velhas casas em ruínas, as pequenas e arrogantes lojas novas, a ampla via pública inacabada a abrir implacavelmente o seu caminho pelo meio da velha cidade, todas as ardentes, raivosas e arrojadas afirmações de Meng, tudo isso o tornara temerário.

Reflectiu mais um momento, e começou no rude estilo estrangeiro:

«Querida Mei-ling...» E, escritas essas palavras ousadas, pôs-se a considerá-las, antes de escrever outras, e olhou-as enchendo-as de ternura. «Querida»... que significava isso senão «amada»?

E Mei-ling... Mei-ling era ela mesma... ela estava ali... Tornou então a empunhar a pena e em frases curtas contou o que enxergara naquele dia... uma cidade nova surgindo de ruínas, uma cidade de novos.

Essa nova cidade incorporou Yuan na sua vida. Nunca tivera tanta ocupação nem tanta felicidade; pelo menos assim o julgou. Em toda a parte, havia trabalho, e aí estava a satisfação, pois cada hora de trabalho possuía imenso valor para o futuro de muita gente. Entre aqueles a quem Meng o apresentou, Yuan sentiu essa mesma grande ânsia de trabalho e de vida. Pela cidade inteira, que pulsava agora como o novo coração do país, havia homens, não muito mais velhos do que Yuan, que redigiam planos e forjavam meios de vida, não para si próprios mas para o povo. O principal dos que planeavam a cidade era um pequeno e impetuoso sulista, impaciente no falar e rápido no andar, movendo buliçosamente as mãozinhas bonitas como as de uma criança. Também ele era amigo de Meng, e quando este lhe apresentou Yuan, dizendo: Um primo meufoi quanto bastou para que expusesse

a Yuan os seus projectos acerca da cidade, revelando como deitaria abaixo os velhos muros idiotas da cidade e se utilizaria dos vetustos

239

tijolos, que apesar dos séculos eram ainda bonitos e inteiriços como blocos de pedra, melhores do que os feitos agora. Esses tijolos, disse ele com os olhos a soltar chispas de luz, deviam ser aproveitados para a construção de grandes salas destinadas à nova sede do governo, salas condignamente construídas à moda moderna. Um dia, levou Yuan aos seus escritórios, que ficavam numa casa antiga, vergada, cheia de pó e de esvoaçantes teias de aranha. E disse-lhe:

Não vale a pena consertar estas velhas salas. Permanecemos nelas até que as novas estejam prontas; estas serão demolidas e o terreno aproveitado para casas novas.

As salas poeirentas estavam cheias de mesas, e a essas mesas achavam-se muitos jovens, desenhando plantas, ou medindo linhas no papel, ou colorindo vivamente os tectos e cornijas que desenhavam; muito embora as salas fossem velhas e arruinadas, estavam repletas de vida, da vida desses jovens e dos seus projectos.

O chefe chamou então em voz alta, um rapaz correu à pressa e recebeu esta ordem em tom superior: Traga as plantas da nova sede do governo! Quando estas foram trazidas, ele desenrolou-as em frente de Yuan; ali se encontravam representados altíssimos e imponentes edifícios, construídos, com efeito, com os velhos tijolos, apresentando linhas amplas e modernas, e em cada telhado drapejava a bandeira da Revolução. Também estavam pintadas as ruas, com árvores verdes de cada lado, e o povo ricamente vestido, tanto homens como mulheres, a caminhar pelas calçadas; nas ruas não havia réguas de asnos, nem carrinhos de mão, nem jinriquixás, nenhum desses humildes veículos que se viam agora, mas apenas grandes automóveis luzidamente coloridos de vermelho, azul e verde, cheios de gente faustosa. Nenhuma figura de mendigo figurava no desenho.

Yuan, contemplando as plantas, não pôde deixar de achá-las belíssimas. Fascinado, perguntou: Quando estará isto terminado?

O jovem chefe respondeu convictamente: Dentro de cinco anos! Tudo se move agora depressa.

Cinco anos! Não era nada. Novamente no seu quarto escuro, Yuan, pensativo, relanceou o olhar pelas ruas onde ainda não existiam as construções que vira planeadas. Não, não havia tão-pouco árvores nem gente rica, e os pobres ainda ali estavam a murmurar e alterar. Mas pensou consigo que cinco anos nada eram. A bem dizer, estava tudo feito. Escreveu nessa noite a Mei-ling, relatando os planos, e, quando acabou de descrever minuciosamente o que seria a fisionomia da nova cidade, mais do

que nunca se lhe afigurou que estava tudo feito, visto todos os planos estarem claramente delineados, a ponto de se ver a própria cor dos telhados, que seriam de telhas azul vivo, e as árvores já

240

pintadas cheias de folhas, e lembrou-se de que havia até uma fonte a jorrar água defronte da estátua de certo herói da Revolução. Sem dar por isso, escreveu assim a Mei-ling, como se tudo estivesse pronto: «Há um imponente salão... há um grande portão... há árvores ao longo de uma ampla rua...»

Em muitas outras coisas, dava-se o mesmo. Jovens médicos instruídos nos métodos estrangeiros de extirpar as doenças, e que zombavam da obsoleta medicina dos antepassados, planeavam grandes hospitais; outros planeavam grandes escolas onde todas as crianças, mesmo as dos campos, poderiam receber instrução, de modo que, no território inteiro, não existiria nenhuma que não soubesse ler e escrever; e alguns punham-se a planejar novas leis para governar os outros, leis essas que eram redigidas com todos os pormenores, projectando-se prisões para aqueles que as violassem. E havia ainda outros que ideavam livros a ser escritos numa forma nova e franca, repletos da moderna liberdade de amor entre homens e mulheres, em toda a parte.

No meio de todos esses, havia uma espécie de senhor de guerra moderno, que planeava novos exércitos, e novos navios de guerra, e novos processos bélicos, chegando certo dia a planejar uma nova grande guerra, para mostrar ao Mundo que a sua nação era agora poderosa como qualquer outra. Esse homem era o antigo preceptor de Yuan, que fora depois seu capitão, e agora era general de Meng; este fugira secretamente para o exército dele quando Yuan fora denunciado e preso.

Ora, Yuan não se sentiu bem ao saber que o general de Meng era esse homem; desejaria que fosse outro, pois não sabia que lembranças evocaria o general contra ele. Não se atreveu, todavia, a recusar-se, quando ele ordenou a Meng que lhe trouxesse o primo.

Yuan foi deste modo, certo dia, em companhia de Meng, e posto que o seu semblante guardasse impassibilidade e calma, o seu coração estava em ânsias.

Todavia, quando transpôs um portão junto do qual se encontravam guardas, vestidos com asseio e garbo, com as espingardas a rebrilhar-lhes engatilhadas nas mãos; quando atravessou pátios limpos, em ordem, e entrou numa sala onde viu o general sentado a uma mesa, percebeu que o seu receio não tinha fundamento.

Num instante, Yuan viu que o seu antigo instrutor não invocaria contra ele nenhum velho agravo. Estava mais idoso do que a última vez que Yuan o vira; era agora um chefe de exércitos conhecido e famoso, e conquanto o rosto não fosse sorridente, nem acolhedor, nem compassivo, não era em todo o caso um rosto colérico. Quando Yuan entrou, ele não se ergueu, mas, com a cabeça, indicou a Yuan uma cadeira, e quando este se sentou na beira dela, porque já fora discípulo desse homem, viu-lhe os

16 - C. D.

241

olhos penetrantes que nas suas recordações o fitavam por trás dos óculos estrangeiros, e ouviu a áspera voz de que também se lembrava, e a que, no entanto, não faltava bondade. O general perguntou-lhe abruptamente: Então, afinal aderiste a nós, agora ? Yuan disse que sim com a cabeça, e com a mesma simplicidade que tinha ao falar quando criança, disse: Meu pai impeliu-me a isso, e contou a sua história.

O general fez então nova pergunta, olhando-o perscrutadoramente: Mas ainda assim não amas o exército? Apesar de tudo o que te ensinei, não és soldado?

Yuan, com resquícios da antiga confusão, hesitou, mas logo decidiu resolutamente ser arrojado e não temer esse homem; disse, pois: Como sempre, ainda odeio a guerra, mas posso prestar a minha colaboração de outras maneiras.

Quais ? indagou o general, e Yuan replicou: Por enquanto, vou ensinar na nova escola daqui, porque preciso ganhar, e depois verei as oportunidades que surgem. , O general, porém, tornou-se inquieto e olhou para um relógio estrangeiro que estava na sua secretária, como se deixasse de se interessar por Yuan, devido a ele não ser soldado; Yuan levantou-se, e esperou, enquanto o general dizia a Meng: Já tens prontos os planos para o novo acampamento? As novas leis militares exigem que se aumente o número de homens recrutados de cada província, e os novos contingentes chegam de hoje a um mês. Ante essas palavras, Meng bateu os calcanhares, pois não se sentara em presença do seu general, fez uma rápida continência e respondeu com voz clara e orgulhosa: Os planos estão prontos, meu general; só esperam a sua chancela para serem executados.

Assim terminou o breve encontro, e Yuan, apesar da sua velha aversão que nele renasceu, ao passar entre numerosos soldados que desfilavam agora, vindos de campos de instrução, onde tinham praticado exercícios militares, ainda assim não pôde deixar de reconhecer que esses homens eram diferentes dos vadios e folgazões sequazes do pai. Eram todos jovens, tão jovens que mais de metade deles tinha menos de vinte anos. E não riam. Os homens do Tigre estavam sempre a rir e em reboição, e, depois dos exercícios, voltavam em desordem, para descansar, empurravam-se uns aos outros, em rudes brincadeiras, gritavam e gracejavam, de modo que os pátios se enchiam com desabrida jovialidade.

Diariamente, na adolescência, Yuan sabia as horas das refeições, porque ouvia as gargalhadas e pragas para lá do pátio interior, onde morava com o pai. Mas estes jovens voltavam em silêncio, e os seus passos soavam em tão solene uníssono que pareciam um único grande passo. Não havia risos. Yuan passou por eles, soldado após soldado, e viu-lhes os rostos, todos jovens, todos simples e todos sérios. Eram estes os novos exércitos.

242

Nessa noite, escreveu a Mei-ling: «Eles pareciam jovens

demais para ser soldados, e os seus rostos eram de rapazes do campo». Reflectiu uns momentos, evocando aqueles semblantes, e continuou a escrever: «Tinham, contudo, certo aspecto militar. Não compreendes isso, porque não viveste da maneira que eu vivi. Quero dizer que as fisionomias deles eram simples, tão simples que percebi, olhando-as, que são capazes de matar com a mesma simplicidade com que comem... uma simplicidade terrível como a morte».

Nessa cidade nova, Yuan encontrava agora a sua vocação e a sua vida. Abriu enfim a mala dos livros e colocou-os nalgumas prateleiras que comprara. Havia também as sementes estrangeiras, trazidas daquele país onde as colhera, depois de cultivar os pés até à frutificação. Encarava-as duvidoso, cada espécie ainda encerrada no seu envólucro, indagando consigo como cresceriam elas ao serem semeadas nesta terra mais escura e mais densa. Rasgou então um dos embrulhos e espalhou as sementes na palma da mão; eram grandes e dourados grãos de trigo. Devia conseguir um pedaço de terra onde experimentá-los.

Foi apanhado então pela engrenagem dos dias, das semanas e dos meses, cada qual sucedendo celeremente ao anterior. Passava os dias na escola. De manhã, ia aos edifícios, alguns novos, outros velhos. As novas construções eram salas cinzentas e nuas, de tipo estrangeiro, feitas com excessiva rapidez, de cimento e delgados varões de ferro, e delas se soltavam já alguns pedaços, mas Yuan tinha as suas aulas num velho pavilhão, e, como este era velho, os directores da escola nem sequer consertavam uma janela quebrada. O Outono prolongava-se, quente, dourando as folhas dos vegetais; a princípio, Yuan nada dizia quando uma porta estalava nos gonzos e não mais se fechava. Mas o Outono tornou-se áspero com a aproximação do Inverno; no décimo primeiro mês, começou a uivar fortemente um vento originário dos desertos do Noroeste, e uma fina areia amarela penetrava por cada fenda. Yuan, enrolado no seu grande casacão, ficava de pé ante os alunos tiritantes e corrigia-lhes as redacções mal escritas, e com o vento arenoso a soprar-lhe por entre os cabelos, escrevia-lhes no quadro negro regras sobre composição poética. Mas era quase inútil, porque a atenção de todos se concentrava em aconchegar as roupas, que eram para muitos demasiado escassas, apesar desse esforço por se agasalharem.

Primeiro, Yuan enviou cartas ao seu chefe, dando-lhe conta do que ocorria; mas como esse chefe era um funcionário que de sete semanas passava cinco na cidade do litoral, não deu atenção a essas cartas, pois tinha muitos cargos, consistindo o seu principal trabalho em recolher todos os seus salários. Depois, Yuan irritou-se

e compareceu pessoalmente na presença do alto director da escola;

contou-lhe a situação dos seus alunos, informando-o de que estavam partidos os vidros das janelas, e havia tábuas tão esburacadas no soalho que o furioso vento lhes subia por entre os pés; além disso tudo, as portas não se fechavam.

Mas o alto director, que tinha muitos deveres, replicou com impaciência: Suportem um pouco... Suportem um pouco! O dinheiro que temos deve ser empregado a fazer coisas novas... e não para remendar as velharias inúteis! Essas palavras eram as mesmas que se ouviam por toda a parte, na cidade.

Ora, Yuan julgou essas palavras bastante justas, e ficou a imaginar uma nova sala e instalações confortáveis, protegidas do frio, embora ali permanecessem aqueles dias, cada qual mais frio do que o outro, com o avançar do Inverno. Se Yuan pudesse, teria disposto dos seus vencimentos, contratando um carpinteiro e reparado aquela sala, de modo a guardá-la do Inverno. É que, passado algum tempo, veio a gostar do seu trabalho, sentindo uma espécie de amor por aqueles rapazes a quem ensinava. Na sua maioria, não eram ricos, porque os ricos mandavam os filhos para colégios particulares, onde tinham professores estrangeiros, fogo para se aquecer e boa comida todos os dias. Mas nessa escola, que era pública e aberta pelo novo Estado, não se pagavam mensalidades, e nela se matriculavam filhos de pequenos comerciantes, filhos de mal pagos professores dos velhos clássicos e uns tantos rapazinhos talentosos das aldeias que nutriam esperanças de ser mais do que eram seus pais nos campos. Eram todos jovens, pobremente vestidos e mal alimentados, e Yuan queria-lhes bem porque se empenhavam sofregamente em compreender o que lhes ensinava, ainda que muitas vezes não o conseguissem, pois embora uns soubessem mais e outros menos, em todo o caso eles todos sabiam muito pouco. Sim, vendo-lhes os pálidos rostos e os olhos ávidos e curiosos, Yuan desejou ter dinheiro para consertar a sala de aula.

Mas não tinha. O próprio ordenado não lhe era pago regularmente, pois os seus superiores recebiam em primeiro lugar, e se o dinheiro não era suficiente, ou se o tinham desviado para outros fins, para o Exército ou para a nova casa de algum funcionário, ou se ficava nalgum bolso particular, então Yuan e os professores mais recentes tinham de esperar com a maior paciência possível. E Yuan não tinha paciência, porque ansiava livrar-se da sua dívida para com o tio. Mas pôde, pelo menos, livrar-se de uma dívida. Escreveu, informando Wang o Comerciante: «Quanto aos seus filhos, nada posso fazer por eles. Não tenho poder aqui. O mais que consigo é manter o meu próprio lugar. Mas enviar-lhe-ei metade do que ganho, até lhe pagar tudo quanto emprestou a meu pai. Mas não me responsabilizarei pelos

244

seus filhos». Assim sacudiu, nesses novos tempos, pelo menos uma boa porção do escravizador parentesco de sangue.

Não se atreveu, portanto, a empregar o seu dinheiro em benefício dos alunos. Escreveu a Mei-ling, a falar disso, dizendo

como desejava poder consertar a aula e como o Inverno chegava frio, mas que não sabia o que fazer. Desta vez ela respondeu depressa: «Porque não os tira dessa casa arruinada para algum pátio abrigado ? Se não chove nem neva, tira-os para o Sol».

Yuan, segurando a carta dela na mão, admirou-se de não ter pensado nisso, pois os Invernos eram secos e havia muitos dias de Sol; depois disso, durante muitos dias deu aulas aos alunos num lugar ensolarado que achou, onde duas paredes de edifícios se encontravam, formando um canto. Se alguns riam ao passar, ele deixava que rissem, porque o Sol era quente. Ficou amando Mei-ling ainda mais, por ela ter pensado tão depressa numa coisa tão simples de fazer, antes que o novo edifício estivesse pronto. E essa rapidez ensinou-lhe uma coisa. Ela respondia sempre mais depressa quando a consultava sobre algo em que não sabia como agir, e ele, tornando-se astuto, passou a expor todos os seus embaraços. Se falava de amor, ela não respondia, mas respondia prazenteiramente se lhe falava de dificuldades; e assim deixaram de demorar-se as cartas trocadas entre os dois, tão numerosas como as folhas derrubadas pelos ventos do Outono.

Mas Yuan achou ainda outro meio de aquecer o sangue nesses dias frios de véspera de Inverno: trabalhar na terra,»nela lançar as sementes estrangeiras. Devia, na escola, ensinar muitas coisas, porque os professores não eram suficientes para todos os jovens que desejavam aprender. Em toda a parte, abriam-se novas escolas para ensinar todas as coisas estrangeiras modernas que até então não tinham sido ensinadas, e os jovens acorriam em quantidade a buscar instrução, de modo que não se podiam encontrar suficientes professores para lhes ensinar tudo o que ansiavam por conhecer, nesses novos tempos. Por conseguinte, já que Yuan estivera no estrangeiro, foi distinguido e solicitado a ensinar tudo o que sabia, e entre as coisas que se dedicou a ensinar estava o método moderno de sementeira e de cuidar das sementes. Foi-lhe dado um trato de terra, fora dos muros da cidade, perto de uma aldeola, e para lá levava os alunos, dispondo-os em quatro colunas, como um pequeno exército, e marchando à frente deles pelas ruas da cidade; em vez de espingardas, porém, comprou para eles enxadas, que eram levadas aos ombros. Os transeuntes ficavam a encará-los pasmados, e muitos paravam o trabalho para olhar e exclamar com admiração: Que novidade é esta? E Yuan ouviu um homem dizer, um indivíduo honesto e imbecil que puxava um jinriquixá: Ora esta, cada dia vejo

245

uma coisa nova nesta cidade, agora, mas esta é a maior novidade que já vi, ir para a guerra com enxadas!

Yuan riu maliciosamente, ao escutar isto, e respondeu:

É o mais moderno exército da Revolução!

Essa opinião pessoal agradou-lhe, enquanto continuava a avançar sob o Sol hibernal. Na verdade, aquilo era uma espécie de exército, a única espécie de exército que ele comandara, um exército de jovens que saíam a lançar sementes na terra. Ao caminhar, Yuan sentava os pés no chão segundo a antiga cadência que aprendera quando criança, no exército do pai, embora não soubesse que assim fazia, e os seus passos soavam tão alto e tão distintamente que a desordenada marcha dos alunos começou a tornar-se igualmente compassada, conformando-se ao andar dele. Em breve, a cadência da marcha em conjunto pôs-lhe no sangue um movimentado ritmo, e, depois de transporem as portas da escura cidade velha, onde os musgosos tijolos lhes faziam ecoar os passos, e quando já se encontravam no campo, esse ritmo começou, na mente de Yuan, a tomar forma de curtas e incisivas palavras. Durante muito tempo, isso não lhe tinha acontecido. Era como se tivesse andado às voltas com a confusão e agora o trabalho tornasse a tranquilizá-lo, levando-lhe a alma a surgir radiante e límpida num poema. Ofegante, esperou pelas palavras, e quando estas vieram, apoderou-se delas com aquele delicioso sentimento que se lembrava de ter tido nos poucos dias que passara na casa de barro. As palavras chegaram-lhe com clareza, formando três linhas vivas, mas a quarta não lhe ocorreu. com pressa súbita e embaraçosa, porque já estavam quase no fim do caminho e já se via a terra, fez um esforço para afeiçoar essa última linha; mas ela não surgiu.

E logo teve de afastar do espírito esse pensamento, porque murmúrios e queixas começaram a irromper de entre os discípulos, os quais, detendo a respiração, bradavam que ele os conduzia muito depressa, que tão depressa não podiam caminhar, que as enxadas eram pesadas, e que não estavam acostumados a tal esforço.

Yuan teve, pois, de esquecer os versos, dizendo cordialmente para consolá-los: Chegámos; aí está a terra! Descansem um pouco, antes de começarem o trabalho.

Os jovens atiraram-se para um banco, próximo dos limites do campo, com o suor na verdade a escorrer-lhes pelos pálidos rostos, e os corpos cansados e ofegantes. Só dois ou três rapazinhos do campo não se achavam em tal estado.

Enquanto eles descansavam, Yuan desembulhou as suas boas sementes estrangeiras, e nas mãos que cada jovem abriu em forma de concha, Yuan despejou os grãos cheios e dourados.

Essas” sementes pareciam-lhe preciosíssimas agora. Lembrou-se

246

como as cultivara num solo estrangeiro a dez mil milhas de distância, e evocou o velho de cabelos brancos Não pôde deixar de recordar, também, a jovem estrangeira que lhe oferecera os lábios.

Despejando os grãos constantemente, esse momento tornou-lhe ao espírito. Antes ela não o tivesse beijado! Todavia, aquele momento, afinal de contas, salvara-o e fizera-o continuar solitário até encontrar Mei-ling. Tomou rapidamente a enxada e começou a erguê-la e baixá-la sobre a terra. Olhem! exclamou, dirigindo-se aos alunos que o observavam Assim é que se maneja a enxada! A princípio, pode acontecer que a gente desperdice muita força, por não empunhar a enxada assim... com a ponta reluzindo ao Sol, a enxada subia e descia; ele manejava-a como o velho lavrador lhe ensinara. Um por um, os jovens se ergueram e tentaram imitá-lo. Os últimos e mais vagarosos a erguerem-se foram os dois rapazinhos camponeses, que, embora soubessem muito bem como manejar a enxada, se mexeram com lentidão e relutância. Vendo isso, Yuan perguntou com aspereza: Porque não trabalham vocês?

A princípio os rapazinhos não responderam, mas depois um deles resmungou de mau humor: Não vim à escola para aprender o que tenho feito toda a vida em casa. Vim aprender um modo melhor de ganhar a vida.

Ao ouvir isto, Yuan zangou-se e respondeu prontamente: Sim, e se soubesses fazer melhor isso que fizeste sempre, não precisarias de deixar a tua casa para descobrir um meio de ganhar mais. Melhores sementes, métodos melhores de as plantar « colheitas maiores haviam também de tornar a tua vida melhor.

Ora, em torno de Yuan e dos seus discípulos, reunira-se um grupo de lavradores da aldeia, que estavam embasbacados por ver aqueles jovens estudantes sair com enxadas e sementes. A princípio, guardaram silêncio, temerosos, mas não demorou que desatassem a rir, vendo como os jovens eram incapazes de fender o solo com a enxada. Quando Yuan pronunciou aquelas palavras, eles sentiram-se à vontade e um falou: O senhor está enganado, mestre! Por mais que um homem trabalhe e sejam quais forem as sementes que ele lança à terra, as colheitas dependem do Céu! De modo algum, porém, Yuan poderia suportar ser assim contraditado diante dos alunos, e por isso não deu resposta àquele homem ignorante. Sem parecer ter ouvido aquelas palavras tolas, mostrou aos alunos como espalhar as sementes nos sulcos abertos, com que espessura de terra tapá-las, e como colocar um letreiro na ponta de cada sementeira para indicar o nome da espécie de semente, a data do plantio e o autor da sementeira.

Os lavradores observavam boquiabertos todas essas coisas, divertindo-se com tamanhos cuidados, rindo às escâncaras e exclamando: Contaste cada semente, irmão? Ou: Deste a

247

cada semente o seu nome, irmão, e marcaste a cor da casquinha? E um comentou: Minha mãe! Se tomássemos todos esses cuidados com cada sementinha, não teríamos tempo para fazer mais que uma colheita em dez anos!

Mas os jovens que acompanhavam Yuan mostraram desprezo por esses gracejos grosseiros, e os dois rapazinhos do campo, que eram os mais zangados de todos, exclamaram: Estas sementes

são estrangeiras e não essa droga que vocês semeiam nas suas plantações! E a troça dos lavradores conseguiu mais do que o professor conseguira, isto é, fazê-los trabalhar com redobrado ardor.

Mas, passados instantes, os homens que estavam a observar perderam a alegria, fizeram silêncio e os seus semblantes tornaram-se taciturnos. Um por um foram cuspindo, como que por acaso, viraram-se e regressaram à aldeia.

Yuan, porém, sentia-se imensamente feliz. Era bom estar de novo a semear, sentindo a terra nas mãos. Era uma terra gorda, rica e fértil, preta, em contraste com os grãos estrangeiros amarelos...

E assim se fez a tarefa do dia. Yuan sentiu no corpo o vigor do cansaço salutar, e quando olhou viu que os jovens, mesmo os mais pálidos, tinham um aspecto novo e sadio, e todos sentiam calor, não obstante soprar contra eles um vento Oeste cortante. É um bom meio da gente se aquecer, disse Yuan, sorrindo-lhes. Melhor do que qualquer fogo. Os rapazes riram

para agradecer a Yuan, porque o estimavam. Mas os rapazinhos aldeãos permaneciam sombrios, apesar das suas faces afogueadas.

Essa noite, sozinho no seu quarto, Yuan escreveu, a contar tudo a Mei-ling, porque se tornara uma coisa tão necessária para ele como comer ou beber, terminar o dia a descrever-lhe o que acontecia. Após concluir a carta, levantou-se e foi à janela estirar os olhos pela cidade. Os escuros telhados das velhas casas confundiam-se, aqui e ali, negros onde o luar não batia. Mas, sobressaindo agudamente por toda a parte, estavam as casas novas, altas, de telhados vermelhos, angulosas e estranhas, com as numerosas janelas iluminadas pela luz interior. Através da cidade as poucas ruas novas ostentavam amplas faixas cheias de luz, rebrilhando e ofuscando a Lua.

Contemplando aquela cidade em mutação, vendo-a e contudo não a enxergando muito, porque o que enxergava nitidamente era o rosto de Mei-ling, claro e jovem ante o seu espírito, sendo a cidade apenas um cenário de fundo para o rosto dela, veio-lhe de chofre à mente a quarta linha do seu poema, tão completa e acabada como se a visse impressa. Correu à mesa, pegou na carta que fechara havia pouco, e abrindo-a acrescentou-lhe estas palavras:

«Estes quatro versos ocorreram-me hoje, os primeiros três ao trabalhar na terra; mas só pude encontrar o último para

248

completá-los quando voltei à cidade e pensei em ti. Surgiu então simplesmente, como se tivesse sido dito por ti».

Assim vivia Yuan nessa cidade, enchendo os dias com trabalho e as noites com cartas para Mei-ling. Mas ela não lhe escrevia com a mesma frequência. As suas cartas eram redigidas com calma, as palavras poucas e precisas. Não eram, porém, insípidas, pois, sendo as palavras poucas, estavam cheias de sentido. Mei-ling contava-lhe que Ai-lan voltara após alguns meses de ausência, pois o casal gozara várias vezes do seu mês de folga, e só agora tinha regressado; e dizia Mei-ling: «Ai-lan está mais bonita do que nunca, mas perdeu um pouco da sua vivacidade.

Talvez a criança a faça voltar; vai nascer daqui a menos de um mês. Ai-lan aparece aqui em casa muitas vezes, porque, segundo afirma, dorme melhor na sua antiga cama». E informava: «Realizei hoje a minha primeira operação de verdade. Consistiu em cortar o pé de uma mulher que, cingido na infância, chegou a gangrenar. Não me amedrontei». E declarava: «Gosto sempre de ir brincar com as criancinhas enfeitadas; sou uma delas. Elas são minhas irmãs». A miúde contava alguma gracinha infantil que elas faziam.

Certa vez, escreveu: «Teu tio e o filho mais velho mandaram uma ordem a Cheng para que voltasse. Dizem eles que Cheng gasta demais, pois nestes dias não podem tirar rendimentos das velhas terras; além disso, a esposa do filho mais velho não está disposta a permitir que os proventos do marido sejam enviados para o estrangeiro, e nenhuma grande soma pode ser conseguida de outra maneira. Cheng, portanto, deve vir, porque não terá mais dinheiro».

Yuan leu isso pensativamente, lembrando Chêng como o vira pela última vez, esplendidamente trajado de roupas novas, balouçando uma bengalinha reluzente ao caminhar por uma rua ensolarada, naquela grande cidade estrangeira. Não havia dúvida de que gastava muito dinheiro, visto que cuidava tanto da sua indumentária. Claro que devia voltar... claro que era o único meio de obrigá-lo a voltar. Recordando então aquela mulher adúltera, Yuan pensou: «É melhor para ele, voltar. Estou contente de que afinal tenha de deixá-la».

Mei-ling respondia sempre atenciosamente a todas as perguntas que Yuan lhe fazia por carta. Quando já se estava em pleno Inverno, ela preveniu-o para que usasse um casaco mais grosso e comesse bem, aconselhando-o a dormir bastante e não trabalhar demais. Muitas vezes, lembrava-lhe a necessidade de precaver-se contra o vento, na velha sala da aula. Mas havia uma coisa a que ela nunca respondia nas suas cartas. Ele dizia em cada carta: «Não mudei. Amo-te... e espero». A isso, ela não dava resposta. Não obstante, Yuan julgava as cartas dela perfeitas. Quatro

249

vezes por mês, tão certo como o nascer do Sol, sabia que acharia em cima da mesa, quando voltava ao quarto, de noite, aquele longo sobrescrito com a letra dela, uma letra clara e de tamanho um tanto reduzido. Esses quatro dias de cada mês tornaram-se os seus dias de regozijo, e por puro prazer comprou um calendário onde marcava antecipadamente os dias em que receberia cartas dela. Marcava-os a vermelho, e ao todo havia doze até ao Ano Novo, quando seria feriado e ele poderia então voltar a vê-la. Mais do que isso não marcou, porque tinha uma esperança secreta.

Assim vivia Yuan de sete em sete dias, pouco se preocupando em ir a outra parte que não ao trabalho, e sem precisar de amigos, porque tinha o coração repleto.

Algumas vezes, porém, Meng vinha tirá-lo do quarto, de modo que, de quando em quando, Yuan saía de noite, indo

sentar-se numa casa de chá, a ouvir Meng e os seus amigos desabafarem a sua impaciência. Porque Meng não estava tão exultante como parecera a princípio; continuava enraivecida, deblaterava ainda contra os tempos, mesmo contra os novos tempos. Numa dessas noites, numa casa de chá recém-aberta na nova rua, Yuan foi cear com ele e quatro jovens capitães seus amigos, e estes mostravam-se todos descontentes com tudo. As luzes que ficavam por cima da mesa eram primeiro brilhantes demais e depois não suficientemente brilhantes, e a comida não vinha com a rapidez necessária para os satisfazer, e queriam um certo vinho branco estrangeiro que não pôde ser conseguido. Entre Meng e os outros quatro, o criado via-se em apuros, esfregava a cabeça rapada, ofegava, suava e corria de um lado para o outro, receoso de não agradar àqueles jovens capitães que tinham nos cintos armas reluzentes. Mesmo quando jovens cantoras entraram, pondo-se a dançar segundo a nova moda estrangeira, estendendo os braços e as pernas, mesmo então os jovens não se satisfizeram, comentando em alta voz que os olhos desta eram pequenos como os de um porco, e o nariz daquela parecia um alho bravo, e uma era muito gorda e outra muito velha, até que os olhos das cantoras se encheram de lágrimas e raiva. Mas Yuan, embora não as julgasse bonitas, não pôde deixar de ter pena delas, e acabou por dizer: Deixem-se disso! Elas precisam de ganhar o seu arroz. A isso um dos jovens capitães replicou ruidosamente: É melhor que morram de fome, digo eu. E soltando as suas gargalhadas sarcásticas de rapazes, levantaram-se afinal com grande tinido das espadas, e foram-se embora. Nessa noite, porém, Meng foi a pé, com Yuan, até ao quarto deste, e enquanto caminhavam juntos pelas ruas, confessou o seu descontentamento, dizendo: A verdade é que estamos todos

250

danados porque os nossos chefes não são justos connosco. É um princípio revolucionário que devemos ser todos iguais e ter iguais oportunidades. Todavia, agora mesmo os nossos chefes já nos oprimem. Esse meu general... tu conhece-lo, Yuan. Pois bem, aí está ele abancado como qualquer antigo senhor da guerra, percebendo um grande soldo mensal como comandante dos exércitos desta região, e nós, os mais novos, somos sempre conservados no mesmo lugar. Cheguei rapidamente a capitão, e com essa rapidez me enchi de esperanças, pronto a fazer qualquer coisa pela nossa boa causa e esperando subir ainda a mais alto posto. Mas, a despeito de trabalhar e me consumir, continuo aqui, e como capitão. Nenhum de nós pode ir além de capitão. Sabes porquê? Porque esse general teme-nos. Tem medo de que algum dia sejamos maiores do que ele. Somos mais novos e mais capazes e por isso nos mantém seguros. Isto é o espírito da Revolução? E Meng parou debaixo de um foco de luz, dirigindo a Yuan as suas inflamadas interrogações, e Yuan viu o semblante de Meng tão irado como costumava ser na sua taciturna adolescência.

Os poucos transeuntes puseram-se então a olhar de esguelha e com curiosidade; vendo-os, Meng baixou a voz, continuou a caminhar e por fim disse, no auge do mau humor: Yuan, esta revolução não é a verdadeira; deve haver outra. Não são estes os nossos verdadeiros chefes... são tão egoístas como os velhos senhores da guerra. Yuan, nós, os novos, devemos fazer uma nova arrancada... o povo comum está tão oprimido como antes... temos de agir de novo pelo bem dele... estes chefes que possuímos agora esqueceram completamente que o povo...

Ora, justamente quando dizia isso, Meng deteve-se e pôs-se a olhar com fixidez, pois, bem à sua frente, na entrada de uma certa casa de prazer famosa, originava-se uma rixa. As luzes dessa casa de prazer lançavam os seus raios para baixo, vermelhos e reluzentes como sangue, e na claridade os dois primos viram uma cena deveras odiosa. Um marujo de certo navio estrangeiro, semelhante àqueles que Yuan vira no grande rio que corria além da cidade, batia com os rudes punhos cerrados no homem que o puxara no seu veículo até àquela casa de prazer. Na sua embriaguez, gritava, enraivecia-se, cambaleava idiotamente nos pés trôpegos. Quando Meng viu o homem branco bater no outro, avançou correndo célere, e Yuan correu atrás dele. Ao aproximarem-se, ouviram o homem branco praguejando asquerosamente contra o puxador de jinriquixá, porque este ousara "pedir mais dinheiro do que o marujo desejava pagar, e, sob as bofetadas do branco, agachava-se, escudando-se com os braços erguidos, porque o marinheiro era grande e reforçado, e os seus punhos de ébrio esmurravam com crueldade.

Meng alcançou-os e gritou para o estrangeiro: Você atre-

251
ve-se... você atreve-se...! e saltando sobre o homem, agarrou-lhe os braços, prendendo-os por trás das costas. Mas o marujo não se submeteu tão facilmente, pouco se importando que Meng fosse um capitão ou fosse o que fosse. Para ele, todos os homens de outra raça que não a sua eram a mesma coisa, todos dignos de desprezo; fez recair as suas pragas sobre Meng, e ambos se teriam esmurrado com ódio recíproco, se Yuan e o puxador de jinriquixá não se metessem de permeio, desviando os socos, ao mesmo tempo que Yuan suplicava ansiosamente a Meng: Este homem está bêbado... é um vagabundo... não esqueças a tua posição! E, enquanto bradava, apressou-se a empurrar o marujo embriagado para dentro do portão da casa de prazer, onde o homem esqueceu o conflito e seguiu o seu caminho.

Yuan levou então a mão ao bolso e tirou uns cobs que deu ao homem do jinriquixá, e assim serenou a disputa. E esse homem, que era franzino, mirrado e idoso, sempre subnutrido, gostou de que aquilo terminasse assim, e na sua gratidão soltou uma risadinha, dizendo: Vejo que conhece as máximas, senhor! Não se deve culpar uma criança, nem uma mulher, nem um

ébrio!

Meng ficara ofegante e ardia em cólera; como não desabafara, estava ainda fora de si. Quando viu a facilidade com que o homem sovado se apaziguava com umas tantas moedas de cobre, e quando escutou a mísera risadinha e o velho adágio novamente citado, Meng não pôde suportar. Não; de maneira estranha, a sua legítima raiva contra o insulto do estrangeiro à sua própria raça azedou-se, e, sem uma palavra, o seu olhar recaiu chamejante sobre o puxador de jinriquixá; curvou-se e aplicou no rosto do homem uma bofetada, que lhe atingiu a boca. Ao ver o que Meng fazia, Yuan exclamou: Que fazes, Meng! E apressou-se a procurar outra moeda, para dar ao homem, por tão cruel golpe.

Mas o homem não pegou no dinheiro. Estava desnortado.

O golpe fora tão rápido e imprevisto que ele ficou de mandíbula caída, com um fio de sangue a correr-lhe do canto da boca.

De súbito, agachou-se, ergueu os varais do jinriquixá, e disse simplesmente a Yuan: Foi um murro mais violento que qualquer dos que o estrangeiro me deu. E desapareceu.

Mas Meng não se demorou um momento após o bofetão que dera. Afastou-se a passos largos e Yuan correu atrás dele.

Ao alcançá-lo, esteve prestes a perguntar-lhe por que esbofeteara o homem, mas primeiro olhou para o rosto de Meng, o que o fez manter-se em silêncio, pois, para seu espanto, viu à clara luz da rua que corriam lágrimas pelas faces de Meng. Por entre essas lágrimas, Meng olhava firme para a frente, até que enfim desabafou furiosamente: De que vale lutar em qualquer causa por gente como essa, que nem mesmo odeia aqueles que a oprimem...

252

Um pouco de dinheiro resolve tudo para um desses indivíduos...

E, tomando por uma travessa escura, deixou Yuan, sem acrescentar mais nada.

Por um momento, Yuan permaneceu indeciso, indagando consigo se devia seguir Meng, para ver se ele não cometia alguma outra acção rancorosa. Mas estava ansioso por chegar ao seu quarto, porque era a noite de um daqueles dias em que recebia carta; já podia vê-la à sua espera, e por isso deixou que Meng seguisse solitário na sua irada marcha.

Aproximava-se afinal o fim do ano, faltando alguns dias para as festas em que Yuan podia tornar a ver Mei-ling. Durante esse tempo tudo quanto fazia pareceu-lhe nada mais do que expedientes para esperar o dia em que estaria livre. Trabalhava tanto quanto era capaz, mas os próprios alunos deixaram de ter para ele vida ou significado, não podendo preocupar-se grandemente em saber se eles iam bem ou mal, ou como procediam. Ia cedo para a cama, a fim de apressar a noite, e levantava-se cedo para dar início ao dia e fazê-lo passar; apesar, porém, de tudo o que fazia, o tempo transcorria tão devagar como se os relógios tivessem parado.

Certa vez, foi ver Meng, para combinar com ele tomarem o mesmo comboio, pois agora Meng teria também uma licença, e embora sempre dissesse ser um revolucionário e não se importar

se nunca mais visse a sua casa, em todo o caso achava-se muito inquieto nesses dias, ansioso por uma mudança que não podia realizar, e disposto a dar um pulo a casa, por nada de melhor ter a fazer. Não voltara a falar a Yuan da noite em que batera naquele pobre diabo. Parecia ter esquecido o caso, pois estava agora possuído por novo rancor, um rancor que se voltava contra o povo; este era tão obstinado, que não queria comemorar a grande festa de Ano Novo no dia marcado pelo novo governo. A verdade é que o povo estava acostumado a que o ano se regulasse pela Lua, e agora esses jovens modernos queriam que ele se regulasse pelo Sol, como nos países estrangeiros; o povo mostrava-se, pois, relutante. Nas ruas onde havia cartazes ordenando que todos festejassem o Ano Novo estrangeiro, o povo aglomerava-se para olhar ou, se não sabia ler, para escutar algum letrado que, no meio do ajuntamento, lia em voz alta as ordens. De modo que em toda a parte se murmurava: Como pode o ano ser arranjado assim? Se mandarmos oferendas ao deus da cozinha um mês antes do tempo, que pensará o Céu? Podemos jurar que o Céu não conta por nenhum sol estrangeiro! E mostravam-se todos inflexíveis; as mulheres não se dispunham a fazer os seus bolos e petiscos de carne, e os homens não queriam comprar as legendas de papel vermelho que deviam colar nas portas, para dar sorte.

253

Os novos e jovens governantes enraivecera-se então ante tal teimosia, e fizeram legendas por sua própria conta, não com as velhas e tolas máximas dos deuses, mas com os aforismos da Revolução, mandando que os seus mercenários as colassem à força nas portas.

Meng impava com isso, no dia em que Yuan foi vê-lo, e depois de contar toda a história, rematou triunfalmente: Assim é que, quer queira quer não queira, o povo deve aprender e ser forçado a deixar as velhas superstições.

Yuan nada respondeu, não sabendo de facto o que dizer, pois se por um lado concordava, por outro não.

Nos dois dias que ainda faltavam, Yuan pôs-se a olhar e viu ser verdade que em toda a parte as novas inscrições estavam a ser coladas nas portas. Ninguém protestava contra isso. Os homens e mulheres observavam os novos papéis vermelhos colocados nas suas portas, e guardavam silêncio. Aqui e ali, um homem ria um pouco, ou cuspiu no pó do chão, prosseguindo caminho como se estivesse cheio de uma coisa que não queria dizer, mas homens e mulheres trabalhavam como sempre e como se em parte alguma houvesse nesse ano inteiro um dia de festa para eles. Ainda que todas as portas estivessem alegremente enfeitadas de vermelho, a gente comum parecia em nada reparar; pelo contrário, dirigia-se ostensivamente ao trabalho habitual. Embora soubesse que o rancor de Meng tinha a sua causa, Yuan não pôde deixar de sorrir intimamente, mas, se fosse interrogado, confessaria que o

povo devia obedecer.

Yuan, porém, sorria com mais desafogo, nesses dias, a respeito de qualquer coisa, porque tinha a intuição de que Mei-ling estaria mudada e mais ardente. Posto que não respondesse às palavras de amor que ele lhe escrevia, pelo menos lia-as, e Yuan não podia crer que ela as esquecesse todas. Para ele, ao menos, era o ano mais feliz e alegre em que já tinha entrado na vida, pois muito esperava desse novo ano.

com tão ansiosa esperança começou Yuan as suas férias, que nem a raiva de Meng foi capaz de lançar uma nuvem sobre ele, embora, durante a viagem, Meng se irritasse tanto com a boa disposição de Yuan a ponto de quase lutar com ele. A verdade é que Meng estava tomado por tamanho e tão feroz descontentamento íntimo, que nada lhe agradava, e no comboio logo se acalorou contra um ricaço que espalhou as peliças num banco, ocupando espaço duas vezes maior do que lhe era devido, de modo que um homem de categoria aparentemente inferior teve de ficar de pé, o que levou Meng a irritar-se igualmente contra ele, por suportar isso. Yuan, afinal, não pôde reprimir o riso, e acotovelando Meng de leve, disse meio jocosamente: Nada te agrada,

254

Meng; os ricos porque são ricos, e os pobres porque são pobres! Mas Meng estava demasiado melindrado no seu íntimo para ouvir qualquer gracejo a respeito de si próprio. Voltou-se furiosamente para Yuan e disse, em tom sóbrio e feroz: És como os outros... suportas tudo... És a alma mais insensível que já conheci... nunca estarás em condições de ser um verdadeiro revolucionário!

Ante a ferocidade de Meng, Yuan ficou sério. Nada respondeu, porque todos olhavam para Meng; embora este tivesse baixado a voz para que ninguém o ouvisse, o seu semblante revelava tal ira, e os olhos chispavam-lhe tanto sob as negras sobrancelhas franzidas, que os circunstantes tiveram medo de um tal homem, que, além do mais, trazia uma pistola»metida no cinto... Yuan, portanto, ficou calado. Mas, no seu silêncio, não deixou de reconhecer que Meng falara a verdade, e que estava um tanto vexado, conquanto soubesse que o primo se sentia magoado, não com ele, mas com alguma coisa secreta. Por algum tempo, pois, Yuan manteve-se quieto; enquanto o comboio serpenteava através de vales, colinas e plantações, pôs-se a pensar e a indagar consigo o que era afinal, e o que mais desejava. Sem dúvida que não era um grande revolucionário, nem nunca o seria, porque não era capaz, como Meng, de conservar os seus ódios muito tempo. Não, era capaz de guardar rancor e ódio por uns instantes, mas não por muito tempo. O que verdadeiramente queria era paz para trabalhar.

E o trabalho de que mais gostava era o que fazia agora.

As suas horas mais bem gastas eram aquelas em que dava aula aos alunos... não falando nas horas em que escrevia ao seu amor...

Interrompendo esse devaneio, a voz de Meng soou desdenhosa:

Em que estás a pensar, Yuan? Ficaste aí a sorrir idiotamente como uma criança a quem meteram um caramelo na boca! Yuan não pôde deixar de rir, ruborizado, e maldizendo o calor que sentiu invadir-lhe as faces, pois Meng não era desses a quem pudesse contar pensamentos como os que lhe povoavam agora a mente.

Que encontro é tão doce como foi sonhado? Quando Yuan alcançou a sua casa, na noite desse dia, subiu a escada aos pulos e entrou pressuroso. Mas novamente encontrou ali apenas silêncio; passado um momento, apareceu uma criada que o saudou e disse: A minha senhora deixou dito que fosse imediatamente a casa de seu primo mais velho, onde há um banquete de família, por motivo do regresso do jovem senhor que esteve no estrangeiro. Lá espera pelo senhor.

Mais forte, porém, que o interesse pela chegada de Cheng, era a ânsia de Yuan por saber se Mei-ling fora ou não com a senhora. Contudo, por mais que desejasse saber, não quis pergun-

255
tar por ela a uma criada, pois não há espírito tão rápido como o de uma criada para fazer ligação entre um rapaz e uma rapariga. Portanto, teve de fazer o seu coração esperar até que fosse a casa do tio, ver pessoalmente se Mei-ling lá estava.

Durante todos esses numerosos dias, Yuan imaginara como veria Mei-ling de início, e sempre imaginava vê-la a sós. Encontrar-se-iam sozinhos, por encanto, quando ele transpusesse a porta da casa. Ela havia de estar ali. Mas não estava; e mesmo que estivesse em casa do primo dele, não podia esperar vê-la a sós, não se atrevendo a mostrar-se-lhe senão frio e cortês, ante os olhos da família.

E assim foi. Dirigiu-se a casa do primo, entrou na grande sala, repleta de ricos ornamentos estrangeiros e de cadeiras, e ali estavam todos reunidos. À sua frente Yuan viu Meng; mal tinham acabado de dar-lhe boas-vindas, e com a entrada de Yuan novas boas-vindas deviam começar para ele. Yuan teve de inclinar-se ante o velho tio, agora bem desperto e contentíssimo com todos os filhos à sua volta, excepto o que fora dado ao Tigre e o corcunda que era monge, mas a esses nem ele nem sua mulher consideravam já como filhos. Ali estava o velho casal com os seus melhores trajes de festa, a senhora cõscia da sua posição e dignidade, fumando muito sisuda um narguilé que uma jovem segurava e lhe enchia a cada baforada, e tinha na mão um rosário cujas contas pardas fazia passar constantemente entre os dedos, tomando a seu cargo, todavia, dizer alguma coisa moralmente correcta para contrabalançar cada graçola que o velho dizia. Quando este respondera aos cumprimentos de Yuan, exclamou, com o rosto flácido encarquilhado por mil rugas: Vês, Yuan? Aqui está de volta este meu filho, lindo como uma rapariga; todos os nossos receios de uma esposa estrangeira eram infundados... ele ainda está solteiro!

A essas palavras a idosa senhora contraveio com imensa calma: Meu senhor, Cheng foi sempre bastante ajuizado para

não pensar em tal aberração. Peço-te que não fales tolamente na tua velhice!

Mas, por esta vez, ao menos, o velho não se atemorizou com a língua da mulher. Sentia-se o chefe da casa, chefe de todos os simpáticos rapazes e raparigas ali presentes na rica habitação; tornou-se jocoso, a presença dos outros fê-lo atrevido, e exclamou: Acho que não há nada de mal em falar de casamento a um filho! Cheng não se casará um dia ? Ao que a mulher redarguiu, majestosamente: Sei como a gente se deve portar nestes novos tempos, e meu filho não precisa de queixar-se de que sua mãe o tenha forçado a proceder contra vontade.

Yuan, que escutara meio sorridente essa alteração entre o velho casal, presenciou então uma coisa estranha. Cheng teve

256

um sorriso meio frio e tristonho, e disse: Não, mãe, não sou assim tão moderno, afinal de contas. Case-me como quiser... não me importo... as mulheres são a mesma coisa, em toda a parte, acho eu.

Ouvindo isto, Ai-lan riu e interveio: Falas assim, só porque és muito novo, Cheng...E os outros acompanharam-lhe a hilaridade. Yuan, porém, não esqueceu o olhar de Cheng, enquanto sorria demoradamente e enquanto os outros riam. Era o olhar de alguém que não se preocupa com coisa alguma, nem mesmo com que mulher há-de casar.

Mas como podia Yuan pensar nessa noite profundamente em Cheng? Antes mesmo de fazer reverência ao velho casal, os seus olhos tinham procurado e achado Mei-ling. Ela foi a primeira a quem viu, de pé e muito quieta, ao lado da sua mãe de adopção, e durante um segundo fugaz os seus olhos encontraram-se, embora não rissem. Mas ali estava ela, e Yuan não chegou a ficar completamente desapontado, ainda que não sucedesse o que imaginara. Bastava-lhe agora que ela ali estivesse naquela sala, embora não lhe dissesse uma palavra. Pensou que não lhe diria uma palavra... agora não, ali, naquela sala apinhada, não. Que o seu verdadeiro encontro ficasse para depois, num outro lugar. Conquanto Yuan a olhasse frequentes vezes, depois dessa primeira vez, não mais lhe encontrou os olhos. Mas a senhora sua mãe fez-lhe uma saudação muito cordial, e quando Yuan se aproximou, ela apertou-lhe a mão e só a soltou após dar-lhe umas pancadinhas; e Yuan permaneceu junto dela uns instantes, embora, ao proceder assim, Mei-ling pedisse desculpa e se afastasse, à procura de qualquer coisa que desejava. Não obstante Yuan dar a sua atenção aos outros, sentia o conforto de sabê-la ali, e sempre que podia, procurava-a com os olhos enquanto ela se movia, servindo chá nalguma taça ou alcançando doces a uma criança. As conversas e saudações dirigiram-se sobretudo a Cheng, nessa noite, não tardando que Meng e Yuan ficassem apenas

fazendo parte do número dos outros. Cheng estava mais bonito do que nunca, tão bonito e aparentando conhecer tudo tão bem e estar à vontade em tudo quanto dizia e fazia, que Yuan se sentiu, diante dele, tímido como sempre costumava sentir-se, considerando-se de novo um adolescente em comparação com aquele homem feito. Mas Cheng assim não julgava. Tomou a mão de Yuan, com os seus velhos modos amigáveis, segurou-a, e Yuan sentiu o contacto dos dedos macios e delicados de Cheng, dedos que se assemelhavam muito aos de uma mulher, contacto que era agradável e contudo repelente, e do mesmo tipo era o olhar que Cheng tinha agora nos olhos. Apesar da sua meiga e aparente franqueza, havia no semblante e nas maneiras de Cheng alguma coisa que lembrava o mal, como sucede com uma flor

17-C. D.

257

totalmente desabrochada e cujo cheiro está pejado de algo mais do que aroma; o que era isso, porém, não sabia Yuan. Algumas vezes, julgava saber do que se tratava, mas tornava a reconhecer que não sabia. É que Cheng, embora risse e conversasse e o seu riso era sempre correcto e primoroso, e a voz soava como um sino, nem alto nem baixo, mas em tom brando e embora parecesse tomar parte no tagarelar da família com disposição e prazer, apesar disso tudo, Yuan percebia que Cheng de facto não estava ali, mas num lugar muito distante. Não pôde fugir a indagar consigo se Cheng estava triste por ter voltado, e certa vez, aproveitando uma oportunidade em que estava perto, perguntou-lhe serenamente:

Cheng, ficaste triste por deixar aquela cidade estrangeira? Perscrutou o semblante de Cheng, para conhecer a resposta, mas viu-o impassível, imperturbável e com a mesma cor dourada, os olhos brilhantes como jade escuro e sem nada deixarem transparecer.

Cheng esboçou o seu sorriso pronto e amável, e respondeu:

Oh, não, eu estava com vontade de voltar. Qualquer lugar onde esteja é para mim igual.

Yuan interpelou-o de novo: Tens escrito mais poesias?

E Cheng retorquiu displicentemente: Sim, mandei imprimir um livrinho com os meus poemas; alguns deles já tu viste, mas são quase todos novos, escritos depois que partiste... Se quiseres, dar-te-ei um exemplar esta noite, antes de saíres. E limitou-se a sorrir quando Yuan afirmou simplesmente que gostaria de recebê-lo. E mais uma vez Yuan fez uma pergunta: Vais ficar aqui ou vens para a nova capital?

Só então Cheng respondeu prontamente, como se ali estivesse uma coisa que lhe interessava: Ficarei aqui, claro. Estive tanto tempo ausente que me acostumei à vida moderna. Claro que não poderia viver numa cidade selvática como aquela. Meng contou-me umas coisas, mas, embora esteja muito orgulhoso das casas e ruas novas, teve de confessar-me, quando o interroguei,

que não há recursos modernos para a gente se banhar, não há casas de diversão dignas desse nome, não há bons teatros... nada de facto que divirta um homem culto. Eu disse: «Meu caro Meng, dize-me cá, que *existe*, afinal, nessa cidade de que estás tão orgulhoso?» Então ele caiu num dos seus ferozes silêncios! Quão pouco mudou Meng! Tudo isso Cheng disse na língua estrangeira, que falava agora tão bem e com tanta facilidade, que as palavras lhe ocorriam mais depressa nela do que na sua própria língua. Mas a esposa de seu irmão mais velho achava Cheng perfeito, e assim também Ai-lan e o marido. Esses três não se fartavam de olhar para ele, e Ai-lan, embora estivesse em adiantada gravidez, ria mais, na sua inveterada alegria, do que o fazia habitualmente, brincava com Cheng e deliciava-se com ele. E Cheng correspondia aos gracejos dela e pagava-lhe os elogios na mesma moeda;

258

Ai-lan aceitava-os de bom grado, e sem dúvida que estava ainda tão bonita como sempre, apesar do seu volume. Sim, ao passo que outras mulheres se tornavam enormes, de rosto manchado e indolentes,

Ai-lan mostrava-se apenas como uma flor em pleno apogeu, como uma rosa toda aberta ao Sol. A Yuan, como seu irmão, ela felicitara vivamente, mas dirigia a Cheng os seus sorrisos e as suas graças. O seu famoso marido observava-a sem preocupação nem ciúme, já que, por mais bonito que Cheng pudesse ser, ele ainda se julgava mais, e mais digno de ser preferido por qualquer mulher, sobretudo por aquela que escolhera. Amava-se excessivamente a si próprio para sentir ciúmes.

Assim, pois, por entre risos e conversas, a festa começara, estando todos sentados juntos, e não separados em jovens e velhos, como nos antigos tempos. Não, actualmente, não havia essa separação. É verdade que o velho senhor e sua mulher se sentavam nos lugares mais elevados, mas as suas vozes não eram ouvidas no meio das risadas que trocavam Ai-lan, Cheng e os outros que, de vez em quando, tomavam parte nos gracejos. Foram momentos de intensa alegria, e Yuan não pôde deixar de orgulhar-se de todos esses seus parentes, de toda essa gente rica e bem vestida, todas as mulheres com o mais fino e alegre vestido de cetim talhado pela última moda, e os homens, excepto o velho tio, em traje estrangeiro, Meng, altivo na sua farda de capitão, as próprias crianças com vistosas sedas e com fitas, e a mesa coberta com pratos estrangeiros de toda a espécie, doces e vinhos estrangeiros.

Yuan pensou então numa coisa: não se achava ali toda a sua família. Não; muitas milhas longe do mar, no interior seu pai, o Tigre, vivia como sempre, e do mesmo modo Wang o Comerciante e todos os seus filhos e filhas. Esses não falavam uma língua estrangeira. Não comiam coisas estrangeiras e viviam como os seus antepassados tinham vivido. Se fossem trazidos àquela sala, pensou,- meio perturbado, Yuan, sentiriam bastante mal-estar. O velho Tigre ficaria logo rabugento por não poder cuspir à vontade, como estava acostumado, pois ali, no soalho estava

estendido um tapete de seda floreada, e conquanto não fosse um homem pobre, não se achava afeito a coisa melhor que tijolos ou ladrilhos. E o mercador sentir-se-ia agoniado diante de todo aquele dinheiro gasto em quadros, em cadeiras cobertas de cetim, em bugigangas estrangeiras, em todos esses anéis estrangeiros e penduricalhos que as mulheres usavam. Nem essa metade da família de Wang Lung seria capaz de suportar a vida que o Tigre levava, nem mesmo a vida levada por Wang o Comerciante na casa que Wang Lung deixara aos filhos, naquela cidade velha. Esses netos e bisnetos julgariam demasiado humilhante morar numa casa dessas, fria no Inverno, a não ser onde o Sol do Sul penetrasse, sem forro e sem móveis modernos em parte alguma;

259
considerariam uma casa imprópria para eles. Quanto à casa de barro, não passava de uma choça, e tinham mesmo esquecido que ela existia.

Yuan, porém, não se esquecera. No mais estranho lampejo de memória, enquanto se encontrava à mesa do banquete, olhando tudo em torno, vestido de branco, segundo a nova moda estrangeira, lembrou-se repentinamente daquela casa de barro, e, ao lembrar-se, sem saber porquê, viu que ainda gostava dela... Não era nenhum deles, pensou devagar, não se sentia um deles, nem com Ai-lan, nem com Cheng... O aspecto e os modos estrangeiros daqueles parentes fizeram-no desejar ser menos estrangeiro ainda do que era. Não poderia, contudo, residir naquela casa de barro... não; embora gostasse de todo o coração do seu ambiente, sabia que era incapaz agora de ali viver com a mesma alegria com que vivera seu avô outrora, sentindo-a como um lar. Ele estava num lugar intermédio, um lugar solitário... entre essa casa estrangeira e a casa de barro. Não tinha um lar verdadeiro; o seu coração sentia-se solitário e não se arraigava inteiramente aqui ou lá.

Por um momento, os seus olhos pousaram em Cheng. Não fossem a tez dourada do primo e os olhos escuros, em amêndoa, Cheng poderia ser um perfeito estrangeiro. Os próprios movimentos do seu corpo eram agora estrangeiros, e falava como fala um homem do Ocidente. Sim, e Ai-lan gostava disso, como também a esposa do primo; e mesmo o primo mais velho considerava Cheng muito moderno, muito na moda, e guardava silêncio, um tanto envergonhado e invejoso, e para consolo comia em abundância, silenciosamente.

Às escondidas e com rapidez, Yuan olhou então para Mei-ling, enciumado por ela estar pensando em qualquer coisa, ao ouvir o elogio de Cheng nos olhos de Ai-lan. Porventura, também Mei-ling contemplava Cheng como o faziam as outras raparigas, também ela ria a tudo o que ele dizia para fazê-las rir, e o admirava também com os seus próprios olhos? Viu que ela olhava para Cheng calmamente e de novo desviava o olhar com toda a tranquilidade. O coração de Yuan sentiu um alívio. Ainda bem que ela era como ele! Também se encontrava num meio termo: não era completamente moderna, e no entanto era diferente dos

velhos. Mais uma vez a fitou, ardente e suspiroso, deixou que as ondas de conversa e de riso rebentassem sobre ele, e durante um momento embebeu-se dela. Mei-ling, ao lado da senhora, curvou-se, ergueu delicadamente com os pauzinhos um pedaço de carne branca de um prato central, colocou-o no prato da senhora, e sorriu-lhe. Mei-ling estava, monologou Yuan, no auge da paixão, tão distante de Ai-lan e da sua estirpe como um lírio que cresce silvestre debaixo de bambus é diferente de uma camélia cultivada

260

com esforço. Sim, ela também estava num lugar intermédio... bom, então ele não estava só!

De repente, Yuan sentiu-se tão ardoroso e disposto, que não podia acreditar que Mei-ling também não estivesse disposta. Nesse único amor seu, o coração não se continha, e todos os seus muitos' sentimentos fundiam-se febrilmente nesse rápido impulso. Nessa noite, deitou-se e ficou acordado, imaginando como falaria a sós com Mei-ling, no dia seguinte, verificando que o coração dela lhe pertencia agora, pois julgava não haver dúvida de que as muitas cartas que escrevera tivessem produzido nela uma mudança, tornando-a ardente. Imaginou como se sentariam a conversar, ou talvez mesmo a convencesse a passear com ele, já que muitas raparigas passeavam agora sozinhas com rapazes a quem conheciam e em quem confiavam. E imaginou como podia dizer, se ela hesitasse, que era uma espécie de irmão dela; mas imediatamente rejeitou essa desculpa, dizendo alto consigo mesmo: «Não, não sou irmão dela, seja eu o que for». Só então pôde adormecer, tendo sonhos confusos que não chegavam a desfecho algum.

Quem poderia predizer que essa era a noite em que Ai-lan havia de dar à luz? No entanto, assim foi. Quando de manhã Yuan acordou, ouviu balbúrdia por toda a casa, o ruído de criadas a correr para lá e para cá, e, quando se levantou, se lavou, vestiu e foi à sala de jantar, ali estava a mesa apenas meio posta para a refeição, e uma criada sonolenta movia-se languidamente; a única pessoa que estava na sala, além dela, era o marido de Ai-lan, que conservava o traje que vestia na noite anterior. Quando Yuan entrou, ele disse jovialmente: Antes não ser pai, Yuan, se a esposa da gente é do tipo moderno! Passei umas horas tão duras como se eu é que desse à luz... sem dormir, e Ai-lan a gritar e gemer de tal maneira que cheguei a pensar que estivesse a morrer; mas o doutor e Mei-ling garantiram-me que ela ia muito bem. Estas mulheres de hoje dão à luz com grande dificuldade. Felizmente é um menino, porque Ai-lan já me chamou esta manhã para me jurar que nunca mais terá filhos! Tornou a rir, passou a mão bonita e lisa pelo rosto sorridente e meio pesaroso, e sentou-se para comer com grande apetite a comida que a criada trouxe, pois já fora pai várias vezes, antes, de modo que isso não era novidade para ele.

Assim nasceu o filho de Ai-lan nessa casa, e todos nela estavam ocupados e absortos; Yuan não teve ocasião de lançar um olhar a Mei-ling, senão de longe em longe, por um fugaz momento.

Três vezes por dia, vinha o médico, e só um estrangeiro é que agradara a Ai-lan, um inglês alto, de cabelos ruivos; vinha vê-la, conversava com Mei-ling e a senhora, dizia-lhes o que Ai-lan
261

devia comer, e indicou quantos dias ela devia ficar em repouso. Havia também a criança a cuidar, e Ai-lan quis que Mei-ling em pessoa se ocupasse dessa tarefa, o que a jovem fez; a criança chorava muito, porque o leite da ama contratada a princípio não era suficiente, de modo que tiveram de ser procuradas e experimentadas outras amas.

Ai-lan, como muitas da sua raça, nesses dias, não quis amamentar o filho aos próprios seios, para que eles não se tornassem grandes demais e volumosos, estragando-lhe o talhe esbelto. Isso foi motivo para a única discussão de monta que Mei-ling já tivera com ela. Exclamou, dirigindo-se acusadoramente a Ai-lan: Não mereces ter este filho tão lindo! Nasceu forte e robusto, está louco de fome, os teus seios estão a transbordar, e não queres amamentá-lo! É uma vergonha, uma vergonha, Ai-lan!

Ai-lan chorou então de raiva, e com pena de si mesma retorquiu: Não entendes nada disto... como podes entender, tu que és virgem? Não sabes como foi duro trazer em mim uma criança durante meses e meses, e estar horivelmente vestida... e agora, depois de tanto sofrer, vou continuar horrível por um ano ou dois? Não; que serviçais façam esse trabalho grosseiro! Eu não... eu não!

Mas, embora Ai-lan chorasse, com o seu lindo rosto vermelho e agitado, Mei-ling não cedeu tão facilmente, e daí ouvir Yuan a discussão, porque Mei-ling levou o caso ao conhecimento do marido, e Yuan estava na sala com ele. Enquanto ela instava com o pai da criança, Yuan ouvia-a encantado, pois parecia-lhe que nunca vira quão sincera e encantadora era Mei-ling. Ela entrou apressadamente, bastante zangada, e, sem ver Yuan, começou a falar com ardor ao pai: Vai permitir isso? Vai deixar que Ai-lan negue o seu leite de mãe à criança? A criança está com fome, e ela não quer amamentá-la!

Mas o marido limitou-se a rir, encolheu os ombros e disse: Já alguém conseguiu que Ai-lan fizesse o que ela não quisesse fazer? Pelo menos, eu nunca experimentei, e agora não me atreverei, claro. Bem sabe que Ai-lan é uma mulher moderna!

Riu e olhou para Yuan. Mas Yuan contemplava Mei-ling.

Os graves olhos dela escancararam-se, ao darem com o rosto sorridente do homem, o seu pálido rosto fez-se mais pálido, e disse depressa, num sussurro de desabafo: Oh, isto é desumano... desumano... desumano! E, rodando nos calcanhares, foi-se.

Após ela ter partido, o marido disse afavelmente a Yuan, assim como falam os homens quando não há mulheres perto: Afinal de contas, não posso censurar Ai-lan... Amamentar um pimpolho é coisa que estorva bastante, obriga uma criatura a estar em casa, pelo menos de duas em duas horas; como posso exigir dela que renuncie ao seu prazer? E a verdade é que também estimo

262

que ela conserve a beleza. De resto, a criança há-de se dar tão bem com o leite de uma ama como com o dela.

Ao escutar isso, porém, Yuan sentiu que fazia ardorosamente uma defesa íntima de Mei-ling. Ela tinha razão em tudo quanto dizia e fazia! Levantou-se abruptamente para se afastar desse homem a quem de certo modo não apreciava agora.

Quanto a mim disse friamente, julgo que uma mulher pode às vezes ser exageradamente moderna. Acho que Ai-lan procede mal neste ponto. E dirigiu-se devagar para o seu quarto, esperando encontrar Mei-ling no caminho; mas não encontrou. Um por um, assim passaram os poucos dias das suas férias, e nem um único dia viu Mei-ling por mais de dez minutos, e mesmo então nunca a sós, porque ela e a senhora andavam sempre juntas, a curvar-se para o recém-nascido, a senhora numa espécie de êxtase, pois ali estava afinal o filho por que tanto suspirara. Embora estivesse bastante afeita aos novos costumes, ainda assim achava um doce prazer, meio envergonhada, nalguns poucos costumes antigos; tingiu alguns ovos de vermelho, comprou uns objectos de prata e preparou-se para comemorar o primeiro mês do neto, posto que esse dia estivesse ainda distante. E em cada plano que fazia conversava com Mei-ling, quase parecendo esquecer que a mãe da criança era Ai-lan, tanto dependia da filha adoptiva.

Mas, antes que chegasse essa festa, Yuan devia voltar à nova cidade, para se dedicar ao seu trabalho. Agora que os dias passavam, passavam completamente vazios para ele; sem demora tornou-se melancólico, dizendo consigo que Mei-ling não precisava andar tão ocupada e que, se quisesse, podia arranjar tempo para lhe dedicar. Ao pensar assim, e quando o último dia já estava bastante perto, tornou-se certo de que tinha razão: Mei-ling procedia assim de propósito, para não o ver nenhuma vez a sós. Até a senhora, na sua nova alegria com a criança, parecia esquecer-se dele e de que ele amava Mei-ling.

Assim sucedeu até ao dia em que devia regressar. Nesse dia, Cheng entrou satisfeito e disse a Yuan e ao marido de Ai-lan:

Estou convidado para uma grande festa, hoje à noite, numa casa, e lá faltam um rapaz ou dois para completar o número; vocês estão dispostos a esquecer a idade, fingir que são de novo jovens e servir de par a umas lindas damas?

O marido de Ai-lan respondeu risonho e prontamente que estava completamente disposto, que ficara tão preso a Ai-lan nesses catorze dias que tinha esquecido o que era o prazer. Yuan, porém, recusou, pois, durante anos, deixara de ir a tais festas, desde o tempo em que ia com Ai-lan, sentindo a sua antiga timidez ao pensar em mulheres estranhas. Mas Cheng queria que ele fosse, os dois insistiram com ele, e se bem que a princípio Yuan

não quisesse, pensou afinal, com displicência: «Porque» não? É uma estupidez ficar nesta casa a esperar por uma hora que nunca chega. Que se importará Mei-ling que eu me divirta?» E, impelido por esse pensamento, disse alto: Pois bem, então vou. Ora, durante todos esses dias, Mei-ling parecera não ver Yuan, tão ocupada estivera, mas nessa noite, quando ele saiu do quarto, no seu traje estrangeiro preto que se acostumara a usar de noite, aconteceu que ela passou por ele, segurando nos braços a criança adormecida. Admirada, perguntou: Aonde vais, Yuan? E ele respondeu: A uma festa nocturna com Cheng e o marido de Ai-lan.

Yuan supôs nesse momento ver mudar a expressão do semblante de Mei-ling. Mas não estava certo, julgando logo que devia estar enganado, pois ela apenas aconchegou mais a si a criança adormecida e disse, calma: Espero que te divirtas, então.

E prosseguiu o seu caminho.

Quanto a Yuan, forrou-se de frieza contra ela, e assim saiu, a pensar consigo: «Bem, então *hei-de* divertir-me. Esta é a minha última noite; tratarei de a fazer bastante divertida.

E assim fez. Fez nessa noite o que jamais fizera. Bebeu vinho desbragadamente, sempre que alguém o chamava para beber; bebeu até não ver claramente o rosto das jovens com quem dançava, sabendo apenas que tinha uma qualquer nos braços. Bebeu tantos vinhos estrangeiros a que não estava acostumado, que todo o grande salão adornado de flores se transformou, ante os seus olhos, numa espécie de vertiginoso, brilhante e instável labirinto de luz. Apesar de tudo isso, porém, soube conservar a sua embriaguez para si muito bem, de modo que ninguém, a não ser ele, sabia quão embriagado estava. O próprio Cheng exclamou, elogiando-o: És um rapaz de sorte, Yuan! És um desses que, quando bebem, se tornam mais pálidos, em vez de ficarem vermelhos como ficam os de menos fibra! Posso jurar que só os teus olhos é que te traem, pois ardem tão fogosamente como brasas!

Ora, nessa noite de bebedeira, Yuan encontrou-se com uma mulher a quem antes vira nalguma parte. Cheng trouxe-a à presença dele, dizendo: Uma nova amiga minha, Yuan! Fica com ela emprestada para uma dança, e depois dize-me se já encontraste alguma que dançasse tão bem! Assim se viu Yuan com ela nos braços, uma estranha criaturinha elegante, trajando um comprido vestido estrangeiro de tecido branco reluzente, e ao fitar-lhe o rosto achou que o conhecia, pois não era fácil de esquecer, sendo muito redondo e moreno, com lábios grossos e ardorosos, não um rosto bonito, mas estranho e digno de ser olhado mais que uma vez. Meio admirada, ela disse então consigo: Ora, eu conheço-o... viajámos no mesmo navio, lembra-se?

Yuan puxou pelo cérebro ensombrado, lembrou-se, e, sorrindo,
264

disse: Você é aquela jovem que afirmava que seria sempre livre. Ante essas palavras, os grandes olhos negros dela tornaram-se sérios, e seus lábios cheios, que estavam amplamente pintados de vermelho carregado, fizeram uma careta de amuo; respondeu Não é fácil ser livre aqui. Oh, acho que sou bastante livre... mas sinto-me horrivelmente sozinha...E, de repente, parou de dançar, puxou a manga de Yuan e exclamou: Venha sentar-se comigo nalgum lugar, e vamos conversar. Tem sido tão desgraçado como eu?... Olhe, eu sou a mais nova da família. Minha mãe morreu, e meu pai está logo abaixo do principal governador da cidade... Tem quatro concubinas... que não passam de cantoras de palco... pode imaginar a vida que levo! Conheço sua irmã. É bonita, mas como todas as outras. Sabe o que é a vida delas? É jogo todo o dia, tagarelice, dança a noite inteira! *Não posso* viver assim... quero *fazer* alguma coisa... Que faz *você*? Essas ardorosas palavras saíram-lhe tão estranhamente dos lábios pintados que Yuan não pôde deixar de lhes dar atenção. Passado um momento,- ela pôs-se a escutar, inquieta, quando Yuan lhe falou da nova cidade e do seu trabalho lá, como achara um lugar para si e, julgava, uma pequena obra a realizar. Quando Cheng veio e lhe tomou a mão para levá-la a dançar de novo, ela empurrou-o com aspereza, fez-lhe uma careta com os grossos lábios, e exclamou resolutamente: Deixe-me! Quero conversar a sério com ele...

Cheng riu, dizendo para implicar: Yuan, vou ficar com ciúmes, se me convencer de que ela pode falar a sério contigo, a respeito de qualquer coisa!

Mas a jovem já se voltara de novo para Yuan, começando a abrir-lhe o seu ardoroso coração, e todo o seu corpo falava, os ombros redondos e nus encolhiam-se, as suas lindas mãos rechonchudas moviam-se impetuosamente: Oh, odeio tudo isto... talvez como você? Não posso ir de novo ao estrangeiro... meu pai não quer dar-me dinheiro... diz que não pode gastar mais comigo... e todas essas esposas jogam da manhã à noite! Odeio isto aqui! Todas as concubinas dizem indecências a meu respeito, porque saio com homens!

Ora, Yuan não ficou a gostar dessa jovem, pois sentiu repulsa pelo seu colo nu, pelo seu vestido estrangeiro, pelos lábios excessivamente vermelhos; soube, no entanto, ver-lhe a sinceridade e lastimar a situação em que ela se via, e disse-lhe: Porque «não procura alguma ocupação?

Que posso fazer? replicou ela. Sabe em que me especializei no colégio? Decoração interna de casas ocidentais! Decorei o meu quarto. Decorei algumas partes da casa de uma amiga, mas sem remuneração. Quem se interessa aqui pelo que eu sei fazer? Quero fixar-me aqui, a minha terra é aqui, mas estive

265
ausente muito tempo. Não me sinto bem em parte alguma... não tenho pátria...

Yuan estava agora esquecido de que destinara à diversão aquela noite, tanto o comovera a situação da pobre criatura. Ali estava ela, ante o seu olhar compadecido, vistosa no seu trajo reluzente e fútil, e com os olhos pintados cheios de lágrimas. Mas, antes que pudesse pensar numa coisa a dizer para confortá-la, Cheng estava outra vez de volta. Passou o braço pela cintura dela e, rindo, levou-a para o rodopio da música, ficando Yuan sozinho.

Sem saber porquê, não teve mais vontade de dançar; toda a alegria desaparecera do salão barulhento. Uma vez ainda a jovem se aproximou, nos braços de Cheng, mas agora o rosto dela estava voltado para ele, luminoso e novamente vazio, como se nunca tivesse dito as palavras que dissera a Yuan... Este permaneceu pensativo uns instantes, e, enquanto ficava ali sozinho, deixou que um criado lhe enchesse o copo repetidas vezes. Ao cabo dessa noite de divertimento, quando voltaram para casa, Yuan ainda estava firme, embora, verdade seja dita, o vinho o queimasse por dentro que nem febre. Teve, no entanto, suficiente força para deixar que o marido de Ai-lan se apoiasse nele, pois o outro estava tão embriagado que não era capaz de caminhar sozinho, balbuciando como uma criança tola e com o rosto inteiramente rubro.

Ora, quando Yuan bateu à porta para entrar, esta foi bruscamente aberta por um criado, e junto dele estava Mei-ling em pessoa; quando o bêbado a viu, pareceu lembrar-se de alguma coisa que sabia haver entre Yuan e Mei-ling, e disse: Devias... devias ter ido... havia uma... uma linda rival... ela... ela não queria deixar Yuan... que perigo, hem? E pôs-se a rir nesciamente. Mei-ling nada respondeu. Ao ver os dois, disse friamente ao criado: Leve o marido da minha irmã para a cama, já que está tão embriagado!

Mas, logo que o levaram, ela deteve Yuan ali com um súbito olhar fixo e chamejante. Afinal, estavam os dois sozinhos, e quando Yuan deu pelos grandes olhos irados de Mei-ling que o fitavam, isso foi como uma desentorpecedora rajada de vento norte frio sobre ele. Sentiu que dentro dele o calor diminuía rapidamente, e por um instante quase chegou a temê-la, tão empertigada e rancorosa ela se aprumava; e ficou sem fala.

Mas ela não. Não; durante esses dias todos, mal lhe falara, mas fê-lo agora, e ao falar suas palavras escachoavam: És como os outros, Yuan... como todos os outros Wangs tolos e preguiçosos!

Eu própria me fiz tola quando pensei: «Yuan é diferente... não é um frívolo estrangeirado, amigo de beber e dançar, dê-

266
perdizando o tempo!» Mas és... vejo agora que és! Não te enxergas?

Olha o teu fútil trajo estrangeiro... cheiras a vinho... estás bêbado, também!

Então Yuan zangou-se, tornou-se ranzinza como uma criança, e resmungou: Nada me concedeste... bem sabes como esperei por ti... e só soubeste arranjar pretextos e mais pretextos... Não é verdade! exclamou a jovem, e em seguida, fora

de si, bateu com o pé no chão, curvou-se para a frente e deu no rosto de Yuan uma impetuosa bofetada, como se ele fosse de facto uma criança travessa. Sabes muito bem como tenho andado atarefada... Quem era aquela mulher de quem ele falou?...

E foi esta a tua última noite... resolvi... Oh! Odeio-te!

Mei-ling desatou a chorar; afastou-se a correr, e Yuan ficou agoniado, nada compreendendo do que ela dissera, a não ser que o odiava. Assim terminaram as suas miseráveis férias.

No dia seguinte, Yuan voltou ao seu trabalho, e sozinho, porque Meng tivera férias mais curtas e já partira. As chuvas hibernais tinham começado, o comboio corria através do ambiente plúmbeo, e a água deslizava pela vidraça da janela abaixo, de modo que Yuan mal podia ver os campos encharcados. Em cada cidade, as ruas achavam-se inundadas por águas imundas, e nas estações havia apenas alguns homens tiritantes que ali deviam estar por obrigação. Yuan, lembrando-se de que não tornara a ver Mei-ling, pois partira de manhã cedo e ela não aparecera para lhe dizer adeus, pensou consigo que era aquele o momento mais triste da sua vida...

Por fim, cansado de contemplar a chuva e desassossegado pela melancolia, tirou da mala o livro de versos que” Cheng lhe dera na primeira noite e que ainda não lera; começou a virar as grossas folhas de papel-marfim, pouco se lhe dando se lia ou não. Em cada página, estavam impressas claramente em preto umas tantas linhas ou palavras, um pequeno grupo de frases concatenadas, aparentemente esquisitas, pensou Yuan, até que se tornou curioso e quase esqueceu a sua aflição, pondo-se a ler de novo com mais cuidado, e viu então que os pequenos poemas da lavra de Cheng não passavam de formas ocas. Eram apenas encantadoras imagenzinhas ocas, delicadas e vazias, embora se articulassem e soassem com tanta fluência, que Yuan quase chegou a esquecer-lhes a vacuidade até que, bem assimilada a forma, verificou que nada havia dentro delas.

Fechou o bonito livro encadernado em prata, recolocou-o no estojo, e largou-o. Fora passavam as aldeias, escuras e confusas no meio da chuva. Às portas, os homens olhavam pensativos e taciturnos os pingos que atravessavam os tectos de palha, acima das suas cabeças. Em dias de sol, eles podiam viver ao ar livre,

267

como os animais, de certo modo vigorosos e alegres, mas os dias de chuva faziam-nos entrar nas choças, e o prolongamento da chuvada deixava-os meio loucos, devido à miséria, ao frio e às rixas; ali estavam agora a olhar com ódio para o céu que lhes mandava tão demorados aguaceiros.

...Os versos eram feitos de encantadoras delicadezas, o luar a bater nos cabelos dourados de uma mulher morta, uma fonte imobilizada pelo gelo num parque, uma ilha de fadas num bonançoso mar verde, apertada entre praias de areias brancas...

Yuan viu os soturnos rostos animais e pensou angustiado: «Por minha parte, não posso escrever nada. Se eu fosse escrever coisas como essas de Cheng, que bem vejo serem primorosas,

havia de lembrar-me destes rostos sombrios, desses tугúrios, dessa sub existência profundamente sórdida que ele não conhece nem conhecerá. No entanto, também não sou capaz de escrever a respeito dessa vida inferior. Só pergunto porque estou tão perturbado e mudo?»

E assim pôs-se a meditar que talvez não seja capaz de criar coisa alguma um homem que não vive de corpo e alma nalguma parte. Recordou como, no dia daquele banquete, ele se julgara entre o velho e o novo. Logo sorriu tristemente, pensando quão tolo fora ao julgar que não estava só. Estava só.

Até ao fim da viagem, choveu continuamente. Yuan desceu do comboio no meio da chuva e da obscuridade, que faziam a velha muralha da cidade elevar-se negra e lúgubre. Chamou um jinriquixá, subiu e sentou-se friorento e solitário, enquanto o homem puxava o veículo ao longo das ruas escorregadias. Uma vez, o homem tropeçou e caiu, e enquanto se reerguia e esperava um momento para respirar e enxugar o rosto gotejante, Yuan estendeu o olhar e viu as pocilgas que ainda se apoiavam à muralha. A chuva tinha-as alagado, e os miseráveis desamparados que dentro delas eram vítimas da inundação aguardavam em silêncio uma mudança do céu.

Assim começou para Yuan o novo ano, que ele julgara havia de ser o seu melhor e mais ditoso ano. Em lugar disso, surgiu toda a espécie de males. É que as chuvas se estenderam Primavera a dentro, além do que era suportável, e embora os monges nos templos fizessem muitas orações, nada resultou dessas orações e dos seus sacrifícios, a não ser um novo mal, pois tais superstições excitaram ardentes rancores nos jovens governantes, que não acreditavam noutros deuses que não os seus próprios heróis; ordenaram que os templos dessa região fossem fechados, e enviaram soldados para que se instalassem nesses templos, deixando os monges nos menores e piores quartos. Em compensação, isso enfureceu os lavradores, que sabiam irar-se bastante contra esses mesmos

268

monges, quando eles vinham pedinchar, mas que temiam agora que novamente os deuses se encolerizassem, e clamavam que sem dúvida todas aquelas malvadas chuvas eram por causa dos novos governantes, e assim, por uma vez ao menos, tomaram o partido dos monges contra os rapazes do governo.

Durante um mês, choveu, choveu mais tempo ainda, e o grande rio começou a avolumar-se, a subir e a transbordar as águas para rios inferiores e canais, e em toda a parte os homens começaram a ver a chegada das mesmas antigas cheias; e se vinha a cheia, logo vinha a fome. Ora, o povo acreditara que os novos tempos lhe trariam um novo céu e um novo solo; mas quando verificou que isso não era verdade, que o céu se portava com a mesma indiferença de sempre, e que o solo não produzia melhor em épocas de enchente ou de seca do que sempre fizera, então pôs-se a clamar que os novos governantes eram falsos e nada melhores que os antigos; e velhos descontentes, aquietados algum tempo pelas novas promessas dos novos tempos, começaram de

novo a levantar-se.

E Yuan sentiu-se também novamente dividido, pois Meng, que estivera esses dias encerrado no seu pequeno alojamento, incapacitado de despendar o vigor do corpo jovem no habitual adestramento dos seus homens, passou a vir com frequência ao quarto de Yuan, discutindo tudo o que este dizia, amaldiçoando as chuvas, maldizendo o general e os novos chefes, que, afirmava ele, dia a dia se tornavam mais egoístas e desleixados do bem do povo. Era às vezes tão injusto que um dia Yuan não pôde deixar de dizer, muito mansamente: Todavia, dificilmente podemos culpá-los por chover tanto, e mesmo que haja enchente, não podemos atribuir-lhes a culpa disso.

Meng, porém, bradou de modo selvagem: Não obstante, acuso-os de não serem verdadeiros revolucionários! Em seguida abrandou a voz e disse inquieto: Yuan, vou dizer-te uma coisa que ninguém mais sabe. Assim faço porque, embora não tenhas convicções firmes e não pertenças claramente a nenhuma causa, és bastante decente na tua maneira de ser, leal e sempre o mesmo. Escuta... não te surpreendas se um belo dia eu me for! Avisa meus pais para que não se assustem. A verdade é que, nas entranhas desta revolução, gera-se outra... melhor e mais verdadeira, Yuan... uma nova revolução! Eu e quatro companheiros estamos resolvidos a aderir a ela... arrebanharemos os nossos homens leais e iremos para o Oeste, onde isso se forja. Milhares de rapazes bons e sôfregos já se bandearam, às escondidas. Ainda hei-de ter ocasião de lutar contra esse velho general que me mantém em nível inferior! Meng permaneceu uns instantes com o olhar feroz, até que de repente o seu semblante sombrio se iluminou, pelo menos se iluminou tanto quanto podia, pois era sempre taci-

269

turno, e logo disse, pensativo e mais tranquilo: Essa verdadeira revolução, Yuan, é para o bem do povo. Tomaremos o país, a fim de pô-lo ao serviço do povo, e não haverá mais ricos e pobres... E assim Meng continuou a falar, e, num silêncio meio tristonho,

Yuan deixou que ele falasse. Tais palavras, pensou amargamente, tinha-as ouvido cá e lá toda a vida, e no entanto ainda existiam esses pobres, ainda existiam essas palavras. Recordou como vira pobres mesmo naquele rico país estrangeiro. Sim, sempre havia os pobres. Deixou Meng falar, e quando afinal este saiu, Yuan foi postar-se à janela por uns momentos, observando as poucas pessoas que caminhavam penosamente sob a chuva. Viu Meng sair e palmilhar a rua, de cabeça erguida, mesmo sob o aguaceiro. Mas ele era o único assim altivo, pois a maioria dos transeuntes era de puxadores de jinriquixá, ensopados, fazendo esforço para caminhar nas pedras escorregadias.

Tornou a lembrar-se do que nunca podia esquecer inteiramente, que Mei-ling não lhe escrevera uma única vez. E ele não lhe tinha escrito, porque, pelo menos assim pensava, «de nada serve escrever, se ela me odeia tanto». E isso tornou definitiva a tristeza desse dia.

Restava-lhe, portanto, apenas o seu trabalho, e a ele teria

dedicado as suas energias, não fosse o ano correr-lhe mal até nesse ponto. O descontentamento da época espalhou-se entre as escolas; os estudantes rebelavam-se contra as leis elaboradas por eles, invocavam em demasia os direitos que a sua juventude lhes outorgava, discutiam com os chefes e os professores, recusavam-se a trabalhar e faltavam às aulas, de modo que muitas vezes, quando Yuan se dirigia à sala de aula, exposta ao vento, a encontrava vazia, não havendo ninguém a quem ensinar, e por isso tinha de voltar para casa e sentar-se a ler os seus velhos livros que já conhecia, pois não ousava gastar dinheiro para comprar novos, visto que pontualmente enviava ao tio, para pagamento da dívida, metade do que ganhava. Nessas longas e escuras noites, a liquidação dessa dívida parecia-lhe tão sem esperança como o amor que sonhara com Mei-ling.

De uma vez, desesperado com a sua indolência, pois sete dias consecutivos fora à sala de aula só para vê-la vazia, saiu a caminhar, na lama e à chuva batida pelo vento, rumo à terra onde semeara o trigo estrangeiro. Mas mesmo ali não havia que esperar colheita, pois, fosse porque o trigo estrangeiro não estava acostumado a tão prolongadas chuvas, fosse porque a terra preta e pesada se encharcava de água além do que as raízes podiam suportar, ou fosse por que vício fosse, o trigo estrangeiro apodrecia no lodoso solo. Crescera rapidamente, alteara-se, todas as sementes tinham germinado, brotando com prontidão e ímpeto. Mas

270

aquele solo e aquele céu não eram os seus, e os pés não se enraizaram natural e profundamente, de modo que ali jaziam, podres e arruinados.

Justamente quando Yuan ali estava a contemplar sorumbático aquela esperança que também se fora, um lavrador viu-o, acorrendo apesar da chuva, para lhe dizer com picardia e gozo: Bem vê como o trigo estrangeiro, afinal de contas, não presta! Brota e cresce bonito e alto, mas não tem força para se manter! Eu disse naquela ocasião, é contra a natureza empregar sementes tão grandes e claras... Olhe o meu trigo... está molhado demais, não há dúvida, mas não morrerá!

Silenciosamente, Yuan olhou. Era verdade; na terra vizinha o trigo pequeno e forte erguia-se firme, apesar do barro em que se achava; era um trigo baixo e ralo, mas não estava morto... Não pôde responder. Não pôde suportar o rosto vulgar e a risada estúpida e satisfeita do homem. Durante um fugaz momento, viu porque Meng batera no puxador de jinriquixá. Mas Yuan era incapaz de bater. Limitou-se a voltar as costas, calado, e afastou-se.

Em que teria terminado o seu desespero, nessa insípida Primavera, Yuan não sabia. Nessa noite, deitou-se e soluçou na cama, tal a sua melancolia, embora não chorasse por nenhuma causa. Pareceu-lhe, enquanto soluçava, que se afligia porque os tempos não davam esperanças, porque os pobres continuavam pobres, porque a cidade permanecia inacabada, lúgubre e suja, debaixo das chuvas, o trigo apodrecia, a Revolução fraquejava e,

havendo ameaças de novas guerras, o seu trabalho ia sendo adiado pela porfia dos estudantes. Tudo deixava Yuan contrariado essa noite, mas a mais profunda contrariedade de todas era que há quarenta dias não recebia carta de Mei-ling, e as últimas palavras dela ainda lhe soavam tão claras no espírito como no momento em que as ouvira, não a tendo tornado a ver depois que ela exclamara: «Oh! Odeio-te!»

Certa vez, é verdade, a senhora escreveu-lhe, e Yuan pegou na carta, ansioso por ver se o nome de Mei-ling era ali mencionado ; mas não. A senhora só falava do filhinho de Ai-lan, dizendo quão alegre estava, pois, embora Ai-lan tivesse voltado para casa do marido, deixara a criança aos cuidados dela, já que considerava o filho muito incómodo; e a senhora dizia, em tom de gratidão: «Chego a ter a fraqueza de quase me alegrar com o facto de Ai-lan se apegar tanto à sua liberdade e aos seus prazeres, pois” isso faz com que a criança fique comigo. Sei que não está certo... Mas passo o dia inteiro com a criança nos braços».

Essa carta, em que pensava, na solidão do seu quarto escuro, veio aumentar-lhe ainda um pouco a tristeza. O novo rebento

271
parecia ter tomado completamente conta do coração da senhora, de modo que até ela já não precisava de Yuan. Num grande arroubo de piedade por si mesmo, pensou: «Parece que em parte alguma sou necessário!» E assim chorou por si próprio, até que enfim adormeceu.

Em breve o descontentamento pelos novos tempos se difundiu largamente por toda a parte, muito mais do que Yuan podia calcular, imobilizado como estava pela sua vida solitária na nova capital. Verdade é que cumpria pontualmente o seu dever, escrevendo uma vez por mês ao pai, e em cada mês seguinte o Tigre respondia à carta do filho. Mas Yuan não voltara a visitá-lo, em parte porque desejava dedicar-se com afinco ao trabalho, tanto mais que, nesses tempos instáveis, não havia muitos dedicados, e em parte porque, nas curtas férias que tivera, suspirava sobretudo por ver Mei-ling.

E nem podia perceber claramente pelas cartas do Tigre como iam os tempos, pois o velho escrevia e tornava a escrever sempre as mesmas coisas, sem saber que o fazia, gabando-se insistentemente de que na Primavera planeava um grande ataque ao chefe dos bandoleiros daquela região, pois esse bandido estava a tornar-se um tanto atrevido; mas ele, o Tigre, prometia derrotá-lo ainda com os seus homens leais, em prol de toda a honesta população. Yuan lia essas palavras sem quase lhes prestar atenção.

Não lhe fazia mosca agora ouvir seu pai vangloriar-se, e se respondia alguma coisa, era apenas sorrindo tristemente por ver que essa gabarolice tivera outrora o poder de assustá-lo, percebendo agora que não passavam de pobres palavras ocas. Às vezes considerava de si para si: «Meu pai está de facto envelhecido. Devo ir vê-lo no Verão, para saber como passa». E chegou a pensar com mágoa: «Bem que poderia ter ido naquelas férias, porque o resultado delas seria o mesmo». Suspirou e pôs-se a calcular quanto da sua

dívida seria *capaz* de resgatar durante o Verão, com as prestações que podia pagar, e esperando que o seu ordenado não se atrasasse ou fosse retido como acontecia com frequência agora, nesses tempos conturbados que não eram totalmente antigos nem totalmente novos, e pejados de muitas incertezas.

Assim, nada havia nas cartas do Tigre que preparasse o filho para o que lhe sucedeu.

Um dia, quando Yuan acabara de se levantar da cama e, depois de se lavar, estava junto do seu pequeno fogão, onde todas as manhãs empilhava lenha e lhe ateava fogo para se proteger contra o ar frio e húmido, ouviu bater à porta, pancadas timoratas mas persistentes: bradou: Entre! e viu entrar o último homem que lhe ocorreria pudesse ali estar: seu primo aldeão, filho mais velho do seu tio Wang o Comerciante.

272

Yuan verificou imediatamente que alguma desgraça acontecera àquele homenzinho consumido, pois havia escoriações negras no seu pescoço chupado, profundos arranhões sangrentos no seu rosto minguido e murcho, e na mão direita faltava-lhe um dedo, em cujo coto estava atado um trapo sujo e manchado de sangue.

Yuan viu todos esses sinais de violência e ficou mudo, sem saber o que dizer ou pensar, tão surpreendido estava. Quando o recém-chegado deparou com Yuan, começou a soluçar, mas abafando os soluços, sem fazer ruído, e Yuan percebeu que ele tinha alguma história terrível a contar. Enrolou-se à pressa nas suas roupas, fez o primo sentar-se, colocou umas folhas de chá numa vasilha, derramou água a ferver da chaleira que estava no fogão e disse: Quando puderes, fala e conta-me o que aconteceu. Bem vejo que se trata de alguma coisa horrorosa. E ficou à espera.

O primo tomou então fôlego e começou, mas numa voz sumida, olhando a todo o momento para a porta fechada, a fim de ver se ela se movia: Há nove dias, os bandidos atacaram de noite a nossa cidade. Foi culpa do teu pai. Ele veio passar uns tempos a casa de meu pai, enquanto esperava que terminasse o velho ano lunar, e não se manteve quieto como um velho deve estar. Várias vezes lhe rogámos que se calasse, mas ele jactava-se em toda a parte de que pretendia sair a guerrear aquele chefe de bandidos, logo que chegasse a Primavera e que o derrotaria como já tinha feito há tempos. Nós temos inimigos de sobra nos campos, porque os arrendatários odeiam sempre os donos das terras, e de certo contaram tudo aos bandidos, para os incitar. Afinal, o chefe enraiveceu-se e mandou que os seus homens saíssem a espalhar aos quatro ventos, com desprezo, que ele não tinha medo de nenhum velho Tigre desdentado e que não esperaria a Primavera, mas que desfecharia imediatamente um ataque ao Tigre

e a toda a sua casa... Mesmo assim, meu primo, podíamos ter contido o bandoleiro, porque, tendo sabido disso, meu pai e eu demo-nos pressa em lhe enviar uma grande quantia em dinheiro, vinte reses e cinquenta ovelhas para os seus homens matarem e comerem, assim como desculpas pelo insulto do teu pai, suplicando a esse chefe que não desse atenção às palavras de um velho. Assim, digo que tudo teria passado, se não fosse haver agitação na nossa própria cidade.

Aqui, fez uma pausa e teve um acesso de tremores; Yuan amparou-o e disse: Não te apresses. Bebe o chá quente. Não precisas de ter medo. Farei tudo quanto puder. Logo que fores capaz, continua a contar.

Afinal, o filho de Wang o Comerciante pôde prosseguir, dominando quanto possível o seu tremor; e, denotando na voz

falar ainda com esforço e, como que num sussurro, disse: Não entendo as agitações destes novos tempos. Mas actualmente existe na nossa cidade uma nova escola revolucionária; todos os jovens a frequentam, lá entoam canções, curvam as cabeças diante de um novo deus cujo retrato têm na parede, e odeiam os velhos deuses. Bem, mas mesmo isso não teria muita importância, se eles não tivessem aliciado um que já foi nosso primo antes de tomar votos... um corcunda... decerto nunca o viste?

Fez uma pausa ao lançar a pergunta, e Yuan respondeu, sério: Já o vi certa vez, há muito tempo. E pôs-se a recordar aquele rapazinho corcunda, lembrando como seu pai lhe declarara acreditar que ele tivesse um coração de soldado, pois, de uma vez quando o Tigre passara perto da casa de barro, o corcunda quisera examinar-lhe a espingarda estrangeira, pegara na arma e olhara carinhosamente cada parte dela como se fosse sua, e o Tigre costumava dizer, pensativo: Se não fosse aquela corcunda tê-lo-ia pedido a meu irmão. Sim, Yuan lembrava-se dele; respondeu afirmativamente com a cabeça e disse: Continua... continua!

O homenzinho continuou, então: Esse primo monge foi também tomado dessa loucura, e ouvimos dizer que ele andava inquieto e diferente, nos dois últimos anos, desde que a mãe adoptiva, que era monja nas proximidades, tinha morrido de uma tosse que há muito a consumia. Enquanto vivera, costumava costurar-lhe as roupas e trazer-lhe doces que às vezes fazia, doces que não tinham gordura animal, e ele então vivia tranquilo. Mas, quando ela morreu, tornou-se rebelde no templo e um belo dia fugiu, juntando-se a um bando de nova espécie que não compreendo; só sei que induzem os lavradores a apoderarem-se das terras para si. Pois bem, esse bando juntou-se aos velhos bandidos, e todos juntos encheram a nossa cidade e toda a zona com uma agitação nunca vista; o que eles dizem é tão vil que nem sei contar-te, mas posso afirmar que odeiam os pais e irmãos, e que, quando matam, matam primeiro os de casa. Nesse ano, caíram chuvas como nunca, nas terras; o povo, prevendo como certa uma cheia e depois dela a penúria, e achando-se mais atrevido por causa dos novos tempos, pôs de lado a decência... Ora, o primo alongava tanto a história e começara de novo a tremer de tal modo que Yuan não se pôde conter de impaciência e disse-lhe, insistente: Sim, sim, já sei... tivemos chuvas iguais... mas que aconteceu, afinal?

O homenzinho voltou solenemente: Aconteceu isto... todos eles se juntaram, bandidos velhos e novos e mais os lavradores, caíram sobre a nossa cidade, »saquearam-na em regra, e meu pai, meus irmãos, nossas esposas e filhos escapamos apenas com o pouco que pudemos esconder connosco... e fugimos para a casa

274
do meu irmão mais velho, que é uma espécie de governador em nome do teu pai, numa cidade... Mas teu pai não fugiu... não, continuou a vangloriar-se como um velho louco, e o que fez foi dirigir-se à casa de barro, na terra que foi do nosso

avô...

Nesta altura, o primo fez uma pausa, e tremendo ainda com mais violência, disse ofegante: Mas não demoraram a chegar ali... o chefe e os seus homens... Pegaram no teu pai, ataram-no pelos polegares a uma viga da sala central onde ele se encontrava, roubaram-lhe tudo, especialmente a espada que ele tanto prezava, e não deixaram nenhum dos soldados dele, excepto o velho criado desbeijado que se salvou escondendo-se num poço, i.. E quando ouvi o barulho e me cheguei às ocultas para o socorrer, eles vieram de volta, antes que eu desse por isso, agarraram-me e cortaram-me um dedo; não lhes disse quem era, de contrário ter-me-iam morto, e pensando que eu era um criado, disseram-me: «Vai contar ao filho que ele está pendurado aqui!» E por isso vim.

O primo começou então a soluçar amargamente, deu-se pressa em desenrolar o trapo sangrento do dedo, e mostrou a Yuan o osso estilhaçado e a carne dilacerada, o que fez de novo sangrar o coto.

Ora, na verdade Yuan ficou fora de si; sentou-se e segurou a cabeça, tentando pensar com a máxima rapidez o que devia fazer. Primeiro, devia dirigir-se ao pai. Mas se o pai já estivesse morto... ora, não devia desesperar, já que o homem de confiança estava lá. Os bandidos foram-se ?perguntou, erguendo de súbito a cabeça.

Sim, foram-se embora depois de tudo feito, replicou o primo, e tornando a chorar, acrescentou: Mas a Casa Grande... a Casa Grande... está queimada e vazia! Os arrendatários fizeram isso... ajudaram os bandidos, os arrendatários que deviam ter-se reunido para nos proteger... tomaram-nos tudo... a casa que o nosso avô... e dizem que vão ficar também com as terras, para as dividir... Ouvi dizerem isso... mas quem se atreve a ir ver o que na verdade se passa?

Ouvir isso doeu mais a Yuan do que saber o que seu pai sofria. De facto, estariam espoliados, ele e a sua família, se não lhes sobrasse terra. Levantou-se com esforço, aturdido pelo que acontecia.

Vou imediatamente ver meu paidisse; e depois de pensar um pouco mais, acrescentou: Quanto a ti, debes rumar para a cidade costeira, procurando a casa cujo endereço te darei por escrito; lá fala com a esposa de meu pai, dizendo-lhe que eu fui à frente e que se ela quiser venha ver o seu senhor.

Assim decidiu Yuan; e quando o primo, após ter comido, se pôs a caminho, no mesmo dia Yuan partiu ao encontro do pai.

275

Nos dois dias e duas noites que viajou de comboio, pareceu-lhe que tudo aquilo não passava de uma tenebrosa história saída de algum antigo livro. Não era possível, disse Yuan consigo, que nesses novos tempos tivesse acontecido coisa tão retrógrada e perversa. Pensou na grande, pacífica e ordeira cidade da costa, onde Cheng vivia, entregue ao ócio e ao prazer, onde Ai-lan vivia segura, descuidada e ostentando o seu belo riso, tudo ignorando... sim,

ignorando tais histórias como as ignorava aquela mulher branca que vivia dez mil milhas distante. Suspirou profundamente e 'olhou pela janela.

Antes de deixar a nova cidade, fora procurar Meng, levava-o a um canto à parte numa casa de chá, e contara-lhe o que sucedera ; fizera isso com a vaga esperança de que Meng se enfurecesse por amor à família e se prontificasse a ajudar o primo, acompanhando-o. Meng, porém, não o fez. Depois de escutar, ergueu as sobrancelhas negras e assim argumentou: Na verdade, acho, é que meus tios têm oprimido o povo. Ora, pois então que sofram. Eu, que não participei da culpa deles, não vou partilhar dos seus sofrimentos. E depois acrescentou: É tolice da tua parte, na minha opinião. Porque vais arriscar a vida por um velho que já pode estar morto? Que fez teu pai por ti? Não me importo com nenhum deles. Olhou então uns momentos para Yuan, que permanecia pensativo, silencioso e desamparado nessa nova atribulação, e Meng, que não era totalmente duro de coração, pôs a mão na mão de Yuan que jazia sobre a mesa, baixou a voz e disse: Vem comigo, Yuan! Já uma vez, noutros tempos, vieste, mas não de coração... vem juntar-te agora e de verdade à nossa nova e legítima causa... Desta vez, é a verdadeira Revolução! Mas Yuan, embora não movesse a mão, meneou a cabeça. E, ao vê-lo, Meng retirou a mão abruptamente, levantou-se e disse: Então é a despedida. Quando voltares, terei partido. Pode ser que não mais nos encontremos... Sentado ali, no comboio, Yuan evocou o aspecto de Meng, como ele parecia alto, bravo e impetuoso no seu uniforme militar, e como se fora rápido, após dizer aquelas palavras.

Durante toda a tarde o comboio continuou o seu balouçante percurso. Yuan suspirou e olhou em torno. Havia os viajantes que sempre parecem os mesmos em todos os comboios, nédios mercadores enrolados em sedas e peliças, soldados, estudantes mães com os seus filhos a choramingar. Mas, do outro lado do corredor, estavam dois rapazes, irmãos, que, como se podia ver, eram recém-chegados do estrangeiro. As suas roupas eram novas e talhadas à última moda estrangeira, calças folgadas e curtas, meias compridas e de cores brilhantes, sapatos de couro amarelos, e no tórax traziam grossas roupas de tricô, que na altura do peito

276

tinham letras estrangeiras, e as suas malas de couro eram novas e reluzentes. Riam por qualquer coisa e falavam sem peias na língua estrangeira, e um deles arranhava músicas num alaúde estrangeiro; às vezes entoavam juntos canções estrangeiras, e os circunstantes escutavam espantados. Yuan compreendeu muito bem o que eles diziam, mas não deu sinal de entender, porque estava muito cansado e abatido para conversar. Quando, uma vez,

o comboio parou, Yuan ouviu um dizer para o outro: Quanto mais depressa pusermos as fábricas a funcionar, tanto melhor, porque assim poremos esses desgraçados a trabalhar. Ouviu também o outro falar mal do criado, por causa do negrume do trapo que ele trazia ao ombro e com o qual enxugava as taças de chá, e ambos lançavam olhares furiosos ao mercador sentado junto de Yuan quando ele tossia e cuspiu no chão.

Yuan via e compreendia essas coisas, pois assim também falara e sentira tempos antes. Mas agora observava o gorducho tossir, tossir e por fim cuspir no chão, e não se importava. Agora podia ver isso sem se sentir envergonhado nem ofendido. Sim, embora não fosse capaz de agir assim, podia ficar indiferente ao que os outros faziam; que procedessem como quisessem. Era capaz de ver o trapo sujo do criado sem reclamar contra isso, e pelo menos sabia aturar em silêncio a porcária dos vendedores, nas estações. Estava entorpecido, e no entanto não sabia porquê, a não ser que julgasse não haver esperança de modificar tanta gente. Sabia, não obstante, que não podia ser como Cheng, que não podia viver apenas pelo seu prazer, nem como Meng, esquecendo o seu dever para com o pai. Seria muito melhor» para ele, sem dúvida, se pudesse ser inteiramente moderno, despreocupado como eles eram, cada qual a seu modo, não enxergando nada que não lhes agradava enxergar, e sem se sentirem jungidos ao que era penoso. Mas era como era, e seu pai ainda era seu pai. Não podia, pois, pôr de lado o seu dever para com aquele velho que era também o seu próprio passado, e de certo modo ainda uma parte dele. Por isso, concluiu com paciência a longa viagem. O comboio parou afinal na cidade próxima da casa de barro. Yuan desceu, atravessou a cidade à pressa, e embora não se detivesse a olhar coisa nenhuma, não pôde deixar de ver que era uma cidade conquistada não havia muito pelos bandidos. Os habitantes mostravam-se silenciosos e assustados, cá e lá havia casas queimadas, e só agora os proprietários que tinham ficado se atreviam a vir examinar tristemente as ruínas. Yuan, porém, palmilhou a rua principal sem parar para ver a casa grande, saiu pela porta do outro lado da cidade e enveredou pelos campos, rumo à aldeola de que se lembrava, e assim chegou outra vez à casa de barro.

267

Novamente se baixou para entrar até à sala central, em cujas paredes viu os seus versos juvenis que ali estavam ainda como os escrevera a pincel. Mas não pôde deter-se a observar que impressão eles agora lhe causavam. Chamou, e duas pessoas acorreram ao seu chamado: uma era o velho inquilino, encarquilhado e desdentado, já próximo do seu fim e solitário, porque a velha esposa já morrera; e a outra era o idoso homem de confiança. Os dois soltaram exclamações ao ver Yuan; o velho homem

de confiança agarrou a mão de Yuan sem uma palavra, nem mesmo se inclinando diante dele, a reverenciar o seu jovem senhor, tal a sua pressa, e conduziu-o ao quarto interior, onde Yuan dormira; e ali estava deitado o Tigre.

Jazia estendido e imóvel, mas não estava morto, porque os seus olhos fitavam, e resmungava continuamente qualquer coisa consigo mesmo. Ao ver Yuan, não mostrou surpresa. Em vez disso, como uma lastimável criança, levantou as duas mãos e disse: Vê só as minhas mãos! Yuan olhou aquelas duas velhas mãos mutiladas e, angustiado, exclamou: Oh, meu pobre pai! Pela primeira vez então, o velho pareceu sentir dor e perceber as lágrimas que lhe nublavam a vista, e soltando um queixume, disse: Eles fazem-me sofrer... Yuan acariciou-o, tocou-lhe delicadamente nos polegares inchados, e disse, repetidas vezes: Eu vejo... Bem sei que eles fazem sofrer...

E começou a chorar sem fazer ruído, e também o velho, de modo que os dois, pai e filho, choraram juntos.

Ora, que podia Yuan fazer senão chorar? Viu que o Tigre estava às portas da morte. Uma espantosa macilência pairava-lhe nas carnes, e mesmo ao chorar a sua respiração era tão curta que Yuan se atemorizou e lhe rogou que se tranquilizasse, fazendo força para não chorar. Mas o Tigre tinha outra desgraça para contar, tornando a queixar-se a Yuan: Eles tiraram-me a minha espada... Os lábios de novo lhe tremeram, e quis levar a mão a eles, num velho costume que tinha, mas a mão doía-lhe ao movê-la, de modo que a deixou quieta, erguendo os olhos para Yuan.

Nunca na sua vida Yuan sentira tanto carinho pelo pai como agora. Esqueceu todos os anos passados, pareceu-lhe ver o pai sempre como agora era, com esse coração simples e infantil, e por diversas vezes o consolou, dizendo: Hei-de arranjar maneira de conseguir que a devolvam, meu pai... Hei-de reavê-la por meio de uma quantia em prata.

Yuan sabia que não podia fazê-lo, mas tinha as suas dúvidas de que no dia seguinte o velho estivesse vivo para pensar na espada, e por isso tudo lhe prometera para o confortar.

Que mais podia fazer além disso? O velho, por fim, adormeceu, um tanto confortado, Yuan sentou-se a seu lado, e o

268

homem de confiança trouxe-lhe um pouco de comida, entrando e saindo furtiva e silenciosamente, sem nada dizer, para não acordar o seu senhor daquele sono leve e enfermiço. Em silêncio, Yuan ali ficou, enquanto o pai dormia, e por fim, deitando a cabeça na mesa junto dele, também dormiu um pouco.

Mas, ao aproximar-se a noite, Yuan acordou, e com tantas dores em todos os ossos que teve de se levantar, o que fez, passando sem barulho para a outra divisão, onde se encontrava o velho homem de confiança, o qual, chorando, contou-lhe de novo a história que Yuan já conhecia. Mas o velho acrescentou isto:

Seja como for devemos sair desta casa de barro, porque os lavradores das redondezas estão cheios de ódio, sabem quão desamparado está o meu velho senhor, e teriam caído sobre nós, estou certo, generalzinho, se não tivesse vindo. Vendo-o aqui, jovem e forte, eles hão-de guardar as distâncias por algum tempo, talvez... Nesse momento, o velho inquilino intrometeu-se, dizendo, enquanto olhava com ar de dúvida para Yuan: Mas bem quisera eu que tivesse uma roupa não estrangeira, senhorzinho, porque a gente do campo odeia muito esses rapazes novos, pois, apesar de todas as promessas que fizeram de melhores tempos, as chuvas vieram e na certa vai haver enchente, e se eles vêm o senhor vestido com essas roupas que os outros usam...Interrompeu-se, saiu e voltou com a sua melhor roupa de algodão azul, remendada apenas num ou dois lugares, dizendo insinuante: Vista isto para nos salvar, senhor, e tenho também uns sapatos; se então o enxergarem... Yuan vestiu, pois, a roupa, disposto a isso desde que trouxesse mais segurança, porque sabia que seu pai não podia agora ser levado para parte alguma, devendo morrer onde tinha tombado; mas não disse o que assim pensou, sabendo que o velho homem de confiança era incapaz de suportar a palavra morte. Dois dias ficou Yuan junto do pai, esperando, e no entanto nada do Tigre morrer; e enquanto esperava, Yuan pôs-se a indagar consigo se a senhora viria ou não. Talvez não viesse, já que tinha de cuidar da criança, a quem tanto amava. Mas ela veio. Pelo entardecer do segundo dia, Yuan achava-se sentado junto ao pai, que estava agora como que a dormir continuamente, a menos que fosse forçado a comer ou mover-se. A macilência tornara-se mais carregada, e da sua infecta carne moribunda desprendia-se um leve cheiro que contaminava o ar do quarto. Lá fora ostentavam-se os começos da Primavera, mas Yuan não saíra nenhuma vez para olhar o céu ou a terra. Preocupava-se com o que os velhos tinham dito; ele era odiado e não queria provocar esse ódio agora, por causa do pai; que este pelo menos morresse em paz na velha casa.

279

Assim permanecia junto ao leito, pensando em muitas coisas, sobretudo em como era estranha e confusa a sua vida, não tendo uma única esperança a que apegar-se. Esses velhos, no tempo deles, levavam vida simples e sem complicações; dinheiro, guerra, prazer, eram coisas boas, dignas de que se lhes dedicasse a existência.

Alguns davam tudo aos deuses, como sua velha tia ou aquele velho casal de estrangeiros de além-mar. Em toda a parte, os velhos eram iguais, simples como crianças, nada compreendendo.

Mas os jovens, a sua própria geração, como eram desordenados... quão insatisfeitos se mostravam com os velhos deuses!

Por um momento, recordou a jovem Mary, conjecturando qual seria a vida dela... Talvez fosse como a dele, talvez não fosse

caracterizada por um claro e grande objectivo... Deu-se conta de que, em toda essa confusão, só Mei-ling atinava com as coisas que tinha consciência de querer fazer. Se tivesse podido casar com Mei-ling...

Nesse momento, no meio das suas inúteis reflexões, ouviu” uma voz, e essa voz era da senhora. Ela tinha vindo! Yuan ergueu-se célere e saiu, extraordinariamente animado por escutá-la.

Mais do que percebia, tinha ansiado pela vinda dela. E ali estava ela... e junto dela, com ela, estava Mei-ling!

Ora, jamais Yuan imaginara ou esperara isso, e ficou tão espantado, que apenas pôde olhar para Mei-ling e gaguejar:

Eu pensei... Quem ficou com a criança?

E Mei-ling respondeu, no seu modo tranquilo e seguro:

Eu adverti Ai-lan uma vez por todas que ela devia vir cuidar do filho, e os fados ajudaram, porque ela teve uma grande discussão com o marido, por causa de uma mulher para quem, diz ela, ele tem olhado com muita frequência, e assim calhou que ela viesse passar em casa alguns dias. Onde está teu pai ?

Vamos vê-lo, disse a senhora. Yuan, eu trouxe Mei-ling, certa de que ela saberá, com a sua ciência, como ele se encontra.

Yuan não se demorou então e fê-las entrar, postando-se os três à cabeceira do Tigre.

Ora, ou fosse pelo ruído da conversa, ou fosse pelo som de vozes femininas, a que não estava habituado, ou fosse pelo que fosse, o velho Tigre saiu passageiramente da sua inconsciência; e vendo-lhe as pesadas pálpebras abrirem-se e os olhos fitarem-na, a senhora disse, com delicadeza: Meu senhor, lembra-se de mim? E o velho Tigre respondeu: Sim, lembro-me... e tornou a cair na sua modorra, de modo que não puderam certificar-se se falara a verdade ou não. Mas não tardou que mais uma vez abrisse os olhos e fitasse Mei-ling, a quem disse, como que sonhando: Minha filha...

Ouvindo estas palavras, Yuan ia a dizer quem ela era, mas Mei-ling deteve-o, dizendo, comiserada: Deixa que ele me

280

chame filha. Já está perto do último alento. Não o perturbes...

Assim, Yuan guardou silêncio, quando o olhar do pai novamente se voltou, vacilante, para ele, porque, mesmo sabendo que o Tigre não tinha plena consciência do que dizia, era agradável ouvi-lo chamar Mei-ling por aquele nome. Ali ficaram os três, de certo modo unidos, esperando, mas o velho Tigre mergulhou num sono ainda mais profundo.

Nessa noite, Yuan trocou impressões com a senhora e com Mei-ling, e juntos combinaram o que deviam fazer. Disse Mei-ling com gravidade: Ele não passará desta noite, se não me engano. É de admirar que tenha vivido estes três dias... tem um coração vigoroso, mas não suficientemente forte para tudo o que teve de suportar, sabendo-se derrotado. Além disso, a infecção das mãos feridas passou para o sangue e tornou-o febril. Notei isso quando

lhe lavei e pensei as mãos.

É que, enquanto o Tigre dormia o seu sono já quase de morte, Mei-ling, com a maior perícia, limpou e aliviou as carnes dilaceradas do velho. Yuan ficara junto dela, a observá-la humildemente, e durante todo o tempo em que a observou não pôde deixar de perguntar a si próprio se essa criatura delicada e terna era aquela mesma mulher raivosa que afirmara que o odiava. Ela movia-se pela casa velha e tosca tão naturalmente como se nela tivesse sempre morado, e como quer que fosse, achou na miséria da choupana as coisas de que precisava para as suas providências, coisas que Yuan não imaginara pudessem ser usadas para tais fins: com palha que foi atando, ela fez uma espécie de colchão que meteu por baixo do moribundo, de modo que ele ficasse deitado com mais comodidade sobre as tábuas, e aqueceu um tijolo que tirou da beira de uma pequena cisterna seca nas cinzas quentes do fogão de barro e encostou-lho aos pés frios; fez também um delicado mingau de painço, deu-lho na boca, e embora o Tigre não pronunciasse uma palavra sequer, não gemia tanto como antes. E enquanto Yuan se recriminava por não ter feito ele próprio essas coisas, verificou humildemente que era incapaz de as fazer. As fortes e estreitas mãos dela mexiam-se com tanta brandura que pareciam não mover o comprido e velho corpo descarnado, e todavia acomodavam-no.

Assim, pois, quando ela falou, deu-lhe ouvidos, confiando em tudo quanto dizia, ao planejarem aquilo que deviam fazer. E a senhora prestou atenção ao que declarou o velho homem de confiança, que eles deviam ir-se embora logo que sobreviesse a morte, porque em torno deles dia a dia se tornava *mais* negro o rancor dos camponeses. O velho inquilino baixou a voz num sussurro e disse: É verdade, porque hoje dei um giro e ouvi em toda a parte murmurarem que o jovem senhor voltou para reclamar

281

a terra. É melhor ir-se embora e esperarem até que terminem esses maus tempos. Eu e este velho desbeijado ficaremos aqui, fingiremos que estamos com eles, mas a ocultas cuidaremos dos seus interesses, senhorzinho. É uma desgraça violar a lei da terra. Os deuses não nos perdoarão se usarmos esses meios ilegais... os deuses da terra sabem quais são os legítimos proprietários... Assim tudo foi planejado; o velho arrendatário entrou na cidade, encontrou um bom ataúde, e trouxe-o durante a noite, enquanto todos dormiam. Quando o velho homem de confiança viu esse ataúde, que era igual 'ao que qualquer homem comum tinha ao morrer, derramou algumas lágrimas, porque seu amo ali devia jazer, segurou Yuan e suplicou-lhe: Prometa-me que um dia voltará para desenterrar os ossos dele e sepultá-lo condignamente num grande ataúde duplo... o homem mais valente

que conheci, e sempre bom!

Yuan prometeu, mas duvidando de que isso algum dia pudesse ser feito. Pois quem poderia dizer o que o futuro reservava?

Já não havia segurança nesses dias... não estava segura nem mesmo a terra em que sem demora o Tigre devia repousar, ao lado do pai.

Nesse momento, ouviram uma voz; era a voz do Tigre.

Yuan correu, atrás dele foi Mei-ling, e o velho Tigre, que acordara, olhando-os ferozmente, perguntou com clareza: Onde está a minha espada?

Mas não esperou a resposta. Antes que Yuan acabasse de asseverar que tomaria providências para trazer-lha, o Tigre cerrou os olhos, tornou a dormir e não falou mais.

No meio da noite, Yuan levantou-se da cadeira onde velava e sentiu-se inquieto. Foi primeiro pôr a mão na garganta do pai, como fazia a cada momento. A fraca respiração continuava. Era de facto robusto, aquele velho coração. As almas tinham-se ido, mas o coração ainda pulsava, podia assim pulsar por mais algumas horas.

Yuan sentiu então tamanho desassossego que teve de sair por uns instantes, fechado como estivera esses três dias na casa de barro. Sairia pé ante pé para o terreiro, pensou, e ali respiraria por alguns minutos o ar agradavelmente fresco.

Assim fez, e apesar de todas as atribulações que sobre ele pesavam, sentiu-se bem ao ar livre. Estendeu o olhar pelos campos. Aquelas terras mais próximas eram suas por lei, sua seria aquela casa quando o pai morresse, pois assim fora estipulado na partilha feita noutros tempos, após a morte do seu avô. Pensou então no que lhe contara o velho arrendatário, que os lavradores se haviam tornado rancorosos, e recordou como até naqueles dias de há muito mais tempo eles se lhe haviam mostrado hostis, julgando-o

282

um estranho, posto que nessa ocasião não sentisse tão agudamente a hostilidade. Nada estava seguro nesses dias. Teve medo. Quem, nesses novos tempos, podia dizer o que era seu? Não tinha nada garantidamente seu, salvo as suas duas mãos, o cérebro, o coração para amar... E não podia chamar sua àquela a quem amava.

Justamente quando assim pensava, ouviu que com suavidade o chamavam pelo nome, e voltando o olhar, deparou com Mei-ling, na soleira da porta. Aproximou-se depressa, e ela disse:

Pensei que ele estivesse pior!?

De cada vez que o observo, está mais fraco. Receio a Madrugada, respondeu Yuan.

Não dormirei agora, disse ela. Esperaremos juntos.

Quando disse isto, o coração de Yuan bateu com dificuldade uma ou duas vezes, pois pareceu-lhe nunca ter ouvido essa palavra

«juntos» tão docemente empregada. Mas nada achou para dizer. Em vez de falar, encostou-se à parede de barro, ao passo que Mei-ling ficava à porta, e ambos se puseram a olhar soturnamente os campos enlutarados. Era quase o meio do mês, e a Lua mostrava-se claríssima e redonda. Enquanto assim permaneciam, o silêncio acumulou-se entre eles, tornando-se demasiado denso para ser suportado. Por fim, Yuan sentiu o coração tão ardente, pesado e impelido para essa mulher, que teve necessidade de dizer alguma coisa corriqueira, de ouvir a sua própria voz e a resposta dela, para não desviar e estender a mão para aquela que o odiava, por isso, meio tartamudeando, disse: Estou contente por teres vindo... aliviaste muito o meu velho pai. Ao que ela redarguiu calmamente: Estou contente por ajudar. Quis vire continuou tão tranquila como antes. Yuan teve então de falar de novo, e agora para dizer, conservando a voz baixa, a fim de se harmonizar com a noite: Tens... terias medo de viver num lugar retirado como este? Eu costumava pensar que gostaria de um sítio destes... quero dizer, quando eu era mais novo... Agora não sei...

Ela olhou em torno, fitando os campos rebrilhantes e os prateados tectos de palha da aldeola, e disse pensativamente: Acho que sou capaz de viver em qualquer parte, mas para gente como nós é melhor viver na cidade nova. Estou sempre a Pensar nessa cidade nova. Tenho vontade de vê-la. Quero trabalhar lá... talvez lá monte um hospital algum dia... juntando a minha vida à nova vida dela. O lugar que nos compete é esse... a nós os novos... a nós...

Estacou, atrapalhada com as palavras, e, de repente, começou a rir, e ouvindo esse riso Yuan encarou-a. Olharam-se. Nesse único olhar, os dois esqueceram onde se achavam, esqueceram o velho moribundo, esqueceram que a terra não estava em segurança, esqueceram tudo, com excepção do olhar que trocavam.

283

Yuan então murmurou, com os olhos presos ainda aos dela: Tu disseste que me odiavas!

Ofegante, ela respondeu: Eu odiei-te, Yuan... só naquele momento...

Enquanto ela olhava para ele, os seus lábios separaram-se, e os olhares de ambos mergulharam ainda mais fundo um no outro. De facto, Yuan não pôde desviar os olhos até que viu a delicada língua dela deslizar de mansinho e tocar nos lábios abertos; então os olhos de Yuan moveram-se para esses lábios. De repente, sentiu os seus próprios lábios abrasados. Certa vez, os lábios de uma mulher tinham tocado nos seus, deixando-o indisposto...

Mas, agora, queria tocar nos lábios desta outra mulher! Subitamente, inequivocamente, como jamais quisera uma coisa,

quis isso. Em nada mais pôde pensar senão em fazer isso. Avançou rápido, inclinou-se, e pôs os lábios nos dela.

Ela permaneceu apertada e quieta, e deixou-o provar-lhe os lábios. Essa carne, pensou Yuan, era a mesma dele... era da» sua própria raça... Afinal, recuou e olhou para ela. Mei-ling devolveu-lhe o olhar, sorridente, mas ao clarão do luar ele pôde ver-lhe as faces ruborizadas e os olhos cintilantes.

Ela disse então, esforçando-se por falar como habitualmente: Estás diferente, nessa comprida túnica de algodão. Não estou acostumada a ver-te assim.

Durante um momento, ele não pôde responder. Admirava-se de que ela pudesse falar tão naturalmente, depois de ter sido beijada, pudesse estar tão calma, com as mãos ainda cruzadas atrás das costas como estava. Em voz pouco firme, disse: Não gostas dela? Parece um lavrador...

Gosto, sim, envolveu ela simplesmente, e logo o contemplando pensativa, acrescentou: Ela fica-te bem... parece mais natural em ti do que as roupas estrangeiras.

Se gostas, afirmou ele ardorosamente, usarei sempre túnicas.

Ela meneou a cabeça, tornando a sorrir, e retorquiu: Sempre, não... às vezes uma coisa, às vezes outra, conforme a ocasião... Nem sempre se pode ser o mesmo...

Voltaram a entreolhar-se, mudos. Tinham esquecido completamente a morte; para eles não havia a morte. Mas agora Yuan tinha por força de falar, do contrário como poderia por mais tempo suportar aquele olhar fixo e em cheio?

Isso... isso que acabei de fazer... é um costume estrangeiro... e se não te agradou... disse ele, continuando a fitá-la, e teria prosseguido pedindo-lhe perdão, se ela não tivesse gostado daquilo; mas então indagou consigo se ela sabia que ele se referia ao beijo. Mas, incapaz de pronunciar tal palavra, deteve-se naquela altura, sempre a olhar para ela.

284

Serenamente, ela disse então: Nem todas as coisas estrangeiras são más! e de repente deixou de encará-lo. Baixou a cabeça, cravou os olhos no chão, e nessa atitude estava tão acanhada como qualquer rapariga de costumes antigos poderia estar.

Yuan viu-a uma ou duas vezes agitar as pálpebras sobre as faces, e por um momento Mei-ling pareceu hesitante e a ponto de ir-se embora, deixando-o novamente sozinho.

Mas de pronto deliberou não ir. Dominou-se corajosamente, endireitou os ombros com seguro aprumo, ergueu a cabeça, olhou para ele com firmeza, sorrindo e esperando, e Yuan assim a viu. O coração começou a pulsar-lhe cada vez mais acelerado, até que o seu coração inteiro foi invadido por essas pulsações.

Dentro da noite, Yuan riu. Por que sentira medo havia pouco?

Nós ambos disse , nós ambos... nada temos a temer.

CASA DIVIDIDA COMPLETA, com os DOIS VOLUMES QUE LHE ANTECEDERAM,
TAMBÉM, NESTA COLECÇÃO- *TERRA BENDITA E OS FILHOS*

DE WANG LUNG A FAMOSA TRILOGIA SOBRE A TERRA CHINESA,

QUE GRANJEARAM PARA A AUTORA O PRÉMIO NOBEL

285

COMPOSTO E IMPRESSO

NAS OFICINAS GRÁFICAS DE

LIVROS DO BRASIL, LDA.

RUA DOS CAETANOS, 22 LISBOA